

Inked

CULTURA. ESTILO. ARTE.



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes- CCHLA
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PROLING

Produção de identidade e modos de objetivação/subjetivação do sujeito tatuado na revista *Inked*

EDILEIDE DE SOUZA GODOI

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. MARIA REGINA BARACUHY LEITE

**JOÃO PESSOA, PB
FEVEREIRO - 2015**



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes- CCHLA
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING

**Produção de identidade e modos de
objetivação/subjetivação do sujeito tatuado na revista
*Inked***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Linguística, sob a orientação da Profª Drª Maria Regina Baracuhy Leite.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais
Linha de pesquisa: Discurso e Sociedade

JOÃO PESSOA, PB

2015

G588p

Godoi, Edileide de Souza.

Produção de identidade e modos de objetivação/subjetivação do sujeito tatuado na revista Inked / Edileide de Souza Godoi. – João Pessoa, 2015.

303f. : il.

Orientadora: Maria Regina Baracuhy Leite

Tese (Doutorado) – UFPB/CCHLA

1. Linguística. 2. Análise do discurso. 3. Prática de tatuagem. 4. Métodos de objetivação/subjetivação. 5. Identidade

UFPB/BC

CDU: 801(043)

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Regina Baracuhy Leite

Universidade Federal da Paraíba/UFPB

Maria Regina Baracuhy Leite

Membro Titular:

Paulo Silva
Prof. Dr. Francisco Paulo da Silva

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte/UERN

Francisco Paulo da Silva

Membro Titular:

Profa. Dra. Marluce Pereira da Silva

Universidade Federal da Paraíba/UFPB

Membro Titular

Profa. Dr. Pedro Farias Francelino

Universidade Federal da Paraíba/UFPB

Pedro Farias Francelino

Profa. Dra. Ana Cristina de Souza Aldrigue

Membro Titular

Universidade Federal da Paraíba/UFPB

Aldrigue

APROVADA EM 20/03/2015

DEDICATÓRIA

Dedico ao meu esposo, Francisco Eduardo, que esteve sempre ao meu lado nas horas de dificuldade desta árdua, mas gratificante, caminhada de pesquisadora. Aos meus filhos, Mirella e Francisco Neto, que sempre estiveram a minha espera, nunca me deixando esquecer o quanto é maravilhoso exercer a posição social mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma maneira, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

- A Deus.
- A todos os familiares, especialmente, a minha mãe Marli e ao meu pai João Pedro, pelo acompanhamento, por vezes, silencioso, mas sempre presente.
- A Junior, por me amar mesmo, muitas vezes, a distância e por me incentivar, quando eu estava desestimulada ou triste.
- Aos meus filhos, Mirella e Francisco Neto pela compreensão durante as minhas ausências.
- A minha orientadora Profa. Dra. Maria Regina Baracuhy Leite que, desde o Mestrado, desafiou-me a entrar em novos *jogos de verdade*, a assumir os riscos de entrar na perigosa (des)ordem dos discursos, a exercer a “liberdade”, a questionar os poderes e os modos como os sujeitos são constituídos.
- À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior) pela concessão de bolsa de estudos.
- Ao PROLING (Programa de Pós Graduação em Linguística) e ao seu corpo docente com quem tive oportunidade de conhecer a língua a partir de diferentes vertentes.
- Aos professores Marluce Pereira da Silva e Francisco Paulo da Silva pelas valorosas contribuições na banca de qualificação.
- Aos professores que aceitaram o convite para compor a Banca Examinadora e se dispuseram a ler esta tese, contribuindo para a sua redação final.
- Aos amigos Emmanuele, Edênia e Francisco, que contribuíram com suas leituras e questionamentos sobre o meu objeto de pesquisa.
- Aos colegas e amigos do CIDADI (Círculo de Discussões em Análise do Discurso) pelas tardes compartilhando saberes e sabores.
- A todos os colegas que, de alguma forma, fizeram parte da minha caminhada acadêmica.

A todos vocês, muitíssimo obrigada!

RESUMO

Tendo como pressuposto que os sujeitos inseridos em uma sociedade de discursos cada vez mais efêmeros, submissos a liquidez da pós-modernidade, encontram na prática da tatuagem um lugar de retorno a si mesmo, o objetivo geral desta tese é analisar como o sujeito tatuado se constitui e é produzido na revista *Inked* no período de 2010 a 2012. Essa problemática se ancora nas seguintes questões: por que os sujeitos inseridos em uma sociedade de discursos que se dissolvem mais rápidos que o tempo que leva para moldá-los, marcam seus corpos tatuagens que o acompanharão por toda a vida? Será que, tais sujeitos, a todo momento, disciplinarizados, normativizados por mecanismos de controle social, conseguem se subjetivar pela prática da tatuagem? Para responder aos tais questionamentos, analisa-se um *corpus* composto por enunciados com materialidade sincrética (verbo-visual) em nove capas da *Inked* e em algumas seções da revista, articulando-os a outras materialidades que se inscrevem interdiscursivamente no interior do arquivo, a fim de discutir como são produzidos os jogos de verdade que, sutilmente, ensinam e propõem ao sujeito modos de se comportar. Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se como documental e bibliográfica, de caráter descritivo e interpretativo. Subsidiaram-se as análises no referencial teórico da Análise do Discurso, em especial, naquele apoiado no estudo *arqueogenealógico* foucaultiano em torno da constituição do sujeito, afetados pelas relações de saber-poder. Além disso, pauta-se nas contribuições dos campos da Semiologia Histórica, com Jean-Jacques Courtine, assim como nas do campo da Sociologia, sobretudo com as ideias de Zygmunt Bauman e, ainda, recorre-se ao campo dos Estudos Culturais para discutir a questão da identidade numa perspectiva sócio-cultural e discursiva e a prática da tatuagem na mídia. Esta atuando como instituição que fixa, mantém e ressignifica identidades. Os resultados evidenciam que os modos de objetivação /subjetivação do tatuado na revista em pauta são produzidos por várias tecnologias do eu, atravessados por discursos oficiais e ratificadas pelas práticas discursivas de biotecnologias direcionadas ao corpo. Esta discursividade, sem conotação repressora, abre, cada vez mais, espaço para práticas de liberdade e governo de si em processos de subjetivação do tatuado na contemporaneidade.

Palavras – Chave: Análise do Discurso; Prática da tatuagem; Modos de objetivação/subjetivação; Identidade

ABSTRACT

It being understood that the subjects inserted in a society of speeches increasingly ephemeral, submissive liquidity of postmodernity, find in the practice of tattooing a return place to yourself, the general objective of this thesis is to analyze how the tattooed subject is constituted and how he is produced in the *Inked* Magazine in the period from 2010 to 2012. This problematic is anchored on the following question: why the subjects inserted in a society of speeches, which dissolve faster than the time it takes to mold them, mark their bodies with tattoos that will accompany them for a lifetime? Do these subjects, at all the moment disciplined, standardized by social control mechanisms, are able by self to subjectify the practice of tattooing? To answering such questions, It analyzes a *corpus* of utterances with syncretic materiality (verb-visual) in nine covers of *Inked* and in some sections of the magazine, linking them to other materiality that enter, interdiscursively, inside the archive in purpose to discuss how the games of truth are produced that, subtly, teach and propose the subject ways of behaving. Methodologically, this research is characterized as documentary and bibliographic, of descriptive and interpretative character. It subsidizes the analyses on the theoretical reference of Discourse Analysis, in particular that support in arch genealogical Foucault study around the constitution of the subject, who are affected by the relations of power-knowledge. Moreover, it is guided in the contributions of the fields of Historical Semiology, with Jean-Jacques Courtine, as well as at the field of Sociology, especially with Zygmunt Bauman ideas and still it refers to the field of Cultural Studies to discuss the issue of identity in a socio-cultural and discursive perspective and the practice of tattooing in the media. This media acting as an institution that fixes, keeps and give a new meaning to the identities. The results show that the modes of objectification/ subjectivation of tattooed in the magazine that is on the agenda are produced for several tecnology of the self and that them are crossed by official discourses and ratified by the discursive practices of biotechnologies directed to the body. This discoursivity, without repressive connotation, opens each more time space for pratics of freedom and self-goverment in processes of subjectivation of the tattooed at contemporanity.

Keywords: Discourse Analysis; Practice of tattooing; Modes of objectification/subjectivation; Identity

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 O Pensador, escultura do escultor francês Auguste Rodin.	40
Figura 2 INKED, dezembro/janeiro 2012	72
Figura 3 Revista Inked - abril/maio de 2012.....	96
Figura 4 Revista Inked - fevereiro/março de 2012.....	96
Figura 5.....	96
Figura 6 Revista Inked - junho/julho de 2011.....	104
Figura 7 Revista Inked - abril/maio de 2012, p.90.....	113
Figura 8 Revista Inked - abril/maio de 2012, p.88.....	114
Figura 9 In: ARAÚJO. Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo, 2010 p.45....	134
Figura 10 Google imagens, 2014.....	137
Figura 11 Imagem, escaneada do Livro “Tatuagem Pirceng e outras mensagens do corpo” de Leusa Araujo (2005)	141
Figura 12 Série enunciativa – Pietá (lugar de filho).....	160
Figura 13 Série enunciativa (lugar de mãe/pai)	161
Figura 14.....	183
Figura 15.....	183
Figura 16.....	183
Figura 17 Superinteressante, dezembro, 2008.....	210
Figura 18.....	213
Figura 19 Revista Inked nº10 fevereiro/março 2012.....	219
Figura 20 Revista Inked nº13 setembro/outubro 2012.....	219
Figura 21 Revista Inked nº08 outubro/novembro 2011.....	226
Figura 22 Revista Inked, nº10, p.46	229
Figura 23 Revista Inked, N°08, 2012	231
Figura 24 Revista Inked, nº13 setembro/outubro 2012.....	240.
Figura 25.....	243
Figura 26 Revista Inked, 2011,2011,2010.....	245
Figura 27 Revista Inked, 2011.....	246
Figura 28 Revista Inked, 2011.....	249
Figura 29 Revista Inked nº 05, 09,11	249
Figura 30.....	249
Figura 31.....	249

Figura 32	249
Figura 33.....	249
Figura 34.....	250
Figura 35.....	275
Figura 36.....	258
Figuras 37, 38.....	259
Figuras 39, 40, 41, 42,43	263

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Objeto de estudo: por que este e não outro em seu lugar?	24
Percurso Metodológico	26
A constituição do corpus	31
 CAPÍTULO I: CONSTRUTOS TEÓRICOS	 40
1.1 Análise do Discurso: lugar de referência e de novas possibilidades	41
1.2. As contribuições de Foucault para os estudos discursivo	53
1.2.1 O método <i>arquegenealógico</i>	53
1.2.2 Prática discursiva, saber-poder e verdade	63
1.2.3 Sujeito, modos de objetivação/subjetivação e identidade	76
1.2.4. Biopoder, Disciplina, Biopolítica e Governamentalidade	90
1.2.5. Sujeito tatuado: da biopolítica para os cuidados de si	106
1.2.6 A Pele/corpo tatuado como tela para uma estética da existência	116
 CAPÍTULO II: BREVE EXCURSÃO PELA HISTÓRIA DA TATUAGEM NO MUNDO	 128
2.1. Tatuagem: marcas de sua origem	131
2.2. Como a prática da tatuagem entra no mundo ocidental?	149
2.3. A tatuagem na (des) ordem do discurso religioso	155
2.4. Tatuagens como símbolos de cárcere	164
2.5 História da tatuagem no Brasil	172
 CAPÍTULO III: TATUAGEM, CORPO E MÍDIA	 179
3.1 Condições de emergência do discurso da tatuagem na mídia	180
3.2 Mídia: produtora de subjetivação e identidade	193
3.3 A inclusão/exclusão do sujeito tatuado nas redes da mídia	202
 CAPÍTULO IV: PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO E PRODUÇÃO DE IDENTIDADE NAS CAPAS DA REVISTA INKED	 216
4.1. Gestos de análises	217
4.2 A inserção do sujeito tatuado no campo da arte e do estilo	218
4.3 Tatuagem: do corpo para as práticas da moda e do status	236
4.4 O corpo tatuado como símbolo de sensualidade	254
 5. EFEITO DE FIM	 271
REFERÊNCIAS	278
ANEXOS	288

INTRODUÇÃO

O objetivo principal, hoje, não é nos descobrirmos e sim nos recusarmos a ser o que somos inventando nossa subjetividade.
Michel Foucault

O motivo pelo qual se compartilha essa epígrafe é sobretudo o problema que anima o último Foucault (1978-84) - o da possibilidade de mudança do mundo, tanto subjetivo quanto social, ou seja, a possibilidade de contestação de sistemas hegemônico de poder e a possibilidade de modificá-los. São ideias e questões que se perpetuam até nossos dias, pois nessa volatilidade dos discursos e das tecnologias direcionadas à vida das pessoas em “tempos líquidos”¹, as relações de forças que produzem os sujeitos e suas identidades são cada vez mais pulsantes.

Segundo Bauman (2001, p.8), com a chegada da Modernidade², não é de se estranhar que os sujeitos e seus corpos tenham sofrido ressignificações, pois, longe de ser preponderante, ela produziu mudanças em todos os aspectos da vida social e em todas as instituições, o que nos leva a enfocá-la como leve, fluida ou líquida. “A reorganização do tempo e do espaço radicaliza e globaliza traços institucionais preestabelecidos e atua na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana”. E, ao afetar a vida cotidiana, atinge também o sujeito que passa por uma desestruturação das identidades fixas, estáveis para um descentramento provocado por forças exteriores a ela. Para Bauman (2006), a partir do momento em que a identidade perde as âncoras que lhe conferiam um estado predeterminado, para o sujeito se torna ainda mais importante a busca pela identidade.

¹Esse termo tem como base a ideia de líquido, de Zigmunt Bauman característica presente nas relações humanas atuais, inspirado na obra **Amor Líquido** - sobre a fragilidade dos laços humanos. As relações se misturam e condensam com laços momentâneos, frágeis e volúveis. Em um mundo cada vez mais dinâmico, fluido e veloz, seja real ou virtual. “O mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sessão de episódios fragilmente conectados” (BAUMAN, 2005, p. 18).

²Modernidade representa todo um conjunto de práticas comportamentais e institucionais que afetam o mundo de forma global e que são posteriores ao período Feudal europeu.(BAUMAN, 2001)

É em meio a essas relações de poder, disseminadas discursivamente na sociedade “líquido-moderna”, que também se arrisca a pensar os sujeitos sob a base de determinações que lhes são exteriores. Entretanto, para esse trabalho, não é todo e qualquer sujeito que nos interessa, mas sim, o sujeito tatuado, discursivizado pela revista *Inked* e suas possíveis relações com outros discursos, outros enunciados (verbais ou não verbais) inseridos em diferentes meios midiáticos.

O sujeito na Análise do Discurso não está desvinculado das relações sócio-históricas e ideológicas. Para tanto, vinculamo-nos a um campo de pesquisa que trabalha os sujeitos sob em diferentes possibilidades de existência, considerando-os em relação à história, ou seja, uma perspectiva que integra, no interior dos discursos, relações complexas de poder, assevera posições sujeitos e apontam para construções identitárias. (FERNANDES, 2012). Imergimos, assim, numa perspectiva linguístico-discursiva que irrompe no final da década de 60 - Análise do Discurso – que vê o sujeito não de forma empírica, psicológica, dono do seu dizer, mas o compreende numa relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer. (GREGOLIN, 2004). Teoria que faz articulações entre diferentes áreas do saber (Linguística, História, Psicanálise entre outras), que quando reorganizadas e entrelaçadas, permitem compreender os efeitos de sentido sobre os discursos, o corpo, o sujeito e sua(s) identidade(s).

É a partir das contribuições desse campo teórico em torno dos discursos e da constituição dos sujeitos, principalmente com as contribuições deixadas por Michel Foucault, que se desenvolve esse trabalho. Para alguns estudiosos como Veiga Neto (2013), Branco (2013), Fischer (2013), os postulados de Foucault nos ajudam a compreender como se dão, no interior dos discursos, as relações de forças, os jogos de verdades que direcionam a vida dos sujeitos. Relações que têm direcionamentos distintos antes e depois da década de 80. Para Branco (2013, p.155), se antes da década de 80, Foucault via, através do desenvolvimento de tecnologias para o controle e regulação dos corpos (nas fábricas, nas escolas, sistemas penitenciários, etc.) o poder se transformar no controle que nos fabrica, impondo a todos e cada um de nós uma individualidade, uma identidade, a partir de 1980 seu interesse passa a ser os combates e as lutas inerentes às relações desse poder que criam formas de subjetividades.

Para Foucault (1995), onde há poder há resistência e esta tem papel determinante no processo de subjetivação. Por isso, vendo-a como inerente às relações de poder, “[...]”

ele passa a estudar o papel das resistências, em todas as suas dimensões na trama complexa de poder na atualidade, seus antecedentes históricos e suas perspectivas de êxito” (BRANCO, 2013, 52).

Desde então, o filho de Poitiers considera que a resistência ao poder deve ser compreendida como uma ação que busca a defesa da liberdade³. Esta devendo ser explanada no plano da vida e das lutas sociais; seu exercício só ocorre em um espaço público, no qual estejam garantidas as condições mínimas de tolerância político-social. Para Foucault (2016), o campo da liberdade se faz de atitudes e comportamentos, decorrentes da maneira como os indivíduos, em suas lutas, em seus planos, recusam ou escolhem as práticas que lhes são propostas, ou muito, além disto, se constituem como sujeitos em de suas práticas.

É nesse campo de controle e de liberdade que se pretende, com esse trabalho, adentrar nas relações de poder e resistência que constituem o sujeito tatuado em uma época líquido – moderna, a fim de compreender a partir dessas relações inscritas no interior do *corpus* aqui analisado como e por que ele emerge, hoje, de uma determinada forma e não de outra.

No entanto, de acordo com Branco (2013), para se compreender os sujeitos na atualidade, é preciso entendê-los em um campo de relações, de embates em que se entrelaçam “governo de individuação”⁴ e liberdade. São batalhas importantes que visam à compreensão de sujeitos constituídos socialmente, visto que as lutas contra a dominação, contra a forma de exploração (que separa os indivíduos daquilo que ele produz), contra o assujeitamento, contra as diversas formas de subjetividade e submissão estão no cerne das questões que levam tantos pesquisadores a se embrenharem nessa (des)ordem arriscada da produção dos sujeitos, questionando: “quem somos nós”?

2.A noção de liberdade em Foucault está relacionada ao desaparecimento do sujeito ou a morte do homem. O homem desaparece na Filosofia, não como objeto do saber, mas como sujeito de liberdade de sua existência. “Pois bem, o homem sujeito de sua própria existência e de sua própria liberdade, no fundo é uma espécie de imagem correlata de Deus”. (CASTRO, 2009) A noção de liberdade foucaultiana, situa-se em primeiro lugar, no abandono desse mito humanista da essência do homem. Surge com base nas análises das relações entre os sujeitos e na relação consigo mesmo, as quais se denominam em termos gerais de poder. O poder só se exerce sobre sujeitos livres em que possam perceber diante de si um campo de possibilidade onde possam dar muitas condutas, muitas reações e diferentes modos de comportamento. (CASTRO, 2009)

⁴O governo por individuação ou normalização na contemporaneidade é o substituto ativo do poder pastoral desenvolvido a partir do século XVIII pela igreja. Trata-se de submeter os indivíduos a normas e padrões de sua constituição de subjetividades, e auto-identificado através de regras perpetradas de conduta ideal [FOUCAULT, 1984].

Foucault (1995, p.232) assinala logo que não se trata de perguntar “quem somos nós enquanto sujeitos universais”, mas enquanto sujeitos ou singularidades *históricas*. Qual é esta historicidade que nos atravessa e nos constitui? Podemos problematizar que, se somos constituídos historicamente pelos saberes; a historicidade é ao mesmo tempo, a determinação daquilo que somos e uma provocação a “ser o que queremos ser”, pois nessa retomada apaziguada, projetada num naturalismo neutro da questão *quem somos nós* há um desejo de liberdade de constituição de si. Enfrentar essa questão na atualidade é buscar uma identidade em meio a tantas constituídas socialmente.

Considerando essas tessituras iniciais e parafraseando a questão de Foucault para “*quem é o sujeito tatuado hoje?*”, arriscou-se a adentrar nesse terreno movediço e escorregadio da constituição dos sujeitos tatuados na contemporaneidade, mediante condições estritas que ele aparece, sob determinações históricas de uma época. Isso porque, segundo Foucault (2003, p.256), “somos inextricavelmente ligados aos acontecimentos discursivos”. Por isso, é preciso analisar os enunciados em sua irrupção do acontecimento, não se tratando da continuidade enunciativa, mas dos acontecimentos em série, com o jogo de noções que lhes estão ligados: “casualidade, descontinuidade, dependência, transformação”.

Desse modo, é necessário analisar o sujeito tatuado em épocas e espaços distintos, visto que ele não significa na contemporaneidade do mesmo modo como os *punks* o propuseram na no final da década de 1960, pois sendo o discurso construído pela dependência e transformação, é perfeitamente compreensível que os efeitos de sentidos mudem de uma época a outra. Na década de 60, a tatuagem emergia a partir dos valores ideológicos dos grupos dos *punks* e dos *hippies* que, segundo Le Breton (2004), ao invés de se engajarem nos movimentos de violência de massa ou terrorismo, optaram por expressar sua alienação ou insatisfações por meio da negação pessoal e simbólica dos códigos existentes. Já na contemporaneidade, a tatuagem, de acordo com Le Breton (2004), reivindica uma identidade, uma estética e uma moral da presença, forma de proteção simbólica contra a diversidade, superfície protetora contra a incerteza do mundo. E toma o corpo e a pele como *locus* dessa marca de si por reconhecer nele um lugar de propriedade sua.

Nessa busca pela constituição do sujeito, que marca a pele com desenhos, nomes, símbolos, é importante frisar ainda o papel do corpo e dos discursos que circulam sobre ele e para ele, pois são discursivizadas diferentes ações direcionadas ao corpo, desde os

discursos institucionais até aqueles mais cotidianos. Para Foucault (1979, p.22), o corpo é “superfície de inscrição” de acontecimentos que “aparece todo impregnado de história” e, simultaneamente, lugar de “contínua desagregação”, “de dissolução do eu”, ou seja, ele apresenta em **Microfísica do poder** (obra publicada em 1977), o corpo como “volume em perpétua pulverização”. Nele, convergem todas as forças, lugar ao mesmo tempo de repressão e de desejo:

[...] sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também se desatam e entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito (FOUCAULT, 1979, p. 22)

Conforme Courtine (2009), desde o final do século XIX, a emergência de discursos sobre o corpo abre muitos caminhos para se pensar a constituição dos sujeitos, pois nesse momento histórico surgem diferentes atividades em que o corpo é o centro. Há o culturismo ou fisiculturismo, a prática de banho de mar, o contato com a natureza, a prática esportiva, além disso, as mudanças claras nas práticas médicas⁵; ao mesmo tempo em que se desenvolve a fotografia e em seguida o cinema. Em ambos, o corpo torna-se o grande centro de atenção. É ele que entra em cena, “estimulado pelo consumo de produtos destinados a proporcionar aos sujeitos a conquista do bem-estar e da beleza almejada.” (BARACUHY; PERREIRA, 2012, p.37).

No âmbito das Ciências Humanas, o corpo pode ser analisado sob diferentes perspectivas: como linguagem; mercadoria; expressão de cultura; identidade social; suporte; objeto de arte, entre outros, e mesmo tudo isso simultaneamente (PEREIRA, 2013). Os estudos que se organizam no presente sobre o corpo passam por numerosos olhares: o corpo vigiado pelas estratégias do saber-poder e foco de modos de subjetivação (FOUCAULT, 1995, 2004, 2005, 2009, 2012, 2011, 2009); ‘o corpo incerto’ - em mutação e transformação constante – (ORTEGA, 2008, 1999, COURTINE, 2009); o corpo imagem, inserido nas redes da mídia (DEBORD, 1997, GREGOLIN, 2003, 2007, FISCHER, 2012, MILANEZ, 2006); o corpo-identidade no mundo pós-moderno (HALL, 2004, BAUMAN, 2005, KELNNER, 2011); o *body-building* como nova estética de

⁵Época da Medicina estética (BARACUHY, PEREIRA, 2012)

existência⁶ (COURTINE, 2009, 2013; PIRES, 2007, LE BRETON, 2004, SANT'ANNA, 2005), dentre outros.

Para análise do sujeito tatuado, cabe avaliar o lugar do corpo/pele enquanto suporte primeiro na recepção e produção desse discurso. De acordo com Foucault (2005), é preciso considerar o suporte material que o tempo e o lugar da enunciação utilizam, nesse caso, o corpo/a pele. Sendo o corpo entendido como uma unidade discursiva, não nos importa estudar suas funções biológicas que exercem suas “práticas diárias e corriqueiras do cotidiano, como andar, comer, transar”, (MILANEZ, 2009 p.215), mas sim, olhar de perto, o lugar onde esse corpo se insere, estabelecer os limites que fazem com que ele apareça naquele momento, naquele lugar, colocando em evidência a sua existência histórica.

Segundo Bauman (2005), na pós-modernidade, cada vez mais, nossa identidade tem passado a fazer referência ao corpo, pois é expressivo como diferentes meios de comunicação, e até nós mesmos, nos descrevemos por meio de qualificativos que só podem ser aplicados ao corpo. Somos brancos, negros, doentes, feios, magros, belos, altos, baixos, **tatuados**, e assim por diante.

Embora venha crescendo substancialmente o número de pesquisas sobre essa temática que evidencia o processo de constituição dos sujeitos e suas identidades a partir de tecnologias direcionadas ao corpo, é desafiador lançar-se numa experiência que envolve uma prática que atravessa gerações, marcando, individualizando, resistindo e inserindo sujeitos em lugares e contextos históricos específicos. Ela utiliza o corpo como suporte, transformando-o num lugar de constituição de subjetivação e produção de identidade, pois, segundo Orlandi (2006), os sujeitos significam na e pela linguagem e é também a partir dela que ele elabora sua relação com o grupo, sendo a tatuagem um modo de significação, passa a ser uma continuidade desse gesto. O desejo de se significar e de pertencimento a um grupo acaba levando o sujeito a textualizar o próprio corpo. Tratando a significação do sujeito no espaço em que ele vive. Essa autora entende que a escrita no corpo é uma forma de:

[...] apropriação de “seu” espaço no espaço público, publicizando sua presença. Na continuidade desse gesto, o sujeito acaba textualizando o próprio corpo: o *piercing*, a tatuagem. Do lado de fora, o excesso transborda, tudo é texto, é escrita, e o sujeito se subjetiva escrevendo também para todo lado. Daí a

⁶Conceito a ser discutido no I capítulo.

voltar-se para si mesmo é um passo que é dado: o corpo se textualiza. Inscrição no corpo como anúncio/denúncia de que o confronto do simbólico com o político faz problema (reivindicação de si). Fora: várias camadas de publicidade, de pichações, de letras assinadas nas diferentes superfícies [...] Isso representa como um trabalho do excesso do sujeito no sujeito: transbordando de um excesso de linguagem o tempo todo visível sobre o sujeito, que passa a necessidade de um excesso de marcas visíveis em si mesmo (ORLANDI, 2006, p.27)

Assim, analisar a textualização⁷ no corpo, é, sem dúvida, compreender mais uma forma de significação do sujeito. Para isso, direciona-se o olhar para o interior da Análise do Discurso, para os estudos foucaultianos em torno do sujeito, visto ter sido este um de seus focos de pesquisa conforme se constata num de seus últimos textos (*Sujeito e poder*, 1984). Segundo ele, “o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos, não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise, (...) ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos”. (FOUCAULT, 1995, p.231). Foucault procurou analisar os modos de objetivação/subjetivação do homem em nossa cultura, em momentos distintos e a partir de diferentes práticas.

Para Foucault (1995), há três modos de objetivação transformaram os seres humanos em sujeito. Um **ser-saber**, um **ser-poder** e um **ser-consigo**, nesses três domínios o sujeito estabelece relações sobre as coisas, sobre a ação dos outros e sobre si. (GREGOLIN, 2004,). Entretanto, Neto (2005) salienta a importância de o sujeito foucaultiano ser produzido, ao mesmo tempo, nas relações entre **saber**, **poder** e **ética**, ou seja, o sujeito é constituído por meio de saberes, do governo de si e dos outros, das relações de poder e resistência e de técnicas voltadas para si (tecnologias do eu). Não há uma sobre outra, principalmente desde o começo do século XX, quando se percebe que o sujeito não está mais articulado a um poder centralizado, mas ligado a uma série de parceiros e instituições que partilham, como uma gigantesca teia, todo um domínio que parte das grandes instituições até os pequenos acontecimentos das relações interpessoais.

Diante da descentralização do sujeito e das transformações socioculturais, tempo em que os sujeitos são móveis, flutuantes, instáveis, as questões, nas quais se ancora nossa **problemática**, são as seguintes:

⁷Textualização aqui é se refere a escrita na pele com suas significações e referências pessoais.

- Por que os sujeitos inseridos em uma sociedade de discursos efêmeros, que se dissolvem mais rápidos que o tempo que leva para moldá-los, marcam nos seus corpos com tatuagens que o acompanharão por toda a vida?
- Será que tais sujeitos, a todo o momento, disciplinarizados, normativizados por mecanismos de controle social, conseguem se subjetivar pela prática da tatuagem?

Entendendo que os sujeitos se constituem na interrelação com práticas externas a ele e na relação consigo mesmo (FOUCAULT, 2012), formula-se por **hipótese** que o sujeito tatuado se constitui no jogo tanto na relação consigo mesmo, deixando na pele a evidência de seus desejos, histórias e pessoas, quanto nas relações de saber-poder inscritas nas práticas discursivas, que circulam na sociedade, especialmente, no interior da prática da tatuagem, reproduzida por meio da mídia.

Esses questionamentos e essa hipótese direcionarão a pensar o sujeito tatuado (objeto desse estudo), no período de 2010 a 2012. Para tanto, é necessário que se busque, no interior da revista, a lei do que pode e deve ser dito, “o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”. (FOUCAULT, 2005, p.147), ou seja, a partir do arquivo selecionado sobre tatuagem, **o objetivo geral** é analisar como o sujeito tatuado se constitui e é produzido na revista *Inked* no período de 2010 a 2012. Portanto, cabe lembrar que não se buscam analisar as unidades discursivas que apontam apenas uma forma de comportamento na sociedade, mas verificar, mediante jogos discursivos, como essas unidades produzem um determinado saber-poder, permitindo a investigação de modos de produção de sujeitos tatuados e de seu processo de identificação.

Percebendo que o sujeito se reconhece sob determinadas condições de produção e em sua relação com a exterioridade, consideram-se como **objetivos específicos**:

- analisar, à luz da Semiologia Histórica, como a prática da tatuagem constrói seus efeitos de sentidos, ligando os sujeitos a uma pretensa identidade em diferentes épocas;
- investigar como as relações de saber-poder inscritas nas práticas corporais contemporâneas, verificadas na revista *Inked* demarca verdades na constituição dos sujeitos tatuados;

- analisar como a tatuagem no corpo⁸ aponta práticas de si que falam dos sujeitos controlados, sujeitos que são governados, mas também governam a si;
- averiguar a emergência discursiva dos enunciados que propõem a prática da tatuagem como representação simbólica da moda, da beleza, de *status*, da sensualidade e da arte em direção a uma identidade;
- discutir a aplicação de técnicas de poder -biopolítica, disciplina, governo – irrompe na (trans)formação dos sujeitos tatuados na atualidade;
- por fim, investigar como os dispositivos tecnológicos midiáticos, “*produtores de uma rede infindável de símbolos*” (GREGOLIN, 2003) produzem modos de comportamentos a serem adotados pelos sujeitos e excluem outros.

Nesse percurso, está-se entrando em questões relativas à exclusão/inclusão dos discursos, pois o que se percebe na constituição do discurso da *tattoo*⁹ é que o mesmo passa por princípios de interdições, que somados às “vontades de verdade”, agem no funcionamento discursivo. Os jogos de verdades incluem uma série de tecnologias de normalização que visam aos cuidados com o corpo e a alma. São técnicas que inserem os sujeitos dentro do discurso da tatuagem reproduzido pela mídia.

No entanto, para se entender como o sujeito se constitui ou é constituído a partir dos jogos enunciativos que a mídia oferece, é preciso pensar o discurso como propõe Foucault (2005, p.55), “um conjunto de regras próprias à prática discursiva. Essas regras definem, não a existência muda de uma realidade, mas o regime dos objetos”. Desse modo, buscam-se nas regras a serem acolhidas na dispersão do discurso da tatuagem, inscritos na revista *Inked*, elaborar um lugar ou lugares para o sujeito tatuado, inserido em uma rede enunciativa que mantém relação com as práticas de si, revelando, inclusive, conflitos consigo e com a sociedade.

Considera-se a mídia como a grande aliada na constituição do sujeito tatuado, porque ela é a grande instituição divulgadora de qualitativos para o corpo. Conforme Gregolin (2008), a mídia, por meio de tecnologias modernas, (re) produz “*kits de subjetividade*”. É o corpo esteticamente manipulado e controlado que entra na ordem discursiva dos meios de comunicação de massa por meio de uma multiplicidade de imagens que orientam os sujeitos a desejarem um saber que lhes possibilitem moldar seus

⁸Embora a tatuagem no corpo pareça redundante, é necessário marcar esse locus porque já existe a tatuagem em carros e objetos de estimação.

⁹*Tattoo*: vista aqui como sinônimo de tatuagem

corpos a um determinado padrão de beleza. Para Baracuhy e Perreira (2012), “no que tange à relação entre mídia e corpo, a repetição e a multiplicidade de imagens orientam os sujeitos a desejarem um saber que lhes possibilitem moldar seus corpos a um determinado padrão de beleza” (*Idem*, p.36). Ideias que convergem ainda com as de Gregolin (2003, p. 103) ao dizer que “a mídia institui a subjetivação tanto nas práticas que propõem a modelagem do corpo, quanto na construção dos lugares a serem ocupados por homens e mulheres na sua relação com os outros”.

Sendo nosso *corpus* midiático, acredita-se que com a prática da tatuagem não poderia ser diferente, pois os discursos que circulam na mídia em torno da escrita no corpo/pele propõem ao sujeito a inserção no “jogo” da beleza, a partir de outras práticas discursivas já inscritas positivamente no meio social como, por exemplo, o discurso da moda, o da sexualidade e o da arte, no que tange à ênfase na aparência. Vale salientar que a mídia, ao disseminar a prática da tatuagem, a partir da positividade¹⁰ de outras práticas, lança-a na sociedade, silenciando significações preconceituosas que por muito tempo foram propagadas pelo discurso da ordem social.

O corpo, e mais precisamente a pele, torna-se espaço de subjetivação e confronto à normalização. Um espaço de contínua tensão, atravessado por instituições disciplinares e práticas culturais diversas, empreendidas por sujeitos sociais, o que enfatiza a transitoriedade das relações de poder como elemento imprescindível na constituição do sujeito tatuado. Conforme Foucault (1995, p.232), na medida em que “o sujeito é colocado nas relações de produção e significação, é igualmente colocado nas relações de poder muito complexas”.

Entende-se assim, que nessa busca de compreensão do sujeito tatuado hoje, não se podem deixar de frisar as lutas de resistência contra as técnicas de individuação e normalização. Para Foucault (1995), essas batalhas contra a normalização podem ser sintetizadas no seguinte enunciado: o objetivo principal hoje, não é nos descobrirmos e sim nos recusarmos a ser o que somos, inventando nossa subjetividade, pois se por um lado, o poder se exerce sobre cada indivíduo e sobre as massas, converte-se no controle que nos fabrica, impondo a todos e a cada um de nós uma identidade (FOUCAULT, 1979). Por outro lado, não se pode deixar em suspenso que as diferentes técnicas que modificam os indivíduos em sujeitos atraem diversas formas de lutas e resistência. Essas

¹⁰A positividade de um saber sob um olhar foucaultiano significa o regime discursivo ao qual pertence as condições do exercício da função enunciativa (Foucault, 2005)

resistências podem ser representadas pelas fissuras nas quais os sujeitos podem-se movimentar, criando para si identidades. (*id.*,1995).

Segundo Milanez (2009, p.219), ao aceitarmos as regras e nos vincularmos a uma disciplina normalizadora, também nos posicionamos como sujeitos que se ocupam consigo mesmo. Esse autor salienta ainda que “sem negar a necessidade de que o rigor dos costumes tem em nossas vidas, passamos a exercer uma arte, a arte da existência de nós mesmos”. Nessa duplicidade, entrelaçam-se duas correntes: a do governo do outro com a do governo de si. Sob o olhar foucaultiano, tem-se aí uma “necessidade de ocupar-se consigo mesmo, na medida em que se há de governar os outros” (FOUCAULT, 2004, p.56). Entretanto, esse governo de si e dos outros não são cunhados fora do sistema sócio cultural de uma época. Foucault, ao tratar da noção de governo, sobretudo em seus trabalhos sobre a ética antiga e o poder pastoral, o faz a partir de dois eixos: o governo como relação entre sujeitos e o governo como relação consigo mesmo. No primeiro, “ele é um conjunto de ações sobre ações possíveis” (FOUCAULT, 2004, p.237), trata-se em definitivo de uma conduta que tem por objetivo o controle do comportamento do outro indivíduo ou de um grupo. O segundo, também, é da ordem do governo, na medida em que, por exemplo, trata-se de dominar os prazeres ou os desejos. “Os modos de objetivação-subjetivação situam-se no entrecruzamento desses dois eixos” (CASTRO, 2009, p.190).

Essa mudança de foco de Foucault, do século XX para a Antiguidade, não é apenas um mero exercício de análise da arte de governar de outra época e lugar ou ainda um mero exemplo de objetivação do sujeito, mas procedimentos de pesquisa que buscam experiências e convenções, por meio dos quais se pode pensar os mesmos problemas que nos ocupam, mas constituídos sob novas condições, ao ponto que possam aparecer como novos sobre os quais precisamos nos debruçar novamente.

Essa discussão teórica se ancora na Análise do Discurso em interface com outras áreas de pesquisa como os Estudos Culturais, a Sociologia, a Semiologia Histórica, pois sendo a AD um campo constitutivamente heterogêneo em sua construção teórico-metodológica, surge, em seu interior, a necessidade de integrar ao estudo dos discursos outras áreas do saber. Deslocamentos que permitem refletir as relações de força que formam o sujeito tatuado hoje.

Desse modo, compõem-se reflexões entrelaçadas entre tatuagem, corpo, sujeito e identidade a partir das ferramentas teóricas surgidas, ora do AD, ora de suas relações e possibilidades com outros horizontes teóricos. Adotam-se, como embasamento teórico-analítico para discutir a produção dos efeitos de sentido, os postulados de Michel Pêcheux utilizando as noções-conceito de interdiscurso, memória, discurso como estrutura e acontecimento (2006), e as formulações de Michel Foucault, principalmente, aquelas em torno do sujeito, relações de poder e produção de subjetividade, além das formulações e as contribuições de Jean Jaques Courtine com ênfase naquelas que giram em torno do corpo (2009, 2013) e da imagem na perspectiva de análise da Semiologia Histórica. Esta, inserida na atualidade no campo de estudo da AD, interessou-nos à medida que permitiu lançar um olhar para um *corpus sincrético*, vendo-o além das palavras; possibilitando-nos analisar o regime dos desenhos, das cores e a economia dos gestos próprios aos dispositivos que tornaram inteligível (COURTINE, 2013) o “corpo tatuado” na contemporaneidade.

De acordo com Gregolin (2011, p.99), a Semiologia Histórica abre caminhos para o estudo das materialidades não verbais, à medida que se reconhece a importância da imagem nos discursos da mídia e a frequência com que são analisados no interior dos estudos linguísticos, em especial na AD. A autora salienta que, considerando a relação necessária entre palavras e imagens nas análises discursivas, “precisamos pensar em uma semiologia que leva em conta tanto os elementos configuracionais dessas diferentes materialidades (uma ‘gramática’ do verbal; uma “gramática” do não verbal) quanto à forma como palavras e imagens compõe um todo de sentido”. (*op.cit.*)

Além do campo da Linguística e da Semiologia Histórica, abordaram-se, também, outros referenciais teóricos a saber: a Sociologia e os Estudos Culturais. Na Sociologia, os estudos de David Le Le Breton com “Sociologia do corpo” (2004), vendo-o em sua relação social e cultural que o cerca. Jean Porier (1998) com “As técnicas do corpo”, Marcel Mauss (1980) com “As técnicas corporais”, Francisco Ortega (2008), ao tratar dos efeitos da subjetividade em uma época de culto ao corpo, entre outros, que entendem o corpo como um produtor de conhecimento, a exemplo de Didier Anzieu (1989), que pensa a pele como invólucro do corpo e Denize Sant’Anna, (2005) com os artigos sobre “Políticas do corpo” que vêm contribuir significativamente para as discussões sobre o corpo na contemporaneidade.

Ainda dentro desse campo, outros trabalhos, que tratam especificamente da escrita no corpo, foram fundamentais, pois auxiliaram a compreender a prática da tatuagem, seu desenvolvimento, suas técnicas e suas significações em diferentes épocas e espaços como leituras como as de Leusa Araújo (2005), Toni Marques (1997), Célia Ramos (2001) e Beatriz Pires (2005), James Cook (1944) dentre outras obras e artigos que tratam do assunto.

Já a inserção no campo dos Estudos Culturais, ocorreu a partir das reflexões de pesquisadores como Zygmunt Bauman (1999, 2001, 2005, 2007,), Stuart Hall (2002, 2006) Tomaz Tadeu da Silva, (2003), Kathryn Woodward (2003) que proporcionaram refletir sobre a questão da identidade enquanto processo discursivo, sujeito à liquidez da modernidade. Para esses autores, a identidade é um efeito discursivo, um processo em construção, em que o sujeito não está preso a uma única identificação, mas às possíveis identificações que se constroem nos discursos em sua irrupção de acontecimento.

Hall (1997) argumenta que os sujeitos e as identidades são definidos historicamente e não biologicamente, como se supunha, ou seja, pelos traços físicos que demarcavam as diferenças entre as raças. Para o autor, essa é a diferença das identidades tradicionais (fixas) e das modernas (móveis), ou seja, enquanto aquelas não se alteravam, essas mudam à medida que recebem informações. Uma informação nova provoca mudanças, altera as concepções que estão em constantes reformulações, multiplicando as possibilidades de subjetivação e identidades com as quais se pode identificar.

Por fim, considerando as transformações no campo teórico da AD, a partir da década de 1980 e as contribuições de novos pensadores, ressalta-se, nessa pesquisa, o método *arqueogenealógico* de Michel Foucault. Tal procedimento analítico, construído por esse filósofo francês, subsidia as análises, porque tal metodologia oferece condições para que se observe a emergência enunciativa da produção de subjetividade e identidade do sujeito tatuado na pós-modernidade, bem como permite compreender os sistemas de governamentalidade inscritos na revista *Inked*, isto é, as regras de conduta e prescrições que constroem, transformam, redefinem os saberes sobre os corpos e sujeitos tatuados na atualidade.

Enveredou-se por uma discussão sobre mecanismos de “aprisionamento” x mecanismos de libertação, isso porque se acredita que o sujeito tatuado é produzido nos diálogos e duelos entre uma lógica disciplinar revelada no corpo pelas regras e condutas

de comportamento discursivizado como verdade na sociedade e um desejo de constituição de experiências de si para si.

O objeto de estudo dessa pesquisa, descrito no tópico a seguir, oportuniza discutir a construção de uma representação em meio a tantas outras que estão em constante movimento no cotidiano midiático, visto que, na sociedade líquido-moderna, as representações são efêmeras e instáveis. Em vez de estabilidade deve-se buscar uma rede de conexões dispersas no meio sociocultural. (BAUMAN, 2005, p.21).

Por fim, analisar a produção de subjetividade e o processo de identidade por meio da prática da tatuagem, via método *arqueogenealógico* foucaultiano, significa tentar apreender a tatuagem como uma prática discursiva que uma época pôde falar sobre quais objetos acolheram, quais indivíduos puderam ocupar a posição-sujeito nos enunciados que constituem tais práticas.

Diz-se isso levando em conta que Foucault (2005, p.133) compreende os sujeitos em relação às práticas discursivas, tendo em vista que elas pressupõem um “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”. É sob esse viés de prática discursiva que faz com que a tatuagem surja, em sua materialidade, em redes, possibilitando deslocamento e modificações, criando novos saberes e delineando certo tipo de sujeito e identidade.

Objeto de estudo: por que este e não outro em seu lugar?

Inicialmente é importante salientar que o objeto de estudo desse trabalho é o sujeito tatuado discursivizado pela revista *Inked* no período de 2010 a 2012, constituído numa relação intrínseca entre sujeito, corpo e tatuagem, isso porque, numa perspectiva discursiva, não dá para dissociar o sujeito dos fatores internos e externos que os constituem, ou seja, não dá para pensar o processo de formação do sujeito tatuado, inscrito na revista, sem levar em conta a prática e o *lócus* que sustentam as discursividades que o produz.

Entendendo que a base de todas as nossas sensações é o corpo físico/a pele e que é por meio dele que se mantêm relações com tudo que é externo a nós, uma nova pele entra em jogo, marcada a ferro, fogo e perfuração; uma pele tatuada, construída com os artifícios de uma linguagem milenar, mas reinserida em práticas contemporâneas.

A escolha por esse objeto se justifica, porque estando os sujeitos contemporâneos, inseridos em uma sociedade de discursos cada vez mais efêmeros, encontram, na prática da tatuagem, um lugar de retorno a si mesmo por meio da singularidade semântica inscrita nas histórias, emoções, anseios, amores e desejos pessoais de cada um. A tatuagem marca experiências individuais, visto que, a partir dela, os indivíduos se re-apropriam de componentes pré-fabricados, produzindo outras maneiras de ser. Segundo Pires (2005), o ritual da tatuagem hoje surge nas vivências e experiências metropolitanas modernas, marcadas como um requisito estético necessário para se inserir no contexto urbano atual, mas, principalmente, para fortalecer as particularidades e identidades dos sujeitos.

Encorajada aqui, proibida ali, ela independe da geografia, classe ou calendário e é tão antiga quanto à própria humanidade. Nasce e renasce em todos os continentes de modo espontâneo, aos saberes dos grandes deslocamentos humanos, “seguindo (escrevendo) a história de vencedores e de vencidos, dos reis e dos súditos, dos indivíduos do gelo ártico aos marinheiros de Santos.” (MARQUES, 1997, p.35)

Trazendo a prática da tatuagem para a construção de sujeitos, é possível compreender neste gesto simbólico da escrita de si, o desejo de constituição do sujeito de outra forma, resultando em formas de individualização diversas daquelas propostas pelo discurso de ordem social. Para Milanez (2004, p.184), “é preciso acreditar que sempre haverá uma brecha pela qual poderemos tocar a nós mesmos...” um lugar para subjetividade do leitor... Um intrigante coquetel de inquietude, insatisfação e controle que nos subjetiva e marca em nossos corpos como “ferro em brasa”.

O corpo, nesse processo de significação do sujeito, emerge em redes e possibilita deslocamentos e modificações, criando novos campos do saber, delineando certo tipo de sujeito do conhecimento. (MILANEZ, 2009). Um lugar de objetivação do homem pós-moderno quando encarna, simultaneamente, a marca do indivíduo, a fronteira, a diferenciação, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros, e, por outro lado,

“um lugar de conexão que une uns aos outros”, pois na medida em que se ampliam os laços sociais e a teia simbólica provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível dessas relações (LE BRETON, 2008, p. 10).

Entende-se o corpo tatuado indissociado do espaço, vez que a mídia e as novas tecnologias da linguagem escrita interferem na significação e identificação dos sujeitos na sociedade. “O mundo globalizado, por meios de novas tecnologias oferece o saber e o poder, ao mesmo tempo, as técnicas persuasivas para consegui-los” (OLIVEIRA, 2004, p.206).

Percurso Metodológico

Este estudo está situado no âmbito da pesquisa descritivo-qualitativa que se fundamenta em um conjunto de práticas descritivas e interpretativas que dão visibilidade ao mundo (DENZIN e LINCOLN, 2006). O modo analítico é possibilitado no batimento constante entre descrever/interpretar, ou seja, acontece no vai - e - vem entre a descrição e a interpretação, nas quais se verificam, por exemplo, as posições-sujeito assumidas a partir das regularidades discursivas evidenciadas nas materialidades, as relações de forças enunciativas. No geral, busca-se uma “exaustividade vertical” (ORLANDI, 2003), considerando os objetivos.

No campo da Análise do Discurso (AD), não é possível conceber uma metodologia de pesquisa sem que esta esteja relacionada à mobilização de conceitos, *corpus* de análise e escopo teórico. Por isso, ao se determinar como e a partir de quais noções serão desenvolvidas as análises, está-se concomitantemente traçando o percurso metodológico. Dessa maneira, ao se utilizar as ferramentas constitutivas do arcabouço teórico que nortearão a análise, está-se ao mesmo tempo usando os dispositivos metodológicos. Além disso, na Análise do Discurso, não se faz análise manuseando apenas a materialidade do enunciado (linguístico ou não linguístico), visto que só é permitido compreender os efeitos de sentido a partir da incompletude das elaborações, que mantêm uma rede de formulações com enunciado que o antecede e o precede, em um momento histórico. Nessa perspectiva teórica, é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção do acontecimento (FOUCAULT, 2005).

No campo da AD, desde o início dos estudos, o *corpus* ocupa lugar central, “compreendido como um conjunto determinado de textos sobre os quais se aplica um método definido” (SARGENTINI, 2006, p.38). No entanto, na primeira fase da AD (1969-1974), as análises discursivas desconsideravam o recorte no interior de outros discursos que assim os constituíam, excluindo o exterior discursivo. “O *corpus* discursivo, no interior dessa perspectiva, devia responder a critérios de representatividade e homogeneidade” (SARGENTINI, 2006, p.38). Mas ao avançar na década de 70 com a formulação de novos conceitos (formação discursiva, interdiscurso) e aproximação de novos teóricos (Foucault, Courtine), as análises desenvolvidas apontam a necessidade de abrigar o exterior discursivo, mantendo relações com outros discursos e práticas sociais.

É a partir dessas novas relações que, conforme Sargentini (2006, p. 40), Courtine redefine a noção de *corpus* discursivo. Ele utiliza a noção de formação discursiva como proposta por M.Foucault (sistema de regularidades e dispersão) e a noção de formação discursiva por M.Pêcheux, apresentando novos modos de compreensão do *corpus*, introduzindo, assim, a noção de “forma de *corpus*” como princípio de estruturação de um *corpus* discursivo no interior da AD. Para Courtine (2009, p.10):

[...] construir um *corpus* discursivo compreende abarcar um número infinito e a dispersão fragmentada dos discursos no campo de uma visada; de um conjunto de procedimentos a serem observados. Parte-se de um universo de discursos circunscritos a um campo referencial, operando dessa forma e, já de início, uma visão entre visível e não visível, com vistas a construir uma delimitação.

Essas ideias de Courtine vinculam-se ainda à noção de arquivo definida por Foucault. Tal noção, nessa perspectiva, não é um simples documento no qual se encontram referências, mas “sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos, (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas ditas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização)” (FOUCAULT, 2005, p.146). É o sistema geral da formação e da transformação que Foucault propõe chamar de *arquivo*. Para ele, o arquivo é, a princípio, a lei do que pode ser dito, mas também,

o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscreva tampouco em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo as regularidades específicas. [...]. O arquivo define um nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares como tantas coisas oferecidas ao tratamento e a manipulação. (FOUCAULT, 2005, p.147)

Pode-se dizer que o *corpus* está intrinsecamente vinculado a um conjunto de dizeres que giram em torno da prática da tatuagem e as análises desses dizeres devem ser feitas levando em consideração essas materialidades discursivas que impõem um trajeto de leitura, isto é, regularidades que se formam nas relações que os enunciados mantêm com outros enunciados e práticas inscritas no interior desse arquivo. Trata-se das dizibilidades sobre a tatuagem, a lei do que pode ser dito, como sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares, como sistema geral de formação e transformação dos enunciados, não podendo ser descrito na sua totalidade. (FOUCAULT, 2004, p.150).

O arquivo sobre a tatuagem refere-se ao sistema de enunciabilidade e funcionamento que rege a formação e a transformação dos objetos da prática da tatuagem. Um conjunto de dizeres que possibilitam enunciar a prática da tatuagem em seus acontecimentos regulares contemporâneos e deslocamentos negativos oferecidos ao tratamento e à manipulação.

Para pensar as regularidades, que se formam dentro do arquivo da prática da tatuagem, opta-se pelo uso do “trajeto temático” - operação de leitura do arquivo -, que servirá de base para a apreensão das regularidades em termos de modalidade enunciativa (posição-sujeito), formação do conceito e organização de objeto.

A noção de trajeto temático é apontada por Gregolin (2007a) como um “conjunto de configurações textuais que de, um acontecimento a outro, articula os temas e opera o ‘novo na repetição’”. Esse trajeto está ligado ao arquivo das enunciabilidades sobre um determinado objeto, como possibilidade de produção do sentido que forjam realidades simbólicas a partir de regularidades percebidas na rede discursiva. Isso pressupõe que não dá para analisar o arquivo em sua totalidade histórica, tendo em vista que ele se retoma

em um conjunto enunciativo amplo e disperso, por isso, faz-se necessário definir um trajeto que orientará a leitura do arquivo. Segundo Gregolin (2007a, p. 161):

[...] em termos analíticos, o trajeto temático permite visualizar, no interior da dispersão do arquivo, momentos de regularidade, de sistematicidades que - embora instáveis - permitem a inteligibilidade de certas escolhas temáticas num dado momento histórico. Mais do que uma forma geral ou o “espírito de uma época”, os trajetos temáticos são feixes de relações e de deslocamentos.

Acredita-se que a análise orientada pelo trajeto temático permite encontrar as singularidades e regularidades de sentido que povoam o discurso da tatuagem. A inscrição histórica faz evocar as transformações nos saberes, reativa a memória e ressignifica os sentidos, pois “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. (FOUCAULT, 2010, p. 26).

Nesse jogo, o enunciado não é tomado como autônomo, mas integra em uma rede de outros enunciados, relacionando-se com enunciados anteriores e provocando o aparecimento de enunciados posteriores. “Ele se insere a um contexto de atualidade e convoca um espaço de memória”. (GREGOLIN, 2006, p. 26). São diálogos que vão e vêm no fio discursivo, possibilitando apreender os significados das ações humanas e suas implicações para a sociedade.

Utilizar-se-á, então, como base para analisar esses jogos enunciativos descontínuos e incompletos em suas elaborações, o método *arqueogenealógico* foucaultiano¹¹, visto propor que o discurso não se fixa jamais numa positividade imóvel e penetrável. (FOUCAULT, 2005). O discurso é acontecimento, é sempre algo que se renova que se constitui para além daquilo que ele diz, institui sujeitos, produz efeitos e ultrapassa fronteiras.

Portanto, é, a partir do método da arqueogenealogia foucaultiano, que se observa a possibilidade de analisar as *problematizações* e *modificações no interior da prática da tatuagem*, por meio das quais o sujeito tatuado deve ser pensado no interior do *corpus* analisado, pois com as palavras do próprio filósofo; “a dimensão arqueológica da análise permite analisar as próprias formas da problematização; a dimensão genealógica, sua formação a partir das práticas e de suas modificações”. (FOUCAULT, 1984, p.19).

¹¹O método arqueogenealógico foucaultiano será exposto mais detalhadamente no primeiro capítulo: Construtos teóricos.

Entretanto, segundo Araújo (2007), é importante salientar que não há um corte radical entre a arqueologia e a genealogia. Foucault não pretere a primeira em favor da segunda, pois a descrição das práticas discursivas é que fornece o material para a genealogia da verdade, para o modo como devem os indivíduos se comportar ou adotar mecanismos para o governo de si e dos outros. A questão, então, seria “ênfatisar condições de possibilidade, a transitoriedade do poder, a lógica circunstancial que o caracterizam como uma instância cortada por redes que interferem, ininterruptamente, na construção da identidade que cada “indivíduo” entende como própria.” (FONSECA-SILVA, 2008, p.31).

Esse método interessa dentro do plano de investigação do sujeito e identidade na medida em que instiga a perceber tanto as práticas concretas em que o sujeito se constitui na imanência de um domínio de conhecimento, ou seja, estudar os modos de objetivação do sujeito e as relações de poder que estão em jogo; como “refletir que na raiz do que conhecemos e do que somos não estão em absoluto a verdade nem o ser, mas a exterioridade que nos cerca” (ARROYAVE, 2011, p.333).

A genealogia, por exemplo, mostra que podemos ser outro no que atuamos, pensamos ou experimentamos, ou seja, podemos pluralizar as experiências subjetivas e mostrar que sempre é possível resistir e inventar uma técnica para essa transformação do que somos ou suspeitamos do que vagamente somos. (FOUCAULT, 2004)

A AD é um campo heterogêneo em seu terreno epistemológico, e, atualmente, o contato com novas discursividades requer um diálogo com novos conceitos, novas ferramentas, por isso, as análises serão feitas levando em consideração o sincretismo verbo-visual, descrito conforme propõe a Semiologia Histórica, ou seja, “os discursos estão imbricados em práticas não verbais, o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, a expressão pela linguagem conjuga-se com aquela do rosto, de modo que não mais podemos separar linguagem e imagem” (COURTINE, 2011, p.150). Além disso, nas análises, é relevante ainda a relação que as imagens fazem com outras imagens – intericonicidade – pois se entende que uma imagem sempre retoma outras, o que possibilita relacioná-las e analisá-las de maneira descontínua na História. Para Courtine (2011, p.151), chega-se o momento em que

analisar os discursos não podia mais se limitar a caracterizar um *corpus* em seus diferentes níveis de funcionamento linguístico, mas que correspondia a pensar e a descrever a maneira pela qual se entrecruzavam – na materialidade

do arquivo tanto quanto no suporte “psíquico” das memórias coletivas e individuais – regimes de práticas, séries de enunciados e redes de imagens.

É o método descritivo-qualitativo e *arqueogenealógico* que rege esta pesquisa.

A constituição do *corpus*

O *corpus* desse trabalho é composto por nove capas da revista *Inked* no período de 2010 a 2012, conforme imagens a seguir. Traçou-se uma série enunciativa, a partir da qual delinearam-se três trajetos temáticos, a saber: a) tatuagem: arte e estilo; b) tatuagem: moda e status; c) tatuagem: símbolo de sensualidade.





É acreditando que a prática da tatuagem está inserida em uma gama de produção dos discursos midiáticos em torno do corpo que se justifica como materialidade de análise nosso suporte textual. Trata-se da revista ***Inked: Cultura, Estilo, Arte***. Essa revista é uma publicação brasileira de *lifestyle* (estilo de vida), baseada na versão americana que circula nos Estados Unidos. No Brasil, é publicada bimestralmente pelo Grupo Domo, por meio do selo Tríada. Encontra-se com 12 edições até julho/agosto de 2012, quando se concluem a delimitação do *corpus*. Esse periódico é destinado a pessoas que se interessam por tatuagem a partir de um viés que retoma o campo da cultura e da arte, mas, simultaneamente, reinsere-a em práticas contemporâneas para o corpo: da moda, da estética, da sexualidade. Utiliza-se a versão impressa que tem como subtítulo: cultura, estilo, arte, fato que, de certa forma, já define o seu lugar de fala e o público a que se destina, ou seja, o que se interessa por arte, cultura e tem ou pelo menos que ter um “estilo” de visibilidade midiática.

Desse modo, a escolha pela revista *Inked* justifica-se tanto pela importância que ela apresenta no segmento a que se destina como pela sua inserção em práticas contemporâneas para o corpo. Sua relevância é notada mediante sua proposta editorial, pautada no desenvolvimento de um conteúdo que mostra a tatuagem sob um novo ponto de vista (cultura, estilo e arte) – *lifestyle* - apresentando matérias e entrevistas impactantes que valorizam a imagem das pessoas tatuadas. Destaca-se o “poder” midiático que emana em cada página da revista, transformando-a em um veículo de grande produção e circulação do discurso sobre as novas formas de pensar o sujeito tatuado.

Os efeitos de sentido, propostos nesse periódico, começam pelos jogos enunciativos expostos já nas capas. A cada edição, é regular na disposição do

sincretismo¹² textual, a reinserção de enunciados em torno da sensualidade, da cultura, da arte e da moda. Vale salientar que não são todos os enunciados em torno desses discursos que são retomados positivamente pela *Inked*, mas apenas aqueles que são considerados como verdades contemporâneas que circulam socialmente. Inscrever a prática da tatuagem na positividade de outros discursos é uma forma estratégica que a revista busca para inscrever essa prática dentro do “verdadeiro da época”¹³

O *corpus* contribui ainda para enfatizar as relações de força a que estão submetidos os sujeitos tatuados, ressaltando um lugar para se subjetivarem. Na trama discursiva da revista, ora se percebe modos como os indivíduos se constituem como sujeito “moral” de suas próprias ações, ora como são construídos e propostos pelos jogos de verdades já constituídos socialmente. Essas relações são elaboradas, adotadas por meio das tecnologias do eu, ou seja, “mecanismos práticos que criam, regulam e modificam uma experiência subjetiva de si mesmo” (FOUCAULT, 2004).

Outro ponto relevante que chama atenção na escolha do *corpus* é o fato de que a revista busca sair do lugar comum de um editorial de tatuagem. Ela afirma tanto pelas significações dos vocábulos escolhidos para apresentar a revista ao leitor e marcas linguísticas (negrito, caixa alta) que não se trata, simplesmente, de uma revista de tatuagem, mas de uma revista de arte, cultura e estilo, um magazine pra quem tem estilo, “pra quem não tem medo” ..., “pra quem não desiste dos seus desejos”...pra quem “mergulha no que deseja, vai fundo, volta à tona, mais pronta pra mergulhar de novo” (INKED, 2011, p.06). Esse lugar incomum é ratificado na edição doze¹⁴ - capa escolhida para apresentar esse trabalho - quando por intermédio de uma negação, ela reafirma uma nova posição para a prática da tatuagem e para o sujeito que se tatua. Nessa edição, a paráfrase isto **não é uma revista de tatuagem** da obra de Magritte (*Ceci n'est pas une pipe*) e analisada por Foucault na obra *Isto não é um cachimbo*, retoma o discurso da arte a fim de ratificar um novo lugar para tatuagem, diferente daqueles já abordados por outras revistas de *tattoo*, que é construído no interior da revista interdiscursivamente por meio do discurso da arte, da moda e da sensualidade.

¹² A materialidade sincrética mostra o lugar da Semiologia nessa pesquisa.

¹³ “Verdadeiro da época” é uma expressão Foucaultiana para tratar as dos discursos que circulam em uma época como verdade. (FOUCAULT, 2006)

¹⁴ Essa capa será melhor detalhada nas análises

Para dar credibilidade a essas novas significações para a tatuagem, a revista estampa na capa uma personalidade tatuada (cantor/a, atriz, modelo), deixando entrever a relação positiva entre a vida deles, sua posição sujeito, seu lugar de *status* social, seu corpo (seus desejos, sonhos, medos, realizações) e as suas *tatoos*.

Ao mergulhar nesse atravessamento da tatuagem com novas práticas discursivas (práticas desejantes pelos indivíduos de modo geral), a revista *Inked* se singulariza de outros periódicos que tratam da tatuagem. A diferença entre esse periódico e as demais revistas que tratam de tatuagem é acentuada pelo fato de que a *Inked* não se limita a apresentar desenhos, significados e formas de como se tatuar - revista-manual - para o tatuador ou candidato à tatuagem. Ela propõe, por meio da tatuagem, estilos de vida, modos heterogêneos de se constituir enquanto sujeito.

Não interessa para esse periódico apresentar desenhos de tatuagem em si e seus significados, mas os sentidos que são construídos a partir de suas relações com os sujeitos, suas histórias e o contexto sócio- histórico em sua volta.

A inserção desse periódico no mercado nessas condições de produção faz aparecer no cenário midiático uma proposta de discussão sobre a tatuagem, na perspectiva de ressaltar a prática ligada aos modos de subjetivação propostos pela mídia em discussão na contemporaneidade. Um lugar de *status* que faz parte de um conjunto de novas práticas para o corpo esteticamente bonito. Esse editorial aponta o sujeito tatuado sob um novo olhar, inserindo-o em um discurso verdadeiro da época, provocando um apagamento da ideia de marginalidade que durante muito tempo se perpetuou na sociedade civil em torno dessa prática. Nesse caso, a revista propõe que a relação da subjetividade como verdade seja buscada no interior dos discursos contemporâneos da estética, da arte, da moda e da sensualidade.

A escolha por uma materialidade de análise imersa na gama de produção dos discursos midiáticos pode ser justificada ainda com as palavras de Giddens (2002) e Kellner (2001). Eles dizem que a mídia, na contemporaneidade, é mediadora das experiências e lugar que tem o poder tanto de retratar a sociedade quanto de transformá-la, já Kellner (2001, p.79) salienta que estudar os discursos da mídia possibilita o estudo do homem na sociedade, visto que “as grandes batalhas desenvolvidas na sociedade se consomem nas telas e nos textos da mídia”. Ele narra ainda que os textos midiáticos

reproduzam ideologias políticas existentes, sejam conservadoras ou não, e, apresenta o fato de a mídia apresentar alguns filmes ou músicas expressando posições conservadoras, enquanto outros expressam posições “libertadoras” e radicais.

As representações e modelos de vida reproduzidos pelo discurso midiático vão constituindo a visão de mundo do indivíduo, o senso de identidade e sexo, consumando estilos e modos de vida, bem como pensamentos e ações sociopolíticas. (KELNER, 2001, p.82). Em sentido amplo, a mídia se apropria com frequência das práticas sociais (principalmente em torno das práticas corporais) e constrói uma verdade sobre nós mesmos, discursivizando normas para que sujeitos se enquadrem nos discursos propagados e prestem a atenção a eles próprios, procurando se decifram e se reconhecerem como sujeitos do desejo.

É nesse espaço de construção e transformação dos sujeitos propostos nos discursos midiáticos que se seleciona o *corpus*, pois se vê na mídia um sujeito em constante processo de construção, sendo marcado por movências discursivas históricas. Para analisá-lo, é preciso buscar, na dispersão enunciativa do *corpus*, as unidades onde se constituem as “regras de formação”, os sistemas de enunciabilidades. São marcas, unidades, posições, objetos de que se ocupam correlações enunciativas que põem em jogo estratégias que permitem analisar como são construídos os sujeitos tatuados na contemporaneidade. Trata-se de elementos, regularidades, que se formam, na dispersão do *corpus*, possibilitando tanto analisar como a mídia propõe e dissemina os sujeitos tatuados, como verificar se há em torno desses discursos um sujeito que resiste às coerções sociais e constrói para si mesmo um estilo próprio, um modo de ser e aparecer, diferente do proposto midiaticamente.

Para Foucault (2005), os discursos são dispersos, ou seja, formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade “*a priori*”, cabendo ao analista descrever essa dispersão, buscar as “regras de formação” que regem a formação dos discursos. Esse conjunto de elementos regulares que são formados a partir da dispersão enunciativa, para Foucault, dá-se o nome de formação discursiva, pois

[...] sempre que se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os

objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva (2005, p. 43).

As leis, que determinam uma formação discursiva, apresentam-se, pois, como um sistema de relações entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias. Todos esses elementos caracterizam a formação discursiva em sua singularidade, possibilitando a passagem da dispersão para a regularidade. Portanto, é pensando nas regularidades, que se formam na prática discursiva da tatuagem, que se analisa nosso *corpus*, levando em conta os enunciados na estreiteza e singularidade de sua existência, nas correlações com outros enunciados, nas relações de exclusão e inclusão proposto por um jogo de verdade, instituído no interior da revista *Inked*. Ou seja, a partir da *Inked*, buscam-se compreender os jogos discursivos e as regularidades inscritas no interior dos discursos que elaboram os sentidos que vão determinar os sujeitos tatuados nesse periódico.

Assim, direciona-se um olhar para a revista *Inked*, conforme propõe Milanez (2006, p.20), não como fonte de um discurso único, autêntico e inerte, mas enxergando-a

como suporte não somente de texto, mas de uma língua vibrante e oscilante, seduz materiais outros, fazendo irromper o Discurso e a História do nosso cotidiano. [...]. Ela faz da leitura um campo complexo de discursos, de vidas passadas e contos que ainda estão por vir, num entrecruzamento de tempo presente, passado e futuro.

Essa visão direciona essa pesquisa, ao apresentar a revista como lugar de produção discursiva onde é constituído, na interface da língua com a história e a memória, um recorte de dizeres para o sujeito. A ordem do discurso da revista faz circular uma vontade de verdade que coloca o sujeito tatuado no centro da discussão, promovendo transformações, estilos, identidades, produzindo práticas biopolíticas para o corpo tatuado que resultam em modos de subjetivação para o sujeito.

Entretanto, para compreender a emergência desses dizeres, faz-se necessário perceber suas regras de formação. Aplicar sobre ela a evidência de que a análise do campo discursivo “deve compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação”, determinar as condições de sua existência, fixar seus limites, estabelecer correlações com outros enunciados, “mostrar que outras formas de enunciação excluem e que enunciados o precedem e o seguem”. (FOUCAULT, 2004, p.110). Só assim, é

possível mergulhar na produção dos sentidos, dos saberes, dos poderes, das subjetividades e das verdades que emanam no discurso e constroem posições para o sujeito tatuado. Apresenta-se ainda, as palavras de Gregolin (2004, p.180) para dizer como será tratado nosso *corpus*, que é:

pensado como relacionamento de sequências discursivas singulares com seus feixes de memória, a abertura sobre um espaço interdiscursivo, ele não remete a um momento inaugural, a uma decisão definitiva, pois busca apanhar a singularidade dos acontecimentos discursivos, integra cumulativamente o linguístico e o discursivo.

A revista *Inked* apresenta uma materialidade linguística e imagética que completa as condições de existência da função enunciativa, uma vez que não se trata de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um batimento que coloca em jogo a discussão sobre o sujeito tatuado. Nesse jogo enunciativo, a materialidade sincrética é constitutiva do enunciado, ela não se define pelo espaço ocupado ou pela data, “mas por um *status* de coisa ou de objeto, jamais definitivo, mas modificável, relativo e sempre suscetível de ser novamente posto em questão”. (FOUCAULT 2004, p. 115). A prática da tatuagem se concretiza na materialidade da revista. A *Inked* faz circular enunciados dotados de efeitos de verdade, apresentando-os em uma rede de relações, rupturas, estratégias, deslocamentos que fazem os enunciados circularem, omitirem-se e reaparecerem em uma série de acontecimentos.

Acontecimentos que ressurgem mediante novas técnicas para o que se vem chamando de “culto ao corpo”. Para Fonseca-Silva (2007, p.209), a partir do século XX, com os avanços da indústria química, instaura-se uma nova ordem de poder-saber sobre o corpo, “espaço de inscrição de acontecimentos em que beleza e saúde estão associadas. Nessa ordem, a beleza deixa de ser um dom e passa a ser construção, atributo que se conquista por meio do governo do corpo, que passa a funcionar a serviço da indústria”. O corpo passa a ser superfície de acontecimentos marcados por práticas que o indivíduo encontra em sua cultura e que lhes são propostos, sugeridos e impostos sócio culturalmente.

O que se vê é que os cuidados com o corpo na atualidade passam por uma biossociabilidade, ou seja, “novas formas de sociabilidade surgidas da interação com as biotecnologias¹⁵ e a Medicina. “Na biossociabilidade, criam-se novos critérios de mérito

¹⁵ Tecnologias para direcionar, melhorar a vida das pessoas. (ORTEGA, 2008)

e reconhecimento, novos valores com base em regras higiênicas, regimes de ocupação de tempo, criação de modelos ideais de sujeito baseado no desempenho físico. ” (ORTEGA, 2008, p.31).

O autoaperfeiçoamento corporal tornou-se um significativo privilegiado por meio do qual os indivíduos expressam sua autonomia e constituem sua identidade. São biotecnologias que assumiram na forma de uma prática social e cultural nas quais se desenvolvem, também, receitas e procedimentos refletidos, aperfeiçoados e ensinados, formas de saberes com os quais os sujeitos se identificam ou não.

Nesse processo, os modos de subjetivação e a formação de identidades se dão mediante uma série de recursos reflexivos sobre o que somos e o que queremos ser, bem como por meio de práticas discursivizadas socialmente (em manuais, revistas, livros, propagandas, etc.) que propõem modos de ser para os sujeitos, pois as práticas adquirem mais poder quando acompanhado de um meio que o torne dirigível. E a revista *Inked*, estando inserida nesse meio de divulgação de formas de comportamento, dá oportunidade de se investigarem as estratégias discursivas que estão no “campo da batalha” do poder de normalização a que é submetido o sujeito tatuado.

Nesse jogo, seguindo os trajetos temáticos traçados, registra-se, ainda, que não se tem, sob hipótese alguma, a pretensão de respostas prontas e acabadas. O intuito é o de apontar alguns elementos de reflexão formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade ‘*a priori*’, mesmo porque a Análise do Discurso, em que se buscam ferramentas da análise, não permite um único e mesmo sentido, mas efeitos de sentidos que são construídos historicamente em práticas e formações discursivas específicas.

Analisar as formações discursivas é descrever os enunciados em suas especificidades, “a fim de apreender sua própria irrupção no lugar e no momento em que se produziu para reencontrar sua incidência de *acontecimento*” (FONSECA-SILVA, 2007, p.47), o que pressupõe como base de análise o método *arqueogenealógico*, condição de possibilidade para emergência daquilo que Rabinow e Dreyfus (1995), denominaram analítica interpretativa.

É nessa relação entre *corpus*, campo teórico e metodologia que essa pesquisa se desenvolve conforme etapas a seguir:

No primeiro capítulo, – *Construtos Teóricos* –, está exposta o lugar de historicização dos preceitos teóricos da Análise do Discurso, que subsidiarão a pesquisa. Aqui foram desenvolvidas algumas categorias analíticas basilares para o desenvolvimento das análises como práticas discursiva, saber, poder, verdade, sujeito, subjetivação, biopoder, biopolítica e governamentalidade, entre outras que estão intrinsecamente interligadas pelo método *arqueogenealógico*, bem como outras que advêm dos diálogos com outros campos teóricos como identidade.

No segundo capítulo, - *Breve excursão pela história da tatuagem no mundo* -, traça-se um panorama da história da tatuagem no Brasil e no mundo, a fim de compreender as mudanças e significações sócio-históricas em torno da prática da tatuagem em diferentes épocas e espaços.

Já no terceiro capítulo, - *Tatuagem, Corpo e Mídia* - aborda-se como, na pós-modernidade, a mídia discursiviza a prática da tatuagem e o corpo, indicando subjetividades e identidades, além disso, discorre-se como a tatuagem adentra na prática midiática brasileira na atualidade e que outros discursos ela retoma para dar visibilidades aos jogos enunciativos propostos.

E, no quarto e último capítulo - *Práticas de subjetividade e produção de identidade na revista Inked* -, produzem-se as análises, verificando como a revista **Inked** institui modos de subjetivação e produção da identidade a partir da prática discursiva da tatuagem.

E, por fim, o efeito de fim direciona-se a perceber que, analisando o sujeito tatuado midiático, em especial na revista *Inked*, não há mais uma identidade fixa na qual o indivíduo possa se reconhecer, é preciso traçar as brechas pela qual a singularidade entra em ação. Como afirma Le Breton (2004, p.188), “a prática da tatuagem constitui uma linguagem na qual cada sujeito codifica mensagens que lhe permitem significar pelo menos uma parte do que ele é”.

CAPÍTULO I

CONSTRUTOS TEÓRICOS

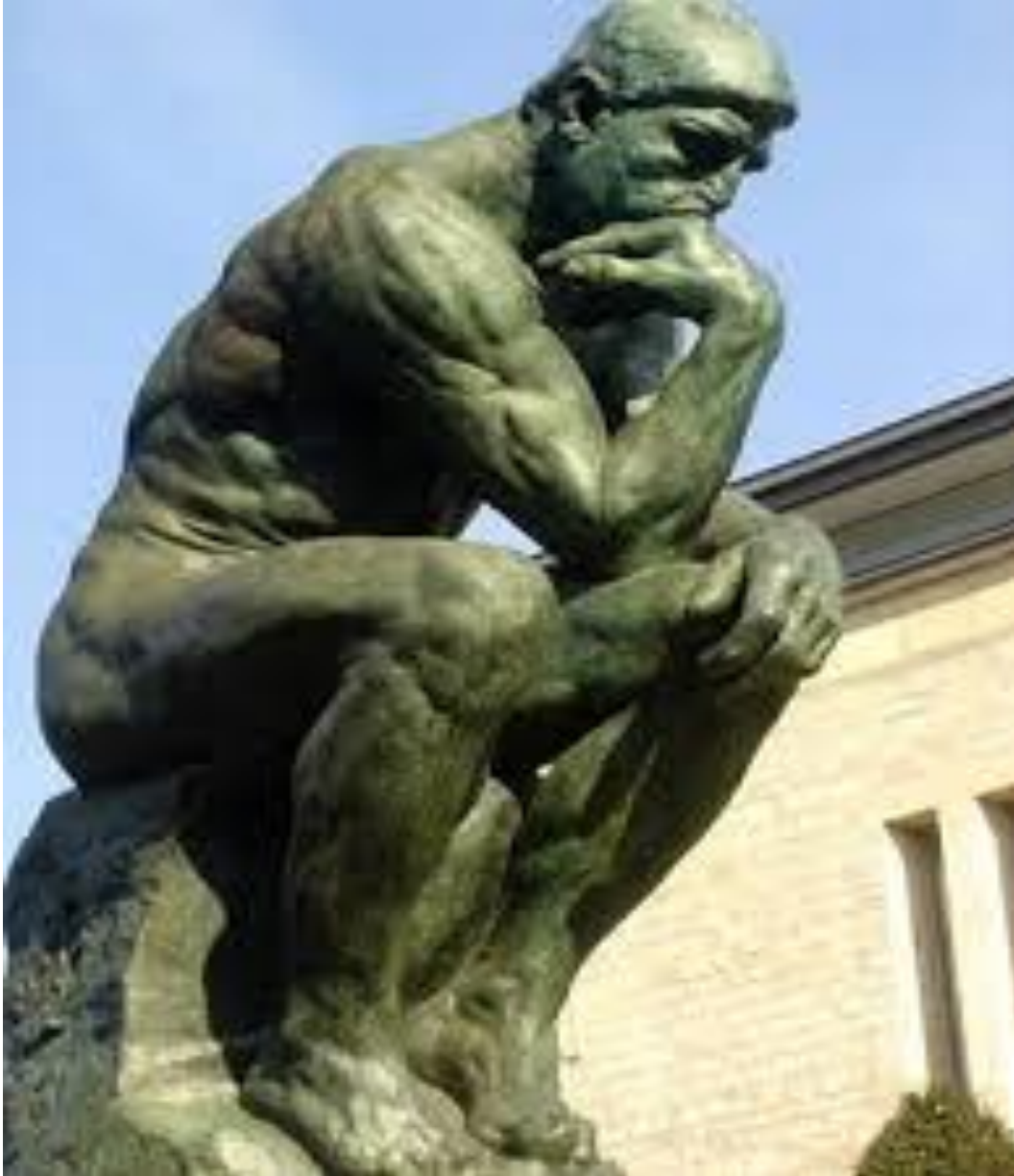


Figura 10 Pensador, escultura do escultor francês Auguste Rodin.

1.1 Análise do Discurso: lugar de referência e de novas possibilidades

Em um primeiro momento, gostaria de iniciar esse trabalho situando o lugar da Análise do Discurso, área do saber em que essa pesquisa se insere, respeitando suas diferentes trajetórias no Brasil, os principais teóricos balizadores de cada linha e as singularidades conceituais de cada grupo de pesquisa.

Nas palavras de Ferreira (2008, p. 33), “não se trata aqui de cultuar nomes, nem tampouco de destruí-los, pelo esquecimento, pela indiferença ou pelo ataque explícito” a Análise do Discurso, que foi fundada por Michel Pêcheux no final dos anos 60, período de efervescência política e intelectual francesa, estende-se até o início da década de 1980 com questionamentos, embates teóricos, reformulações, aberturas e encadeamentos com novas propostas. Percurso chamado por Pêcheux de “três épocas” (1997), que revelam as influências advindas dos pilares teóricos utilizados nem sempre de forma harmoniosa:

o que foi chamado de três épocas da análise do discurso por Pêcheux revela os embates, as reconstruções, as retificações operadas na constituição do campo teórico da análise do discurso francesa. O solo epistemológico precisou ser revolvido e as mudanças delineiam os debates teóricos e políticos que surgiram de crises que atingiram a reflexão sobre como se dá a articulação entre o discurso, a língua **o sujeito e a História** (GREGOLIN, 2004, P.60, *grifos da autora*)

Diferentemente do que ocorreu no Brasil, a Análise do Discurso se encerra na França com a morte de alguns autores, passando por uma gradativa “redisciplinização” e uma “re-territorialização”¹⁶ no Brasil (COURTINE, 2006).

Jean-Jacques Courtine, ao se referir à AD no Brasil, em sua conferência no I Colóquio Internacional em Análise do Discurso¹⁷, dizia com certo otimismo: “Para mim, ela não é uma ‘cópia e cola’ da AD na /da França; aqui ela se adaptou, criou outro corpo, outros métodos, outros objetos, re-territorializou-se, institucionalizou-se na chamada Análise do Discurso brasileira” (SCHERER, 2008, p. 135).

¹⁶Termo cunhado por Courtine (2006) para tratar do atravessamento que a AD fazia a outros campos disciplinares heterogêneos para deles emprestar e neles questionar objetos e conceitos, em especial com a Linguística e a História.

¹⁷I CIAD, Colóquio Internacional Em Análise do Discurso, Ufscar , São Carlos, 2010

Ao reutilizar o termo, Ferreira propõe à AD, uma gradativa territorialização a um campo disciplinar na atualidade. “Há na França uma AD inicial — de 60 a 80 — e outra AD, a partir dos anos 80 até agora” (2008, p.138), que se foi configurando a partir do desaparecimento dos nomes fundadores (Pêcheux, Althusser, Lacan, Foucault) e de suas motivações. O nome Análise do Discurso se mantém, mas o conteúdo é totalmente outro.

Hoje, os estudos em Análise do Discurso na França, mesmo tendo passado por retificações e reformulações, que foram inevitáveis no decorrer do tempo, na medida em que se pensava o objeto de análise (o discurso) a partir de acontecimentos históricos, sociais, culturais, não mantém nenhum vínculo com a história e a psicanálise como em sua origem, ela é “totalmente despolitizada, mais próxima da Sociolinguística e da Pragmática.” (FERREIRA, 2008, p.42)

No Brasil, essa teoria não teve o cunho revolucionário, politicamente engajado, constituída por militantes marxistas intervencionistas franceses. Ela aporta em nosso país preservando os fios que nos prendem a essa referência teórica, porém renovando caminhos próprios dentro desse espaço. De acordo com Ferreira (2008, p.40 – 41):

o que estamos buscando construir é uma Análise do Discurso própria sem submissão, mas com fidelidade referencial[...]. A teoria, nesse aspecto, encontra-se sempre em xeque, tendo seus limites redefinidos e reconfigurados, testados e discutidos pela atividade de seus seguidores. Aí está, talvez, em parte, uma das razões pelas quais a Análise do Discurso não se esvaziou no Brasil, como ocorreu na França. Aqui ela se mostra pulsante, sem receio de incorporar novas materialidades e sem estacionar nas questões e querelas que marcaram sua origem européia. [...]Diria que, no Brasil, estamos construindo a “aventura do discurso” a múltiplas vozes, como resultado de uma empreitada coletiva, que, por vezes, faz ecoar aqui e ali dissintonias, desconfortos... mas sem que isso chegue a nos fazer perder o rumo. Ser analista de discurso no Brasil hoje significa o empenho em demarcar os limites e as especificidades do quadro teórico, não deixando banalizar o aparato conceptual construído, nem diluir os procedimentos de análise sob a forma de modelos úteis de aplicação imediata. Significa manter presente a ideia de ruptura e de resistência, traços fundadores da teoria que estão na base de muitos dos conceitos com os quais ela opera e que a faz enfrentar as evidências da significação.

As palavras dessa autora vêm corroborar com a ideia de que os estudos em Análise do Discurso hoje no Brasil são diferentes daqueles realizados até meados da década de 80, porque saem de um lugar disciplinar que delimitava um campo de pesquisa, baseado na chamada “Análise do Discurso de linha francesa, cuja referência primeira é a obra de Michel Pêcheux, que cede lugar a uma gradativa mudança,

impulsionada por movimentos próprios ao desenvolvimento dos saberes na história” (GREGOLIN, 2008a, p.23)

Essas mudanças, ainda de acordo com a autora citada (2008), deram-se tanto no campo linguístico como discursivo. No campo da Linguística, a análise adentra ao nível do “texto e do discurso”; a partir dos estudos discursivos propostos por Bakhtin, Lévi-Strauss, Barthes, Greimas, e ainda, pela ampliação de estudos no interior da Análise do Discurso, que traz como referência os estudos de Pêcheux. Essa expansão de abordagens, no interior da AD, “derivam da heterogeneidade teórica que constitui o projeto da ‘AD francesa’, levando os trabalhos brasileiros atuais, por exemplo, a acentuarem seus diálogos com a psicanálise lacaniana e com a arqueologia foucaultiana. (GREGOLIN, 2008, p. 24). É a partir desses (des) encontros, “diálogos e duelos”, que, hoje, a Análise do Discurso se torna tão relevante para os trabalhos voltados para a articulação entre o discurso, a língua, o sujeito e a História.

O processo de desterritorialização, ocorrido principalmente a partir da década de 80 com a “abertura de novos horizontes teóricos” (BARACUHY, 2004), reverberou nas análises linguísticas no Brasil, momento de encontro com a Nova História, de aproximação com os domínios foucaultianos, do reconhecimento da heterogeneidade no interior dos discursos, ampliando as possibilidades de análises a partir de novos olhares e novas aproximações teóricas, como por exemplo, com os estudos foucaultianos, **Estudos Culturais**, **Semiológicos** e a **Sociologia** que se fazem tão necessários para se pensar a volatilidade dos discursos na contemporaneidade, mas sem negar as fontes, inserindo-os em suas teorias fundadoras.

No entanto, é importante salientar que nesse lugar fértil da AD, a existência dessa heterogeneidade não significa que “tudo que tome o discurso como objeto seja uma mesma análise do discurso”. (GREGOLIN, 2008a, p.25). As análises mudaram com a heterogeneidade do leque de materialidades que são objetos de interesse dos analistas de discurso brasileiros, dos gêneros literários até as produções cotidianas. Ferreira (2005) afirma que do campo verbal ao não verbal, passando pelos temas sociais (imigração, movimento sem terra, greves) e por diferentes tipos de discurso (religioso, jurídico, científico, cotidiano), ou por questões estritamente teóricas (autoria, sujeito do discurso, equivocidade da língua), a Análise do Discurso no Brasil, amadureceu, consolidou-se e garantiu seu lugar no âmbito dos estudos da linguagem, realizados pelas Ciências Humanas. Entretanto, “da matriz francesa, ficou o legado de Michel Pêcheux, “uma

relação de nunca acabar” o que ganhou, no Brasil, desdobramentos e deslocamentos importantes e decisivos para a manutenção ainda hoje desse campo teórico com o prestígio que desfruta entre nós”. (FERREIRA, 2005, p.21).

A Análise do Discurso, enquanto campo do saber, compreende que a análise precede a própria teoria (MALDIDIER, 2003) e tem como objeto de estudo, o discurso, lugar teórico em que se entrelaçam questões sobre a língua, o sujeito e a História. Esta, enfocada pela perspectiva da Nova História que se caracteriza pela descontinuidade, ruptura, limiar, limite, série, transformação.

É com a obra **Análise Automática do Discurso (AD69)** que Michel Pêcheux inaugura a AD, a qual vem questionar a epistemologia das ciências da linguagem por meio do corte saussuriano *langue/parole* que, ao definir como objeto de estudo a língua, deixa em suspenso o sujeito e a História, elementos que Pêcheux vê como marcas fundamentais na produção dos sentidos.

A obra inaugural da AD trouxe para o centro das discussões questões fundamentais sobre o texto, a leitura e o sentido. Nela se ligam todos os fios constitutivos de um objeto, à época, radicalmente novo: o discurso, que é diferente de texto, do esquema elementar de comunicação, da noção de fala e de enunciado, pois coloca o linguístico em articulação com a História. Esse novo objeto, desde a sua fundação, é pensado como sendo um processo determinado pelo tecido histórico-social que o constitui.

Pêcheux funde, em seu projeto teórico-metodológico, a língua, o sujeito e a História. Daí a necessidade de a AD organizar seu quadro teórico em torno do que Pêcheux vem chamar de tríplice entente – Saussure, Marx e Freud. Saussure (relido por Pêcheux), Marx (relido por Althusser) e Freud (relido por Lacan). Uma teoria semântica da Linguística, para explicar os processos de enunciação, uma teoria marxista da História, para investigar os fenômenos das formações sócio ideológicas e uma Teoria do Sujeito, para mostrar a relação dele com o simbólico. (GREGOLIN, 2004)

Embora esses três campos do saber já estejam esboçados no projeto inicial de Pêcheux, é, apenas, em 1975 com o artigo publicado, juntamente com Catherine Fuchs, *A propósito da Análise Automática do Discurso*, que ele define o quadro epistemológico da AD, situando-a no campo de entremeio entre três regiões do conhecimento: O

Materialismo Histórico; a Linguística e a Teoria do discurso. As três regiões atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica.

A articulação dessas três regiões do conhecimento científico, segundo Gregolin (2003), foi significativa para a definição do quadro epistemológico da AD: a forma material do discurso, por exemplo, é, simultaneamente, linguístico-histórica, pois só produz sentido quanto situado historicamente; a forma-sujeito do discurso é ideológica, não psicológica, posto que atravessada pela ideologia e pelo inconsciente. Na ordem do discurso, há o sujeito na língua e na História; o sujeito é descentrado, ele pensa que é fonte de seu dizer, mas o sentido é um “já-lá”, “um já-dito”, um pré-construído.

Para Gregolin (2004), os “diálogos e duelos” que são construídos dentro deste campo teórico, levam a compreender como se articulam as especificidades em torno dos discursos, sujeitos, sentidos e suas transformações no decorrer da história.

Posteriormente, as propostas de Pêcheux vão- se aproximar de outros fundadores, delineando novas trajetórias para a Análise do Discurso. Esta fase se caracterizou pela confluência das ideias de Pêcheux com outros pensadores. Ele relê Bakhtin, aproxima-se das ideias de Foucault, por meio de Jean-Jacques Courtine e sofre influência dos teóricos da Nova História.

De Michel Foucault vem a problematização da ciência histórica, suas descontinuidades, sua dispersão, trazendo para a AD, a reformulação do conceito de formação discursiva (da qual derivam vários outros conceitos como: interdiscurso; memória discursiva; práticas discursivas etc.) que foi retificado por Pêcheux (abandonando a ideia de luta de classes) e ampliado sob a égide da heterogeneidade, assinalando a presença-ausência de um não dito que atravessa constitutivamente o dito, acentuando o primado do discurso-outro, (“outras FDs”), “o outro no mesmo”. A influência de Foucault trouxe preocupações que permearam a AD francesa como relações entre saberes e poderes, memória discursiva, função enunciativa, prática discursiva, a ordem do discurso, sujeito. Segundo Gregolin, (2008, 30) não é possível recusar o lugar desse teórico na AD, pois negá-lo é deixar de lado conceitos essenciais, assim como não se debruçar sobre textos posteriores a 1975, como “os do próprio Pêcheux, como os dos historiadores do discurso (Guilhaumou, Maldidier, Robin etc.) e os de J.J. Courtine (1981; 2006) ”, tendo em vista que neles se esboçam conceitos analíticos em que se entrecruzam pensamentos e ideias foucaultianas.

Dos teóricos da Nova História, como Michel de Certeau, Jacques Le Goff, desponta a reflexão sobre a escrita da história, a emergência das resistências, levando Pêcheux a deslocar-se da análise dos discursos políticos, na materialidade escrita, para encontrar outros universos “não logicamente estabilizados” (PÊCHEUX, 2006) como os discursos do cotidiano. O livro de Michel de Certeau, **A invenção do cotidiano** (1980), que acabara de aparecer, colocava questões cruciais, deslocando o objeto de estudos dos discursos escritos-legitimado-oficiais para os registros dos diálogos, réplicas narrativas, histórias cômicas, provérbios, aforismas..., ele parecia oferecer à análise de discurso o objeto que ela procurava. ” (MALDIDIER, 2003, p. 81).

Essas reflexões e deslocamentos levam Michel Pêcheux, em seus últimos textos, a preferir falar em “análise de discurso” à fórmula tradicional “análise do discurso”. (GREGOLIN, 2003). Ele começa a compreender os discursos a partir de traços discursivos que constituem um espaço de memória. A existência discursiva se dá na relação com o exterior que configura sua lei de aparição.

Esse encontro da AD francesa com os novos pensadores, segundo Gregolin (2001), é visto na obra de Pêcheux **Discurso: estrutura ou acontecimento**, a partir de dois universos discursivos: os logicamente estabilizados e os não estabilizados. A Análise do Discurso adota como objeto de análise os discursos não estabilizados. Isso ocorre devido a essa teoria reconhecer que a condição essencial da produção e da interpretação reside na existência de um sujeito não empírico, não individual, que fala a partir de “posições sociais” inscritas em um dado momento sócio- histórico, e não no domínio individual do sujeito psicológico.

Para Pêcheux (1997), o sujeito, ao dizer nos processos discursivos, representa-se de modo disperso, posto que esteja inserido em lugares diversos na estrutura de uma formação social. Essa representação - posições sociais- dá-se mediante formações imaginárias, reguladas por regras sociais de projeção. São, nessa projeção, que os sujeitos se identificam com seu lugar, sua cultura, seus costumes, seus valores e com as formações sócio ideológicas a que se filia seu discurso.

Para essas mudanças epistemológicas no campo da AD, muito contribuíram as ideias expressas por Michel Foucault em **A Arqueologia do saber**, livro publicado em 1969. Nessa obra, Foucault sistematiza uma série de conceitos determinantes para a análise discursiva. De acordo com Gregolin, (2007a, p.15), por esse texto ter esse caráter

de revisão teórico-analítica, desenha um vasto campo de formulações no interior das quais se pode pensar uma teoria do discurso. Ele propõe que:

- a) o discurso é uma prática que provém da formação dos saberes e que se articula com outras práticas não discursivas;
- b) os dizeres e fazeres insere-se em formações discursivas, cujos elementos são regidos por determinadas regras de formação;
- c) o discurso é um jogo estratégico e polêmico, por meio do qual se constituem os saberes de um momento histórico;
- d) o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam (quem fala, fala de algum lugar, baseado em um direito reconhecido institucionalmente);
- e) a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam a determinar aquilo que pode ser dito em certo momento histórico.

É a abertura a novas propostas, em especial as de Foucault em torno do discurso, que dá espaço para Pêcheux pensar o discurso em sua condição de estrutura e acontecimento. Fato registrado na obra **Discurso: estrutura ou acontecimento?** Quando Pêcheux assume que o discurso é da ordem da estrutura (língua) e do acontecimento (história). Diz o autor:

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente de redes de memória e de trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desconstrução reestruturação dessas redes de trajetos: todo discurso é índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho de deslocamento no seu espaço. (PÊCHEUX, 2006, p.56)

No quadro dos estudos da AD francesa, Gregolin (2008a) salienta que, se num primeiro momento, a Análise do Discurso fundamentava-se muito mais pela ideia de discurso como estrutura (sistema da linguagem como conjunto de regras que sustentava as análises discursivas), o que justifica as análises iniciais em suas relações parafrásticas; a partir da década de 80, surge a necessidade de repensar o funcionamento das práticas discursivas, “*de admitir a existência do equívoco*” como fato estrutural (grifo da autora).

De acordo com Gregolin (2006, p. 25), esta foi a última obra de Pêcheux. Ela surge primeiramente como conferência que Pêcheux ministra na Universidade Illinois, em 1983, publicada nas atas do evento. A tradução brasileira só foi publicada quatorze anos depois com o título **Discurso: estrutura ou acontecimento?**

Nessa obra, o fundador da AD “faz uma reflexão sobre a natureza, as tarefas e os métodos da análise de discurso” (*ibidem*, p. 25). Ele analisa as mudanças provocadas pela midiatização a partir do enunciado “*On a gagné*” (“Ganhamos”) pronunciado pelo povo após a vitória de F. Mitterrand para presidente da França no dia 10 de maio de 1981, às 20 horas e alguns minutos, no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória, entrecruzando três balizas que são caras à área da AD: o acontecimento, a estrutura e a tensão entre descrição e interpretação.

Pêcheux analisa o enunciado a partir de um acontecimento histórico: a eleição presidencial que dará origem ao acontecimento discursivo que, posteriormente, será retomado pela mídia na voz de vários enunciadores e irá retomá-los, deslocá-los, recolocá-los em “seu contexto de atualidade e espaço de memória que ele convoca e reorganiza.” (PÊCHEUX, 2006, p.19).

O que chama a atenção de Pêcheux neste enunciado (*On a gagné*) é o fato de ele não ter nem conteúdo, nem forma, nem estrutura enunciativa de discurso político. Ele “constitui a retomada direta no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos torcedores de uma partida esportiva cuja equipe acaba de ganhar.” (PÊCHEUX, 2006, p.21).

Conforme Gregolin (2008a), isso leva Pêcheux a associar essa singularidade a uma mudança da política provocada pelos meios de comunicação, entendendo essa peculiaridade como uma mudança provocada pela “espetacularização da política” na mídia, que transforma tanto o aspecto material quanto o aspecto semântico dos enunciados políticos.

Ao se deslocar do campo esportivo para o campo político, o enunciado remete a um conteúdo sócio-político, opaco. Tal opacidade, segundo Pêcheux (2006, p 45), inscreve-se no jogo oblíquo de suas dominações, os enunciados parafrásticos: “F. Mitterrand é eleito presidente da república francesa”; “a esquerda francesa leva a vitória eleitoral dos presidenciáveis” e “a coalizão socialista-comunista se apodera da França”, remetem ao mesmo fato, mas não constroem as mesmas significações.

O acontecimento político é produzido midiaticamente como uma vitória esportiva. A produção de sentidos se dá no momento da enunciação a partir do acontecimento, de um fato histórico particular. Entra em jogo um conjunto de relações entre a memória e o esquecimento, isto é, as formulações-origem transformam-se, escondem-se, para reaparecerem mais adiante, ligados ao acontecimento à sua volta.

Gregolin (2004) diz que, na ótica de Foucault, os discursos devem ser analisados a partir dos jogos enunciativos, levando em conta que o enunciado, unidade de análise, tem margens povoadas por enunciados, constitui-se pela série de outras formulações, relaciona-se com enunciados anteriores, mas também, faz emergir enunciados ulteriores. São constituídos, simultaneamente, pela singularidade e pela repetição. O próprio Foucault (2005) considera que o enunciado é constituído pela série de outras formulações no interior das quais se inscrevem, das formulações a que se refere (implicitamente ou não) seja para repeti-las, seja para modificá-las, ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas; por isso, não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados.

Corroborando com as ideias de Foucault, Pêcheux (2006, p.53) aponta que as novas práticas de leitura, feitas no espaço da análise do discurso, devem levar em conta que toda descrição está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua; “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de torna-se outro, diferente de si mesmo, se desloca discursivamente de seu sentido para um outro”. Isso porque todo enunciado só produz seus efeitos de sentido a partir do acontecimento em sua volta.

Nesse caso, o deslocamento de um enunciado esportivo para o campo político só é possível devido aos pontos de deriva possíveis, ou seja, um mesmo enunciado oferece diferentes significações a partir de seu contexto de enunciação. Isso significa que a relação entre o dizer e a produção de “verdade” é um fato sócio- histórico.

Pêcheux (2006) estuda a materialidade enunciativa e seu deslocamento do campo esportivo para o político para tratar da estabilização dos sentidos. A materialidade enunciativa “*on a gagné*”, embora não funcione como proposição estabilizada, ao se deslocar para o político-esportivo, passa a ser, pois não se pergunta em uma partida de futebol o que ganhou ou quem ganhou o quê, tornando-se aparentemente inequívoco.

Ao tratar desse assunto, Gregolin (2006) salienta que Pêcheux mostra com essa análise que o enunciado “*On a gagné*” é opaco em sua materialidade léxico-sintática,

porque tem marca aspectual de acabado (*on* = pronome indefinido no lugar de sujeito) e seu complemento é vazio (ao omitir o que se ganhou), mas se tornou evidente pelo trabalho discursivo da mídia que o fez emergir em uma rede de relações associativas e uma série heterogênea de enunciados.

Os efeitos de sentido ocorrem a partir da relação entre a materialidade e o acontecimento, isto é, a descrição linguística e a interpretação devem ser simultâneas, em uma espécie de batimento entre uma materialidade (verbal ou não verbal), e um fato histórico situado em um determinado espaço e tempo. Para a Análise do Discurso, a materialidade e o acontecimento são inseparáveis, ou seja, não existe de um lado a língua (estrutura) e do outro a história (acontecimento), ambas devem definir as condições nas quais se realizou um determinado enunciado.

Pêcheux reconhece o discurso como uma série de acontecimentos que pertencem a diferentes redes. Ao evidenciar o jogo metafórico em torno de “*on a gagné*”, sobredetermina o acontecimento e sublinha sua equivocidade. “Esse caráter heterogêneo do enunciado insere o discurso na História”; os sentidos, por sua vez, são sempre eivados pela fala do outro que os atravessa e, por isso eles se produzem no cruzamento entre uma atualidade e uma memória. (GREGOLIN2006, p.30).

Nesse percurso, percebe-se a influência das propostas da **Arqueologia** de Foucault, quando Pêcheux afirma que essa equivocidade faz o enunciado emergir em “uma rede de relações associativas implícitas” ligadas a um acontecimento. Assim, considera-se que a noção de acontecimento é central também para Pêcheux, visto que se apresenta como a definição para a qual se abrem as problematizações na década de 1980.

Foucault (2005) prevê a centralidade do acontecimento, ao considerar que um enunciado é sempre um acontecimento, na medida em que sua análise não pode ser reduzida à língua, ao sentido e ao referente, insistindo que, para análise, é preciso restituir ao enunciado a singularidade do acontecimento, tratá-lo em sua irrupção histórica.

Ampliando ainda mais esse conceito, a noção de acontecimentalização, cunhado por Foucault (2003: p. 339), leva a pensar a singularidade dos enunciados:

procuro trabalhar no sentido de uma “acontecimentalização”. Se o acontecimento foi, durante um tempo, uma categoria pouco avaliada dos historiadores, pergunto-me se, compreendida de uma certa maneira, a “acontecimentalização” não é um procedimento de análise útil. O que se deve entender por “acontecimentalização”? Uma ruptura absolutamente evidente,

em primeiro lugar. Ali onde se estaria bastante tentado a se referir a uma constante histórica, ou a um traço antropológico imediato, ou ainda a uma evidência se impondo de uma mesma maneira para todos, trata-se de fazer surgir uma “singularidade”. Mostrar que não era “tão necessário assim”; não era tão evidente que os loucos fossem reconhecidos como doentes mentais; não era tão evidente que a única coisa a fazer com um delinquente fosse interná-lo; não era tão evidente que as causas da doença deversem ser buscadas no exame individual do corpo etc. Ruptura das evidências, essas evidências sobre as quais se apóiam nosso saber, nossos consentimentos, nossas práticas. Tal é a primeira função teórico-política do que chamaria ‘acontecimentalização’.

De acordo com Pereira (2013, p.34), Pêcheux propõe o discurso como estrutura e acontecimento, na medida em que vê a necessidade de se pensar na interdiscursividade, de acolher como objeto de análise, as relações entre o intradiscurso e o interdiscurso, opondo-se à perspectiva anterior de determinação “*a priori*” do acontecimento pelas relações que um estado de luta de classes seria capaz de estruturar. O acontecimento emerge no interior do discurso, em um espaço de memória que vem singularizar e determinar os sentidos em sua emergência.

Esta autora salienta ainda que o trajeto teórico de Pêcheux foi marcado por idas e vindas, ao dizer que “a possibilidade de analisar os sentidos, a partir de um efeito de memória parte de várias reconfigurações e transformações pelas quais passaram suas ideias e têm culminado com a incorporação da noção de acontecimento”, a qual para Pêcheux (2006) passava a significar ponto de encontro entre uma memória e uma atualidade, fazendo surgir novos delineamentos na continuidade teórica da AD.

Ao se afastar das ideias de Althusser, dos dogmas marxistas e ao se aproximar das ideias foucaultianas e dos historiadores da Nova História, Pêcheux reconhece que é chegada a hora de quebrar os espelhos¹⁸ (PECHEUX, 2009, p.26), pois pensar a centralidade do linguístico – o discurso em sua homogeneidade parafrástica - não mais cabia em uma sociedade plena de heterogeneidades: “era chegada o tempo de incorporar análise à ‘língua de vento’ da mídia, ao discurso ordinário, às novas materialidades do mundo pós-moderno que se concretizavam no discurso” (GREGOLIN, 2004, 155).

¹⁸Em prefácio intitulado “O estranho espelho da análise do discurso”, escrito para publicação da tese de Courtine (1981), “Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos”, Pêcheux sinaliza a necessidade de mudar, havia chegado a hora de “quebrar os espelhos”. No primeiro momento, Pêcheux estava fortemente influenciado pelas questões que o ligavam ao Partido Comunista Francês, entretanto, com a separação que se instala entre ciência e política que dominaram as primeiras fases da AD, a visão se amplia para perceber que a teoria vai além das causas políticas e o cotidiano deve ser o foco principal. Esse sentimento é efeito da crise do marxismo e resultado do abandono da visão de formação discursiva como campo homogêneo.

Não alheio a essas transformações, Pêcheux, a partir de 1980, redesenha os caminhos que a análise do discurso deveria tomar a partir de então, trabalhando o discurso sob o signo da heterogeneidade. O divisor de águas para as retificações, ampliações e novos construtos teóricos se dá com o “Colóquio Materialidades Discursivas”, organizado em abril de 1980 em Nanterre. Segundo Gregolin (2004) aquele era o sinal de um novo momento.

Tais mudanças são evidentes nos textos de Pêcheux, publicados de 80 a 83 como “**Delimitações, inversões e deslocamentos**” (1981). Neles o fundador da AD afirma que o poder na sociedade da mídia trabalha com os aspectos – “o olho é mais crível que o ouvido diferentemente de um enunciado, uma imagem não tem alhures, não se pode aplicar a ela uma transformação negativa ou interrogativa” (PÊCHEUX, 1990, p.24). Também no texto “*O papel da memória*” (1983), ele tematiza, não mais a imagem legível na transparência, mas inserida em uma rede de reformulações nas quais ela se insere. Nesse texto, segundo Gregolin (2011) Pêcheux dialoga com o texto de Jean Davallon (“A imagem, uma arte da memória”), quando deixa pistas e indicações para pensarmos a relação da Análise do Discurso com a Semiologia. Numa leitura entrecruzada desses textos, surge, segundo Gregolin (2011) a questão: “*Quais transformações a midiatização da memória traz para as realizações sociais?*”. As mudanças no interior da Análise do discurso são ainda visíveis em sua obra **Discurso: estrutura e acontecimento?** (1983) como já explanamos anteriormente.

O quadro epistemológico da AD é complexo e mantém uma relação tensa entre as noções que o integram. A cada análise, as categorias analíticas são escolhidas, conforme direciona o *corpus* e o objetivo, o que não impede que a Análise de Discurso se singularize enquanto forma de conhecimento sobre a linguagem, pois sua estrutura e interpretação se distinguem das demais áreas por seu aparato teórico, seu método de análise e sua prática.

Em meio a tantas transformações e redefinições, abre-se espaço para diálogos com outros campos teóricos no interior da análise dos discursos do cotidiano, como por exemplo, os estudos foucaultianos, proporcionando o método *arqueogenealógico*, considerando suas relações com fatores internos e externos aos discursos como constituintes do mesmo, bem como o campo dos Estudos Culturais para se pensar a identidade na pós-modernidade, os estudos da Sociologia em torno do corpo, a fim de pensar como na contemporaneidade o sujeito é marcado por técnicas corporais e o

campo da Semiologia, este nos dando a oportunidade de analisar a natureza sincrética dos discursos cujas materialidades fundem o verbal e o não verbal.

É nesse limiar das movências teórico-metodológicas, que se desenvolve essa tese, pensando a partir de uma analítica em que entre em jogo, o sujeito, o corpo, a identidade, as relações de poder, a história. Reconhecendo a heterogeneidade teórica que emerge no campo da Análise do Discurso, passa-se a seguir a discussão sobre o método que embasa esse estudo; *arquegenealógico* foucautiano, bem como algumas categorias analíticas que contribuem para uma análise discursiva.

1.2 As contribuições de Michel Foucault para os estudos discursivos

1.2.1 O método *arquegenealógico*

Em busca de se alcançar o objetivo proposto nesse trabalho, vê-se a necessidade de adoção do método *arquegenealógico* foucaultiano, que conforme Fonseca-Silva (2007), constitui-se pelos estudos desenvolvidos por Foucault nas fases arqueológica e genealógica. A autora lembra que o mestre francês, ao criar uma história de diferentes modos de subjetivação do ser humano em nossa cultura, constitui uma *arquegenealogia* do sujeito, dividido em três domínios: ser-saber, ser-poder e ser-si.

Nesses três domínios – do saber, do poder e da ética, o sujeito é histórico, sendo constituído por acontecimentos discursivos epistêmicos e práticos. Em **A História da loucura na Idade Clássica** (1961); **O nascimento da Clínica** (1963); **As palavras e as Coisas** (1966); **A Arqueologia do saber** (1969); e em **A ordem do discurso** (1971), Foucault problematiza questões do sujeito em sua relação com o ser-saber e inaugura o primeiro momento de seus estudos arqueológicos. Nesses estudos, ele privilegia dois recortes da cultura européia ocidental: a episteme clássica (séculos XVII – XVIII) e a episteme moderna (séculos XIX –XX), buscando analisar que tipos de questões, de conceitos e conhecimentos perdem sentido e que outras maneiras de pensar tomam seu lugar, mostrando a descontinuidade da História. Ele entende que “não se pode ir da Idade Clássica a Modernidade em uma linha reta” (FOUCAULT, 2005, p. 83).

Em **História da Loucura** abordou as práticas disciplinares que objetivaram o sujeito são/louco/doente; em **As palavras e as coisas** (1966), ele tratou das práticas

discursivas que objetivaram o homem como sujeito falante (Filologia e Gramática), ser produtivo (Economia Política) e ser vivo (Biologia) (GREGOLIN, 2008a, p.91).

Na obra, em **A Arqueologia do Saber** (1969), Foucault sistematiza teoricamente seu projeto, fazendo uma revisão das pesquisas por ele realizadas em diferentes momentos e por diferentes instrumentos, mas com pressupostos críticos que se articulam. Conforme Fonseca-Silva (2007, p.39), nessa época ele explicita as categorias que fazem funcionar “seus estudos arqueológicos, para descrever e fazer análise conceitual da construção e formação dos diferentes saberes”. Para Foucault (2005, p.28), “é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimento”. A questão, de acordo com esse autor, é saber segundo que regras, os enunciados se submetem na descrição do acontecimento do discurso, ou seja, o que permitiu determinado enunciado e não outro em seu lugar. Trata-se de compreender o enunciado:

na estreiteza e singularidade de sua intenção; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer correlações com outros enunciados a que podem estar ligadas, de mostrar que outras formas de enunciação excluem. Não se busca, sob o que está manifesta, a conversa semi-silenciosa de outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. (FOUCAULT, 2005, p. 31-32).

Para o autor, o enunciado é um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar, pois se, por um lado, está ligado a um gesto de escrita ou à articulação da palavra, por outro, abre a existência a outros enunciados que o precedem e o seguem. O enunciado é único, mas está aberto à repetição e transformação. Para Foucault (2005, p. 97 -98) o enunciado:

não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem; não se apoia nos mesmos critérios; mas não é tampouco uma unidade como um objeto material poderia ser, tendo seus limites e sua independência. Em seu modo de ser singular (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material), ele é indispensável para que se possa dizer se a frase está correta (ou aceitável, ou interpretável), se a proposição é legítima e bem constituída, se o ato está de acordo com requisitos e se foi inteiramente realizado. [...] o enunciado não é uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir

da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem de que são signos, e que espécie de ato se encontram realizados por sua formulação (oral ou escrita).

Dessa forma, o enunciado não está no mesmo nível de frase, da proposição ou do ato de linguagem. Embora se apoie em uma materialidade, um suporte e uma data, é preciso que haja uma função enunciativa que cruze um domínio de estruturas e unidades possíveis, fazendo com que apareçam conteúdos reais no tempo e no espaço se oferecendo a modificações possíveis. (FOUCAULT, 2005).

Como função de existência, o enunciado tem um sujeito, mas não um sujeito gramatical da sintaxe, ou idêntico ao indivíduo autor da formulação, que vive no tempo sem esquecimentos e sem rupturas. O sujeito do enunciado, de que trata Foucault, é determinado por um lugar, por uma posição-sujeito que, pode ser ocupada por diferentes indivíduos sob certas condições. Tomando-se, por exemplo, a imagem da tatuagem da carpa¹⁹ em diferentes momentos e espaços, sob diferentes condições de produção, vê-se que ela vai mudar de sentido e, conseqüentemente de sujeito, de acordo com o campo associativo em que ele aparece. Nas palavras de Foucault (2005, 107), o sujeito do enunciado é:

uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, diferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos.

No enunciado: *Que horas são?*, a posição-sujeito vai variar, dependendo de quem enuncia. Ele pode ser dito por um professor ao chegar à sala de aula, por um aluno em

¹⁹A Carpa chinesa é uma das tatuagens mais comuns e procuradas no Brasil tanto pelo seu significado quanto pela sua beleza. De acordo com lendas, a Carpa chinesa nada rio acima em direção a uma ponte ou portão do céu, onde é transformada em um dragão. A tatuagem de Carpa simboliza sorte, força, poder, ambição e individualidade. Na cadeia simboliza chefes do crime. (COSTA, 2011).

final de aula, por um cliente na fila do banco, etc. O sujeito vai ser determinado por um lugar, pela posição sujeito.

Um mesmo dizer pode ter vários sentidos e vários sujeitos, na medida em que se relacionam com outras proposições, outras funções enunciativas desempenhadas “Essa função é determinada por um lugar cuja dimensão caracteriza toda formulação enquanto enunciado”. (FONSECA-SILVA, 2007, p.45). Em outras palavras, ele entra em redes, coloca-se em campos de utilização, oferece-se a transformações e a modificações, incorpora-se em diferentes campos associativos, onde sua identidade pode manter-se, mudar ou apagar-se. Para Foucault (2005), esse conceito se insere na ordem das contestações e das lutas enunciativas, “torna-se tema de apropriação ou rivalidade”. Daí que, para descrevê-lo, é necessário descrever sua função enunciativa. E mesmo o enunciado sendo povoado de outros dizeres, diferente em sua forma, disperso no tempo, forma um conjunto quando se refere a um único e mesmo objeto. Tem-se aí, de acordo com Foucault (2005), a noção de *formação discursiva*.

A Arqueologia do Saber define que a formação discursiva (FD) é a própria lei de coexistência dos enunciados, isto é, o princípio de *dispersão* e de *repartição*²⁰ deles, “o regime geral ao qual obedecem aos diferentes modos de enunciação, a distribuição possível das posições subjetivas e o sistema que os define e prescreve” (GREGOLIN, 2004, p.91). Nela se encontra o discurso, o sujeito e o sentido.

Dessa forma, a regularidade dos enunciados é definida pela FD, visto que ela tem suas próprias regras que liberam e delimitam o campo e as condições do discurso que constituem a fonte do sentido e o lugar de dispersão do sujeito. Foucault (2005, p.132) salienta que [...] da mesma forma que “uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo”, um enunciado pertence a uma formação discursiva, sendo que enquanto a regularidade da frase é definida pelas regras linguísticas e a de uma proposição pelas leis da lógica, a regularidade dos enunciados é definida pela própria formação discursiva, ou seja, as dimensões próprias de enunciado são utilizadas na demarcação de uma formação discursiva e o campo das relações interdiscursivas que a caracteriza é o lugar de onde as simbolizações e efeitos de sentidos podem ser percebidos e determinados.

²⁰Descrever um conjunto de enunciados no que ele tem de singular é descrever a dispersão desses sentidos, detectando uma regularidade, uma ordem em seu aparecimento, ou seja, encontrar uma singularidade no sistema que é próprio dos enunciados; formas de repartição e sistema de dispersão. (Foucault, 2005,)

Estabelecidas as definições em torno de enunciado e formação discursiva, Foucault (2005, p.61) define o discurso. Primeiramente, ele o define em sua relação com o sujeito e salienta que o discurso não é a manifestação oral ou escrita de um sujeito empírico, que conhece e que o diz: ao contrário, é um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos, é “um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade”.

Em um segundo momento, o autor argumenta que o discurso é “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoia na mesma formação discursiva”:

Ele [...] é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. [...] é, de parte a parte, histórico – fragmento da história – unidade e descontinuidade da própria história, que coloca os problemas nos seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade (FOUCAULT, 2005, p.132 -133).

Em suma, o discurso é um conjunto de enunciados, que tem suas leis de formação em uma mesma formação discursiva. Isso pressupõe que os discursos devam ser analisados a partir das condições do exercício da função enunciativa, o que implica, necessariamente, a ideia de prática discursiva. Esta define as condições para que tal enunciado apareça, em determinada época, de uma forma e não de outra. Segundo Gregolin, (2004) “com a ideia de prática discursiva, Foucault propõe uma análise que persiga a movimentação dos enunciados, em sua movência nos atos praticados por sujeitos historicamente situados”. Nesse sentido, o enunciado é finito, limitado, desejável, útil e tem suas regras de aparição e de utilização.

Para designar as regularidades enunciativas de uma prática, faz-se necessário as noções de regra e regularidade. Foucault (2005, p.146 - 147) denomina de “*a priori histórico*”, o conjunto de regras que caracteriza as práticas discursivas, fazendo aflorar “sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo suas condições e seu domínio de aparecimento)”. Segundo Fonseca – Silva (2007, p.49):

a arqueologia proposta por Foucault tem por objetivo descrever os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo, pois o interesse é pelo já

dito ou pelo enunciado no nível de sua existência, considerando a função enunciativa que nele se exerce, a formação discursiva a que pertence e o sistema geral de arquivo de que faz parte.

O método *arqueológico*, descrito por Foucault em 1969 no livro **A Arqueologia do Saber**, descreve a partir das práticas discursivas, os enunciados em sua emergência enunciativa, ou seja, o que permitiu que se dissesse tal enunciado em tal lugar e momento específicos: “O método arqueológico percorre o eixo prática discursiva e encontra o ponto de equilíbrio de sua análise no *saber*”, o que implica a relação com o poder. (GREGOLIN, 2004, p.96).

Foucault destaca a necessidade de compreender as posições dos indivíduos diante dos saberes e como essas posições influenciam o poder, a inclusão, a exclusão, a razão e a consciência. Segundo Machado (1995), na fase genealógica, nosso filósofo francês começa a explicar o aparecimento dos saberes a partir de condições de possibilidade externas aos próprios saberes, articula-se ao saber suas relações com os poderes.

A relação do sujeito com o saber- poder é explicitada nas obras **A ordem do discurso**, **Vigiar e Punir** (1971) e **a História da Sexualidade I** (1976), mas é no artigo **Nietzsche, a genealogia e a História** (1971), escrito em homenagem a Jean Hypollite, que Foucault apresenta suas bases para os estudos genealógicos. Essas bases podem ser constatadas em outras obras de Foucault que não nos convém aqui explanar, como por exemplo, “*A Verdade e as formas jurídicas*”²¹ (1974). De acordo com Fonseca-Silva (2007, p.62), “nos trabalhos denominados genealógicos os saberes são considerados peças de relações de poder, ou seja, a questão do poder é considerada como instrumento de análise que pode explicar a produção dos saberes”.

Em **Vigiar e punir: nascimento da prisão** (1975), Foucault desenvolve uma crítica à concepção do poder soberano, indicando como objeto de estudo, as “tecnologias sociais que se configuram como tecnologias do poder em relação ao corpo como alvo do poder e algo analisável e manipulável pelo poder” (FONSECA - SILVA, 2007, p.63).

Nesse livro, o foco é a noção da microfísica do poder, segundo o qual o poder funciona por relações de força, por meio de redes que colocam em evidência pontos de resistência. Para Machado (1979 – XIII), **Vigiar e Punir** e outras obras desenvolvidas por

²¹ Coletânea que inclui outros trabalhos de Foucault como “Teorias e Instituições penais” (1971)

Foucault na mesma época tinham como objetivo fazer uma análise descentralizadora do poder, mostrando que ele não advém unicamente do Estado, mas “insurgia contra a ideia que o estado seria o órgão central e único de poder, ou de que a inegável rede de poderes das sociedades modernas seria uma extensão dos efeitos do Estado”. Machado propõe ainda que:

para a genealogia que ele tem realizado é a dos mecanismos e técnicas infinitesimais de poder que estão intimamente relacionadas com a produção de determinados saberes – sobre o criminoso, a sexualidade, a doença a loucura, etc. – analisar como esses micro poderes que possuem tecnologias e história específicas, se relacionam com o nível mais geral do poder constituído pelo aparelho do Estado. (MACHADO, 1979 – XIII).

Nessa época, Foucault desloca o conceito de disciplina²², salientando que a articulação do poder-saber abarca as formações discursivas e as não-discursivas. “Na perspectiva foucaultiana, o poder disciplinar faz funcionar relações de saber-poder que produzem a verdade do sujeito sujeitado por práticas disciplinares”. (SILVA, 2007, p.64).

Ainda nesse campo genealógico, em sua relação saber-poder, segundo Faé (2004) em a **História da Sexualidade I: a vontade de saber** (1976), Foucault questiona a sexualidade reprimida e argumenta que a sexualidade é um dispositivo histórico sustentado por discursos, saberes e poderes. O autor dessa obra tenta mostrar que os elementos negativos relacionados ao sexo (proibição, repressão, etc.) têm uma função discursiva, considerando os séculos XVIII, XIX, XX. Sobre a sexualidade, ele salienta:

Talvez tenha havido uma depuração- bastante rigorosa – do vocabulário autorizado. Pode ser que tenha decodificado toda uma retórica da alusão e da metáfora. Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia os enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em quais situações, entre quais locutores e em que relações sociais; estabelecem assim regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e descrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais. (FOUCAULT, 2012, p.23 – 24).

Foucault propõe que o sexo começa a se constituir como objeto de saber, na medida em que a vida sexual entra na ordem e desordem das práticas discursivizadas e

²²Os cursos ministrados por Foucault na década de 70, aborda a questão das práticas disciplinares. A disciplina se materializa em noções e conceitos, construindo um controle social que se efetua por normas e regras, por vigilância.

não discursivizadas, nas confissões religiosas, na vida econômica e política da população, no controle de natalidade, na pedagogia, na psiquiatria, no discurso médico, etc. Ao tratar das estratégias globais de dominação, constituintes do dispositivo da sexualidade, ele mostra que “a vida e a subjetividade são consideradas objetos do *biopoder* e o poder com multiplicidade de forças, nas quais as resistências ao poder também presentificam-se” (FONSECA-SILVA, 2007, p.49).

Em se tratando do dispositivo da sexualidade, Foucault não o estudou apenas nos limites do saber, do poder, da moral e da ética²³. Campo melhor exposto em **História da sexualidade II e III**. Em tais obras, ele discorre sobre as práticas subjetivadoras pelas quais os indivíduos se transformaram em sujeitos levados a prestar a atenção neles próprios.

Analizando textos prescritivos produzidos na Antiguidade, segundo uma combinação entre arqueologia e genealogia²⁴, Foucault tenta responder por meio de quais jogos de verdade, o ser humano se reconheceu como homem do desejo. Esse questionamento desdobrou outras perguntas feitas pelo filósofo: “por que, numa sociedade como a nossa, o comportamento sexual se constitui numa questão moral?” Ou por que o sexo é problematizado um cuidado ético tão insistente, apesar de variável em suas formas? (FOUCAULT, 2009)

O filósofo francês salienta que, ao colocar essa questão muito geral, sob o foco da cultura greco-latina, pareceu-lhe que essa problematização estava relacionada a um conjunto de práticas que certamente tiveram uma importância considerável em nossas sociedades, as chamadas “artes da existência” que são:

práticas refletidas e voluntárias através dos quais os homens não só fixam regras de conduta, como também procura se transformar e modificar-se em seu ser singular fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilos. (FOUCAULT, 2009, p. 17-18)

Nesse percurso, Foucault propõe fazer uma genealogia do sujeito do desejo buscando, na Antiguidade Clássica até os primeiros séculos do Cristianismo, estudar as

²³Foucault pensa o sujeito ao retornar da época moderna através do Cristianismo até a Antiguidade questionou “por que o comportamento sexual as atividade e os prazeres a eles relacionados são objetos de uma preocupação moral, ética? (FOUCAULT, 1984).

²⁴Ver Foucault (1984, p.16)

formas e modalidades de relação consigo pelas quais o indivíduo se constitui e se reconhece por meio de diversas práticas de si (FONSECA-SILVA, 2007 p.70). O teórico em questão (1984, p. 18-19) esclarece ainda que sua meta, nessa genealogia de reflexão pelo qual nos subjetivamos como seres do desejo não eram a de analisar os comportamentos, nem as ideias, nem as sociedades, nem suas ideologias, “mas as *problematizações* por meio das quais o ser humano se dá como podendo e devendo ser pensado, e as *práticas* a partir das quais essas problematizações se formam”.

O momento ético, conforme propôs Foucault (2009, 2011), oportuniza identificar o sujeito que constitui a si como sujeito de práticas sociais. “É o momento para refletir o motivo pelo qual o homem moderno constitui critérios de um modo de subjetivação em que a liberdade tenha espaço” (FONSECA-SILVA, 2007, p. 70).

O que se vê nos postulados foucaultianos é que o sujeito é uma permanente construção no interior da história, ele se estabelece nas relações sobre a ação dos outros e sobre si. Esta perspectiva possibilita a compreensão dos enunciados, ou melhor, da formação discursiva como construção histórica, valorizando as condições abertas no ambiente – características e necessidades existentes – que produzem ou permitem a emergência desta mesma prática discursiva como dispositivo de poder, já que “a genealogia, como análise da proveniência está (...) no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo” (FOUCAULT, 1993, p. 22).

O método genealógico mostra a sua relação com práticas não discursivas que sujeitam indivíduos, corpos, populações a mecanismos de poder. A questão, então, seria “ênfatar condições de possibilidade, a transitoriedade do poder, a lógica circunstancial que o caracterizam como uma instância cortada por redes que interferem, ininterruptamente, na construção da identidade que cada “indivíduo” entende como própria” (SILVA, 2007, p.23-24). Foucault diz que “enquanto a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade”. (1995, p.172)

Portanto, na abordagem metodológica proposta em **A Arqueologia do Saber**, busca-se compreender a história dos conceitos, em seus diversos campos de constituição e de validade, de suas regras sucessivas de uso e dos meios teóricos múltiplos em que

foram realizadas e concluídas. Seria necessário, então, distinguir não apenas os acontecimentos considerados importantes, mas acontecimentos diversos, de duração breve ou longa (FOUCAULT, 1995).

O método arqueológico estabelece a regularidade da enunciação dos discursos. Buscam-se campos homogêneos de regularidades enunciativas (que caracterizam uma formação discursiva), sendo tais campos diferentes entre si.

Devem-se considerar, pois, no discurso, os diversos planos de acontecimentos possíveis, definindo em que consistem as modificações, as transformações, as heterogeneidades, as discontinuidades e descrevê-las; desnudar suas relações institucionais, os interesses que norteiam sua produção seria a proposta central da arqueologia de Foucault, que construiria um “diagrama” das relações de força (DELEUZE, 2005).

Já na chamada fase “genealogia do conhecimento”²⁵, a análise se volta para as regras de uma prática discursiva, as quais e nas quais se formam objetos, conjuntos de objetos, enunciações, jogos de conceitos, temas e escolhas teóricas: “Chamemos provisoriamente genealogia, o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais” (FOUCAULT, 1993, p.171).

Para Machado (1995, p.XXI), “o que faz a genealogia é considerar o saber – compreendido como materialidade, como prática, como acontecimento – como peça de um dispositivo político que, enquanto dispositivo, se articula à estrutura econômica”. A questão a formular é a de como se formaram domínios de saber a partir de práticas políticas disciplinares. Para Foucault, todo conhecimento só poderia existir a partir de condições políticas para que se formem tanto o sujeito quanto os domínios de saber.

Segundo Araújo (2007), é importante salientar que não haveria uma cisão radical entre a arqueologia e a genealogia, pois Foucault não omite a primeira em favor da segunda, visto que a descrição das práticas discursivas é que fornece o material para a genealogia da verdade sobre como devem os indivíduos se comportar ou adotar mecanismos para o governo de si e dos outros. A questão, então, seria “ênfatisar condições de possibilidade, a transitoriedade do poder, a lógica circunstancial que o caracterizam como uma instância cortada por redes que interferem, ininterruptamente, na

²⁵Forma como Fonseca-Silva se refere à fase genealógica.

construção da identidade que cada “indivíduo” entende como própria” (SILVA, 2007, p.23-24).

Nesse movimento entre arqueologia e genealogia, alguns conceitos e categorias analíticas que são desenvolvidas no interior da AD são bastantes relevantes, por isso, a seguir, discutir-se-ão algumas categorias analíticas necessárias para a compreensão de nossa pesquisa.

1.2.2 Prática discursiva, saber-poder e verdade

Para se descrever a prática da tatuagem a partir do conceito de prática discursiva, cunhado por Michel Foucault, não é possível sem considerar sua circularidade em relação ao próprio discurso, enunciado, função enunciativa, formação discursiva, e as relações que se estabelecem entre as práticas de poder-saber e os jogos de verdade que se constituem no interior dessa prática. Na realidade, é incoerente ao analista do discurso estabelecer uma linearidade ou uma hierarquização entre determinados conceitos, vez que os mesmos formam como sugere Gregolin (2004), círculos concêntricos.

No campo da AD, algumas ferramentas analíticas estão intrinsecamente entrelaçadas, fato que pode ser justificado, por exemplo, com a definição de discurso, a saber: conjunto limitado de enunciados, que, em suas formas de dispersão e regularidade, são formados a partir de práticas discursivas específicas que pertencem a uma mesma formação discursiva. Entretanto, vale lembrar que é no interior das práticas discursivas que emerge a função enunciativa, esta vista como um acontecimento em condições concretas de existência no tempo e no espaço, impossível de ser esgotada pela língua ou pela busca do sentido e significado das palavras.

Sendo assim, o “conceito foucaultiano de discurso pressupõe, entre outros, necessariamente, a ideia de prática discursiva” (GREGOLIN, 2004, p.94), pois para Foucault (2005, p.55), o discurso é um conjunto de enunciados que, além de designar, produz as coisas. Por isso, os discursos:

[...] formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os tornam irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

Nessa perspectiva, as práticas discursivas revelam os diferentes lugares ocupados pelos sujeitos nas relações sociais, sendo esses lugares determinantes nas formas de ação e significação das enunciações. Todavia, as formas e as posições de ‘governo’ dos indivíduos numa sociedade são múltiplas: “superpõem-se, entrecruzam-se, limitam-se e anulam-se em certos casos, e se reforçam em outros” (FOUCAULT, 1995, p.229), colocando em evidência as relações de poder que se estabelecem nas posições-sujeitos refletidas no interior dos discursos. “O poder coloca em jogo relações entre sujeitos, e os discursos refletem os lugares desses sujeitos” (FERNANDES, 2012, p.59).

Portanto, não se podem confundir as práticas discursivas com a operação expressiva sobre a qual o sujeito formula uma ideia, um desejo, nem com a competência do sujeito na construção e organização estrutural da língua, mas é preciso entendê-las como um conjunto de regras que determinam “as condições do o exercício da função enunciativa”. (CASTRO 2009, p. 337). Esta, por sua vez, determina a relação do enunciado com seu sentido e com as posições dos sujeitos estabelecidas no interior das formações discursivas.

Logo, o conceito de prática discursiva, definido por Foucault (1984), é o lugar em que é dada ênfase às formas das relações consigo, os procedimentos e técnicas pelas quais são elaboradas o exercício em que o próprio sujeito se dá como objeto a conhecer, pois conforme Castro (2009), os modos de subjetivação, os lugares de sujeito, são perceptíveis no interior das práticas discursivas, porque só a partir delas é possível compreender as relações do sujeito como um sujeito de um saber, de poder (relações com o outro) e um sujeito da ética (relações consigo mesmo).

Essas relações materializam-se pela linguagem verbal e por elementos de natureza não-verbal, tais como imagens, gestos, vestimenta, **tatuagens**, etc. O sujeito é analisado “em relação à” no interior dos discursos. Dessa forma, ele se inscreve em práticas discursivas que o mostram inserido em uma situação sócio-histórica, sempre determinada no tempo e no espaço.

Foucault, desde o início de sua obra, analisa a produção do conhecimento, as relações de poder e a produção de subjetividade a partir das práticas discursivas e não

discursivas, tendo em vista que, por meio delas, investigam-se, não apenas as representações que os homens têm de si mesmos, mas, antes, o que o fazem e a maneira como o fazem, mais precisamente as formas de racionalidade que organizam as maneiras de se constituírem. (CASTRO, 2009).

Conforme Foucault (2009a), não há que se buscar o pensamento apenas nas formulações teóricas, como as da filosofia ou da ciência, ele deve ser analisado em todas as maneiras de dizer, de fazer, de conduzir-se, nas quais o indivíduo se manifesta e age como sujeito de conhecimento, como sujeito ético ou jurídico, consciente de si e dos outros. Há necessariamente que inserir nas análises das condições de possibilidade de formação dos saberes, as relações de poderes que aparecem, muitas vezes, em práticas não discursivizadas, não ditas. (CASTRO, 2009).

Ainda de acordo com o pensador francês (1979), é no interior das práticas discursivas que são produzidos saberes e verdades para a manutenção da sociedade. Os jogos de verdades buscam “defender a sociedade” de qualquer atitude contra o estatuto do sujeito, que cria práticas, mecanismos de sujeição, de individualização. A verdade do conhecimento, ou do saber produzido, surge das práticas sociais que “objetivam o sujeito”. Foucault (1979, p.14), em seu texto *Verdade e Poder*, definem-nas como um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados.

Para se analisar a emergência enunciativa dos discursos sobre a tatuagem na revista *Inked*, faz-se necessário ocupar-se da prática discursiva da tatuagem e suas relações específicas que as articulam com outras práticas que emergem para estabelecer a produção de determinado enunciado como verdade. Veja-se um exemplo disso: “Marcas do inferno: os números marcados na pele dos prisioneiros de Auschwitz” (INKED, 2011, 05). Nesse enunciado, os efeitos de sentidos, que são propostos pela prática da tatuagem, acolhem, em sua materialidade verbal, outra prática discursiva que se faz presente no discurso repressor referente à segunda Guerra Mundial, ou seja, as marcas do inferno (tatuagens) fazem referência a uma prática punitiva que identificava os prisioneiros de Auschwitz ao chegarem ao campo de concentração.

Os jogos de verdade, nesse caso, são construídos pelo direcionamento a um momento histórico específico da Segunda Guerra Mundial, pois entender a prática da

tatuagem hoje como “marcas do inferno” só se justifica ao ser trazida uma memória que nos remeta a “práticas perversas” pelas quais os prisioneiros da Segunda Guerra Mundial passaram. O efeito negativo construído para tatuagem no enunciado “marcas do inferno” delineiam uma regularidade desse efeito nesse momento histórico específico. Tal exemplo mostra que as posições do sujeito e os jogos de verdades são construídos no interior dos discursos, visto ser a partir deles que se pode entender como a verdade é produzida e regulamentada nas relações do saber-poder.

Conforme Castro (2009), o domínio das práticas se estende pelo estudo de Foucault da ordem do saber à ordem do poder, chegando aos seus últimos estudos à relação consigo mesmo. Por exemplo, Em: **Historia da Loucura** (1961), ele analisa a cláusula ou o asilo em termos de prática; **Nascimento da Clínica** (1963) é o estudo histórico da prática médico-clínica; em **Vigiar e Punir** (1975) são investigadas as práticas punitivas.” (CASTRO, 2009, p.337). Em **História da Sexualidade**, volume II, na introdução do “o uso dos prazeres” (1984, p.12) o próprio Foucault diz tratar de uma história da sexualidade, não como uma história dos comportamentos nem das representações, mas de uma experiência. Esta entendida como um “jogo de verdade, relações de poder, formas de relação consigo mesmo e com os outros”.

A ideia de experiência em torno de uma história da sexualidade se constitui pela maneira como os indivíduos são levados a reconhecerem-se nas sociedades ocidentais modernas, como sujeito de uma ‘sexualidade’, que abre para campos do conhecimento bastante diversos e que se articula em um sistema de regras e coerções no processo de subjetivação. Nesse sentido, trata-se da “a correlação, em uma cultura, entre campos do saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 2009a, p. 12).

Portanto, a sexualidade é analisada num distanciamento em relação a ela, contorna-se sua evidência familiar e se analisa o contexto teórico e prático ao qual ela está associada. “Em suma, tratava-se de ver de que maneira, nas sociedades ocidentais, constitui-se uma ‘experiência’, tal que os indivíduos são levados a reconhecerem-se como sujeitos de uma sexualidade” (*ibidem*, p. 09 – 10).

Mais adiante, na mesma obra, **História da Sexualidade II**, Foucault (1984, p. 11-12) fala que lhe parecia difícil analisar a experiência em torno da sexualidade sem fazer uma “genealogia”, ou seja, sem analisar as práticas pelas quais os sujeitos foram levados

a prestar atenção a si mesmos, “a se decifrem, a se reconhecerem e se confessarem como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser”.

No período genealógico, o autor em pauta não restringe suas investigações a uma análise dos discursos, mas direciona seu olhar também à problemática acerca das relações de poder na formação dos saberes, na produção da verdade e na institucionalização das práticas. Se antes (na arqueologia), os discursos enquanto práticas se relacionavam de forma inseparável com os saberes, na genealogia, as práticas discursivas são também instrumentos e efeitos de poder.

Observa-se, então, que a questão não passa apenas pela produção da história de um saber verdadeiro, mas, sobretudo se pretende compreender como, nas relações de poder-saber, no interior das práticas discursivas e não discursivas, o sujeito se constitui e se modifica historicamente por meio de jogos de verdades.

A constituição do sujeito pelos discursos de verdade é recorrente nos últimos textos de Foucault, que os define como uma história entre o verdadeiro e o falso:

[...] através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência [...]. Através de quais jogos de verdade o homem se dá seu ser próprio a pensar quando se percebe como louco, como se olha como doente, quando reflete sobre si como ser vivo, ser falante e ser trabalhador [...], quando se reconheceu como homem do desejo” (FOUCAULT, 1984, p.13)

Os jogos de verdade, nas relações de poder, são referências para que se compreendam as diferentes posições-sujeito no interior das práticas discursivas. Nesse registro, os jogos de verdades operam como mecanismos que descrevem “o que deve ser o sujeito, a qual condição está submetido, qual o estatuto que ele deve ocupar no real ou no imaginário para tornar-se sujeito de tal ou tal tipo de conhecimento. ” (FOUCAULT, 2012 p.190)

Convém analisar a prática da tatuagem proposta, pela revista *Inked*, nos fundamentando na análise genealógica de Foucault em torno das relações de poder, constituindo para essa prática um lugar “verdadeiro”, onde o sujeito tatuado se constitui historicamente como experiência, isto é, sendo pensado nas relações de poder.

Foucault (1979, p.174), em seu curso *Genealogia e poder*, em 7 de janeiro de 1976 no Collège de France, questiona sobre “o que é o poder [...], quais são seus mecanismos, seus efeitos, suas relações, os diversos dispositivos de poder que se exercem em níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variadas?”

O filósofo de Potiers propõe uma análise genealógica, ou seja, uma história das interpretações das relações de poder pulverizadas na sociedade. Segundo Machado (1979, p.13), o método genealógico analisa “as relações, os mecanismos e técnicas infinitesimais de poder que estão intimamente relacionadas à produção de determinados saberes: sobre o criminoso, a sexualidade, a doença, a loucura, etc.”

É válido lembrar que Michel Foucault, nessa fase genealógica, não objetivava uma teoria do poder, pois:

não existe em Foucault uma teoria geral do poder. [...] Não existe algo unitário e global chamado poder, mas formas díspares e heterogêneas em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa é uma prática social e como tal construída historicamente. (*idem, ibidem*, p. 05).

Pensando genealogicamente, o poder não é algo que se detém ou se possa apoderar como um objeto. Rigorosamente falando, o poder é algo que se exerce, que se efetua que funciona disseminadamente em toda estrutura social, no interior das relações mais cotidianas, as relações mais informais.

Se na análise arqueológica importam mais os saberes em suas condições de emergência, como aparecem e se transformam; na genealógica o que se pretende é explicar porque se estabelecem as relações, estratégias e táticas de poder no interior desses saberes, ou seja, explicar sua existência e transformações situando-o como peça de relações de poder. (MACHADO, 1979, p.10).

Em uma concepção genealógica, pode-se pensar a relação saber-poder a partir do que é proposto por Foucault (2009a, p.30) em **Vigiar e Punir**:

temos antes que admitir[...] que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo do saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de ‘poder-saber’ não devem ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em relação ao sistema de poder; mas é

preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o saber poder, os processos e as lutas que atravessam e que constituem, que determinam as formas e os campos possíveis de conhecimento.

Portanto, se não “há saber sem uma prática discursiva definida, toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2005 p. 205) e se esse saber é o campo no qual o poder se institui, consequentemente, o sujeito é constituído no interior dessas práticas de saberes que são atravessadas por relações de poder.

Nessa direção, em que o saber se constitui como um objeto de luta e pelo qual se luta, Foucault põe em funcionamento que o exercício do poder não parte do centro macro, que se apresenta na figura do Estado e suas técnicas de controle, mas se estabelece por meio de micropoderes que se prolongam em todas as camadas da sociedade.

Sem pretender negar a existência de um poder estatal, mas buscando ultrapassar essas relações, Foucault (1979, p.175) concebe que:

o poder funciona como uma rede de dispositivo ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras [...]. Não existem de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram dele alijado [...] o poder não existe; existem práticas ou relações de poder.

Por esse viés, o poder não é um objeto, uma coisa, mas relações que se estabelecem nas práticas diárias. E é esse caráter reacional que implica dizer que as próprias lutas, as resistências contra o exercício do poder, não são estabelecidas fora, de outro lugar, do exterior, mas dentro da rede de poder. Sobre isso Machado (1979, p.14) diz que o poder “está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de força.”

A transição das teorizações foucaultianas, que se volta para o discurso como objeto de poder, acontece a partir do livro **A ordem do discurso**, que problematiza a entrada do sujeito na ordem do discurso verdadeiro: o que lhe é autorizado dizer, os

lugares que o sujeito pode ocupar no discurso, como a relação saber/poder produz o sujeito e as incidências de um sobre o outro nessa produção:

ora, tenho a impressão de que existe, e tentei fazê-la aparecer, uma perpétua articulação do poder com o saber e do saber com o poder. Não podemos nos contentar em dizer que o poder tem necessidade de tal ou tal descoberta, desta ou daquela forma de saber, mas que exercer o poder cria objetos de saber, os fazem emergir, acumula informações e as utiliza [...] O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder (FOUCAULT, 1979, p.141).

Nessa relação saber-poder, Foucault lança os mecanismos de interdição do dizer, que atuam no interior das relações do poder por onde a produção de verdade é percebida numa conjuntura histórica específica. Por isso, não se pode pensar os modos de subjetivação e o processo de identidade livre dessas relações de verdade construídas no interior dos discursos, pois os discursos passam por múltiplas coerções, produzindo efeitos regulamentadores de poder. (FOUCAULT, 2006).

Nessas condições, pensa-se a prática da tatuagem inserida nas relações de poder que se instauram em meados da década de 60 por meio de “políticas para o corpo”. Conforme Sant’Anna (2005), essas políticas para o corpo, constituídas a partir desse período, vêm construindo verdades e ganhando cada vez mais visibilidade nas redes da mídia. Essas estratégias e práticas são meios pelos quais o poder molda indivíduos e constituem modos de subjetivação e identidade.

Nessa perspectiva em que o poder ajusta o indivíduo, Foucault (1997) analisou o investimento político nos corpos a partir de uma “anátomo-política”, isto é, um estudo sobre estratégias e práticas: Diz ele:

a invenção dessa nova anatomia política não deve ser entendida como uma descoberta súbita. Mas como uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem, ou si imitam, apóiam uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral. [...] técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância: porque define um certo modo de investimento

político e detalhado do corpo, uma nova ‘microfísica’ do poder, e porque não cessam desde o século XVII, de ganhar campos cada vez mais vastos. (FOUCAULT, 2009, P.134)

A partir disso, entende-se a prática da tatuagem, na contemporaneidade, inserida em uma “anátomo-política do corpo”, pois se encontra nessa prática um conjunto de regras que propõe o corpo esteticamente relacionado a sistemas de poder discursivizados pela mídia. Verificam-se, nos corpos tatuados, efeitos de um saber-poder “politicamente correto” que tentam manipular os sujeitos a se identificarem com certa identidade.

Para melhor compreender esse processo, observa-se que a revista *Inked*, estrategicamente, oferece um “código moral” ao sujeito tatuado, um conjunto de verdades prescritivas para uma prática a ser adotada pelos indivíduos a partir de corpos sensuais, magros e malhados ou ainda por meio de personalidades como modelos, cantores de *rock*, atrizes que têm milhares de seguidores. Esses sujeitos, de modo geral, estão inseridos em políticas contemporâneas para o corpo, ou seja, submissos à estetização de representações sociais normalizadoras. Diante disso, não é qualquer sujeito ou corpo que vai legitimar os discursos da tatuagem positivamente.

Isso nos faz repetir mais uma pergunta de Foucault (1985, p.148) “de que corpo necessita a sociedade atual? ” Pode-se dizer que necessitamos do corpo que governa a si, foge das disciplinas para viver seus prazeres e paixões, entretanto sabe-se que não se pode dizer tudo que se quer da forma que se quer em qualquer lugar, sem seguir os rituais institucionalizados para os sujeitos.

Se por um lado, têm-se regras estabelecidas por disciplinas de conveniência social, oferecidas por instituições como a mídia; por outro, ao aceitar essas normas vinculadas a uma disciplina normalizadora, isso faz com que se pense no sujeito que se ocupa consigo mesmo. Tais regras são distribuídas por meio de todo um conjunto de signos e marcas corporais aceitáveis socialmente como verdades almejadas; é o corpo esteticamente perfeito; é o corpo sensual, é a pele-tela da arte que é discursivizada na produção de sentidos positivos e que são objetos de desejo do sujeito.

Segundo Milanez (2009, p. 218)

vivemos, portanto, um corpo que se adapta às moralidades de nosso tempo, necessidades que vêm por meio de técnicas impostas pela sociedade no quadro

das resistências empenhadas pelos sujeitos, mas sem negar que passamos a exercitar essas técnicas, aplicando a nós próprios.

Entende-se resistência como um processo transformador pelo qual o sujeito, por meio dos seus deslocamentos de posição, pode criar e recriar as situações nas quais está envolvido, reconfigurando as estratégias de poder das quais compartilha. (FOUCAULT, 1995)

Veja-se, por exemplo, como a modelo Luize Altenhofen retoma a prática da sexualidade para legitimar sua tatuagem como marca de sensualidade e propor um lugar de subjetividade para o sujeito tatuado.



Vivemos numa sociedade que, ao contrário de camuflar ou mascarar os discursos sobre a sexualidade, precisa falar deles, divulgá-los, espalhá-los e incitá-los. A sexualidade é uma criação cultural que entende o triângulo corpo-sexo-prazer como um conjunto de enunciados que administram domínios de conhecimento que fazem com que nos reconheçamos como sujeitos de uma sexualidade (FOUCAULT, 2006, p. 338)

Figura 2INKED, dezembro/janeiro 2012

Considerando a relação entre as palavras e a imagem do corpo nu, cheio de curvas e tatuagens; corpo esteticamente bonito e magro que aparece sob um fundo vermelho, emerge um conjunto de verdades simbólicas legitimadas na memória social que regulamentam o discurso da sensualidade. Esse jogo enunciativo propõe um novo lugar para a prática da tatuagem, reatualizando-a, a partir da intimidade e desejos do sujeito. Efeito de sentido evocado pelo sincretismo do enunciado verbal e imagético, “Luize Altenhofen *tattoos* e curvas de respeito” que insere a prática da tatuagem no discurso da sensualidade.

A revista retoma discursos já disseminados como verdade em outra prática discursiva, propondo o reconhecimento ou inclusão do sujeito tatuado a partir de parâmetros a que ele pode ser submetido. Inserir-se nessa posição sujeito implica articular um sistema de regras que subsidiam nosso modo de vida. No entanto, vale lembrar que determinados regimes de verdades podem ou não ser acolhidos pelo sujeito. A verdade só existe dentro das relações de poder, visto que ela é desse mundo, sendo produzida nele graças a múltiplas coerções e efeitos que regulamentam o poder:

cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade; isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1979, p.12).

Os regimes de verdade, construídos nas práticas discursivas, ganham *status*, geram interdições e são colocados a partir das verdades construídas e absolvidas em cada época pela sociedade, mas que estão associadas a fissuras pelas quais o sujeito pode-se movimentar. Conforme Menezes (2011, p.36), “o processo de subjetivação relaciona-se com a dinâmica da produção de saber, poder e verdade”.

A prática da tatuagem, como condição de acontecimento verdadeiro de uma época, é formada por um conjunto de regras que coloca em circulação determinados enunciados em um tempo e espaço-histórico e evidencia o exercício da função enunciativa e as condições em que aparecem os discursos e os sujeitos tatuados. Para Le Breton (2004), a tatuagem não se refere apenas a um conjunto de técnicas corporais, mas engendra em si mesma um conjunto de significados históricos nas quais os sujeitos se produzem e são produzidos.

Em nossa sociedade, a verdade em torno da prática da tatuagem, estando submetida a uma constante incitação ao consumo, é atravessada incessantemente pelos jogos de verdade de outras práticas discursivas, como já expostas (a arte, a estética e a sexualidade). O que se percebe é que a *tattoo* é produzida e transmitida no interior das relações de poder sob o controle, não exclusivo, mas dominante de alguns grandes aparelhos econômicos como, por exemplo, a mídia, a indústria da moda e da bioestética.

Considera-se que a prática da tatuagem é marcada pela normatização do discurso da mídia e pelas práticas não midiáticas, postas pelas necessidades e vivências cotidianas, constituídas por regimes de verdade forjados nas (ou por) relações de poder/ saber, mas também se devem considerar as margens de variação ou de transgressão que se constituem nessas relações.

Dize-se isso porque, segundo Foucault (1979, p.180), embora se esteja submetido à verdade, o poder sempre abre brechas para a resistência, pois se ele fosse uma via de mão única, não haveria necessidade de uma “disciplinarização”. “Somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder”. Por outro lado, para compreender em que consistem as relações de poder, é necessário analisar as formas de resistência, as lutas que colocam em questão o estatuto do indivíduo, vendo onde elas se inscrevem para descobrir seus pontos de aplicação e os métodos que elas utilizam.

Se os discursos e a produção de verdade fazem funcionar as relações de saber-poder em suas interseções e cisões, não se pode pensar na existência de sociedades livres dos efeitos e das ramificações dessas relações. Dessa forma, somos o resultado de diversos modos de objetivação/subjetivação que ocorrem nas teias de poderes e suas articulações; que nos moldam, dividem ou constituem. “Os sujeitos se formam e se transformam nas relações de reações de poder, e em parte alguma pode escapar dessas relações”. Há poder na família, entre amantes, nas ruas de mão única, etc., em compensação, sempre se pode, e em toda parte, modificá-lo; pois “o poder é uma relação bilateral; ele faz par com a obediência de que somos livres (sim, livres) para conceder com mais ou menos resistência”. (*ibidem*, p.168)

Essa liberdade não flutua no vazio, o sujeito não pode querer qualquer coisa em qualquer época. O discurso não se impõe como *a priori* histórico, sendo aceito ou não no jogo do verdadeiro e do falso. Aqueles que falarem conforme o discurso de verdade de uma época; serão aceitos ao passo que, do outro lado, as práticas discursivas serão exercitadas como evidentes. Veyne (2011, p.169) diz que o discurso é o passo de comando que reprime, persuade, organiza; é o ponto de interseção, de atrito, eventualmente de conflito entre as regras e os indivíduos. “Seus efeitos sobre o conhecimento podem ser assim verdades estabelecidas sobre os efeitos de poder.”

O que Foucault propõe como verdades são, na verdade, os *jogos de verdade*, isto é, as regras segundo as quais um discurso é verdadeiro ou falso. Trata-se de reconstituir uma verdade construída historicamente nas relações com o poder, identificando ao mesmo tempo, as coerções múltiplas e os jogos, formas de subjetividades, à medida que cada sociedade tem seus regimes de verdade, ou seja, “os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros.” (FOUCAULT, 1979, p.182)

Portanto, essas verdades são disseminadas pelos discursos científicos, médicos, jurídicos e pelas instituições, que as transmitem sob o controle, não exclusivo, mas dominante de aparelhos políticos e econômicos. Esse lugar de verdade é o de enfrentamentos, de batalhas de debates sob a forma de lutas ideológicas. (1979, p.13)

É a partir dos jogos de regras – *jogos de verdade* – que uma sociedade instaura os domínios de objetos, os tipos de saberes, as formas de subjetividades, pois longe de ser soberano, o sujeito “livre” é constituído, modelado a cada época pelos discursos do momento, pelas reações de sua liberdade individual e pelas suas eventuais estetizações. Sobre esses “jogos de verdade” Revéis (2005, p.87) explica:

o tema jogos de verdade é onipresente em Foucault a partir do momento em que a análise das condições de possibilidade da constituição dos objetos de conhecimento e a análise dos modos de subjetivação são dadas como indissociáveis. Na medida em que essa objetivação e essa subjetivação são dependentes uma da outra, a descrição de seu desenvolvimento mútuo e de seu laço recíproco é precisamente o que Foucault chama de ‘jogos de verdade’, isto é, não a descoberta do que é verdadeiro, mas das regras segundo as quais aquilo que um sujeito diz a respeito de certo objeto decorre da questão do verdadeiro e do falso.

Sobre o saber verdadeiro e o poder, o mestre de Potiers, em seus últimos estudos, em especial nos três volumes da **História da Sexualidade**, acrescenta a constituição do indivíduo como devendo comportar-se eticamente desta ou daquela maneira, como vassalo fiel, como cidadão, como sujeito, produto e produtor, de verdades de um saber-poder, mas sem negar uma estética de si para si. Enfim, a constituição do sujeito passa por diferentes técnicas e governos de si e dos outros que são engendrados pelos discursos de uma época.

Com isso, é coerente dizer que é sob condições de produção dos discursos que circulam na sociedade e a partir dos jogos de verdade, que é autorizado recorrer às práticas discursivas da tatuagem, porque é sob essas condições de veracidade que se pode entrever em nossa sociedade, o que é permitido dizer ou não sobre a tatuagem, melhor, o que é permitido desenhar, tatuar, marcar ou não no corpo. Nos enunciados da revista, é perceptível observar que o saber verdadeiro em torno da tatuagem é construído, de modo geral, a partir das verdades discursivizadas em torno do corpo esteticamente bonito, perfeito e desejável. Não se trata mais do corpo com suas funções biológicas, mas do corpo enquanto prática discursiva, emergindo em redes, criando novos campos de saber e delineando certo tipo de sujeito. Sobre o sujeito e os modos de objetivação/subjetivação e identidade, abordam-se a seguir.

1.2.3 Sujeito, modos de objetivação/subjetivação e identidade

Nesse tópico, serão desenvolvidas reflexões sobre sujeito, modos de objetivação/subjetivação e identidade, pautados por sociólogos e filósofos, tais como Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Kathryn Woodward, Michel Foucault. A identidade apresenta uma pluralidade social e decorre de uma produção e/ou construção de subjetividade. Esta, de natureza sociocoletiva, resulta de uma exterioridade ao sujeito, e, assim como aquela, encontra-se sempre em produção. Identidade e subjetividade sofrem transformações histórico-sociais concernentes à vida cotidiana. As práticas discursivas possibilitam o estudo desses aspectos na constituição dos sujeitos.

Esses conceitos, entre outros, tão caros para a análise dos discursos permitem analisar ou, ao menos, compreender quem somos hoje. Foucault problematiza o sujeito e a subjetividade a partir de indagações como: que forças constroem o sujeito? Quais são as relações de poder que o constroem? Como os saberes modernos produzem sujeitos em vários campos? Como o corpo é produzido? Como se constrói a sexualidade e como a usamos? Enfim, como o sujeito é subjetivado? (FERNANDES, 2012)

A partir desses questionamentos, pensa-se: quem é o sujeito tatuado na revista *Inked*? Como sua identidade é constituída? Não se trata de pensar uma relação do sujeito consigo mesmo na ótica da interioridade, mas do governo de si e sua relação com a exterioridade, com os sistemas de representação existentes na realidade social. Segundo Fischer (2012, p.51), estar-se-ia vivendo um momento semelhante àquele que Foucault

investigou – da Antiguidade Clássica -, em que se tornaram tão presentes “as técnicas de si”.

No entanto, Foucault é bastante categórico ao afirmar que é contrário à ideia de se fazer previamente uma teoria do sujeito, uma teoria *a priori* do sujeito, como se fosse possível supor a existência de uma essência humana que tivesse sido mascarada, alienada ou aprisionada em mecanismos de repressão a partir de processos históricos, econômicos e sociais. O autor postula que o sujeito é produzido na sua própria história e pela história que o permeia mediante do ele que denominou de uma “história da verdade.” (FOUCAULT, 2004)

Para a Análise do Discurso, na perspectiva foucaultiana, o sujeito é produzido no interior dos discursos e a produção de sua subjetividade e identidade são produzidas na exterioridade pelas práticas discursivas, entendidas como elementos que corroboram com a produção de diferentes lugares de existência para o sujeito. (FERNANDES, 2012). Logo, sendo a tatuagem compreendida como uma prática discursiva, permite pensar os sujeitos e seus modos de objetivação/subjetivação.

Foucault (2005), compreendendo o funcionamento dos discursos como uma prática investida de saber e poder estuda os sujeitos em relação às práticas discursivas, tendo em vista que elas pressupõem um “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2005, p. 133). Essa, por sua vez, define a emergência dos sentidos e a função-sujeito, isto é, as leis de possibilidades em jogo no enunciado.

Foucault (1995) em seus textos *Sujeito e Poder* (1995) *Verdade e Subjetividade* (1993) deixa claro que o foco de suas pesquisas centra-se no sujeito. Em todos os seus estudos analíticos, ele desejou compreender como se constituem os sujeitos pelos discursos na trama da história. Para esse estudioso francês (1995, p.231- 232), há três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos: o primeiro é o modo de investigação que tenta atingir o estatuto de ciência, dando à investigação, força de verdade. Nesse primeiro momento, ele vai estudar como os saberes se constituem por meio das práticas discursivas e como esses saberes constituem os sujeitos; o segundo é o modo de objetivação do sujeito a partir de “práticas divisoras” (o sujeito é dividido no seu

interior e em relação aos outros) e o terceiro trata de como os homens aprenderam a se conhecer como sujeitos de uma sexualidade. Para Foucault (1999 04):

todas as práticas pelas quais o sujeito é definido e transformado são acompanhadas pela formação de certos tipos de conhecimento e, no Ocidente, por uma variedade de razões, o conhecimento tende a ser organizado em torno de formas e de normas mais ou menos científicas. Há também uma outra razão talvez mais fundamental e mais específica das nossas sociedades. Reside no facto de que uma das mais importantes obrigações morais ser, para qualquer sujeito, o conhecer-se a si próprio.

No entendimento de Fernandes (2012), essas produções de subjetivação são apontadas em diferentes obras de Michel Foucault, por exemplo, em **As Palavras e as Coisas**, **História da Loucura**, em **A Hermenêutica do Sujeito** e em **História da Sexualidade**. Sobre isso Gregolin (2004, p.08) salienta que Foucault mostra ao longo da história como se produziu um sujeito, “seja como objeto do saber, seja como sujeito normalizado pelo poder, seja como sujeito de uma sexualidade.”

Em seus últimos trabalhos, **História da Sexualidade**, volumes II e III (1984, 1985), Foucault discorre sobre o modo pelo qual o ser humano torna-se sujeito a partir do domínio da sexualidade²⁶. Esse estudo se dá em torno de textos da Antiguidade Clássica (Aristóteles, Sêneca, Platão), em que ele encontra um conjunto de regras, opiniões, conselhos, ao qual o cidadão deveria recorrer para orientar sua vida cotidiana – um conjunto de “práticas de si”, de ordem moral, restritiva – em direção a uma “*arte da existência*” ou “*técnicas de si*”.

A sexualidade interessa a Foucault por ser:

[...] um caminho, muito importante, para experimentar a subjetivação, pelo qual nos subjetivamos como seres de desejo [...] A sexualidade interessa na medida em que ela funciona como um grande sistema de interdições, na qual somos levados a falar sobre nós mesmos, em termos de nossos desejos, sucessos e insucessos, e na qual se dão fortes proibições de fazer isso ou aquilo (VEIGA-NETO, 2005, p. 95-96)

²⁶Os estudos de Foucault em torno da sexualidade não eram feitos a partir das práticas sexuais em si, nem como elas foram representadas, por outras disciplinas como a Sociologia, Teologia, Biologia, etc., mas interessa por ser um modo, um caminho de experimentar a subjetivação, pelo qual nos subjetivamos como objeto do desejo. (VEIGA-NETO, 2005)

Esse conjunto de regras, expostos especificamente no segundo e terceiro volumes da **História da Sexualidade**, ao tratar do *uso dos prazeres* e do *cuidado de si*, refere-se a diferentes modos de subjetivação. Para Foucault, o sujeito estava relacionado a um conjunto de práticas voltadas para si, o que se poderia chamar de “*arte da existência*” ou “*técnicas de si*”. Deve-se entender isso como:

Práticas refletidas e voluntárias, por meio das quais os homens não somente fixam regras de conduta, como também procuram modificar-se em seu singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo. (FOUCAULT, 1984, p.18).

Essas práticas de si não são invenções do indivíduo, mas esquemas que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social. Na prática da tatuagem, os esquemas sugeridos socialmente e pelos meios midiáticos estão ancorados na positividade de outros discursos como, por exemplo, nos discursos da saúde, do jurídico, da arte, da bioestética, da sensualidade como já exposto, anteriormente neste trabalho. É quase unânime²⁷ na fala de tatuados e tatuadores de hoje, os cuidados com a saúde e a preocupação em seguir as normatizações sociais. A título de exemplificação, reportamo-nos à reportagem intitulada: “*A galera ilustrada*”, da revista **Veja** de agosto de 2003, na qual se vê a preocupação dos jovens em estarem na moda e os cuidados em não estarem fora da ordem dos discursos institucionais. Eles dizem “ignorar que as leis têm seus riscos, os bons estúdios costumam seguir a legislação à risca. Fazer tatuagem no estúdio qualquer, nem pensar. Não vale a pena correr o risco de sair de lá com alguma doença grave, AIDS ou Hepatite B” (VEJA, 2003, p.53).

O sujeito tatuado, produzido na contemporaneidade midiática, pressupõe um controle social, embora tal controle não seja soberano, pois trará a possibilidade do indivíduo voltar-se para si e praticar-se como sujeito, dando margem para um pequeno exercício de liberdade na medida em que há a possibilidade de escolher a técnica de tatuar, o local no corpo, o desenho, multiplicando as significações e também, a identidade que é, ao mesmo tempo, clivado pelo social e pelo governo de si. Em vista disso, assume-se a produção da *subjetividade* no que diz respeito às práticas pelas quais o sujeito faz

²⁷Na revista *Inked* 99% dos entrevistados têm uma preocupação com a saúde da pele e em outros periódicos que abordaram o assunto o dado se confirma.

experiência de si mesmo em “jogos de verdade”, isto é, como o sujeito adere às práticas, sejam coercitivas ou de *autoformação*, construídas no corpo social e constitui um modo de ser.

Foucault (1993) diz que, ao analisar a experiência da sexualidade e a história da experiência da sexualidade, entendeu que existem vários tipos de técnicas para analisar o sujeito, dentre as quais estão às técnicas de “dominação” e as “tecnologias do eu”. Aquelas podem ser entendidas como as práticas pelas quais o sujeito é definido e transformado pela formação de certos tipos de conhecimento, enquanto as tecnologias

permitem aos indivíduos efetuarem um certo número de operações sobre os seus corpos, sobre as suas almas, sobre o seu próprio pensamento, sobre a sua própria conduta, e isso de tal maneira a transformarem-se a eles próprios, a modificarem-se, ou a agirem num certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural e assim por diante. (FOUCAULT, 1993, p.208)

O teórico em pauta salienta que, se querendo analisar a genealogia do sujeito nas sociedades ocidentais, tem-se de levar em conta, não apenas as técnicas de dominação, mas também as técnicas do eu. Diga-se que é preciso considerar a interação entre estes dois tipos de técnicas, os pontos em que as tecnologias de dominação dos indivíduos uns sobre os outros recorrem a processos pelos quais o indivíduo age sobre si próprio e, em contrapartida, os pontos em que “as técnicas do eu” são integradas em estruturas de coerção.

Desse modo, entende-se que o sujeito tatuado constitui-se por um duplo processo: por um lado, ele se objetiva pelos saberes constituídos como verdades culturais e, por outro lado, ele coloca em evidência seus desejos, suas vontades, suas histórias que pertencem a si, mas estão intrinsecamente ligadas às técnicas de dominação. Para Foucault (1999: p. 7):

o ponto de contacto do modo como os indivíduos são manipulados e conhecidos por outros encontra-se ligado ao modo como se conduzem e se conhecem a si próprios. Pode chamar-se a isto o governo. Governar as pessoas no sentido lato do termo, tal como se dizia, na França no século XVI do governar as crianças, ou do governar a família, ou governar almas, não é uma maneira de forçar as pessoas a fazer o que o governador quer. É sempre um difícil e versátil equilíbrio de complementaridade e conflito entre técnicas que asseguram a coerção e processos por meio dos quais o eu é construído e modificado por si próprio.

Esse exercício de subjetivação em relação à prática da tatuagem pode ser exemplificado com a reportagem da revista **Super Interessante** de março de 2014, ao divulgar o 1ª Censo da Tatuagem no Brasil. Ela mostra que 27,5% da população brasileira se tatuam para **mostrar um lado seu** que fica escondido no dia a dia e 16% a faz por uma questão estética, de moda ou *status*, ou seja, regras disseminadas no meio social. No depoimento da estudante de Engenharia, Thaís, 30 anos, ela diz a **Super Interessante** ter feito uma tatuagem para homenagear sua mãe. Em outro depoimento, a oficial administrativa Adriana Correia afirma ter tatuado a frase “Carpe Diem” para marcar um momento único: a passagem dos 30 anos. Em ambos os relatos, registram-se momentos pessoais, nota-se um governo de si.

Mas, o que mais chama a atenção mesmo, nesses e em outros depoimentos de pessoas tatuadas, é que embora haja o exercício do biopoder sobre seu próprio corpo, todos precisam seguir padrões, símbolos e valores que são disseminados socialmente como ideais dentro dessa prática, pois o que não estiver dentro dessa ordem normalizadora, no geral, não é desejável nem aceitável. No depoimento de Adriana Correia, por exemplo, ela diz ter tatuado a frase “*carpe diem*”, mas ao descobrir que a Secretaria de Segurança de sua cidade mantinha um programa de ressocialização de mesmo nome junto às penitenciárias, “Aí já viu” foi alvo de preconceito e “chacota” pelos amigos. Isso mostra que é preciso adotar representações positivas socialmente, pois estar fora dos padrões sociais implica reações adversas. Esse fato mostra que o processo de subjetivação passa necessariamente, como propõe Foucault (2004), pelas tecnologias de governo que os indivíduos adquirem ou precisam adquirir.

O fato é que o sujeito é sempre efeito de relações de poder, seja mediante mecanismos disciplinares que o normalizam permanentemente em razão de tecnologias vigentes, “seja quando ele se toma como objeto para si próprio nos diferentes processos de subjetivação a partir do embate agonístico entre forças do querer e as potências de liberdade”. (CANDIOTTO, 2013, p.81)

Nos relatos expostos na revista *Inked*, deparou-se com “tecnologias de dominação” e “tecnologias do eu” por meio do encadeamento construído nas falas e imagens que apresentam as tatuagens e histórias pessoais. Os tatuados, ao relatarem as histórias de suas tatuagens, fazem questão de dizer que não marcaram isso de qualquer forma, em qualquer lugar ou por qualquer pessoa, mas em estúdios especializados e com

profissionais qualificados; estabelecendo, assim, cuidado consigo por disciplina e normas de conveniência social disponibilizadas nos meios midiáticos.

O que mostra que, se por um lado, está-se preso a mecanismos disciplinares normalizadores, por outro lado, como bem salienta Milanez (2009), vinculando-se a normas, começa-se a se posicionar como sujeito que se ocupa consigo mesmo. Veja-se, por exemplo, na entrevista com o *chef* de cozinha e vocalista da banda *hardcore* Henrique Fogaça, que além de mostrar sua relação pessoal com as tatuagens, ele faz questão de dizer que seu tatuador é Szazi, o húngaro radicado em São Paulo, conhecido como um dos tatuadores- ícones da cena brasileira. (INKED, 2010, p 25). Isso ratifica que a subjetividade do tatuado vai-se definindo a partir da relação entre um saber socialmente instituído para essa prática e as formas de apropriação desse saber pelos sujeitos, ou seja, a prática da tatuagem vai produzindo identidades para o sujeito tatuado, na medida em que aponta práticas de si que falam de sujeitos controlados, sujeitos que governam a si e os outros.

Para Foucault (1995), o homem tem acesso a si mesmo por meio de saberes. Para ele, é o próprio homem que cria técnicas simbólicas para comunicar-se, técnicas para voltar-se a si mesmo (tecnologias do eu), ele governa a si e os outros por meio de relações de saberes e poderes. Dessa forma, compreende-se que são as práticas discursivas de uma época e suas relações com o saber/poder que vão, discursivamente, objetivando os sujeitos. Esse processo ocorre mediante o que Foucault entende por “práticas divisoras”, em que o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros, que os classificam e os determinam numa ou noutra ordem subjetiva: o são e o louco, o normal e o anormal, e, por associação **o tatuado e o não tatuado**. (grifo nosso).

É importante salientar que essa ordem subjetiva está sempre sendo recriada pelo biopoder, “o poder sobre a vida, e também sobre o corpo, quer seja por meio de formas de dominação ou de técnicas e cuidados de si, ou pela *governamentalidade* (o governo de si por si mesmo e pelos outros; ou o governo de si e dos outros). ” (FOUCAULT, 1979) Trata-se do poder que se exerce sobre o indivíduo e sobre as massas, convertendo-se num controle que nos fabrica, propondo a todos e a cada um de nós, modos de subjetivação, dentro do processo do governo de si. Entretanto, “não devemos entender o exercício do poder como pura violência ou coerção estrita. O poder consiste em relações complexas. Essas relações implicam um conjunto de técnicas racionais e a eficiência delas deve-se à

sutil integração de tecnologias de coerção e de tecnologias do eu.” (FOUCAULT, 1999, p.7)

Em suma, o poder funciona como uma rede, que recai sobre o sujeito, mas também emana desse mesmo sujeito, por isso, não dá para analisar os sujeitos e a produção da subjetivação, dissociado das relações de poder. Nas palavras de Foucault (2012, p.270):

nas relações, quaisquer que sejam elas – que se trate de comunicar verbalmente [...] ou se trate de relações amorosas, institucionais ou econômicas –, o poder estar sempre presente. [...] essas relações de poder são, portanto, móveis, reversíveis e instáveis. Certamente é preciso enfatizar também que só é possível haver relações de poder quando os sujeitos forem livres [...] portanto, para que se exerça relação de poder, é preciso que haja sempre dois lados, pelo menos uma certa forma de liberdade. [...]. Isso significa que nas relações de poder, há necessariamente possibilidade de resistência, pois se não houvesse possibilidade de resistência não haveria de forma alguma relações de poder.

O poder, nessa concepção, se instaura em micro-instâncias, é um exercício integrante do cotidiano e “consiste em formas de luta contra sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão” (FOUCAULT, 1995, p.235). Contrapondo-se às técnicas de conhecimento e de controle das subjetividades, Foucault entende que o poder implica liberdade (o poder só se exerce sobre sujeitos livres) e possibilidade de resistência, sendo a resistência ao poder, muitas vezes, irresistível, pois embora a subjetividade seja produzida e modelada no registro social, os indivíduos vivem essa subjetividade numa relação de forças centrífugas, reapropriando-se dos componentes fabricados e produzindo a singularização, criando outras maneiras de ser. (GREGOLIN, 2006)

De acordo com a revista **Mente Cérebro e Filosofia** n.06 (p.07 -13), o problema que anima o último Foucault (1978-84)²⁸, é o da possibilidade de transformação do mundo, tanto subjetivo quanto social. Ele associa essa transformação aos combates e às lutas inerentes às relações de poder, considerando que as resistências ao poder devem ser entendidas como aquelas que visam à defesa da liberdade, de tal modo que a luta pela liberdade se inicia na própria esfera subjetiva.

²⁸ Na última fase de Foucault, ele voltou seu olhar para subjetivação a partir das técnicas de si e da governamentalidade, isto é, do governo de si e dos outros, orientando suas pesquisas na direção da sexualidade, da constituição histórica de uma *ética e estética de si* (**História da sexualidade, três volumes**). [GREGOLIN, 2004]

O território da liberdade se faz de atitudes e comportamentos, advém da maneira pela qual os sujeitos, em seus embates, em seus projetos, recusam as práticas que lhes são propostas, ou muito, além disso, instituem-se como sujeitos autônomos de suas práticas.

Entretanto, é importante entender que não há poder e liberdade em confronto, numa relação de exclusão, onde um aparece e a outra desaparece, uma vez que “é necessário que haja liberdade para que o poder se exerça” (FOUCAULT, 1995), pois o verdadeiro campo de luta para Foucault é o que dá margem ao exercício da liberdade autônoma e radical.

Essa liberdade gira em torno do que ele considera conflitos importantes, como as lutas contra a dominação, contra a exploração e as que erguem a questão do estatuto do indivíduo como objetos de conhecimento e objetos de dominação, contra o assujeitamento, contra as diversas formas de subjetividade e submissão. Para Foucault (1995, p.244), essas lutas de resistência são contra as diversas técnicas propostas pelo “governo de individualização” (*idem*, p.235), contra procedimentos desenvolvidos por meio de diferentes saberes como os que se fazem em torno, por exemplo, da Medicina e da Economia para conhecer, controlar e dirigir a vida das pessoas.

Opondo-se a essas técnicas de conhecimento de controle das subjetividades, o filho ilustre de Poitiers entende que as lutas de resistência em torno da individualização podem ser sintetizadas pela seguinte afirmação: “talvez o objetivo principal hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas nos descobrirmos e nos recusarmos a ser o que somos inventando nossa subjetividade”. (FOUCAULT, 1995, p.239). Não se trata de encontrar nosso eu no mundo, mas de criar nossa subjetividade, buscar as condições e as infinitas possibilidades de nos transformarmos. Antes de ser produto de um encontro, a subjetividade é resultado do processo inventivo. Processo pelo qual se cria, inventa-se novos modos de subjetividade, novos estilos de vida, para além das implantadas pelas modernas técnicas e relações de poder, mesmo porque o sujeito é uma permanente construção no interior da História, sendo produto das relações sociais e culturais.

Compreende-se, assim, como Foucault e alguns estudiosos de sua obra, como Machado (2008 – XIX), Gregolin (2004), Fernandes (2012), Navarro (2010), que “o indivíduo é uma produção do poder e do saber”, das resistências às técnicas disciplinares que circulam por meio dos discursos. Por esse viés, o sujeito é atravessado por diferentes

divisões e antagonismos sociais que resulta numa variedade de diferentes “posições-sujeito”, ou como entendem alguns teóricos como Bauman (2005) e Stuart Hall (2006, 2005), em “processos identitários”.

Bauman (2005) e Hall (2003) entendem a questão da identidade numa perspectiva cultural e discursiva, analisando-a enquanto processo em construção, produzida em um contexto sócio-histórico específico, portanto, fruto das relações sociais e culturais. Sendo uma construção discursiva, a identidade não está presa a uma única identificação, mas às possíveis identificações que constroem os espaços e os sujeitos em discursos que apresentam relações de poder, gerando outras formas de ver e dizer os objetos enunciados.

Para Hall (2005, p.12), há três tipos de sujeito que se desenvolveram nas sociedades ocidentais: o sujeito do Iluminismo, o sujeito da Modernidade e o sujeito Pós-moderno. Interessa-nos aqui, este último, pois de acordo com Hall (2003, p.104) nessa fase, segunda metade do século XX, o sujeito passa a ser pensado como fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas contraditórias e não resolvidas.

Conforme Bauman (2005, p. 11), a questão da identidade deve ser tratada no quadro da globalização e na “modernidade líquida”, tendo em vista que é a partir daí que irrompe uma forma de mudança radical e irreversível. “Uma grande transformação que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana, as relações entre eu e o outro”, criando um colapso do estado de bem-estar social e a posterior crescimento da sensação de insegurança.

O autor citado salienta que as identidades estão em colapso devido a mudanças estruturais e institucionais. “O próprio processo de identificação, por meio do qual se projeta em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”. Não há uma identidade, estável, essencial ou permanente, pois ela é uma “*celebração móvel*”, que se transforma continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas socioculturais que nos cercam. Dessa forma, no lugar do eu, proliferam novas imagens de subjetividade, na medida em que se consideram processos históricos contínuos.

Compreender a textualização no corpo significa entender as novas formas de significar o corpo e os sujeitos, ou seja, o desejo de constituição de outras posições sujeito, além das propostas por comunidades já pré-estabelecidas e institucionalizadas (família, igreja, nação, etc.), para assim se reconhecer enquanto sujeito de seu desejo. Os elementos singulares que se constroem em torno do corpo tatuado é uma busca do sujeito em direção de si mesmo. Para Bauman (2005), esse desejo de reconhecer a si mesmo ou de marcar uma identidade, ocorre devido a nossa individualidade estar ameaçada por uma identidade globalizante que ultrapassa os territórios fixos, as distinções culturais, a estabilidade identitária. Rompe de fato e simbolicamente com a sedentarização dos povos.

É justamente pensando o sujeito inserido nesse mundo globalizado, de interconexões culturais, que essa pesquisa propõe investigar como o discurso da tatuagem vem produzindo marcas de objetivação para o tatuado, permitindo a constituição de determinado sujeito. Interessam a ela compreender “técnicas de si”, procedimentos, técnicas disciplinares prescritas aos indivíduos expostas na revista *Inked* que propõe fixar uma identidade, mantê-la ou transformá-la, dentro das relações de poderes que se criam a partir desses discursos. E assim, apontar como os sujeitos vão sendo modelados pelas regras de comportamentos que se manifestam nas práticas discursivas sobre a tatuagem, limitando os sujeitos, mas também expressando, tornando-os visíveis, em direção a uma individualidade. Trata-se de uma construção de si pela retomada dos discursos de outrem.

Entende-se a prática da tatuagem como uma prática discursiva por meio da qual os indivíduos são levados a prestar atenção a eles próprios, procurando desvendarem-se como *sujeito de desejo* ao apropriar-se para si uma marca do seu desejo, do eu na pele, sinais identificativos, definitivos ou provisórios que sinalizam uma lembrança, um momento, um fato, uma pessoa, um amor, um lugar, etc., bem como possibilitam aos sujeitos escreverem-se em técnicas contemporâneas voltadas para o corpo, marcando assim, um lugar para o sujeito social.

No ensaio sobre a relação entre sujeito e poder “*Por que estudar o poder: a questão do sujeito*” (1995), Foucault deixa claro que “há dois sentidos para a palavra sujeito: sujeito submetido ao outro, mediante o controle e da dependência, e sujeito preso a sua própria identidade, por meio da consciência ou do conhecimento de si.” Nesse mesmo texto, ele diz ainda que o Estado ocidental moderno alcançou algo jamais visto na

história das sociedades humanas – uma combinação complexa de técnicas de individualização e procedimentos totalizantes, baseado, nas instituições cristã, no poder pastoral²⁹ que perdeu sua força eclesiástica desde o século XVIII, mas ampliou sua função fora da instituição eclesiástica, “ampliou-se, subitamente por todo o corpo social; encontrou apoio numa multiplicidade de instituições” (FOUCAULT, 1995, p.238), ou seja, hoje estaria prevalecendo aquele tipo de poder que atinge prioritariamente o cotidiano imediato dos indivíduos e que se ocupa de saber o que se passa nas cabeças e consciências individuais, explorando desejos, produzindo verdades nas quais todos devem se reconhecer e pelas quais são reconhecidos. Para Foucault (1995, p.239):

talvez, o mais evidente problema da filosofia, na sociedade moderna, seja a questão do tempo presente e daquilo que somos nesse exato momento. [...]. Temos que imaginar o que poderíamos ser para nos livrarmos deste duplo constrangimento político que é a simultânea individualização e totalização própria as estruturas do poder moderno.

Inquieto questionador da cultura do seu tempo, o pensador francês, depositou, no decorrer de seus estudos, um olhar crítico sobre todas as formas de sujeição do homem. Segundo Fischer (2012, p.57), esse filósofo jamais foi benevolente ou paternalista, daquele tipo que enxerga a verticalidade das relações, ele sempre apontou para ideia de que o poder existe em ato e de ambos os lados. Em ambos os lados há agentes, e há sempre espaços para respostas, reações, efeitos. Enfim, o poder se exerce sobre aquele que é livre. “E a tendência da sociedade ocidental, como ele descobre, especialmente em **Vigiar e punir**, tem sido aperfeiçoar, burilar, sofisticar, as estratégias de poder, criando-se dispositivos cada vez mais complexos, nos quais os indivíduos terminam por enredar-se, tomando para si as próprias ações que lhe cingem a subjetividade”. Esta por sua vez, segundo Foucault (2012, p. 236), é “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo”:

²⁹Isto se deve ao fato de que o Estado moderno ocidental integrou, numa nova forma política, uma antiga técnica de poder, originada nas instituições cristãs. Podemos chamar esta tecnologia de poder pastoral. Dizia-se que o cristianismo havia gerado um código de ética fundamentalmente diferente daquele do mundo antigo. Em geral, enfatiza-se menos o fato de que ele propôs e ampliou as novas relações de poder no mundo antigo [...] esta forma de poder não pode ser exercida sem o conhecimento da mente das pessoas, sem explorar suas almas, sem fazer-lhes revelar os seus segredos mais íntimos. Implica um saber da consciência e a capacidade de dirigi-la. Esta forma de poder é orientada para a salvação (por oposição ao poder político). É oblativa (por oposição ao princípio da soberania); é individualizante (por oposição ao poder jurídico); eco-extensiva à vida e constitui seu prolongamento; está ligada à produção da verdade - a verdade do próprio indivíduo. (FOUCAULT, 1995, p.236-237)

A história do ‘cuidado’ e das ‘técnicas’ de si seria, portanto, uma maneira de fazer a história da subjetividade [...] através do empreendimento e das transformações, na nossa cultura, das ‘relações consigo mesmo’, com seu arcabouço técnico e seus efeitos de saber (FOUCAULT, 1997, p. 111).

Para Deleuze (1995), além de mostrar como os processos de subjetivação se fazem diversos em diferentes épocas, produzindo modos de existência e estilos de vida muito próprios, Foucault afirmou, sobretudo, que há um lugar de intensidade, uma possibilidade ético-estética de se produzir uma existência artística.

Observa-se que o sujeito tatuado vem-se processando discursivamente no decorrer do tempo em condições socioculturais específicas, o que significa que ele não pode ser o mesmo de um lugar a outro, ou de um tempo a outro. Por outro lado, também não se pode deixar de mencionar o fio regulador que esse conhecimento foi produzindo no decorrer da história. Marcar o corpo sempre significou momentos importantes da vida: nascimento, passagem (da infância para adolescência) festa, guerra, luto, sabedoria, poder, beleza, etc. É o corpo que se adorna ou é marcado para significar (ARAÚJO, 2005). São fatos, acontecimentos culturais e pessoais que, ao longo do tempo, em meio à dispersão enunciativa, construíram uma memória e uma história em torno da escrita no corpo, fazendo parte de um conjunto de tecnologias e experiências de si, mesmo havendo um jogo de verdade para o corpo e o sujeito tatuado.

O que se presencia é que a prática da tatuagem na mídia envolve séries enunciativas, regularidades, que ora fazem retornar a nós mesmos, ora induz ao prazer estético, uma forma de homogeneização das aparências que cria sujeitos e identidades pela prática da tatuagem no decorrer da História. (LE BRETON, 2004), principalmente, a partir de discursos de verdades como, por exemplo, o da Literatura, o Jurídico e o da Mídia.

A Literatura, por exemplo, propõe, por meio da tatuagem, o sujeito marginalizado das ruas, dos becos e da desordem (identidade fixa ligada a um grupo) ou ainda expõe o sujeito saudoso, deixando na sua pele marcas de sua história, seu lugar, seus amores e desejos. Essas construções podem ser vistas, por exemplo, nas obras que seguem: **Memórias do Cárcere** de Graciliano Ramos: “desejando livrar-se do estigma, o pobre causticara inutilmente a pele [...] os restos da infame tatuagem, a marca da ferida iriam

persegui-lo sempre”; “**Iracema**” de José de Alencar: [...] “Iracema preparou as tintas. O chefe embebendo as ramas de pluma traçou pelo corpo os riscos vermelhos e pretos”; em **Mar Morto** de Jorge Amado: “o nome dos seus três saveiros estão tatuados no lado direito junto com o braço do seu irmão”.

Ainda, como exemplo, no campo jurídico, verifica-se a prescrição por meio de projetos de leis que regularizam a prática da tatuagem como um princípio de conduta, uma moral a que os sujeitos obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; respeitam ou negligenciam um conjunto de valores, eles criam regras, modos de ser para o sujeito que quer se tatuar.

Conforme Le Breton (2004, p. 10), os anos 80 e 90 viram emergir uma preocupação do domínio do corpo, de gestão de aparência, tornando-se invólucro de tecnologias por vezes radical como o *body bulding*, regimes, alimentares, ginásticas, marcas corporais, tatuagens, cirurgia estética, *body art*, etc. O corpo “torna-se afirmação pessoal, bem visível duma estética e de uma moral da presença [...], porta-voz da imagem que entende dar de si mesmo”.

Nessa época, a visibilidade em torno das práticas voltadas para o corpo abre caminho para a tatuagem, principalmente, no discurso da mídia, nas telenovelas brasileiras, nas propagandas, nas revistas masculinas e femininas, nas revistas de moda, saúde, entretenimento e até em revista informativas como **Veja e Isto é**. Segundo Courtine (2005), o uso dessa prática passou a ser maior ainda em diferentes meios de comunicação a partir dos anos 80 com o mercado do consumo de bens e serviços destinados à manutenção do corpo. A partir dessa época, surge um indivíduo encantado consigo mesmo, vendo no corpo a possibilidade de criar práticas voltadas para si mesmo. Tanto pelas tecnologias voltadas para o corpo como pelo desejo de sair de sua indiferenciação.

Nesse período (final da década de 80 e início da década de 90), a tatuagem firma na pele uma reivindicação de si, proclamando uma estética de sua existência. De acordo com Danner (2008, p.74), no processo de construção da subjetividade moral dos indivíduos, a estética da existência (a famosa *tècnhe tou biou* dos gregos) desempenha um papel fundamental, sendo concebida como “um momento privilegiado da formação do caráter moral dos indivíduos”. Nela, o indivíduo é convidado a se transformar a si

mesmo e a sua própria existência a partir de princípios morais e estéticos. Esse conceito “guia a perspectiva de um estudo, engendrado na estetização do sujeito, encarado como forma a ser elaborada, trabalhada e constituída segundo critérios de estilo, por meio de tecnologias de saber, poder e de si. ”

1.2.4. Biopoder, Disciplina, Biopolítica e Governamentalidade

Dentro do conjunto da obra de Michel Foucault, os trabalhos realizados na década de 1970 indicam uma preocupação em analisar os meios, procedimentos e instrumentos usados pelo poder para governar e constituir o homem moderno. Os meios de normalização disciplinar e as técnicas de “biopoder”, biopolítica e governamentalidade são formas de poder que, conjuntamente, são responsáveis pela objetivação e subjetivação do indivíduo. Ele escreve:

Parece-me que um dos fenômenos fundamentais do século XIX foi, o que se poderia denominar a assunção da vida pelo poder: se vocês preferirem, uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização do biológico ou, pelo menos, uma certa inclinação que conduz ao que se poderia chamar de estatização do biológico. (FOUCAULT, 1999, p. 285 -286)

O legado da reflexão de Foucault em torno da inserção do poder na vida promove na atualidade a análise de discursos midiáticos que circulam como instrumentos que propagam uma *anátomo-política* - para o corpo e uma gestão da vida para a população – uma *biopolítica da população*.

O biopoder - poder sobre a vida e sobre os corpos dos sujeitos – faz referência à *disciplina* e à *biopolítica*. Ele surge, segundo Hardt (2001) na transição histórica da *sociedade disciplinar* para a *sociedade de controle*. (HARDT, 2001, p.42, grifos do autor).

Esses conceitos são desenvolvidos por Foucault em **História da sexualidade I**: a vontade de saber, na *aula de 17 de março de 1976*, publicado mais tarde na obra na obra “*Em defesa da Sociedade*”, e em seu texto *Segurança território e população* (1977-1978). Nestes textos, ele compreende que as técnicas disciplinares são redimensionadas a uma *anátomo-política* do corpo humano que procura controlar e disciplinar

detalhadamente a multiplicidade dos homens, na proporção que essa multiplicação resulta em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados e eventualmente punidos. Na obra *“Em defesa da Sociedade”*, o biopoder passa por um longo percurso: o poder soberano - o poder sobre a vida e a morte -, o poder disciplinar – uma *anátomo-política do corpo humano*– e uma *biopolítica da população do corpo-espécie* – aqui o corpo é suporte vivo dos processos biológicos.

Na teoria clássica da soberania, o direito de vida e de morte era um de seus atributos fundamentais. Em certo sentido, dizer que o soberano tem direito de vida e de morte significa, no fundo, que ele pode fazer morrer e deixar viver; em todo caso, que a vida e a morte não são desses fenômenos naturais, imediatos, de certo modo originais ou radicais, que se localizariam fora do campo do poder político (FOUCAULT, 1999). O mestre francês mostra que esse poder estatal soberano serviu de análise para as guerras e racismo político em que se justifica a morte como pretexto à multiplicação da vida.

No século XIX, esse direito sobre a vida passou a ser complementado por tecnologias direcionadas ao corpo. O velho direito de soberania – “fazer morrer ou deixar viver” – é perpassado, modificado por um direito novo, por um poder exatamente inverso: “poder de “fazer” viver e “deixar” morrer”. “Já se vê formulada essa questão a propósito do direito de vida e de morte”. (FOUCAULT, 1999, p.287).

Os séculos XVII e XVIII viram aparecer técnicas de poder que eram essencialmente centradas no corpo individual. A disciplina montava um novo cenário de poder, mas, desde então, voltado para o corpo:

eram todos aqueles procedimentos pelos quais se assegurava a distribuição espacial dos corpos individuais (sua separação, seu alinhamento, sua colocação em série e em vigilância) e a organização, em torno desses corpos individuais, de todo um campo de visibilidade. Eram também as técnicas pelas quais se incumbiam desses corpos, tentavam aumentar-lhes a força útil através do exercício, do treinamento, etc. Eram igualmente técnicas de racionalização e de economia estrita de um poder que devia se exercer, da maneira menos onerosa possível, mediante todo um sistema de vigilância, de hierarquias, de inspeções, de escriturações, de relatórios: toda essa tecnologia, que podemos chamar de **tecnologia disciplinar do trabalho**. Ela se instala já no final do século XVII e no decorrer do século XVIII.(grifo nosso).(FOUCAULT, 2008^a, p. 45)

Nessa *anátomo-política do corpo humano*, o objeto é o corpo individual, considerado como uma máquina no qual recaem todas as técnicas de disciplinarização a

fim de torná-lo dócil, útil e produtivo. De certa forma, governáveis. “Na sociedade disciplinar o comando é construído mediante uma rede difusa de dispositivos ou aparelhos que reproduzem e regulam os costumes e as práticas produtivas” (HARDT, 2001, p.42). São técnicas que regem os homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quando é mais útil. (FOUCAULT, 2009, p.133).

Entretanto, em meados do século VIII, emana outra tecnologia do poder, diferente da disciplinar, mas que não a exclui. Ela embute técnicas disciplinares, integram-nas e modificam-nas parcialmente e que, sobretudo, utiliza implantando-se de certo modo nela, e incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia.

Surge assim, uma “biopolítica da espécie humana”, diferentemente da disciplina que se direciona ao corpo individual. Trata a biopolítica de um conjunto de processos referentes ao corpo vivente a partir do qual seria possível regular, planificar, manipular, estimular macro-acontecimentos como taxas de natalidade, morbidade, longevidade, mortalidades e fluxos migratórios, juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos que constituíram os primeiros alvos de controle da biopolítica. (FOUCAULT, 1999, p. 289).

Temos, portanto, desde o fim do século XVIII, duas tecnologias de poder que são introduzidas com certa diferença cronológica e que são sobrepostas:

uma técnica que é, pois, disciplinar e centrada no corpo, produz efeitos individualizantes, manipula o corpo como foco de forças que é preciso tomar úteis e dóceis ao mesmo tempo. E, de outro lado, temos uma tecnologia que, por sua vez, é centrada não no corpo, mas na vida; uma tecnologia que agrupa os efeitos de massas próprios de uma população, que procura controlar a série de eventos fortuitos que podem ocorrer numa massa viva; uma tecnologia que procura controlar (eventualmente modificar) a probabilidade desses eventos, em todo caso em compensar seus efeitos. É uma tecnologia que visa portanto,

não o treinamento individual, mas o equilíbrio global, algo como uma homeostase (FOUCAULT, 1999, p. 297)

Sobre essas tecnologias que giram em torno dos processos vitais que incidem sobre a espécie humana, Castro (2009) diz que o sexo funcionou como dobradiça nessas duas direções: da disciplina e da biopolítica. Para Foucault, o sexo é objeto de poderes e saberes que visavam, não somente ao controle dos corpos individualizados, mas principalmente administrar e regular a vida de todo o corpo social. (CANDIOTTO, 2013). Analisando a experiência sobre a sexualidade, Foucault percebe que os indivíduos podem efetuar certo número de operações sobre seus corpos de maneira tanto a transformarem a si próprios como serem transformados por estruturas de coerção.

A partir do dispositivo da sexualidade, desenvolviam-se políticas para o corpo, a fim de estabelecer para a população, disciplina, regulamentação e normalização. Em termos de regulamentação, por exemplo, a masturbação infantil impediria que essa prática se tornasse um vício na fase adulta e, em decorrência, houvesse o enfraquecimento das forças para no trabalho produtivo, (FOUCAULT, 1984). O sexo, como dispositivo da sexualidade, tornava-se uma maneira de compor as técnicas disciplinares do indivíduo com os procedimentos reguladores da população, fazendo parte de um conjunto de procedimentos pelo qual se desenvolveu a biopolítica. (CASTRO, 2009).

O tempo do biopoder, que é por excelência o nosso, define-se pela ampliação crescente das relações entre os saberes biológicos e biomédicos e os dispositivos jurídico-institucionais com grandes efeitos na macropolítica (relações entre Estado ou no interior de um Estado) como nas micropolíticas (interferência no modo de vidas das pessoas). Para Foucault (2008), as tecnologias de segurança postas em ação na sociedade, vão- se realizar por mecanismos que têm por função modificar alguma coisa no destino da espécie.

Para Hardt (2001, p.42), a biopolítica integra o novo paradigma de poder, provocando mudanças no gerenciamento da vida em que os indivíduos saem da sociedade disciplinar para uma sociedade de controle. Aquela é construída mediante uma longa rede de dispositivos que produzem, normalizam e regulam os costumes, os hábitos e as práticas produtivas, por meio de instituições disciplinares (igreja, prisão, fábrica, asilo, etc.). Já, a sociedade de controle pode ser “caracterizada por uma intensificação e uma

síntese dos aparelhos de normalização de disciplina que animam internamente nossas práticas diárias e comuns”. Mas, em oposição à disciplina, o controle age como forma de gerir a vida, desenvolvendo mecanismos cada vez mais sutis e democráticos de disciplinarização, distribuídos pelos corpos e cérebros dos cidadãos. Um exemplo disto são os enunciados que se constroem por meio do dispositivo midiático que propõem corpos saudáveis, malhados, bonitos, tatuados e sensuais.

Nessa direção, Castro (2009, p. 58- 60) diz que “o biopoder foi o elemento indispensável para o desenvolvimento do Capitalismo. Ele serviu para controlar a inserção no aparato produtivo e para ajustar os fenômenos da população aos processos econômicos”.

A biopolítica surgiu, a partir do século VIII, como “meio de racionalizar os problemas colocados para a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes enquanto população”. Essa nova forma de poder se ocupará então de assegurar a existência da espécie humana, cuidando da proporção de nascimentos, de óbitos, das taxas de reprodução, da fecundidade da população. Em suma, da demografia. Cuida, ainda, das enfermidades endêmicas, da higiene pública, da velhice e das relações com o meio geográfico.

Nessa ordem da biopolítica, nosso objeto de estudo – o sujeito tatuado - passa por questões que envolvem uma preocupação com a vida da população. A saúde pública e justiça social ocupam lugar de destaque como preocupação governamental. Criam-se, assim, mecanismos de controle que possam intervir de forma global na vida das pessoas que querem se tatuar. Por exemplo, o projeto lei do Senador Edson Duarte de 2007 “acrescenta um dispositivo à lei nº 9.029/1995, a fim de proibir a discriminação de pessoas portadoras de tatuagens e *piercings*”, tendo em vista que quem usa tatuagem ou *piercing* é discriminado em suas relações empregatícias. Nesse caso, o projeto salienta que “toda discriminação é um ato de agressão que o Estado tem obrigação de coibir, punindo se necessário”.

Essa preocupação do governo com a saúde e o gerenciamento da população, em relação à prática da tatuagem, é ainda mais amplo no projeto de lei do deputado Tadeu Mudalen de 2007. Nele, o deputado dispõe sobre a prática da tatuagem e do *piercing* doze artigos com incisos e parágrafos, criando regras, procedimentos e normas para os cuidados com a saúde do corpo e o controle da população que se tatua. O parlamentar diz

que, nos dias de hoje, os estúdios proponentes da prática da tatuagem precisam se inscrever em normas jurídicas e administrativas vigentes. O corpo, para receber desenhos na pele, tem que ser maior de idade (se for menor, necessita de autorização do responsável.); os profissionais precisam adotar os cuidados com a higiene, usando agulhas esterilizadas, luvas, assepsia com produtos adequados e o local tem de ser inscrito nos órgãos competentes (como por exemplo, Vigilância Sanitária). Veja-se a lei: O Congresso Nacional decreta:

Artigo 9º É proibido a realização de tatuagem em menores de 18 anos, a menos que autorizados pelos pais ou representantes legais.

O art. 5º do projeto lei diz “na execução de procedimentos inerentes as práticas de tatuagem e de *piercing*, antes de atender cada cliente, o profissional responsável deverá:

I – realizar a lavagem das mãos com água e sabão/detergente, seguida de antissepsia com álcool etílico iodado a dois por cento ou álcool etílico a setenta por cento.

II- calçar luvas, obrigatoriamente descartáveis e de uso único;

III – realizar a limpeza da pele do cliente com água potável e sabão/detergente apropriado para esta finalidade;

IV - após a limpeza da pele descrita no inciso III, proceder a antissepsia da pele do cliente empregando álcool etílico a dois por cento ou álcool etílico a setenta por cento, com tempo de exposição mínimo de três minutos.

Já o Art. 10 diz: “os estúdios de tatuagem e de *piercing* somente poderão funcionar mediante cadastro junto às autoridades sanitárias competente.

Art. 12 o descumprimento de qualquer dos dispositivos desta lei sujeita o infrator à pena de multa de até 10.000, 00 (dez mil reais), podendo ser dobrada em caso de reincidência.

Essas são apenas algumas normas criadas para governar o corpo que pretende passar pela prática da tatuagem. Tatuados e tatuadores, ao se inscreverem nesses cuidados de governo do corpo, necessariamente adotam técnicas performativas que estão vinculadas a uma biopolítica de segurança, vigilância e adequação aos princípios morais em circulação.

A subjetivação do sujeito tatuado envolve biopoderes ligados às dinâmicas do governo. São normas justificadas pelos órgãos governamentais que colocam em emergência a questão da saúde pública e do bem-estar da população, pois com a propagação de doenças como a AIDS a partir da década de 70 pela falta de higiene adequada, tornam-se uma preocupação do governo os cuidados com a saúde da população. Sendo a saúde de responsabilidade do Estado, justificam-se as normas e os projetos de leis que interveem no nível daquilo que são as determinações desses fenômenos gerais, desses fenômenos que atinjam o corpo social.

Na atualidade, é perceptível que essas regras são retomadas nas campanhas estatais e nas produzidas pelos meios de comunicação, a fim de propor uma série de mecanismos para o corpo, e assim normalizar práticas e atitudes, excluindo aqueles que não passam pelo crivo da normalidade. A revista *Inked*, por exemplo, disponibiliza uma série de imagens que expõem o corpo tatuado a partir de um conjunto de técnicas para o bem-estar do corpo, formas de controle de um corpo bonito e saudável que circula na atualidade. Nessas publicações, a prática da tatuagem é divulgada por meio de marcas, símbolos e representações que circulam positivamente em outros lugares discursivos, buscando normalizar o que está fora das regras sociais da época. Tudo isso, repassado, sutilmente com a ideia de satisfação pessoal, de felicidade. As capas que seguem, juntamente com as entrevistas no interior do periódico, são bons exemplos disso.



Figura 3 Revista Inked - abril/maio de 2012

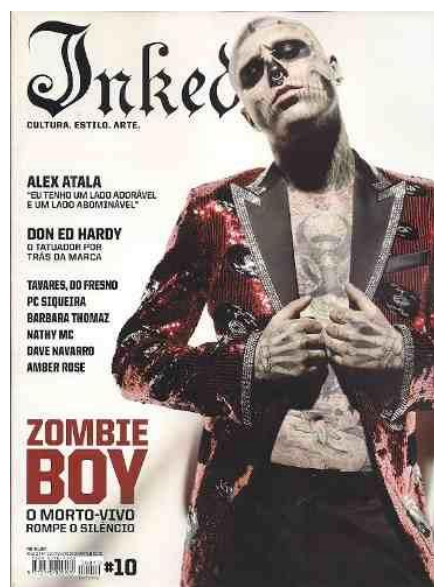


Figura 4 Revista Inked - fevereiro/março de 2012

Em ambas as capas, o discurso da tatuagem é atravessado tanto pelo discurso da arte como pelo da sexualidade. No sincretismo entre imagens e enunciados, preserva-se a tatuagem como arte e lugar de sensualidade na medida em que ela rompe com o discurso normalizador da época.

Nesse quadro, tanto Akemi (figura 3) como Zumbi (figura 4), ao marcarem com tinta mais de 50% do corpo, fogem às regras sociais e culturais em torno da prática da tatuagem, visto que, de modo geral, é discursivizada positivamente pouca tatuagem, as

que são relativamente pequenas e aquelas que ficam em lugares mais discretos. Além disso, é regularmente publicado por tatuadores, psicólogos, educadores, etc; em sites, livros, artigos e conselhos do tipo: “antes de fazer uma tatuagem pense bem, prefira as pequenas e façam em lugares onde a roupa possa esconder” (COSTA, 2011, p.03), sem contar que pesquisas indicam que mais da metade das pessoas que fazem tatuagens querem removê-las após algum tempo (SUPERINTERESSANTE, 2014).

Nessas edições, estando, a princípio, na contramão do sistema, a revista *Inked* propõe a normalização do sujeito “transgressor”³⁰, por intermédio do discurso da arte e da sensualidade, veiculando novos modos de subjetivação tanto para o sujeito tatuados em romper com o biopoder social que circula sobre seus corpos. Para isso, a revista retoma sentidos já consagrados socialmente em torno desses discursos. Noutras palavras, ela propõe uma intervenção do sujeito tatuado, na condição de ser social ligado a uma biopolítica que se constitui na qualidade do controle sobre o indivíduo, a partir de coordenadas, de um direcionamento para as populações, estabelecidas em torno do espaço das suas próprias circunscrições coletivas, ou seja, a tatuagem não rompe com regras sociais, mas inclui novas maneiras de expressar a arte e a sensualidade.

Segundo Foucault (2009, p.297), na Modernidade, instauram-se duas forças inerentes ao biopoder: uma disciplinar, para tornar os corpos dóceis e úteis e uma centrada não, no corpo, mas na vida. Esta procura controlar séries de eventos destinados às massas vivas. “Uma tecnologia que procura controlar (eventualmente modificar) a probabilidade desses eventos, em todo caso em compensar seus efeitos”. Entretanto, é importante compreender que as tecnologias, usadas na prática da *tattoo* promovem formas de subjetivação, que não foram inventadas *ab initio* por um poder centralizador, mas constituídas numa autêntica e complexa relação entre instituições, pessoas e forças.

A biopolítica, que se principia entre o fim do século XVIII e o começo do XIX, concentra-se na figura do Estado e é exercida com pretensões de administrar a vida e o corpo da população. Acredita-se, assim como Coito (2012), que determinadas práticas, principalmente, aquelas que tomam o corpo como objeto, a exemplo da tatuagem, passa por uma biopolítica, mas também refletem o poder sobre o próprio corpo, o qual é marcado por vontade própria ou por indução de uma ideologia, “revela o biopoder que o

³⁰ Transgressor, nesse caso, como aquele que foge as regras, as normatizações sociais.

indivíduo instaura sobre si mesmo, em um tempo e um espaço que identifica sujeitos e narra história(s)”.

De acordo com Ramos do Ó (2013, p.178) “todos os mecanismos de submissão à ética, desenvolvidos, a menos de um século até hoje, têm suposto sempre que o sujeito possa tomar suas próprias decisões”. Na prática da tatuagem, a biopolítica há muito que se traduz por uma vontade de si produzida para o corpo. Para ilustrar o exposto, citam-se, ainda como exemplos, os trechos abaixo:

a) *Coração de Leão. Debaixo dos vestidos delicados de suas personagens, uma tattoo de coração com um furacão dentro dá pistas da veia inquieta e arrebatadora de Leandra Leal (INKED, 2010, p. 37 ao apresentar Leandra Leal).*

b) *A gaiola aberta, o passarinho voando, foi um recado sutil pra um namorado que teve uma crise de ciúmes infundada [...] quando eu namorava o Gui, o pai de Francisco, ele queria tatuar uma palavra. Como estávamos recém-separados de nossos antigos casamentos e felizes juntos, sugeri a palavra alegria. Essa tattoo foi desenhada pelo tatuador e amigo, Daniel de Jesus, ele é muito profissional e segue a risca todos os cuidados com a pele. A escritora Cris Guerra mostra aqui suas tatuagens que mais parecem pistas de suas histórias de amor. (INKED, 2012)*

c) *Na tatuagem formatei o meu universo para encaixar a minha loucura. Fala do tatuador Paul Booth³¹ em entrevista a Inked ao explicar as inúmeras tatuagens que tem pelo corpo e, principalmente uma imensa na cabeça que avança pelo seu rosto. (INKED, 2012, p.84)*

Ele marca na pele suas histórias, tornando o seu corpo, um lugar de representação pessoal. Um biopoder que passa pelo governo de si sem deixar ainda de ser construído na relação com o outro, pois o indivíduo, ao consumir tecnologias para exercer um poder sobre seu corpo, sua vida, seu bem-estar pessoal, insere-se em práticas sociais de governo para gerenciamento da vida. Como bem salienta a fala de Cris Guerra ao dizer que suas tatuagens foram feitas seguindo “à risca” todos os cuidados com a pele.

³¹Tatuador mundialmente aclamada, foi chamada de o novo rei das tatuagens do Rock pela Rolling Stone, por tatuar músicos do Slayer, Slipknot, Mudvayne, Pantera, entre outros. Hoje, sua arte obscura é desejada por incontáveis clientes que se dispõem a esperar pelo menos três anos para serem tatuados por essa lenda. Mas o frenesi não é nada comparado à sua Arte. (INKED, 2012, P.84)

Outro fato relevante que chama a atenção está na fala e apresentação da *Inked* a Paul Booth. Na entrevista, percebem-se que os efeitos de um processo de objetivação acontecem tanto por um biopoder que emana da revista para o tatuador, como por uma relação de poder que emana de outro lugar, exterior a ele; neste caso, especificamente da revista *Rolling Stone*. O que o consagra como Rei da tatuagem do *rock'n'roll* não são, apenas, as diversas tatuagens que se “encaixam na sua loucura”, mas sua relação com outro, este inerente ao processo de objetivação de sujeito. “Essa relação de poder sobre si mesmo não se separa da relação de poder sobre os outros” (FISCHER, 2012, p.66). Esse poder circula, é exterior, e se forma nas técnicas de disciplinamento, nos cuidados de governo e nos valores socioculturais.

Nas palavras de Foucault (2009, p.43), “não se pode cuidar de si mesmo, se preocupar consigo mesmo sem ter relação com outro”. O governo de si está diretamente relacionado ao governo do outro. Segundo Do Ó (2013), na Modernidade, as zonas de governo vêm cada vez mais fundidas com a circulação de discursos científicos, institucionais e midiáticos suscetíveis de refletir uma massa de comportamentos. Relação que acontece no discurso da tatuagem mediante técnicas e normas direcionadas para essa prática e adotadas pelos sujeitos que se tatuam.

O filósofo francês postula o governo de si e do outro após ter proposto o conceito de biopolítica para descrever e analisar as novas formas de exercício de poder sobre a vida da população. A partir disso, esse teórico formula o conceito de governamentalidade (*gouvernementalité*), entendido como um conjunto de técnicas de governo, ou seja, novas formas de implementar o poder com o objetivo de melhorar o destino da população, ele concebe o conceito de governamentalidade, criticando a ideia de Estado como instituição de poder unilateral.

O Estado tanto atualmente quando sem dúvida ao longo de sua história, jamais teve esta unidade, esta individualidade, esta funcionalidade rigorosa e, eu até diria, esta importância; ao final das contas, o Estado talvez não seja senão, uma realidade composta, uma abstração mitificada, cuja importância é muito mais reduzida do que se crê. (FOUCAULT, 2008b, p.112)

Diferentemente dessa visão vulgar de senso comum, o autor citado percebe a noção de governo como “o conjunto das instituições e práticas por meio dos quais guiam

os homens desde a administração até a educação”. (FOUCAULT, p. 93). Em outras palavras, a governamentalidade designa um conjunto de procedimentos, técnicas, métodos descentrados que conduz a vida dos homens na sociedade.

A noção de governamentalidade não limita o poder ao Estado, à Igreja, à polícia, enfim, as grandes instituições, mas o poder está pulverizado na sociedade:

governar é, pois, um exercício permanente que pretende entrecruzar de forma homóloga os comportamentos e atitudes de todos. Não nos encontramos mais nas lógicas da dominação do poder soberano, mas nas relações de poder em que governar pressupõe a aceitação dos governados, mas também implica a possibilidade de resistência. (CORACINI, 2008, p.59).

No texto “Governamentalidade”, parte de uma aula ministrada por Foucault (2008), em 1978, ele explana que, a partir do século XVIII, a arte de governar relaciona-se à emergência da expansão demográfica e seus objetivos passaram a ser “aumentar a riqueza, a duração de vida e a saúde” das pessoas. Os instrumentos utilizados para isso são campanhas e técnicas que agem direta e indiretamente sobre a população sem que ela perceba como, por exemplo, campanhas contra a mortalidade, as relativas ao casamento, as campanhas de vacinação. Essas técnicas de governar ajudam na manutenção da vida da população que aparece “como sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto nas mãos do governo: como consciente, frente ao governo, daquilo que ele quer e inconsciente em relação daquilo que ele quer que ela faça”. (FOUCAULT, 2008, p.289).

As campanhas governamentais se constituem em um eficiente meio de expor e esclarecer o que o governo faz e o que o povo cobra e espera, pois, a partir de diferentes campos do saber, são publicizadas as formas de governar, as vozes e o desejo da população.

Com vistas ao bem-estar, à promoção da vida e da higiene é que Foucault analisa as *artes de governar* e a *governamentalidade*. “O neologismo da governamentalidade opera, portanto, como instrumento heurístico para investigação da racionalidade das práticas de controle, vigilância e intervenção governamental” (DUARTE 2013, p.55). Ele salienta, ainda, que foi na procura de entender a relação entre biopolítica e população, que Foucault passou a examinar genealogicamente as práticas de governo.

Conforme esse comentador, a noção geral de governo já havia sido objeto de interesse para Foucault desde “*Os anormais*” (1974 -1975). Esta obra aborda desde os procedimentos jurídicos tradicionais da punição na idade Média até a lenta formação de um saber intimamente relacionado a um poder de normalização, mas é no curso de 1977-1978, quando seus estudos se direcionam para compreender as formas de poder constituídas na sociedade a partir do século XVI, que a noção de governo passa a desempenhar um papel fundamental na transformação do pensamento foucaultiano:

por um lado, servia de guia em pesquisas sobre a hermenêutica de sujeito, sobre o cuidado de si e sobre a estética da existência, orientando as práticas de si na antiguidade; por outro lado, ela também permitira suas reflexões sobre as novas formas de subjetivação no presente, enquanto criação de novas formas de relação, de sociabilidade e de amizade, entendidas com resistência aos poderes de controle e objetivação da liberdade dos sujeitos (DUARTE, 2013, p.54)

As palavras de Duarte podem ser ratificados na obra de Foucault *Ditos e escritos*, volume IV (1994), quando ele trata do tema governamentalidade relacionando o governo de si e sua ligação com o outro (como se encontram nas relações diárias: na igreja, pastor-rebanho; na escola, professor-aluno). No mesmo volume, ele diz: “eu denomino governamentalidade o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si.” (FOUCAULT, 1994, p 254).

É com essas palavras que também justifico a construção desse tópico nessa pesquisa, visto ser esse conceito, e, conseqüentemente, o conceito de biopoder e biopolítica, essenciais para se examinar genealogicamente como a mídia e, especificamente, a revista *Inked* cria modos de subjetivação e identidade para o sujeito.

Acredita-se que há, na construção do sujeito tatuado, um conjunto de tecnologias voltadas para seu corpo enquanto corpo-espécie. Tal sujeito se constitui por meio de técnicas e disciplinas que o governam e o normalizam dentro dos padrões de beleza e *status* proposto midiaticamente. Com isso, é inegável que na prática da tatuagem haja uma estética de si que passa por uma *governamentalidade* que envolve uma *anátomo-política* do corpo e uma biopolítica para o sujeito tatuado.

É importante recorrer à memória discursiva em relação à entrada da prática da tatuagem no mundo ocidental, em especial nos Estados Unidos, onde ela ganhou

popularidade a partir da na década de 50 e, no Brasil, por volta da década de 60. Para esses países, a tatuagem era símbolo de liberdade para uns, mas sinônimo de rebeldia e anormalidade para outros, principalmente para as instituições governamentais. Logo surgiram técnicas de controle, tendo em vista que ela desestruturava a ordem social. No intuito de manter a ordem, cria-se, a partir da biopolítica, um conjunto de regras para essa prática que os tatuadores, daquela época, acreditavam ser na verdade, uma tentativa de bani-la.

Segundo Marques (1997), o discurso governamental postulava os usuários rompiam com toda forma de padrão ou ordem que lhes fossem impostas. No entanto, segundo Stan (tatuador entrevistado pela *Inked*) não foi bem isso o que aconteceu, pois eles queriam ser reconhecidos e vistos pela sociedade como sujeitos que são governados, mas que também governam a si, sujeitos que têm desejos e anseios. Por outro lado, o discurso da ordem que circulava nas instituições governamentais na época (como a polícia e a igreja, a escola) excluía a tatuagem das práticas em voga. O discurso do governo para justificar a exclusão era que não se tentava proibir a prática da tatuagem, mas estilizar uma liberdade: aquele que o homem “livre” exerce em sua atividade. Dizia-se que não era a proibição a essa prática que estava em jogo, mas os perigos para a saúde que ela colocava para a população.

Dessa forma, o governo pregava que a tatuagem não era vista como um mal em si mesmo, podendo fazer parte dos estigmas naturais de anormalidade contra natureza, mas, o que inquietava, sendo motivo de preocupação era a relação dessa prática com a saúde, com a vida. Por isso, a necessidade de desenvolveram todo um conjunto de leis, normas e proibições em torno dessa prática. O que logo foi absolvido pelas camadas mais elitizadas da sociedade.

Entretanto, posteriormente, segundo Stam (tatuador entrevistado pela *Inked*), essa ideia cai por terra quando no final dos anos 80 os estúdios de tatuagem entravam na ordem discursiva das normas de vigilância sanitária, mas a prática continuava sendo vista pelo poder estatal como transgressora as normas de boa conduta. Via-se então que o que se buscava não era a saúde dos indivíduos, mas o poder dos indivíduos sobre o próprio corpo, seu comportamento e sua conduta; sua resistência à ordem moral para o corpo, ou seja, regras de normalização para o corpo. Criava-se a partir daí uma biopolítica para o corpo tatuado em que a partir dela o governo propunha governar os corpos dos outros.

Esse poder sobre o corpo, ao longo do tempo, ganhou novas formas e ordens, chegando à modernidade de forma sutil mediante políticas do bem-estar físico, estético, sensual, sendo constantemente retomadas e repetidas pela mídia.

E, embora, na contemporaneidade, essa biopolítica para o corpo tatuado seja diferente daquela época, hoje, as políticas do bem-estar físico são ainda mais recorrentes, isso ocorre porque, segundo Courtine (2013), vive-se em uma época de políticas de saúde para o corpo. Essas ações direcionadas ao corpo são, geralmente, ancoradas pelo discurso jurídico, pelo discurso da saúde, da beleza e do bem-estar pessoal, bem como atravessadas por outras positivities discursivas como no caso da tatuagem pelo discurso da arte, da moda, etc.

O cuidado em relação à prática da tatuagem é recorrente nas propagandas de *Studios* e nas falas de profissionais da área, bem como na voz de psicólogos e educadores. Por exemplo, na fala de Mauricio Teodoro (tatuador entrevistado pela *Inked*) e na propaganda que segue, há uma preocupação com a saúde e o bem-estar direcionado para o indivíduo que quer entrar no grupo de tatuados.

Teodoro fala da importância de escolher estúdios legalizados (registrados na Receita Federal) e profissionais experientes e capacitados. Já, as propagandas elencam os 10 passos e cuidados que se devem ter antes de marcar o corpo. Esses cuidados passam desde a capacidade do profissional até os cuidados com a saúde e com a alma.

Vejam como na propaganda abaixo (figura 06), a preocupação com a saúde e a satisfação pessoal é recorrente. A materialidade verbal cria, a partir dos dez mandamentos, uma biopolítica para a prática da tatuagem. “Criamos [...] rígidos padrões de assepsia e biossegurança” ou ainda, “Nossa missão [...] é contribuir para a difusão da arte, cultura, melhoria da qualidade de vida e autoestima.



Figura 6. Revista Inked –fevereiro/ março de 2012

Empresa Jack tattoo;

Tradição e qualidade.

Líder na área de procedimento de pigmentação permanente da pele (tatuagens artísticas) e *piercing*

Fundada por JACK HERRERA EM 1986, sempre com total qualidade em cada tatuagem que realiza. *Jack Tattoo* traz originalidade, conhecimento e principalmente satisfação ao cliente.

Materiais de alta qualidade e profissionais atentos a oferecer o melhor resultado final e assessoria permanente.

A empresa conta com uma rede de estúdios climatizados e atende todas as normas da exigidas pela ANVISA.

Visando sempre ao conforto, segurança e acessibilidade do cliente.

Tanto a propaganda (na figura 6) quanto à fala do tatuador repassam para o sujeito modos de se constituir enquanto sujeito tatuado e propõem regras de como bem se tatuar, seguindo toda uma política de segurança, do bem-estar e saúde física e mental. Neste caso, o sujeito governa a si à medida que segue um conjunto de biotecnologias propostas na prática da *tattoo*. Discursos que são advindos de outros lugares, de outras formações discursivas como o da saúde e da bioestética, atravessados por uma ordem jurídica (discurso da ANVISA) que vem credibilizar as técnicas essenciais na construção dos discursos que marcam a pele.

Os vocábulos “tradição” e “qualidade”, bem como o nome do fundador em caixa alta “JACK HERRERA”, e o enunciado: “atende todas as normas exigidas pela ANVISA”, enunciam uma política de segurança e cuidados no processo de pigmentação da pele. O nome do fundador, seguido da data - 1986 - mostram sua inserção no mercado por mais de duas décadas, ou seja, a marca de prolongamento no mercado passa uma confiabilidade. Do mesmo modo, a palavra “tradição” também provoca ideia de segurança. Além disso, para que o cliente se renda de uma vez por toda a prática da

tatuagem, sem medo e com segurança, a propaganda anuncia que atende todas as normas exigidas pela ANVISA. Esses vocábulos irrompem efeitos de sentidos que normalizam o modo de tatuar a pele em razão de uma ortopedia moral vigente. E mesmo, quando o indivíduo toma como objeto para si próprio esses valores circulantes, socialmente, no processo de subjetivação a partir do embate entre forças do querer e da liberdade, operam-se forças específicas do modelo cristalizado de uma moralidade social padronizada. Nesse conjunto enunciativo, o poder vigente é formado na materialidade verbal, principalmente, pelo pronome indefinido “todas” e seu referencial ANVISA, visto emanar daí uma força jurídica, leis e normas que dão credibilidade à prática da *tattoo* nesse ambiente. Verifica-se que o pronome “todas” não trata apenas de uma ou duas ou quaisquer das normas vigentes da ANVISA, mas de todas as normas que o órgão propõe para a prática da *tattoo*.

Esse conjunto de técnicas regulares que aparecem nos corpos dos sujeitos tatuados, amparado pelos discursos da segurança e bem-estar físico ou mental estão na base da constituição dos saberes sobre a prática da tatuagem na modernidade. São dizeres que regulam, limitam, impõem formas de se tatuar. Desse modo, constata-se que o cuidado consigo, mesmo em relação à tatuagem, não pode ser dissociado das relações de poder pré-estabelecidas (leis e normas), visto que o governo do eu por si mesmo é atravessado por questões biopolíticas já constituídas socialmente.

1.2.5. Sujeito tatuado: da biopolítica para os cuidados de si

As inflexões foucautianas, em sua analítica do poder no campo das análises éticas, ou seja, das relações do sujeito consigo mesmo, das tecnologias do eu e das formas de subjetivação afirmam uma tomada de posição mais ativa em relação ao poder, pois Foucault sempre recusou uma visão negativa do poder, colocando sempre o tema da resistência, parece que, em seus últimos cursos, vê-se uma ênfase maior nessa afirmação, pois em sua entrevista de 20 de janeiro de 1984, reproduzida nos **Ditos e Escritos**. Ele diz que a ética do cuidado de si significa a produção de práticas de liberdade. Nessa perspectiva, as relações éticas estão atravessadas por relações de poderes que nos direcionam a pensar a constituição do sujeito pelo governo dos outros e pelos cuidados sobre si mesmo.

Os cuidados sobre si levam Foucault a falar do indivíduo que se constitui enquanto sujeito moral, para isso ele estuda a partir de uma análise cuidadosa de textos da Antiguidade greco-romana. Ele, assim como Deleuze, era fascinado pelos gregos, sobretudo pelos modos como os gregos propunham o cuidado de si, a transformação de si mesmo, para fazer uma obra da existência.

Foucault pensou e descreveu como foi ocorrendo, e com que estratégias e discursos, esse processo de construir verdades para e sobre o sujeito, de promover o constante deciframento de si. Para tanto perguntou sobre as rupturas e descontinuidades, em tais formas de subjetivação. Tratou também de técnicas muito específicas de produção de verdade do sujeito, como a confissão, e mostrou as formas concretas de existência desse aparato, entre os cristãos primitivos e em outras realidades. (FISCHER, 2012, p.47)

Certamente, vê-se que pensar as relações consigo mesmo na atualidade não se trata das mesmas técnicas, preceitos estudados por Foucault na época Clássica – do “cuidado consigo” -, mas de outro conjunto estratégico que é preciso descrever, situando numa *episteme* completamente distinta daquela estudada por Foucault. No entanto, é inegável que a discussão trazida por esse filósofo, em seus últimos textos, sobre a objetivação do sujeito não possa servir de exemplo para se pensar as novas formas de falar de si, expostas nas diversas vitrines midiáticas.

Os estudos foucaultianos em torno da moral são importantes, na medida em que se pensam como nos voltamos para o eu, e o tomamos em suas formas mínimas. Será que não há alguma possibilidade de estabelecer elos entre esse modo de olhar para si contemporaneamente e o que Foucault chamou de cuidado de si, fundamentado nos clássicos gregos e romanos? Será que os inúmeros programas televisivos, publicações (institucionais ou não) que se dirigem a nós, homens e mulheres nos propondo cuidados de que precisaríamos ter com a alimentação, com o sono, com a sexualidade, com a pele, com a educação de nossos filhos, com a aparência física, e assim por diante não são modos e técnicas de cuidados consigo?

Revel (2005, p.33), em seus estudos foucaultianos, diz que “o cuidado de si” aparece para Foucault no prolongamento da ideia de ‘governamentalidade’, ou seja, “a ideia do governo dos outros segue, com efeito, aquele do governo de si”, ou melhor, a

maneira pela qual os sujeitos se relacionam consigo mesmo e tornam possível a relação com o outro.

Para Fonseca-Silva (2011), os estudos de Foucault acerca da ética não deixam de debruçar-se no âmbito do problema geral do governo, só que, agora, a ênfase deixa de ser o governo da vida (que se dá com a abordagem dos mecanismos da biopolítica) para àquelas do “governo de si”³²- aquele que cuida de si mesmo. Embora não se possam dissociar os cuidados com a vida e com o corpo de uma biopolítica da população, é possível reagir e criar uma maneira de governar o corpo e a vida, pois “o espaço do corpo não é produzido somente por uma realidade geral, ele, também, é criado por um cuidado consigo mesmo, pelo desejo de uma vida saudável, pelo desejo de ser belo ou de parecer bem para si e para o outro”. (*ibidem*, p.414)

Segundo Fischer (2012, p.49), a proposta da inquietação consigo mesmo, de aperfeiçoamento de si, em Foucault, está diretamente ligada à recusa permanente daquilo que ele mesmo era. Há aí um convite a construir o que nós poderíamos ser para nos livrarmos desse triplo constrangimento, que é sermos assujeitados individual, coletiva e globalmente. “Para isso, talvez tenhamos que recusar a nós mesmos, ao que nos constitui todos os dias, recusar as ‘verdades’ que para nós construímos e nas quais nos apoiamos e até descansamos, às vezes, por algum tempo”.

Antes de se adentrar nesses cuidados de si para consigo, inscritos na contemporaneidade, em especial no interior da *Inked*, precisa-se, primeiramente, esclarecer algumas questões que estão nas teses foucautianas atreladas aos cuidados de si, a saber, a cultura de si. Qual é a finalidade da cultura de si? E qual sua relação com o governar de si mesmo? Numa perspectiva foucaultiana, cultura de si deve-se entender o “[...] fato de que a “arte da existência” – a “*techne tou biou*” sob as suas diferentes formas – nela se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso ‘ter cuidados consigo’; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática” (FOUCAULT, 1985, p. 49).

³² Importante salientar que nesse movimento de inflexão, ela não tem o estatuto de uma demarcação rigorosa entre o final das análises sobre o governo da vida e o início das análise sobre o governo de si. (ver mais em Fonseca 2012)

Desse modo, a cultura de si é um princípio que expressa a necessidade de ter cuidados consigo mesmo, de ocupar-se consigo mesmo (*heautou epimeleisthai*), de prestar atenção a si mesmo.

Na perspectiva foucaultiana, a cultura de si assume a forma de um exercício que o indivíduo realiza sobre si mesmo, ou seja, um exercício em que o indivíduo procura se elaborar, transformar-se e atingir um determinado modo de ser e de agir, um determinado *ethos*³³. É o que vai denominar de “*technè tou biou*”, isto é, uma arte da vida, uma estética da existência. Dessa maneira, a cultura de si está diretamente vinculada à formação do caráter moral dos indivíduos e o princípio do cuidado de si, proposto a partir de Foucault (consagrado por Sócrates) e que circulava em diversas doutrinas diferentes, assumiu a forma de atitudes, de maneiras de ser, de agir e de se comportar; impregnou as formas de viver, de uma “arte da existência” que se pretende ser. Essa arte de existir, extravasando seu quadro de origem, “adquiriu progressivamente as dimensões e as formas de uma verdadeira cultura de si.” (FOUCAULT, 1985, p.50).

O cuidado de si assumiu a forma de uma prática social. Desenvolveram-se, também, práticas, receitas e procedimentos que eram refletidos, desenvolvidos, aperfeiçoados e ensinados para os cuidados consigo. Nesta perspectiva, a cultura de si relacionada aos cuidados de si constitui-se “[...] como uma prática social, dando lugar às relações interindividuais, a trocas e comunicações, e até mesmo às instituições; ele proporcionou, enfim, um determinado modo de conhecimento e a elaboração de um saber”, por meio dos quais os indivíduos se reconhecem como sujeitos sociais. (FOUCAULT, 1985, p. 50).

Nessa perspectiva, a cultura de si passa por uma preocupação consigo mesmo, de modo, a saber, o que é conveniente aos seus próprios cuidados. Segundo Foucault (1985, p.56), ocupar-se consigo mesmo se prolonga a uma série de cuidados com o corpo.

Ocupar-se consigo não é uma sinecura. Existe toda uma série de recomendações que devem ser tomadas em relação ao corpo: regimes de saúde, exercícios físicos, sem excesso, e a satisfação, tão medida quanto possível das necessidades.

³³O *éthos* em Foucault de acordo com Castro (2009) retoma a ideia de *éthos* para os gregos, sendo que Foucault retoma esse conceito para estabelecer a ideia de Modernidade, ou seja, “uma escolha voluntária de uma maneira de pensar e de sentir, de agir e conduzir-se como marca de pertencimento e como tarefa.

Além dos cuidados com o corpo, como propõe Foucault, há, ainda, os cuidados com a alma: exercícios de meditação, as leituras, anotações retiradas dos livros ou das conversações com outros e que, mais tarde, deverão ser relidas, rememoração das verdades já sabidas e que convém apropriar-se ainda mais e melhor; as conversas com os confidentes: amigos guia ou diretor. Assim, a prática de si não se constitui em “[...] um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social” (FOUCAULT, 1985, p. 57).

Em relação à prática da tatuagem, reconhece-se nela uma prática de si que parece intrinsecamente ligada ao cuidado com o corpo e a ‘serviço da alma, comportando neles a possibilidade de jogo de trocas com o outro e um sistema de obrigações recíprocas que são constituídas nas práticas sociais.

Desse modo, fazendo uma analogia ao conceito foucaultiano definido a partir dos textos dos gregos, “cultura de si” que constitui a *epimeleia heautou* (o cuidado de si mesmo), pode-se dizer que, em relação ao sujeito tatuado, esse cuidado passa pelo prazer que se tem consigo mesmo, pelas histórias e escolhas pessoais, pelo conhecimento e valorização de si mesmo, por uma “ética do domínio”, isto é, pertencer a si mesmo, embora, vale lembrar que esses cuidados são atravessados por uma subjetividade moral que circula no meio social que, também, define os critérios éticos e estéticos da existência do sujeito tatuado.

Ao tratar do prazer sexual, ou em relação ao trabalho sobre si mesmo, Foucault lembra que “a moral exige, ainda e sempre, que o indivíduo se sujeite a uma certa arte de viver que define os critérios estéticos e éticos da existência” (1985, p.72), ou seja, uma moral implica tanto uma relação aos códigos a que se efetua como implica uma relação consigo.

O cuidado de si para si, na prática da tatuagem, é bastante evidente, por exemplo, nas *tattoos* marcadas na pele daqueles que fazem homenagens as pessoas que amam. Vê-se nesse tipo de tatuagem a manutenção do amor, os cuidados com a prática amorosa. O sujeito cuida desse amor, ao marcar na pele a importância que o outro tem para si. Mas por outro lado, fica evidente que esse cuidado é atravessado por uma biopolítica midiática para o corpo tatuado. Veja, em anexo, a reportagem da revista **Quem**, intitulada: “o amor tatuado”. Na reportagem são diferentes mães famosas, esteticamente dentro dos padrões

ideais, que declaram o amor aos filhos, marcando na pele o nome deles. Entretanto, não é qualquer tatuagem ou qualquer pessoa que pode aparecer nessa revista, pois a revista **Quem** é um periódico que expõe e espetaculariza, apenas, vida das pessoas famosas.

Foucault (1985, p.37) chama a atenção para as diferentes realidades que a palavra “moral” engloba no regimento do sujeito na sociedade: podendo ser considerado como “moralidades” enquanto ações de indivíduos ou grupos propostos por diferentes instâncias; enquanto “códigos”: sistemas de regras e valores que vigoram uma sociedade, e, ainda, enquanto história da maneira pela qual os indivíduos são chamados a se constituírem como sujeitos da conduta moral,

essa história será aquela dos modelos proposto para a instauração e desenvolvimento das relações para consigo, para a reflexão sobre si, para o conhecimento, o exame, a decifração de si por si mesmo, as transformações que se procuram efetuar sobre si. Eis aí o que se poderia chamar de uma história da ética e da ‘ascética’, entendida como histórias das formas de subjetivação e das práticas de si destinadas a assegurá-las.

Em suma, a moral adquiriu um alcance bastante geral, ou seja, “ocupar-se consigo mesmo”; uma “atitude”; “procedimentos e práticas repetidas e voluntárias”; relações interindividuais; “enfim certo modo de conhecimento e elaboração de um saber”, em que as resistências são possíveis, abrindo o espaço de possibilidade para que o indivíduo se submeta mais ou menos completamente às regras de conduta, por meio de sua obediência ou resistência às interdições. (FOUCAULT, 1985, p.50)

Tomando a prática da tatuagem a partir dessa ideia - prática voluntária e elaboração de um saber – toma-se a fala do tatuador Bowery Stan, patriarca da tatuagem em Nova York, em entrevista a *Inked* ele diz que, na época (1961), a tatuagem e os tatuadores eram coisa de “baderneiros”, “drogados” e o governo não gostava deles, então, na época, “o Departamento de Vigilância Sanitária começou um boato sobre hepatite. Começaram a culpar os caras da tatuagem porque precisam de um bode expiatório pra tudo” (INKED, 2011, p.90). Esse fato impulsionou os tatuadores na época, a exemplo de Stan, a buscar a regularização pela prática. Assim, eles entraram na ordem discursiva do governo - uma biopolítica para o corpo -, criando um código moral para a tatuagem. Para Foucault (1985), as regras de conduta ou código moral classificáveis são definidas como

a forma pela qual o indivíduo constitui a si mesmo como sujeito moral, ao agir sob a influência de um código.

Nesse ponto, ganha importância o conceito de modos de sujeição, isto é, a maneira como o sujeito estabelece sua relação com tais regras, constituindo-se pela obrigação de colocá-las em prática. Para isto, embasa-se na elaboração do trabalho ético sobre si mesmo, não somente tornando seus atos adequados a uma regra dada, mas também se atualizando pelo exercício da prática moral.

Em relação ao nosso estudo, percebe-se que se cria, a partir de uma exigência para a prática da tatuagem, uma moral em torno do corpo tatuado, que não se dá indiferentemente do que Foucault nos apresenta em **Historia da Sexualidade: o uso dos prazeres** (1984) quando trata da reflexão moral dos gregos e seus prazeres sexuais, ele diz que os moralistas a fim de definir o uso dos prazeres não diziam ver o sexo como um problema, mas o que os preocupavam era a vida e a saúde das pessoas.

No entanto, Foucault (1984, p.125-125) diz que essa ideia não consistia quando o cuidado principal dessa reflexão não passava pelo regime das patologias, nem pelas condutas normais e práticas anormais patológicas, mas a reflexão se restringia ao “uso dos prazeres - suas condições favoráveis, sua prática útil e sua rarefação necessária – em uma função de certa maneira ocupar-se do próprio corpo”.

Embora os modos de subjetivação em torno da tatuagem passem por relações individuais, é notório que ela passa por uma moral a partir dos discursos jurídico e “bioestético” que normalizam e impõem regras de conduta de comportamento e cuidados para o corpo tatuado. Isso pode ser comprovado também, por exemplo, quando os tatuados e tatuadores dizem, em entrevistas, sobre a importância de se fazer tatuagens em estúdios legalizados (registrados na Receita Federal) e com profissionais capacitados.

Desse modo, vê-se que o processo de subjetivação em torno da tatuagem passa por uma estética da existência; um exercício em que o indivíduo procura se elaborar, transformar-se e atingir um determinado modo de ser e de agir, um determinado *ethos*³⁴ que se constitui a partir da liberdade de escolha do seu próprio desenho, mas que essas escolhas não os libertam das regras de normalização jurídica, estética ou médicas a

³⁴O *éthos* em Foucault de acordo com Castro (2009) retoma a ideia de *éthos* para os gregos, sendo que Foucault retoma esse conceito para estabelecer a ideia de Modernidade, ou seja, “uma escolha voluntária de uma maneira de pensar e de sentir, de agir e conduzir-se como marca de pertencimento e como tarefa.

qual a prática da tatuagem está submetida. Não os liberta de moral que governa os corpos modernos. O desejo de governo do corpo é atravessado por uma biopolítica para o corpo, obrigando o indivíduo a governar-se, a partir de tecnologias direcionadas ao corpo.

Segundo Castro (2009), Foucault propõe a estética da existência como atitude da Modernidade, isto é, enquanto postura ética e política de nosso tempo, ou seja, diante de uma lei última que fundamenta ou que dê sentido ao mundo. Frente a uma historicidade e a um relativismo radicais, resta ao homem adotar uma postura afirmativa em relação ao mundo, realizar uma prática refletida de sua liberdade por meio de uma postura permanentemente crítica e inventiva sobre si mesmo. Foucault (1985) busca inspiração para essa estética da existência nos gregos e latinos.

A estética da existência constitui-se, a partir de técnicas e cuidados que se inscrevem, como uma fórmula em torno do qual emerge e se constitui o sujeito, mediante práticas de liberdade e a partir de certo número de regras e de leis encontradas no meio cultural. Para Foucault (1997: p.111):

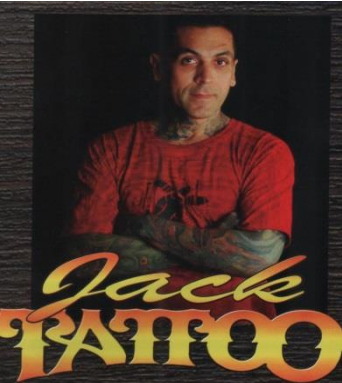
A história do cuidado de si e das técnicas de si seria, portanto uma maneira de fazer da subjetividade; porém não mais através da separação entre loucos e não loucos, [...] delinquentes e não delinquentes não mais através da constituição de campos de objetividade científica, dando lugar ao sujeito que vive que fala que trabalha. Mas através de empreendimento e de transformações, na nossa cultura, das relações consigo mesmo com seus efeitos técnicos e seus efeitos de saber.

Dessa forma, é possível retomar a questão da “governamentalidade” pensando em outro aspecto: o governo de si por si na sua articulação com as relações com o outro, pois a prática da tatuagem como um governo de si para si passa por uma moral que propõe determinados modos de subjetivação a partir do outro. Isso é possível porque indiferentemente de outras práticas sua existência tem seu *status*, suas regras, seu regime de verdade que são constituídos por um conjunto de “técnicas de si” para si, isto é, “procedimentos, que, sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins.” (FOUCAULT, 1997, p. 109).

Essas regulamentações, esse “cuidado consigo” podem ser consideradas uma regularidade em todas as edições da revista *Inked* analisadas, abrangendo uma dispersão de elementos com suas lacunas, falhas, desordens, superposições, incompatibilidades,

trocas e substituições. Tal dispersão pode ser descrita pela singularidade em torno dos cuidados com o corpo que passam por questões que incluem desde a escolha do estúdio de tatuagem até a da *tattoo* e do tatuador. Sem esquecer, é claro, que esse cuidado é sempre atravessado por outras práticas discursivas como as de higiene, saúde, estética, beleza, arte, moda, sensualidade, etc. São cuidados que constituem uma biopolítica para o corpo, em constante exposição na mídia.

Para exemplificar o exposto, (re)tomam-se duas propagandas de um estúdio de tatuagem, que circulam nas edições da *Inked*. Observe os exemplos que seguem:



O Studio Jack Tattoo, é um dos melhores estúdios de São Paulo com uma equipe de profissionais certificados e preparados para oferecer atendimento personalizado, com alta qualidade e total segurança. São milhares de desenhos de todos os estilos e criação personalizada sem nenhum custo extra. Serviços de dermopigmentação (tatuagens artísticas) e perfurações corporais (body piercing) e ainda belas jóias de diversos tipos. Com decoração aconchegante, moderna e som ambiente, criamos uma infra-estrutura completa com rígidos padrões de assepsia e biossegurança. Nosso objetivo é atingir o reconhecimento contribuindo para o profissionalismo e a valorização da arte.

NOSSOS 10 MANDAMENTOS

- 1 Qualidade e preço justo
- 2 Respeito ao cliente
- 3 Controle de qualidade
- 4 Higiene total
(garantia de segurança e proteção à sua saúde)
- 5 Tatuagens artísticas
(femininas, realismo (retrato e fotografia) e oriental)
- 6 Cuidados na pele
(reformas, retoques, coberturas (cover-up), de cicatrizes e estrias)
- 7 Body piercing
(todos os tipos de perfurações e uma grande variedade de jóias)
- 8 Personalização
(exclusividade em criações artísticas)
- 9 Credibilidade e inovação
- 10 Profissionais Renomados

Estúdio jack tattoo, é um dos melhores estúdios de São Paulo com uma equipe de profissionais certificados e preparados para oferecer atendimento **personalizado** com alta qualidade e **total segurança**. São milhares de desenhos de todos os estilos e criação personalizada sem nenhum custo extra. **Serviço dermopigmentação** (tatuagensrtísticas) [...] Com decoração aconchegante, moderna e som ambiente, criamos uma infra-estrutura completa com rígidos padrões de **assepsia e biossegurança**. **Nosso objetivo** é atingir o reconhecimento contribuindo para o **profissionalismo e a valorização da arte**.

Figura 7 Revista Inked - abril/maio de 2012, p.90



Jack TATTOO
WWW.JACKTATTOO.COM.BR
TATUAGENS ARTÍSTICAS
BODY PIERCING

A EMPRESA:
Definitivamente as lojas JACK TATTOO se conectam plenamente com a arte e se fazem presente em todos os estilos. Elaborando e antecipando trabalhos exclusivos junto às novas tendências da sociedade moderna. Aliada a uma grande sede de inovar, faz da JACK TATTOO, uma das mais conceituadas e destacadas do país.

MISSÃO
Nossas lojas são devidamente empenhadas em contribuir para a difusão da arte, cultura, melhoria da qualidade de vida e auto-estima. Produzir e disseminar um trabalho original e independente é a nossa meta, estabelecendo uma sinergia entre o indivíduo e sua época. Desta forma estabelecemos uma relação sólida, os clientes se tornam amigos e vice-versa, e superando expectativas. As lojas JACK TATTOO são referência máxima na arte de tatuar.

VALORES E PRINCÍPIOS
Comprometimento, eficiência, qualidade, inovação, comunicação, perseverança, integridade, pioneirismo e valorização das pessoas. Somos sempre inspirados e antenados para contribuir com o mundo em que vivemos. A equipe das lojas JACK TATTOO trabalha com excelente atendimento, e principalmente o foco no cliente.

@jacktattoo1
f JACK TATUAGEM
jack-tattoo@hotmail.com
jack_tattoo@hotmail.com

A empresa: Definitivamente as lojas Jack Tatto se conectam plenamente com a arte e se fazem presente em todos os estilos. Elaborando e antecipando trabalhos exclusivos junto às novas tendências da sociedade moderna. Aliada a uma grande sede de inovar, faz da Jack Tattoo, uma das mais conceituadas e destacadas do país.

Missão: nossas lojas são devidamente empenhadas em contribuir para a difusão da arte, cultura, melhoria da qualidade de vida e autoestima.

Figura 8- Revista Inked - abril/maio de 2012, p.88

Nas propagandas das lojas de “Jack Tatto”, (figuras 7-8), estúdio de tatuagem localizado em São Paulo, são enunciadas formas de se tatuar sem correr risco. A primeira propaganda enuncia por meio de 10 mandamentos os cuidados e benefícios que o sujeito terá ao fazer a escolha por esse estúdio. O discurso da tatuagem é atravessado pelo discurso religioso, pois sendo ele um discurso moralmente aceito como verdade, criam-se, por meio de uma memória discursiva religiosa, sentidos positivos para a prática da tatuagem.

Nesse caso, propõe-se uma estética de si em torno da tatuagem atravessada por uma moral religiosa que dá credibilidade e segurança ao indivíduo. Por meio dos dez mandamentos (que devem ser cumpridos “à risca”, senão o sujeito sofrerá sanções), a propaganda propõe uma biopolítica para o corpo tatuado, instituindo para o sujeito modernas tecnologias para o cuidado consigo mesmo. Propõe-se, por meio de um conjunto de técnicas, uma subjetivação moral destinada a garantir os cuidados de si para com o corpo tatuado. Esse efeito de sentido é instituído, principalmente, na instauração de um corte entre o que se deve e que não se deve fazer parte na prática da tatuagem.

Além desse enunciado, outros termos como “missão”, “segurança”, “autoestima”, “modernidade”, “assepsia” asseguram aos sujeitos a manutenção dos cuidados da tatuagem no corpo. Os efeitos de sentido são constituídos no domínio que Foucault (2005) denomina “efeito de repetição, reconhecimento e deslocamento”.

A propaganda insere-se em uma rede de formulações que as antecedem. Ela ressignifica uma memória social religiosa, médica, estética, etc. A eficácia semântica desses enunciados torna o presente inteligível pela concretude de fatos históricos inscritos em outras formações discursivas e reconhecidos socialmente como verdades. Por isso, os sentidos não escapam às continuidades e às rupturas de que é feito o curso do acontecimento. Conforme Foucault (2005), o passado e o presente se esclarecem mutuamente a fim de explicar os acontecimentos imediatos.

A prática da tatuagem, vista nos enunciados tanto da primeira quanto da segunda propaganda das lojas Jack, possibilita dizer que os cuidados com essa prática propõem a subjetivação do sujeito tanto por certos critérios estéticos individuais quanto por uma moral ética pré-estabelecida no meio cultural, pois, simultaneamente, há uma proposta de escolha individual que se aparece no enunciado: “milhares de desenhos de todos os estilos e criação personalizada sem nenhum custo extra, como essas escolhas individuais são atravessados por uma biopolítica para o corpo na medida em que a prática é atravessada por enunciados que prezam o bem-estar e o cuidado com a saúde e a vida.

Exemplo: “*Missão: nossas lojas são devidamente empenhadas em contribuir para a difusão da arte, cultura, melhoria da qualidade de vida e autoestima*” e “*rígidos padrões de assepsia e biossegurança*”.

As propagandas propõem sujeitos tatuados por meio de práticas de “assepsia” e “biossegurança”, ou mesmo por meio de dez mandamentos. O bem-estar sobre o corpo passa a ser exercido por meio de controles precisos, regulações e mecanismos de segurança. Trata-se de uma cultura de si que passa por um biopoder, cujo fundamento é inserir ao máximo a vida dos sujeitos em tecnologias contemporâneas.

Essa política de biossegurança, inscrita na materialidade discursiva, propõe o cuidado consigo mesmo pelos cuidados que outro tem sobre si, criando assim, uma prática de si para si, tanto pelas escolhas que muitas vezes já estão lá prontas no estúdio, como pelas tecnologias para o corpo, instituídas socialmente por outras práticas discursivas, representadas por regras médicas, códigos estéticos, profissionais renomados e regulamentações certificadas.

Portanto, o que se revela nesse processo de transformação dos cuidados com o corpo tatuado na sociedade moderna é uma estética de si que passa por uma biopolítica para o corpo. Ademais, de acordo com Baronas (2003, p. 89):

desde o seu nascimento, por meio de práticas sociais de controle e de vigilância, é impresso no indivíduo um código de conduta moral e penal que o torne uma pessoa perfeita: sadia, crente, dócil, integra, sensata bem comportada [...] inscritos em determinados, padrões definidos pelo *olhar-leitor-mercado* como válidos.

Foucault (1984) salienta que o indivíduo age de forma a operar como sujeito moral desta ação em relação aos códigos prescritivos que circulam em sua cultura; porém, mesmo em um contexto rígido, existem várias maneiras de ser austero. Tais diferenças em relação às formas de ser fiel foram denominadas por Foucault como substância ética. Esta por sua vez trata da forma como o indivíduo se constitui nas relações com as técnicas de si e os cuidados de si para si.

1.2.6 A Pele/corpo tatuado tela para uma estética da existência

*Quero ficar no teu corpo feito tatuagem
Que é pra te dar coragem
Pra seguir viagem
Quando a noite vem
E também pra me perpetuar em tua escrava
Que você pega, esfrega, nega
Mas não lava*

(Chico Buarque)

A epígrafe que abre essa seção trata de uma das características da tatuagem incidindo sobre a pele que “envelopa” o corpo tatuado; marcas que mesmo cobertas pelas roupas, estarão sempre lá. A pele tatuada aparece diversas vezes como alvo de interdições e transgressões, revelando-se ao outro, simultaneamente, como “um envelope” frágil, sensível, rijo, intenso, convidativo às penetrações físicas e às intrusões psíquicas (ANZIEU, 1989, p.38) do sujeito.

Esse órgão, desde o final da década de 70, tornou-se objeto de poderes e saberes, visando não somente ao controle da saúde, segurança, mas também a um domínio, a partir do qual seria possível constituir processos subjetivos.

O biopoder investe na pele e cria, mediante tecnologias propostas por dispositivos de poder como a mídia, padrões do corpo esteticamente tatuado, produzindo o sujeito, a partir de modelos e registros sociais. Essa subjetividade fabricada e modelada pelas práticas corporais idealizadas propõe que o sujeito fora desses padrões se sinta excluído diante dos fragmentos identitários que o colocam à margem de uma sociedade perfeita e idealizada.

Os corpos na atualidade são, cada vez mais, “reconfigurados” pelas marcas do cuidado consigo mesmo. A pele serve de tela a própria história cotidiana do tatuado. O corpo é confinado e transgredido em sua “cápsula” protetora, cuja função histórica coloca esse sujeito diante dos processos de subjetivação. Tais processos fazem o tatuado driblar as normas estabelecidas, mesmo que o seu gesto de transgressão não seja ilimitado, em decorrência das condições socioculturais de uma época.

Conforme Kellner (2001), esse modo de submissão e rompimento com os discursos da ordem é resultado da veiculação dos discursos na atualidade, pois, ao mesmo tempo, em que estamos imersos numa volatilidade de enunciados construídos na dinâmica social, somos envolvidos por uma tradição cultural que colabora para que a nossa vida seja organizada de maneira bastante fixa, valendo-se de regras e valores instituídos que, ao ganharem uma configuração dominante, são legitimados como algo que deve assim permanecer.

Os discursos sobre a pele tatuada, seus símbolos, seus estilos³⁵, as categorias e suas manifestação nas trocas cotidianas, constroem imagens de referência, no quesito pele, que possibilitam a existência de uma memória de texturas de pele a partir da qual é possível que se identifique de maneira subjetiva membros de determinados grupos sociais, faixa etária e classe social. Como bem mostra a reportagem da revista *Super Interessante*, publicada em março de 2014, intitulada: “1ª censo de tatuagem do Brasil”.

³⁵ Existem vários estilos de tatuagem da tradicional: um dos primeiros estilos de tatuagem criados no mundo até os estilos mais modernos como a biomecânica que possuem efeitos 3D (RAMOS 2001)

Entre outras características, a pesquisa revela que “os tatuados do Brasil são jovens, têm ensino superior e ganham bem”

Trata-se, portanto, de pensar a relação do “ser-si”, definindo a maneira como o sujeito tatuado insere-se em grupos sociais distintos e estabelece, por intermédio da própria pele, ligações consigo mesmo, acentuando os elementos dinâmicos dos modos de subjetivação que são propostos pela Mídia. Dessa forma, o indivíduo, enquanto “Eu” subjetivo, é extrapolado, tornando-se um sujeito discursivo-social, cujas possibilidades de relação com a sua pele produzem modos de subjetivação e produção de identidades.

Didier Anzier (1989), a partir de uma leitura psicanalítica freudiana, diz que “ela [a pele] fornece ao aparelho psíquico, as representações constitutivas do Eu e de suas principais funções”. Segundo o autor, a pele, tanto quanto a boca, é um lugar primário de comunicação com os outros e de estabelecimento de relações significantes é, além disso, “uma superfície de inscrição de traços deixados por tais relações”.

Desse modo, o “Eu-pele”, que para Freud corresponde ao “Self”, indivíduo, é proposto inicialmente por meio de três funções:

O Eu-pele encontra seu apoio sobre as diversas funções da pele. Esperando proceder adiante a seu estudo sistemático, assinalo aqui brevemente três funções [...]. A pele, primeira função, é a bolsa que contém e retém em seu interior o bom e o pleno aí armazenados com o aleitamento, os cuidados, o banho de palavras [o seio entra aí uma realidade totalizante]. A pele segunda função, é a interface que marca o limite com o de fora e o mantém no exterior, é a barreira que protege da penetração pela cobiça e pelas agressões vindas dos outros, seres ou objetos. **A pele, enfim, terceira função, ao mesmo tempo que a boca e, pelo menos, tanto quanto ela, é um lugar e um meio primário de comunicação com os outros, de estabelecimento de relações significantes; é, além disso, uma superfície de inscrição de traços deixados por tais relações.** (grifo nosso) (ANZIER, 1989, p.45).

Essas relações com as marcas corporais fazem da pele, mas não só ela, um espaço em que se identificam não apenas as individualidades e as texturas que lhes são peculiares, mas todo um processo histórico que constrói as identidades aceitáveis para uma determinada época. Por meio da pele, grupos passam por um processo de inclusão ou exclusão, determinando o sujeito tatuado tanto por suas ações quanto por sua forma de se apropriar da pele. Conforme Anzier (1989, p. 44), a “pele” constrói um eu, pois estabelece uma representação de que se “serve o Eu da criança durante fases precoces de

seu desenvolvimento para se representar a si mesmo como Eu que contém os conteúdos psíquicos a partir de sua experiência da superfície do corpo”.

Aprofundando ainda mais a relação pele-sujeito, cabe dizer que o sujeito constrói na pele uma “ética de existência”, ou seja, o indivíduo se vincula por meio da pele a um conjunto de regras e de valores que lhes são oferecidos no meio cultural. No entanto, o conceito de estética da existência aqui adotado permite dizer também que a pele constitui uma arte vinculada a uma questão de estilo, reflexo de uma liberdade constituída nos jogos de poder que estão presentes na estética da existência.

Conforme nos propõe Foucault em **História da Sexualidade**: o uso dos prazeres (1984), a estética da existência no processo de construção da subjetividade moral dos indivíduos (a famosa *tècnhe tou biou* dos gregos), são concebidos como um momento privilegiado da formação do caráter moral dos sujeitos. O indivíduo é convidado a se transformar a si mesmo e a sua própria existência a partir de princípios morais e estéticos.

A estética da existência constitui-se num processo pelo qual o ser humano procura transformar-se e, ao mesmo tempo, constituir-se como sujeito moral, no qual age sobre si próprio, procura se conhecer, controlar-se, põe-se à prova, aperfeiçoar-se e transformar-se.

Em suma, verifica-se que a tatuagem é uma “prática que tem no corpo/pele um lugar de construção de uma estética para si. Servindo-se dela, o indivíduo tem um espaço onde se colocam as sensações no lugar, em uma rede complexa de discursos que possibilita o sujeito tatuado a identificar-se ou ser identificado enquanto grupo, pois é, a partir primeiramente da pele, que o “ser-si mesmo” é constituído. Assim relata Didier (idem, p.57). “O ser-si-mesmo é, em primeiro lugar, ter uma pele própria e, em segundo lugar, servir-se dela como um espaço onde se colocam as sensações no lugar. ”

Assim, a pele do sujeito tatuado é colocada como instrumento de práticas sociais e invólucro material das formas conscientes e das pulsões inconscientes, suscitadas pelos mecanismos de uma moral que constitui esse sujeito. Isso porque a tatuagem está envolvida em relações do poder em que o indivíduo é levado a constituir ações sobre como deve ou não marcar o seu corpo.

Tendo em vista que desde a Idade Clássica, o corpo é objeto e alvo do poder, é inegável que, na atualidade, ele continue alvo de reformas, controle, submissões,

disciplina, resistência, bem como lugar de estratégias e liberdade para uma ética da existência. Le Breton (2010, p.7) sugere que as ações que tecem a trama da vida quotidiana, das mais fúteis, das mais concretas até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade. “O corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída”

Segundo Courtine (2009, p. 10), nunca, antes do século XX, o organismo foi tão penetrado antes pelas tecnologias da medicina, jamais o corpo conheceu uma superexposição tão obsessiva, jamais as imagens das brutalidades sofridas pelo corpo nos campos de concentração durante a Segunda Guerra tiveram equivalente em nossa cultura visual. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência do sujeito e suas identidades.

No caso da Segunda Guerra Mundial, as marcas no corpo ou “marcas do inferno”, como foram intituladas na reportagem que circulou na revista *Inked* em abril/maio 2011 sobre as tatuagens nos campos de concentração, representava a perversa tentativa de aniquilar a identidade de um povo. O corpo sofria as maiores intervenções agressivas já vistas – a nudez forçada, a raspagem dos cabelos e dos pelos e **os números marcando uma identidade na pele** -, era a tentativa de apagar todos os traços culturais e humanos dos prisioneiros.

Nesse caso, a intervenção no corpo objetivava aniquilar, excluir grupos, pessoas, raças, gente que Hitler considerava inferior à raça ariana. Na pele dos sobreviventes, ainda, estão as marcas que representam uma História de terror, inferno, exclusão e sofrimento de um povo. Hoje, essas “cicatrices”, diz um ex-prisioneiro de Auschwitz a revista *Inked*, “não marcam apenas memórias de uma guerra cruel sem precedentes, mas a vergonha do povo nazista”.

O corpo, mas especificamente a pele, torna-se o meio, o documento pelo qual fatos históricos são retomados, assinalando uma posição social para esses sujeitos que carregam na pele marcas de sua subjetivação.

As tatuagens cicatrizadas na pele os constituem: “vejo-as, logo existo”, (fala de um entrevistado pela *Inked*), pois asseguram a conservação de uma identidade que não deixa escapar do/no sujeito. “Marcas do inferno” propõem a pele conforme entende Anzieu (1989), fazendo do conteúdo um continente, do espaço externo uma chave para

estruturar o interno. Um *lócus* a partir do qual se tem acesso a uma realidade histórica e interna do sujeito.

Essa reportagem mostra, por meio de depoimentos de sobreviventes do Holocausto, que moram no Brasil, como o corpo serve de invólucro significativo a sistemas simbólicos e culturais no interior de um espaço social. Pode-se exemplificar isso com a fala de um dos entrevistados, já com 89 anos, que dá palestras sobre o Holocausto em universidades e escolas. Ele diz que quando o chamam de palestrante, ele mostra sua tatuagem e diz: “*não sou palestrante, sou testemunha*” (INKED, 2011, p.33).

A pele é, nesse caso, o documento pelo qual o sobrevivente retoma fatos e acontecimentos históricos que marcaram a humanidade e a sua própria identidade. Neste caso, não se trata apenas de marcas na pele que apresentam práticas de si que conservam sua identidade, simultaneamente, inclui uma moral do outro para si. Há uma valorização do código moral rígido a que o sujeito estava submetido, incondicionalmente, sob pena de punição. Essa moral passa pelo que Foucault caracteriza como “códigos morais”, ou seja, “valores em que vigoram em uma determinada sociedade ou em um grupo dado” (idem, 1984, p.37)

Na atualidade, essas marcas são retomadas por novas vontades de verdade aplicadas em nossa sociedade, por uma nova moral que constitui os sujeitos tatuados. Como bem salientou o entrevistado, a pele assinala “a vergonha do povo nazista” e se insere em um conjunto de práticas de si que marcam a identidade dos sobreviventes do Holocausto. Esse fato nos remete a Foucault (1985), quando ele fala da importância da História, como fonte de subsídios para a construção de práticas que levam os sujeitos a reconhecerem-se, histórica e localmente, como possuidores de uma arte da existência.

Nos dois últimos volumes da **História da Sexualidade**, o autor parte da diferenciação entre dois tipos de moral radicalmente distintos: uma greco-romana, dirigida para Ética e por meio da qual o sujeito trata de *fazer sua vida uma obra de arte* e uma moral cristã, no interior da qual ele deve essencialmente obedecer a um código. (REVEL, 2005, p.43, *grifos da autora*)

Para ele, os códigos morais são explicitamente formulados, porém sua transmissão acontece de forma difusa, constituindo amoral enquanto jogo complexo de elementos que se compensam, corrigem ou mesmo se anulam em pontos específicos, o que possibilita

que o indivíduo se submeta mais ou menos completamente às regras de conduta, por meio de sua obediência ou resistência às interdições.

Entretanto, ao pronunciar-se sobre as práticas de si, Foucault baseia-se na constituição moral constituída por dois aspectos fundamentais: os códigos de comportamento e as formas de subjetivação, instâncias caracterizadas por não serem totalmente dissociadas uma da outra. Foucault (1994: p.30) ao esclarecer sua opção diz:

Daí a opção de método que fiz (...) manter em mente a distinção entre os elementos de código de uma moral e os elementos de ascese; não esquecer sua coexistência, sua relativa autonomia, nem suas diferenças possíveis de ênfase; levar em conta tudo que parece indicar, nessas morais, o privilégio das práticas de si, o interesse que elas podiam ter, o esforço que era feito para desenvolvê-las, aperfeiçoá-las, e ensiná-las, o debate que tinha lugar a seu respeito.

Dessa forma, não é difícil perceber que o sujeito e, conseqüentemente, o corpo está envolto por um conjunto de técnicas de si que no meio cultural serão incorporadas às relações de poder e saber, havendo uma reintegração a estes sistemas, ou seja, essas práticas de si são utilizadas pelo sujeito de modo que ele aceite, razoavelmente, apenas aquilo que melhor convém na relação consigo. Vale lembrar que as práticas de si não são algo que o próprio sujeito inventa para si, mas esquemas de que ele se apropria porque encontra em sua cultura.

Na Modernidade, acredita-se que os sujeitos se constituem por diferentes ações que são construídas mediante práticas de si que os levam a relacionar-se com seu corpo e sua alma, e a modelar-se de acordo com as instruções que lhes são oferecidas. (FOUCAULT, 1984).

A revista, que se propõe estudar, por exemplo, apresenta verbal e imagetivamente um conjunto de saberes constituídos na prática da tatuagem, inscritos a partir do governo de si e de uma biopolítica para o corpo tatuado. Surge, assim, por intermédio do corpo e da pele a aparição de uma série de acontecimentos regulares que fixam suas fronteiras de visibilidade no espaço de singularidades.

O corpo tatuado passa por um conjunto de tecnologias; precisa ser malhado, sexy, ter sido tatuado por profissional qualificado, ser famoso, etc.

Foucault em **Vigiar e Punir** (2009) apresenta o corpo submisso a diferentes técnicas e disciplinas do poder. Sobre ele, recai toda uma tecnologia do poder – a tecnologia da alma, dos psicólogos, dos educadores, dos psiquiatras, da igreja, da polícia.

É o corpo como instrumento dessas relações de poder que se viu no final dos anos 60. Ele explica que:

o domínio e a consciência do seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do próprio corpo... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, metódico, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação do seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. [...] O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo (FOUCAULT, 2008a, p. 146).

Segundo Courtine (2009, p. 10), o século XX criou o monstro espetacular, mas também definiu certo modelo específico de beleza que perpassa todas as faixas etárias. O corpo constitui lugares para o sujeito, pois estando ele submisso às leis de emergência dos discursos verdadeiros, resta-lhe a noção de identidade e esta, por sua vez, não encontrou outro lugar para aderir senão o corpo.

A identidade migrou para o corpo, sendo este, na pós-modernidade, um elemento do parecer e do aparecer; ela veio a calhar numa sociedade em que todos os movimentos demorados, reflexivos, foram substituídos pelo olhar de *relance*, pelo “julgamento” a partir do visual.

Essas alterações são consequências das mudanças sociais ao longo do tempo, pois como bem salienta Foucault (2005) mudam-se as práticas, conseqüentemente, mudam-se os discursos. Tal autor soube entender melhor que ninguém a nova ordem a que se submetia o corpo nas tramas da Modernidade, ele próprio forjou vocábulos novos para descrever essas situações. Criou conceitos úteis como *anátomo-política* do corpo e *biopolítica da população*. No primeiro, ele quis descrever como se aprende a dividir o corpo, esquadrinhá-lo para tirar dele o máximo. No segundo, expõe como a vida havia-se tornado exclusivamente físico-biológica.

Nesse sentido, o olhar contemporâneo ao corpo não significaria apenas as sucessivas técnicas e tecnologias que lhes foram aferidas ao longo dos séculos que respingam como normalização e verdade, mas também integra os últimos progressos da tecnologia e da ciência para melhor gerenciar a vida. Essas relações vão direcionando as regras para que a Mídia possa constituir modos de subjetivação para o sujeito por intermédio do corpo.

Como lugar midiático, a revista *Inked* propõe artefatos tecnológicos, conhecimentos científicos e “regras” socioculturais em emergência para constituir um lugar de existência para os corpos, em especial, para pele dos sujeitos tatuados. Entretanto, é importante lembrar que “as formas de controle sobre o corpo, criadas como apoio técnico e científico, ocorrem de modo paralelo à descoberta de novas coações a serem vividas, de novas zonas de descontrole, de mistério e de risco.” (SANT’ANNA, 2005, P.15).

Nesse sentido, seria empobrecedor analisá-lo fora das representações e práticas de uma época a qual ele está submetido, tomando como algo acabado constituído. É preciso vê-lo em sua dinâmica, como um processo que está em constante transformação, “resultado provisório das convergências e divergências entre técnica e sociedade.” (*idem*, p.12). Trata-se igualmente de buscar as emergências enunciativas e as fugas individuais.

Essa dupla articulação acontece na revista *Inked*, tanto pela instituição de um “politicamente correto”, que propõe ao corpo tatuado o “adestramento” aos padrões de beleza mediante regras do esteticamente perfeito, belo; como pela relação consigo mesmo, construída pelas histórias individuais e coletivas dos indivíduos escolhidos para participarem de cada edição.

Portanto, embora a revista dite para o sujeito modos de ser a partir das técnicas corporais que tomam seu corpo belo, magro, malhado, liso, jovem e sedutor como o corpo ideal, “tratando de um espetáculo na *performance*” (PIRES, 2005, p.72); por outro lado, põe em jogo a arte da existência a partir do governo dos indivíduos com seu próprio corpo.

O governo de si é presente em todas as edições pela regularidade de enunciados que marcam um estilo individual. São histórias e memórias pessoais que, na maioria das vezes, são significadas nas *tattos*. Vejamos os enunciados:

a) “*Mayra Dias Gomes declara [e prova] meu corpo é meu diário*” (INKED, janeiro, 2012).

b) “*Leandra Leal, tatuagens, perdas, cigarros e gatos*” (INKED, dezembro 2010/janeiro 2011).

C) Pitty: “*Cada tatuagem tem seu papel. Acho bom elas estarem aí, nem que sejam só pra lembrar que um dia eu fui muito nova e que essas eram as minhas escolhas*” (INKED, agosto/setembro, 2010, p. 39).

Esses jogos enunciativos, apresentados pela revista na própria fala dos sujeitos tatuados, sugerem uma subjetivação a partir de uma governamentalidade do sujeito com seu próprio corpo. Sua pele torna-se a tela de suas histórias, anseios e desejos. Na frase “a”, por exemplo, as tatuagens da atriz Leandra Leal são apresentadas no mesmo grau de importância das “perdas”, dos “cigarros” e dos “gatos”. As tatuagens fazem parte de sua história. Da mesma maneira, a fala da jornalista Mayra Gomes e da cantora Pitty são construídas na revista como parte de uma memória unicamente delas.

Por outro lado, sabe-se que, de modo geral, os enunciados são atravessados por diferentes discursos sociais e culturais, inscritos em distintas formações discursivas que elaboram determinados dizeres e sujeitos enunciativos. (FOUCAULT, 2005). Sendo assim, considera-se que os enunciados sobre tatuagem na revista *Inked* que propõe “um governo de si” ou uma “arte de existir”, estão atravessados pelo discurso da moda, pelo discurso da estética, da saúde, pelo discurso da arte, etc.,

De acordo com Foucault (1984), as práticas de si, ao tomarem forma, serão incorporadas nas relações de poder e saber, havendo uma reintegração a estes sistemas e que, mesmo que parcialmente, essa reintegração sempre está sujeita a resistir aos códigos e poderes, sendo esta a própria noção de poder em Foucault quando este diz que não existe poder sem resistência.

Nos exemplos analisados mais acima, o que se viu foi justamente a prática da tatuagem sendo atravessada por essas relações em que infere uma relação consigo mesmo, mas também uma relação com um conjunto de práticas criadas para o corpo. Há, portanto, um lugar de resistência ao manejo do corpo controlado, manipulável, proposto

por meio de tecnologias de disciplina e normatização, ou seja, há uma maior valorização da subjetividade, sendo ela definida pela soberania de si sobre si mesmo.

É inegável também que esse lugar de constituição da subjetivação é atravessado por regras socialmente estabelecidas para o corpo. Ele deve ser esteticamente belo, saudável, jovem, sexy e amplamente revelador de uma história paralela que conjura sem cessar a doença, a ociosidade, o enteio e a “feiura”. Veja-se nas imagens seguintes essa regularidade:



Nessas imagens, a tatuagem está a serviço de um corpo esteticamente em forma e sensual. A revista cria modos de posicionar os corpos de forma a propor as *tattoos* como adereços ao discurso da sensualidade. Embora as tatuagens sejam escolhas pessoais, o sujeito tatuado é proposto a partir de técnicas e dizeres que fazem parte de outros campos discursivos, como: a boa forma, a beleza e a sensualidade, ou seja, o sujeito é esteticamente produzido dentro de condições específicas que a revista propõe.

Foucault (1985, p.) defende que “a estética da existência é uma arte, reflexo de uma liberdade percebida como jogo de poder”, ele recusa a filosofia da subjetividade em que o sujeito constituiria a moral e o conhecimento por meio da consciência e de seus conteúdos representacionais, para propor um estudo das práticas concretas, pelas quais os indivíduos se produzem na imanência de determinadas condições.

“Não há um indivíduo que seja verdadeiramente o que é por meio de uma ética da autenticidade” (CASTRO, 2009, 413). Essa descentralização e singularização do sujeito situam a estética da existência no espaço em que os contextos práticos cotidianos ocupam o lugar antes reservado à teoria e às suas deduções normativas. Sobre isso Foucault (2004, p.17) esclarece:

A partir da ideia de que o indivíduo não nos é dado, acho que há apenas uma consequência prática: temos que criar a nós mesmos como uma obra de arte. [...] Nós não deveríamos relacionar a atividade criativa da pessoa ao tipo de relação que ela tem consigo mesma, porém deveríamos ligar o tipo de relação que se tem consigo mesmo a uma atividade criativa.

Trata-se, assim, de uma atitude crítica diante da tentativa de fundamentar o sujeito apenas a partir de uma orientação normativa universal. O que embasa os modos de subjetivação são princípios formais gerais do “uso dos prazeres” na distribuição que se faz deles. O sujeito se constitui “como sujeito da moral” pelas suas próprias ações. (FOUCAULT, 1985)

O próximo capítulo, *Breve excursão pela história da tatuagem no mundo*, apresenta um panorama de como o sujeito tatuado, em diferentes lugares e temporalidades foi constituído ou constituindo a *si mesmo*. Tratar-se-á sobre o sujeito, subjetividade, subjetivação, identidade do sujeito tatuado em sua dispersão temporal pelo mundo. Busca-se, ainda, compreender como tais sujeitos se estabeleceram a partir de relações de saber-poder e jogos de verdades que foram sendo formadas ao longo do tempo, a emergência enunciativa da prática da tatuagem e suas correlações com outras práticas, sua lei de aparecimento, sua recepção, as tecnologias e os jogos de verdade que permitem dizer certos sujeitos tatuados e excluir outros.

CAPÍTULO II

EXCURSÃO PELA HISTÓRIA DA TATUAGEM NO MUNDO



*O presente é marcado pela repetição
de um acontecimento anterior e
atualidade, nossa atualidade é
marcada pela recorrência desse
acontecimento que ao mesmo tempo
já tenha passado e que – embora
passado, continua presente – em todo
caso nos guia sempre.*

(François Edwald)

Edwald (2004) nos convida a compreender o presente em uma relação com o passado. No discurso da tatuagem, fazer uma leitura que retome um acontecimento anterior é não o vê reduzido apenas a frases e a imagens que podem ser decodificadas, mas observar o funcionamento discursivo que pode gerar uma trama de sentidos.

É com essa visão que se pretende olhar para o discurso da tatuagem em sua imersão histórica, na perspectiva de tomá-lo, não como um conjunto de textos produzidos por um sujeito empírico, mas como enunciado que se oferece a múltiplas leituras por estar inserido na prática discursiva de sujeitos sócios historicamente determinados.

Em diferentes épocas e lugares do mundo, o homem usou e continua a usar a tatuagem como forma de comunicação, seja para demonstrar sentimentos ou crenças, seja para fins de adornos ou para marcar um lugar em determinada comunidade, ou ainda para demonstrar ritos de passagem ou forma de identificação. Marcar o corpo significa marcar momentos importantes da vida: nascimento, passagem (de criança para adolescência) festa, guerra, luto, sabedoria, poder, etc. É o corpo que se adorna ou é marcado para significar. São fatos e acontecimentos que, ao longo do tempo, em meio à dispersão enunciativa, construíram uma memória e uma história em torno da escrita no corpo.

Diante disso, considera-se que, para se compreender os enunciados em torno da prática da tatuagem, é preciso fazer correlações, retomadas, deslocamentos, convocar espaço de memória (PÊCHEUX 2007). Mesmo porque a teoria da qual nos apossamos não trabalha os sentidos em sua linearidade histórica, mas o acolhe na irrupção do acontecimento.

Entretanto, não seria possível, tampouco, nesse trabalho, contar a história da tatuagem no mundo em sua linearidade – esse também não é o objetivo desse trabalho,

mas fazer um recorte de acontecimentos discursivizados que deixaram um espaço de memória, permitindo sua (des) continuidade e singularidade em diferentes épocas e gerações.

Diferente de outras práticas discursivas, a prática da tatuagem delineou, ao longo do tempo, um sistema de regras, permitindo que tal objeto se transformasse, metamorfoseasse e enunciados novos aparecessem, modificando estratégias, mas sem deixar de pertencer a esse mesmo discurso. Entretanto, é preciso delinear as regras de formação desse discurso no decorrer da História, porque, segundo Foucault (2005), para definir em sua individualidade um sistema de formação, que caracteriza um discurso ou um grupo de enunciados, é preciso compreender um feixe complexo de relações que funciona como regras, tendo em vista, que essas relações é que vão delinear o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, determinando estratégias, delineando o que pode ou não ser tido sobre tal objeto.

Assim, conforme esse filósofo, o sistema de formação delineia o sistema de regras na caracterização de um discurso. Diz Foucault (2005: p.83):

(...) o sistema de regras que teve de ser colocado em prática para que tal objeto se transformasse, tal enunciação nova aparecesse, tal conceito se elaborasse metamorfoseando ou importando, tal estratégia fosse modificada - sem deixar de pertencer a esse mesmo discurso.

Compreende-se, assim, o discurso da tatuagem como uma prática que constrói significados diferentes em épocas distintas, a partir de um sistema que vai sendo construído de acordo com as mudanças sociais e culturais de cada momento histórico, mas sem deixar de pertencer à prática discursiva da tatuagem.

A imersão na História da tatuagem permite tratar desse discurso buscando as possibilidades enunciativas em formações históricas particulares. Trata-se do mesmo discurso, mas que não necessariamente significa da mesma maneira de um enunciado a outro. No entanto, antes de se adentrar na irrupção dos discursos da tatuagem, é importante salientar que a memória mais distante da prática da tatuagem discursivizada não nos é compartilhada pela percepção dos próprios nativos (tribos e comunidades da Polinésia, da Micronésia e índios americanos), mas do ponto de vista registrado pelos europeus.

Olhar que permitem retomar valores, significações culturais dessa prática, que marca a pele, mas principalmente, compreender muitos redesenhos que foram sendo

construídos no caminhar da história até a prática contemporânea. São traços que nos aproximam e nos remetem, muitas vezes, a rituais aparentemente semelhantes em diversos grupos, porém diferentes em suas significações. Essas correlações são possibilitadas por uma característica fundamental do enunciado: o fato de que ele tem sempre em sua constituição margens povoadas de outros enunciados. (FOUCAULT, 2004).

2.1. Tatuagem: marcas de sua origem

Primeiramente, são importantes que se salientem dois fatos relevantes nessa imersão descontínua pela história da tatuagem no mundo; o primeiro fato é que essa pesquisa é bibliográfica (são estudos e relatos feitos por jornalistas, sociólogos, arqueólogos, viajantes e pesquisadores que fizeram levantamentos de técnicas corporais ao redor do mundo); e segundo que não há na história da tatuagem uma linearidade, ela é constitutivamente descontínua. Sua emergência está relacionada a contextos e momentos históricos específicos. Fato que nos instigam a questionar como essa prática dispersa sempre marcou o homem, sua pele, seu lugar, seus costumes, em diferentes momentos e partes da terra?

As primeiras respostas estão com os arqueólogos e historiadores. Edward H. Dodd, Jr.³⁶ (apud, MARQUES, 1997, p.13), estudioso da Arte Polinésia, berço da descoberta da tatuagem do mundo moderno, relata que a tatuagem parece ser um dos mais plausíveis candidatos ao controvertido conceito de origem independente em várias partes do mundo. “Ela foi inventada várias vezes, em diferentes momentos e partes da terra, em todos os continentes, com maior ou menor variação de propósitos, técnicas e resultados”.

Ideia também sustentada por Araújo (2005) e Costa (2011), eles concebem que homens e mulheres se tatuam há milhares de anos, ação que os marcavam e os inseriam em um determinado grupo. A primeira tatuagem que se tem registro é a do “homem do gelo” que viveu há mais de cinco mil e duzentos anos e trazia 50 marcas de tatuagens na pele. Ele foi encontrado por turistas na região dos Alpes entre a Itália e a Áustria.

³⁶Dodd autor dos livros: "Polynesian Art," "Polynesian Seafaring," "Polynesia's Sacred Isle," and "The Rape of Tahiti." On Monday in Putney, Vt.

Na figura feminina, registra-se a múnia Amumet, “mãe egípcia”, também, conhecida como deusa do amor. Ela foi encontrada em Tebas, a capital dos faraós há mais de quatro mil anos. A tatuagem da Egípcia Amunet era na barriga, anunciando que “ela poderia ter muitos filhos”. (ARAUJO, 2005, p. 43). Outras múmias do sexo feminino, encontradas no Valle do rio Nilo, apresentavam tatuagens em linhas horizontais e paralelas à altura do estômago que, segundo Costa (2011, relacionavam-se aos rituais de proteção contra a gravidez e doenças ou ao efeito “cosmético” para realçar seus encantos.

Essas marcas femininas atravessaram gerações, espaços geográficos e povos distintos, como biopoderes para geração da vida, pois contemporaneamente, na Amazônia, - tribo Nawê -, os pontos tatuados na barriga e nos seios das meninas marcam a entrada no período fértil (LÉVI-STRAUSS, 1994). Isso mostra que, mesmo na descontinuidade da história, na distância entre a prática da tatuagem das mulheres egípcias e das índias da tribo Nawê é possível perceber “um acontecimento histórico se inscrevendo na continuidade interna, no espaço potencial de coerência própria a uma memória” (PÊCHEUX, 2007, p.50 - 52).

Sendo memória aqui entendida como:

aquilo que face a um texto como acontecimento a ler, vem reestabelecer os implícitos (quer dizer, mas tecnicamente os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de quem sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Esses atravessamentos de práticas e rituais antigos são perceptíveis em momentos e culturas distintas em diferentes partes do mundo. Referem-se às relações que se estabelecem entre “o eu e o outro” nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos. São práticas que retomam e ressignificam na realidade social que os envolvem.

Nesse espaço de memória e ressignificação, é preciso refletir sobre o sujeito como um ser descentrado que tem a ilusão de ser o centro do seu dizer, de suas práticas, quando na verdade desconhece que é marcado por uma heterogeneidade decorrente de sua interação social em diferentes segmentos da sociedade, tendo em vista que a exterioridade está no interior do sujeito, em seu discurso está o outro, compreendido como exterioridade social (PÊCHEUX, 2009).

É esse espaço exterior que constrói sujeitos heterogêneos, mesmo que se inscreva a partir de discursos e valores estabelecidos em outros lugares, em outros espaços de memória, mas que são singularizados, de acordo com Coracini (2006, p.146), ao longo da vida, “nos meandros das relações sociais, das experiências pessoais, da relação consigo mesmo”.

Nesse movimento de continuidade e descontinuidade da história, uma escavação soviética feita em 1948 trouxe o que restava do corpo de um guerreiro cita³⁷, encontrado em *Pazyryk* (sudoeste da Sibéria e noroeste da Mongólia, nas montanhas de Altai), em tumbas congeladas, datado do século V ou IV a.C. “O que restou do cita mostra que ele tinha tatuagens excepcionais cobrindo os ombros, braços e parte da perna direita entre o pé e o joelho”. As tatuagens sugerem que o motivo era quase sempre de animais, pois além de um peixe, aparece, alce, cavalo, felino e macaco – “todos enfeitados com capuzes com penacho” (MARQUES, 1997, p 18). O que mostra a ligação do homem daquela época com a natureza.

O uso de símbolos leva a crer que o povo cita, além da ter como referência de coragem e astúcia dos animais, eles viviam em harmonia com a natureza. As tatuagens eram imagens que ofereciam elementos indiciários sobre valores e crenças e sua forte relação com a o meio ambiente. Segundo Le Breton (2004, p. 98), os significados que são grafados simbolicamente na pele dos antigos não são imagens marcadas aleatoriamente, mas expõem a forte relação dos indivíduos com seus deuses e com a natureza.

Desse modo, pode-se dizer que se na atualidade, de acordo com alguns estudiosos como Courtine (2012) Gregolin, (2007) Milanez, (2006), as técnicas de exposição do corpo operam um jogo no qual se constituem identidades a partir da regulamentação de saberes sobre como as pessoas deveriam agir diante dos seus corpos. Na Antiguidade, as técnicas corporais, como a tatuagem, também criavam um jogo entre objetivação e subjetivação, tendo em vista que essas técnicas faziam parte de um conjunto de saberes pelos quais os sujeitos marcavam sua vida e seus valores.

Ao adentrar nos caminhos mais longínquos e descontínuos da prática da tatuagem nos deparamos com registros em diferentes campos discursivos (literário, religiosos, compêndios históricos, diários de bordos) que contribuíram no processo de objetivação do sujeito.

³⁷ Primeiros povos indo-europeus, viveram na imensa área que era conhecida até a Idade Média como Cítia. Os citas se estabeleceram nas estepes da atual Romênia, Moldávia, Ucrânia e Rússia meridional.

Segundo Araujo (2005), na arte plástica, por exemplo, esse discurso aparece na tela, “Jovem filha de Pictus” (1595-88), do francês Jacques Le Moyne de Morges, registrando aí um lugar de memória da prática da tatuagem do povo pictus, Pessoas que viviam no norte da Europa, na região da atual Escócia em 20 a.C. e tinha por costume pintar todo corpo. Segundo as pesquisas feitas pelo americano geneticista Bryan Sykes, os pictos seriam originários da Península Ibérica.

Os Pictos como povo constituem um enigma. Alguns especialistas defendem que seriam uma tribo celta, outros, por outro lado, creem tratar-se de um povo mais antigo. Os escritores romanos sempre os distinguiram dos celtas da Escócia, surpreendendo-se pela sua ferocidade e o hábito bárbaro de se pintarem ou tatuarem. Até o nome "Pictos" não ajuda, na medida em que deriva da palavra latina *picti*, que significa simplesmente "pintados" - uma referência às suas pinturas ou tatuagens de guerra. Mas, acredita-se que seja palavra de origem celta, significando desenhado, causticado o que confirmaria a prática da tatuagem e não a pintura (ARAÚJO 2005, p.45).

Registra-se que, desde século IV a.C. em lugares e épocas distintas, o homem adornou seu corpo, porque as técnicas corporais faziam parte de valores culturais. Na



Figura 9 In: ARAÚJO. Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo(2010. p. 45)

Polinésia, na Indonésia, Filipinas e Nova Zelândia (Moaris) tatuavam-se em rituais quase sempre ligados à religião. Os povos celtas e vikings, os dinamarqueses, os normandos e os saxões cada grupo desenvolvia seu próprio estilo, e embora a técnica não variasse, assim diz Araújo (2005), os desenhos e motivos eram bem singulares em cada cultura. Fato que continua ainda hoje, pois o significado de uma tatuagem varia até mesmo de pessoa para pessoa. Uma cruz que tem uma simbologia em determinado grupo, não tem, necessariamente, o mesmo significado para outro no mesmo período. O que

significa que cada comunidade ou nação constrói seus símbolos, significados e marcas identitárias a partir de suas práticas culturais específicas.

A tatuagem dos primeiros povos que se tem registro são exemplos disso, pois se para os *pictos* a tatuagem era característica de raça e singularizava determinadas

características de um povo para os Moaris, povo da nova Zelândia vindo do leste da Polinésia, tatuar era um traço sagrado, e “seu portador tinha de ser um homem livre e nobre, possuindo um lugar diferenciado” (RAMOS, 2001). Para essa comunidade, a tatuagem mostrava o *status* dentro da tribo ou clã. O motivo era aspiral e tinha em cada curva um significado. Le Breton (2004) salienta que a tatuagem em terminadas tribos marcava claramente a distinção, expondo, permanentemente a posição do sujeito dentro de um grupo.

Ao tratar da história da tatuagem, Ramos (2002) relata que na Polinésia³⁸, lugar de origem da tatuagem ocidental, a arte de tatuar é uma das formas mais artísticas do mundo antigo. Ela se desenvolveu há milhares de anos nas ilhas do Pacífico e, em sua forma mais avançada, era caracterizada por *designs* geométricos muito elaborados. Os desenhos eram normalmente incrementados, aumentados e renovados durante a vida da pessoa, até que seu corpo ficasse completamente coberto. Tudo o que os polinésios faziam era decorado: pote, canoas, arma de guerra, ferramentas. A tatuagem era parte da vida daquelas pessoas de forma natural.

Assim, concebe-se que, naquele momento, a ideia de identidade era construída pela unidade e estabilidade que se revelavam nas afinidades simbólicas da comunidade. De acordo com Le Breton (2004), nas sociedades tradicionais, o indivíduo é, apenas, membro de um grande corpo coletivo e o que distinguia um do outro eram as posições hierárquicas que se ocupava.

Evidências sugerem que a arte de tatuar tem sua origem na Polinésia, a partir da ocupação por habitantes vindos da parte sul da Ásia que, gradualmente, foram habitando as ilhas da Melanésia do Norte. Ocuparam primeiramente áreas da Nova Guiné, há cerca de 50 mil anos e, eram chamados de Lapitas, por causa de um tipo de cerâmica que produziam. (A cerâmica Lapita é um assunto de interesse especial para a história da tatuagem, porque nos fornece a mais antiga evidência que prova a natureza dos motivos das tatuagens polinésias). Muitos dos potes e vasos de cerâmica da cultura Lapita traziam decorações neles gravados, que consistiam em elementos em forma de V, figuras

³⁸Polinésia ("muitas ilhas"): corresponde às ilhas mais distantes da Austrália, dispersas por uma grande área do Pacífico. São em sua maioria possessões britânicas, francesas e Chilena. Os países independentes da Polinésia são Tonga, Samoa, Tuvalu e, historicamente e culturalmente (o último em relação aos seus povos aborígenes), a Nova Zelândia (nome polinésio: Aotearoa). O estado estadunidense do Havaí e a ilha chilena Rapa Nui ou ilha de Páscoa também fazem parte da Polinésia.

geométricas interligadas e motivos estilizados, semelhantes a máscaras e criaturas do mar. (MARQUES, 1997).

Intericonicamente, as imagens semelhantes são encontradas nos registros das tatuagens da Polinésia, pois os desenhos feitos com pontilhados sugerem que a técnica utilizada na decoração da cerâmica era um tanto quanto similar à usada na tatuagem. Diversos tipos de estatuetas, feitas em diferentes tipos de materiais e decoradas com desenhos similares, foram encontradas juntamente com materiais utilizados para tatuar, em sítios arqueológicos dos Lapitas. (RAMOS, 2002)

Os instrumentos para tatuar, dos quais pesquisadores, como *Caruchet*³⁹, *Hans Peter e Martin Salles*⁴⁰ (pesquisadores sobre a arte no corpo) tratam em sua obras, datam de mais de três mil anos e se constituem por pedaços achatados e bem delineados de ossos, sendo que uma das suas extremidades possui a forma de um pente, com dentes bastante pontiagudos. O tatuador mergulhava o instrumento em uma tinta preta e indelével diluída na água com que desenhava assim diversas figuras no corpo, batendo levemente no instrumento com uma pequena marreta. Esta técnica, que jamais foi encontrada em outra parte do mundo, foi bastante comum em toda área do Pacífico e continua sendo utilizada até hoje por artistas tradicionais em Samoa⁴¹.

Conforme Ramos (2002), embora a produção de cerâmica tenha cessado na época do nascimento de Cristo, a arte da tatuagem tornou-se mais e mais sofisticada. Na Polinésia, essa prática se desenvolveu, tornando-se uma refinada forma de arte, pois por volta do ano 200 d.C., viajantes de Samoa e Tonga chegaram às ilhas Marquesas e desenvolveram uma das mais complexas culturas da Polinésia: a arte e a arquitetura marquesa foram altamente desenvolvidas. Os desenhos característicos dali, os quais, em muitos casos, cobriam todo o corpo, estavam entre os mais elaborados de toda a Polinésia.

Oitocentos anos mais tarde, cerca de 1000 d.C., os polinésios haviam colonizado com sucesso a maioria das ilhas habitáveis a leste de Samoa. Traços culturais distintos

³⁹Willian Caruchet desenvolveu vários trabalhos sobre a arte no corpo como “Le tatuage ou Le Corps Sans Honte”.

⁴⁰ Desenvolveram pesquisas sobre a arte no corpo em algumas regiões da Oceania como Polinésia como *La Pinture du Corps*.

⁴¹ Samoa, ponto de (partida) para a posterior expansão polinésia para o Pacífico Oriental, acabando na ocupação de ilhas tão distantes como o Havaí, ao norte, a Nova Zelândia ou Aotearoa (seu nome polinésio), ao sul e a ilha de Páscoa ou Rapa Nui, ao leste.

evoluíram em cada um dos grupos de ilhas da Polinésia e, quando os europeus ali chegaram, as pessoas destes vários arquipélagos possuíam sua própria língua, mitologia e arte, incluindo estilos únicos de tatuagem.

Willian Caruchet, pesquisador de tatuagens, autor do livro **Le Tatuage Ou Le corps sons hont**, relata os procedimentos e significações marcantes em algumas culturas no continente da Oceania. Na Nova Zelândia, por exemplo, a admiração pela tatuagem torna-se obrigatória para as mulheres que vão casar, sendo impossível conquistar um homem e ser-lhe fisicamente agradável, sem ter um corpo tatuado. *Caruchet* confirma isso ao dizer: o encanto da mulher se fazia presente após a intervenção de um tatuador. Naquela cultura, “uma esposa só pode sentir carinho por seu marido depois da intervenção de um tatuador”. (CARUCHET, 1995, P. 74, apud, RAMOS, 2001, p. 26).

Nesse espaço discursivo dos primeiros registros da tatuagem no continente da Oceania, vale ressaltar ainda os relatos de *Cook* (em sua viagem pelo novíssimo mundo – Oceania)⁴² ao tratar dos desenhos impressionantes na pele dos *Moaris*. De acordo com *Cook* (1944, p. 132), os guerreiros moaris, após a guerra, comiam seus inimigos no ritual festivo e guardavam as cabeças daqueles mais importantes como troféus, essa importância era perceptível pelas grandes marcas espirais que lhes cobriam o rosto. Veja-se o exemplo:



O espiral, símbolo do renascimento, representa o movimento cíclico da vida. A maioria das tatuagens era na cabeça porque esse era o lugar mais sagrado do corpo.

Figura 10 Google imagens, 2014

Os desenhos tinham o poder de curar, de proteger, e de lembrar; era o amuleto de sorte das muitas batalhas de um povo genuinamente guerreiro. Eles eram as formas mais expressivas de magia utilizada pelos maoris. “As tatuagens moaris vão além da

⁴² Descrições isoladas e incidentais da tatuagem na Polinésia foram encontradas nos diários de bordo de navios europeus, que datavam do século 17 e início do século 18. Mas somente na ocasião da viagem do capitão Cook, em 1769, é que a arte de tatuar foi descrita com maiores detalhes.

manifestação artística, representando plenamente uma manifestação humana e cultural. É, literalmente, a vida à flor da pele. ” (ARAÚJO, 2005, p.45). Eles também a usavam como forma de aperfeiçoar o corpo, a fim de torná-lo mais bonito e atraente.

Alguns desses sentidos são retomados ainda hoje, pois cada vez mais pessoas são atraídas pelo belo grafismo e pela simbologia ampla que retrata força, luta e coragem. São sentidos cristalizados que são reativados para marcar uma posição de um grupo geralmente jovem. Entretanto, é válido salientar que, embora “todo discurso seja marcado por enunciados que o antecedem” (FERNANDES, 2012, p.51), essa retomada não significa de uma mesma maneira de um lugar a outro, visto se tratar de outro lugar, de outro espaço social, de outras condições históricas. Para Foucault (2005, p.111), “o enunciado se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e *status*, que lhe apresentam relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual”. Na contemporaneidade, essas linhas e traços moaris retornam, em especial no sexo masculino, marcando em outros lugares de força e coragem, em partes do corpo que geralmente tem músculos, como na parte externa e interna dos braços, representando a coragem e a força física.

Ainda, no diário de viagem de Cook (1994, p. 77), ele relata que diferentemente dos moaris os taitianos não pintavam os rostos - “no rosto não as põem nunca” -, pois nele se marca a singularidade de cada um. Ele acreditava que, para esse povo, a prática da *tattoo* era um ritual de passagem que se dava “em uma operação dolorosa que se faz em ambos os sexos, da idade de 12 a 14 anos. ” Fato que, também, marca a tatuagem como um símbolo identitário de um grupo. Com esse mesmo valor de rito de passagem, ainda hoje, essa prática é adotada em tribos indígenas brasileiras e em comunidades africanas.

Segundo Le Breton (2004, p. 174), em numerosas sociedades humanas as marcas corporais estiveram ou estão associadas a ritos de passagem ou a significados precisos no seio da comunidade. Ele acrescenta dizendo: “a tatuagem tem assim um valor de identificação, mostra no cerne da carne a pertença a um sistema social, revela as afinidades religiosas, estabelece a ligação com o cosmo. ”

Para os nativos havaianos, a tatuagem fazia parte da percepção corporal, quer seja ela estética, física ou espiritual. Eram as marcas, tatuadas, pintadas ou escarificadas que davam sentido aos corpos. “Um corpo sem marca não existe culturalmente ou mesmo espiritualmente, não pertence a uma tribo, etnia ou grupo social” (RAMOS 2001, p.36).

Atualmente, os jovens dessas regiões são os herdeiros dos ancestrais que viviam naquela região como os pictos e os moaris.

O ato de um polinésio ou melanésio se tatuar hoje os tornam museus vivos de seus povos e, embora o significado “original” tenha sido apagado juntamente com suas tradições, pelos traços e tinta indelével singulares do europeu, sua pele tem o poder de emergir uma memória de fazer seus mortos falarem. São linhas, riscos e desenhos - conhecidos no mundo ocidental como tribal – que ainda vivem e são reconstruídos a partir de dados e referências comuns aos diferentes membros daquela comunidade. As *tattoos* acionam para essa comunidade uma memória coletiva de seu povo, ou seja, aquilo “o que ainda é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade”. (HALBWACHS, 2006, p.71). Nesse caso, as tatuagens que residem na pele dos jovens polinésios lembram: bravura, coragem, ligação com a natureza e valores religiosos.

Atualmente, na Indonésia propriamente dita⁴³, a tatuagem é uma prática proibida, o que se vê lá hoje é foco de resistência aos valores religiosos. Para os governantes daquele país, a arte no corpo é um insulto à religião local (Islã). O Islamismo acredita que o sentido do versículo 119 (SURA 4) do alcorão era uma condenação de Maomé aos crimes contra a natureza, de castração e de fazer marcas no rosto e no corpo. (MARQUES, 1997, p.33).

Sendo a prática da tatuagem um insulto à religião, contraria os valores culturais, políticos que regem aquele país. E ao estar fora da verdade, ela passa a ser interdita, sofre coerção, tendo em vista que vem contrapor a vontade de verdade adotada pelas leis que regem a vida das pessoas, recolocando-as em questão ao marcarem seus corpos e assim construírem “suas próprias verdades”.

Essa proibição à prática da tatuagem, comum também a outros países Árabes, remetem a Foucault (1979) quando nos propõe que o poder implica resistência e que as lutas contra as tecnologias prontas, conduzidas por um conjunto de práticas como as educativas e religiosas nos apontam a vontade de verdade não apenas como forma certa a ser adotada, mas como “prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, [...] procuraram contornar toda essa vontade de verdade e recolocá-la em questão”. (FOUCAULT, 1996, p. 20).

⁴³ O nome "Indonésia" deriva do grego indós e nesus, que significa "ilha". O nome data do século XVIII, precedendo a formação de uma Indonésia independente. Em 1850, George Earl, etnólogo inglês, propôs os termos Indunesians, ou também Malayunesians, para se referir aos habitantes do "arquipélago indiano" ou "arquipélago malaio".

O discurso da tatuagem em determinadas comunidades é construído, a partir de práticas de resistência, contra valores culturais, simbólicos, políticos e religiosos, pois além da Indonésia, outros países Árabes como Malásia, Arábia Saudita adotam um regime de negação à tatuagem, por exemplo, no dia 10 de outubro de 2010, a imprensa informou que o jogador de futebol Al Nasr, Juan Pablo Pino foi preso na Indonésia por exibir uma tatuagem de cunho religioso (ver reportagem em anexo). Para o jogador, a tatuagem era apenas sinal de fé, mas para autoridades daquele país era insulto à religião.

Na Malásia, a cantora americana *Erykah Badu*, também, foi vítima da polissemia de sentidos em torno da tatuagem. A cantora teve show cancelado (2012) em *Kuala Lumpur*, capital da Malásia, depois que um jornal local publicou uma foto da artista com uma tatuagem em que se lia a palavra “*Allah*” -Deus em Árabe -, o que gerou protestos públicos. *Rais Yatim*, o ministro da informação do país, disse, na ocasião, que Badu seria um modelo inadequado para os jovens do país.

O que, para a cantora, era apenas homenagem a Deus, para o governo Malaio era ofensa, desacato as leis do país. Isso porque os sentidos em torno das tatuagens (desenhos e símbolos) são bastante polissêmicos, mutáveis de uma cultura a outra, “significando diferentemente em diferentes grupos e épocas”. (ARAÚJO, 2005). Aí está o perigo de proferir os discursos sem precisar como e em que lugar.

Confirma-se, aí, a hipótese de Foucault (1996, p.19) quando diz que em toda sociedade os discursos são controlados, selecionados, organizados por determinados procedimentos para serem redistribuídos. As tatuagens da cantora americana e do jogador fugiam à ordem do enunciável, contrariavam e resistiam aos valores culturais religiosos que estão no verdadeiro da época daqueles países. Para Foucault “a verdade é como se a própria palavra de lei não pudesse mais ser autorizada, em nossa sociedade, senão por um discurso de verdade”. Sendo essa verdade apoiada por um suporte institucional tende a exercer sobre os outros discursos um poder de coerção.

Além das ilhas e países do continente da Oceânia, que estabeleciam uma ordem à prática da tatuagem, o Japão foi outro reduto de onde essa prática foi retomada pelos europeus, americanos e espalhados ao resto do mundo. País fechado a outros continentes, até o século XIX, foi o último a tomar acento no clube europeu da redescoberta da tatuagem. (MARQUES, 1997) Isso porque, historicamente, o Japão esteve isolado do Ocidente até a chegada das primeiras embarcações mercantilistas portuguesas, em 1542.

A partir de 1850, as nações ocidentais passaram a desenvolver estratégias políticas que pressionavam a abertura política e econômica japonesa. Em 1854, sob o comando do almirante Perry, uma esquadra norte-americana impôs a abertura dos portos nipônicos ao mercado mundial. Por meio de sérias ameaças militares, os japoneses foram obrigados a assinar tratados comerciais com diferentes países. Assim, “da fortaleza cultural inexpugnável, o Japão passou à condição de exportador da arte da inserção de tinta-irezumi⁴⁴. Seus portos foram abertos; americanos e europeus entraram; a tatuagem saiu da pele dos samurais para o resto do mundo”. (MARQUES, 1997, p.49).

Alguns antecedentes sugerem que a tatuagem japonesa data de 500 a.C., “rostos riscados” - e hoje, sabe-se que no século VIII d.C, a tatuagem era símbolo de identidade, alcançando as classes baixas e criminosas. No entanto, a manifestação mais antiga que tem registro, segundo Ramos (2001), é a do povo ainu, no norte do atual Japão, ilha de *Hokaido* que se distingue por uma prática muito distinta da tatuagem. Predominava nesse povo a tatuagem facial, exclusiva das mulheres, mas que não influenciou a tatuagem japonesa hoje conhecida como tradição. Os *ainu* tatuavam o rosto, as mãos e os pés, mas especialmente os lábios- em formas de enormes bigodes, exemplo:



Figura 11 Imagem, escaneada do Livro “Tatuagem Pirceng e outras mensagens do corpo” de Leusa Araujo (2005). Ainda hoje, segundo Araújo, um pequeno grupo de mulheres ainu, tatuam os lábios baseados em uma série de mitos ancestrais.

Sobre esse grupo étnico, contemporaneamente, salienta Marques (1997, p.49), “ainda se veem anciões de rosto tatuado, os lábios envolvidos pela grossa mancha de um sorriso indelevelmente pigmentado. ”

⁴⁴ A expressão japonesa para o seu antigo método da tatuagem é *tebori*, que significa “tatuagem à mão”, e a palavra que designa uma tatuagem feita pelo método de *tebori* é *horimono*. Outra palavra mais antiga, mas comum para tatuagem em japonês é *Irezumi*, que significa “tatuada como uma punição”.

A tatuagem ocidental que, nos estúdios modernos, é vagamente chamada de estilo oriental, nasceu no período Edo⁴⁵ (séculos XVII a XIX). Nessa época, “a tatuagem era feita como expressão e ato próprio dos amantes, feita mutuamente era praticada sob a forma de pontos, nomes, datas, palavras de amor e sexo” (Marques, 1997, p.58). Essa prática do século XVII aparece representada no filme *Livro de cabeça*⁴⁶, um filme franco-britânico de 1996, dirigido por *Peter Greenaway*, baseado nas notas de cabeça da escritora medieval japonesa Sabe Shōnagon.

Ainda nesse período, a tatuagem ornamental *hori-bari*, prática apenas dos ricos, era usada por algumas corporações consideradas de baixo escalão, motivo pelo qual o governo do período Edo, preocupado com as imagens negativas que as tatuagens poderiam representar para o estrangeiro, proibiu essa prática. Isso vem mostrar que indiferentemente de quaisquer discursos, o da tatuagem, no Japão, também entra na ordem da lei dos discursos, sendo sua aparição vigiada e controlada. Para Foucault “o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição” (FOUCAULT, 1996, P.07).

No entanto, a interdição à prática da tatuagem no Japão, logo abre caminho para o desejo e o poder de apoderar-se do seu próprio corpo, construindo para si uma estética da existência, pois, em meados do século XVIII, a tatuagem no Japão se popularizou, tornando-se uma prática social que comportava um jogo de relações interpessoais. Toma-se como uma estética da existência, porque a partir dela o indivíduo é convidado a se transformar a si mesmo e a sua própria existência a partir de princípios morais e estéticos. Não se trata de uma relação do sujeito consigo mesmo na direção da interioridade, mas os jogos de verdade na constituição do sujeito. (FOUCAULT, 1984).

No entanto, as marcas que levariam a uma constituição do sujeito tatuado japonês só começam a se popularizar, segundo Marques (1997, p. 50), após *Suikoden*, narrativas sobre as façanhas de um *Robin Hood* chinês que lutava em favor do povo e contra a corrupção burocrática do governo. “O herói e seus camaradas tinham tatuagens e as

⁴⁵ É um período da história do Japão que foi governado pelos xoguns da família Tokugawa, desde 24 de março de 1603 até 3 de maio de 1868. O período Edo também é conhecido por ser o começo do início do período moderno do Japão.

⁴⁶ O enredo da produção é bastante confuso: Nagiko (Vivian Wu) desenvolve desde cedo a paixão pela caligrafia tradicional; quando adulta, procura um homem que possa responder a seus anseios sexuais e sua paixão pela escrita. Contudo, a caligrafia é terreno dos homens velhos, e estes não a satisfazem. Nagiko resolve tomar para si a arte da escrita e elege os corpos dos amantes como pergaminho. Quando surge Jerome, o escritor e tradutor britânico interpretado por Ewan McGregor, Nagiko parece ter alcançado no amor, uma resposta à existência. Ela não consegue escrever no corpo dele com precisão e entrega o seu corpo a ele para que seja preenchido por palavras numa língua que não é a sua.

edições japonesas tinham ilustrações feitas por artistas japoneses”. Isso, segundo o autor citado, bastou para que os marginalizados adotassem a decoração na pele, incorporando-a ao acervo visual do povo, e fazendo surgir o conceito de tatuagem artística – (arte sobre o corpo inteiro). A partir desse momento, a prática da tatuagem surge discursivizada, produzindo uma “estética de si”, um estilo a ser adotado pelos sujeitos. É a história do homem de desejos e vontades que começa a se formar na sociedade japonesa.

Para Foucault (1996, p.10), as interdições relevam suas ligações com o desejo e o poder. O discurso não é apenas aquilo que manifesta ou oculta o desejo, mas também aquilo que é objeto do desejo. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder no qual queremos nos apoderar. ” O desejo de expressar na pele suas histórias abriu caminho para se pensar os jogos de verdade que se manifestam na constituição do sujeito tatuado na cultura japonesa.

Entretanto, segundo Ramos (2001), mesmo a população já adotando essa prática, ela só entra na ordem discursiva do Estado com a visita oficial do príncipe da Inglaterra, George, em 1881, que tinha um dragão tatuado no braço, mostrando um lugar de honra que lhe é preparado. A concessão à prática da tatuagem nipônica, mesmo diante do uso crescente da população anônima, esteve diretamente ligada à posição social do sujeito não marginalizado, isto é, os jogos de verdades que se constituíam no discurso da tatuagem Japonesa implicavam relações de poder entre o verdadeiro, construído pelo estado, e o “falso” construído pelas relações sociais cotidianas. Conforme Foucault (1984), os jogos entre o verdadeiro e o falso constituem historicamente como o sujeito pode e deve ser pensado nas relações sociais.

Diante desses embates sociais entre o falso (negativo) e verdadeiro (positivo) foi só em 1945, fim da segunda Guerra Mundial, que a tatuagem no Japão tornou-se uma prática legal, mas por outro lado, nem sempre socialmente aceita. Isso porque, a maioria das pessoas que se tatuava carregava marcas de um lugar de desonra, de fora da lei, sinais da desordem e da indisciplina governamental, ou seja, a maior parte dos usuários da tatuagem ainda era de classes baixas e marginalizadas.

Caruchet (1995) relata que, até o início do século XX, a tatuagem no Japão era uma prática restrita a pequenos clubes privados e só era permitida nos ateliês autorizados e aos tatuadores especializados. A *Yakusa* é o mais famoso desses clubes, é correspondente à máfia japonesa. Acredita-se que sua origem é o *Bakuto*, jogadores

itinerantes de cartas e dados no período do Japão feudal (por volta do século XVIII). Os *Bakutos* não obedeciam às leis e viajavam pelos feudos, ganhando dinheiro com jogos de azar tradicionais, como *hanafuda* (jogo japonês de cartas) e dados. Os apostadores fechavam os braços e o peito com tatuagens elaboradas que escondiam os códigos reveladores de seus crimes e número de condenações. Essa prática era o vínculo que constituía o centro de referência desse grupo.

Na medida em que os apostadores se organizavam e ampliavam seus negócios, envolvendo-se com agiotagem, cobrança de proteção, tráfico de drogas, casas de prostituição, entre outros, iam aparecendo as famílias da *Yakusa*, utilizando a tatuagem como símbolo de solidariedade e pertença a um grupo. Mais tarde, na era *Takugana*, (1603 a 1868), segundo Costa (2011), época de intensa repressão aos fora da lei, ser tatuado se tornou sinônimo de resistência ao regime do governo. Foi nessa época que surgiu “a máfia japoneses (*Yakusa*) cujos membros têm os corpos todos pintados em sinal de lealdade e sacrifício à organização, simbolizando a sua oposição ao regime daquele período”. (COSTA, 2011, p.07)

Hoje, as tatuagens marcadas na pele desse grupo seguem uma determinação do clube. As *tattoos* “podem cobrir o corpo todo, mas devem parar nos pulsos e tornozelos, partes possíveis de serem vistas [...], e a operação acontece num ritual que pode durar anos”. (COSTA, 2011, p.41). Trata-se de um grupo exclusivamente masculino, que considera as mulheres como seres fracos e incapazes de lutar como os homens, acreditando que elas nasceram apenas para serem mães e para cuidar dos maridos, nunca podendo interferir nos negócios dos homens.

Conforme Costa (2011, p. 45), os desenhos mais comuns são dragões que oferecem proteção a quem os carrega, além de serem considerados símbolos da masculinidade. Surgidos de mitos chineses, eles significam também longevidade e prosperidade, e cada dragão tem nove crias, cada um com uma personalidade específica: “a imprudência é a característica” do dragão *Haioxian*; *Yazi* é belicoso e valente, por vezes sua imagem é empregada em armas; *Bixi* não gosta de ficar só; *Quiniu* é grande apreciador de melodias, muitas vezes grafados em instrumentos musicais, sobretudo os de cordas; *Chiwen* está sempre a olhar para o horizonte; *Suanmi* gosta muito de fogo, por isto, pode ser visto em queimadores de incensos; *Pulão* aprecia um bom rugido e faz parte da decoração de sinos; *Jiaotu*, sempre enrolado em seu corpo, muitas vezes é usado em portas. Mesmo benevolente, o dragão enfurecido pode causar

catástrofes naturais e eclipse. São símbolos que simbolizam sacrifício, valentia e lealdade à organização.

Todos esses jogos entre a verdade e o falso adotados por um grupo, comunidade ou Estado são fatos que, ao longo do tempo, foram construindo uma prática discursiva em torno da tatuagem. *AYakuza*, por exemplo, por ser um grupo de grande influência a prática da tatuagem no mundo determinou uma “arte de existir” em torno dessa prática (valores específicos para o grupo), pois mediante determinadas atitudes impregnou formas de viver, desenvolveu procedimentos práticos, receitas que foram refletidas, ensinadas e aperfeiçoadas, produzindo, ao longo do tempo, certo modo de conhecimento e elaboração de um saber.

Segundo Foucault (1985, p.50), a arte da existência, ao se afastar do seu quadro de origem e extravasar suas significações filosóficas primeiras, adquiriu progressivamente as dimensões e as formas de uma verdadeira “cultura de si”. Todavia é preciso entendê-la em sua relação com o cuidado de si, e esse adquiriu um alcance bastante geral, ou seja, “uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, as trocas de comunicações e até mesmo a instituições; proporcionou, enfim, certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber” sobre o sujeito e sua existência.

O Japão foi tão significativo em suas técnicas e inserção de símbolos e cores⁴⁷ que os ocidentais consideravam a tatuagem como uma das grandes artes japonesas (MARQUES, 1997). Dizia o antropólogo *Stutervant* (...) que a técnica euro-americana dos tatuadores profissionais deve mais ao Japão que à Polinésia. A arte de tatuar foi tão significativa que, em 1853, quando o Japão esteve prestes a interditar, mais uma vez, a pele do povo, na tentativa de conter a moda e o baixo escalão de seu uso, essa prática já tinha saído de terras orientais e conquistado gerações de marinheiros e milionários ocidentais (MARQUES, 1997).

Nas Américas (Norte e Sul), desde seus primeiros habitantes, a prática de tatuar o corpo também foi bastante recorrente. De acordo com Ramos (2001), tribos norte-americanas – *Semíolas*, *Creeks* e *Cherokees* *Sioux* marcavam, no corpo, a filiação definitiva a uma tribo. Isso era feito logo após o nascimento, assim que a criança recebia seu nome. *Cooks* (1971) registra na passagem pela tribo americana *Sioux*, a prática da tatuagem na guerra e no luto. “Para os índios *Sioux*, tatuar o corpo servia, (além de

⁴⁷ Deve-se ao japonês Hori Chyo inserção de uma terceira cor (marrom), na paleta da tatuagem de sua época,(1876) restrita a cor preto-azulado e ao vermelho.

bravura, rituais de iniciação e sacrifício), como expressão religiosa e mágica, eles acreditam que, após a morte, uma divindade aguardava a chegada da alma e exigia ver as tatuagens do índio para lhe dar a passagem ao paraíso”. (COOK, 1971, p.97)

Semelhante método foi registrado por Levi Strauss (1994, p73), em sua visita às tribos indígenas pelo Mato Grosso, em 1935. Conforme o autor, nas tribos Caduveos – Brasil - os índios imprimiam no seu corpo marcas que representavam brasões hierárquicos. “Sem considerar a língua, são as pinturas faciais que distinguem esses índios dos camponeses brasileiros aos olhos dos visitantes”.

Assim como a *Yakuza* no Japão, os *Moaris* na Nova Zelândia, os índios *Sioux* nos Estados Unidos, as tribos indígenas do Mato Grosso, bem como outros povos, comunidades e tribos, essa marca mágica que a tatuagem representa para a vida e a morte, resiste ao tempo, atravessa mares, e se adapta à nova ordem mundial. São símbolos que colocam em evidência memórias, relações de forças, formas de agir, práticas de si que demonstram o cuidado com o corpo, com a estética, com a beleza e com a sexualidade e com as identidades de determinados grupos em cada lugar e momento de sua aparição.

Contemporaneamente, esses discursos são retomados e resignificados, convocando um espaço de memória e organizando novas significações a um contexto de atualidade. São comuns acontecimentos que marcam essa retomada em diferentes formações discursivas - na literatura, na música, na arte plástica, na moda. Por exemplo, na homenagem publicitária à grife *Moschino*, em que seu criador foi homenageado postumamente num anúncio, vê-se uma reinserção a uma rede de outros enunciados que são convocados para produzir determinados efeitos de sentido. Era uma foto em preto e branco de um torso masculino sem camisa segurando um bebê, no musculoso braço, uma tatuagem em forma de escudo, na qual se lia, “*Moschino*”. (MARQUES, 1997).

Nesse caso, vê-se atravessar nessa homenagem a simbologia dos *Moaris*, que faziam tatuagens em homenagem aos grandes guerreiros mortos, sendo rearticulada a novas condições de produção. Nessa homenagem, ao criador da marca *moschini*, a tatuagem retoma significações anteriores que marcam importância memorável, mas simultaneamente, propõe outros sentidos a partir da singularidade de seu aparecimento e função enunciativa. Nesse caso, a tatuagem vem simbolizar a importância da marca para o criador para o mundo da moda na atualidade. O torso do criador tatuado no braço musculoso deixa entrever para sempre a relação de força e representação da marca *Moschini* no mundo da moda em todas as faixas etárias.

Observa-se, assim, que cada momento do discurso tem sua irrupção do acontecimento, nessa pontualidade que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, esquecido, transformado. Segundo Foucault (2005, p 29) “não é preciso remeter o discurso à longínqua presença de origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância”. Isso prova que se os primeiros registros sobre a tatuagem são retomados em sua instância de acontecimento, e, simultaneamente, abrem um campo de memória que ligam enunciados que o precedem e o seguem.

Outro lugar significativo para a tatuagem é o continente africano, pois, além de marcar a diferenciação social e a identidade de um grupo, lá as técnicas de tatuar o corpo também são tidas como ornamento protetor, como fetiche, principalmente, nas moças e nos doentes. De acordo com *Stefan Eisenhofer* (Apud, Ramos 2001), no seu livro “*La Peinture Corporel*”, a prática da tatuagem, nas mulheres camponesas, é transmitida de mãe para filha. “Acreditam elas que pela tatuagem penetram no corpo fluidos protetores”. Os desenhos servem antes de tudo como um amuleto que protege contra as forças do mal ou do desconhecido. A parte do corpo preferida para a perfuração da tatuagem é o rosto. Os motivos são mais geométricos, como os que aparecem nos tecidos e tapetes e trazem sempre uma mensagem:

[...] os círculos espirais simbolizam o sol e a lua, fontes de vida e esperança, uma linha dupla simboliza o coração, motor da vida e do conhecimento, as marcas ao redor do umbigo lembram a relação direta do homem com seus ancestrais e sua responsabilidade com as gerações futuras (Eisenhofer, 1997, apud, RAMOS, 2001).

Entretanto, essa ocorrência, a prática da tatuagem, não se restringe apenas às camponesas. Também na “África negra”⁴⁸: na Nigéria, na Etiópia, no Zaire, Congo e no Senegal, essa prática é bastante acentuada, e suas crenças, desenhos e técnicas são bem diversificados. France Borel conta em seu livro, **Le Vêtement Incarné**, que a introdução de tinta colorida intradérmica mediante agulhas - método praticado por povos de pele clara - não surge efeito em pele escura, fazendo com que povos de pele negra desenvolvessem suas tatuagens por meio de pequenas incisões provocadas com materiais pontiagudos – espinho, conchas, cacos de vidros, bastão -, nos quais são introduzidos

⁴⁸África Negra, assim denominada pela predominância nessa região de povos de pele escura e olhos castanhos.

outros materiais como farinha, terra, folha de pimenta, óleo de dendê. Isso deixa marcas-queloides bem acentuadas quando cicatrizado.

Essas marcas começam logo após o nascimento, quando criança completa dois meses, e se perpetuam por toda vida. “Quando o corpo apresenta um número considerável de cicatrizes, a moça ou o rapaz são considerados adultos [...]. As cicatrizes formam desenhos que contam, eternizam acontecimentos importantes da vida de cada um”. Elas marcam uma identidade, a pertença a um grupo. Entretanto, enfatiza Eisenhofer, (1997), essas marcas nem sempre simbolizam uma marca étnica, um acontecimento ou posição social, muitas seguem prescrições medicinais.

Constata-se mais uma vez a prática da tatuagem ligada a grupos, costumes, valores culturais específicos. Segundo Ortega (2008, p64) “as marcas corporais acompanham o corpo vivido na sua identidade e deve ser entendido como um investimento subjetivo de si na sua matéria”. É o corpo, para ser mais preciso a pele a serviço de uma representação. Para Pires (2005), a relação entre o corpo e a cultura sempre existiu, mas as formas como ambos refletem e espelham mudam conforme as normas e os interesses da sociedade a qual pertencem.

Ainda na dispersão histórica espacial da prática discursiva que marca a pele e os sujeitos, Ramos (2001) registra seu uso no país indiano. Na Índia, especificamente em *Kutch*, norte do país, há uma longa tradição de tatuar o corpo, em especial, as mulheres logo após o casamento. Os locais preferidos são as mãos, os braços e pernas, partes visíveis do corpo consideradas bastante sensuais pela cultura indiana. Ele enfatiza que a técnica é semelhante à de outros povos, mas “o produto injetado é fluido do petróleo misturado ao extrato de quinino, e às vezes misturado ao leite e à urina” (RAMOS, 2001, p.34).

Já, Araújo (2005, p.22), ao tratar da tatuagem indiana, retoma um ritual de beleza e sedução, usado pela mulher no dia do casamento. “As mulheres indianas, nepalesas e de outras regiões da Ásia se enfeitam com tatuagem de hena (tatuagem não permanente) antes do casamento num ritual de beleza e sedução.” (ARAUJO, 2005, p.22).

Percebe-se que, em sociedades e épocas distintas, a prática da tatuagem marca a ligação de uma comunidade ou grupo, revelando a filiação do indivíduo, enquanto membro de uma sociedade. Para Le Breton (2004), nas sociedades tradicionais, as marcas

corporais (tatuagem, escarificações) demonstram a sua filiação no seio de uma totalidade simbólica, à qual não saberia subtrair-se sem perder sua identidade. Ele acrescenta:

Nas sociedades tradicionais, as marcas nunca são um fim em si, como são em nossas sociedades, acompanham de maneira irreduzível os ritos de passagem dos quais são os traços definitivos, mostram a transposição de um patamar na maturidade pessoal, o acesso a um outro estatuto social, etc. são um elemento da transmissão pelos mais velhos de uma linha de orientação e de um saber para os novatos que deles beneficiam. (...). A identidade não é uma escolha pessoal, mas a consequência de uma posição no seio do grupo que desde logo impõe os direitos e os deveres e insere no simbolismo difícil de modificar. (LE BRETON, 2004, p.185)

Essas considerações históricas e descontínuas vêm corroborar com as considerações de Foucault em relação à constituição do sujeito, quando salienta que ele se constitui no processo histórico, móvel e descontínuo, que “se manifesta na superfície do discurso” (FOUCAULT, 2005). A prática discursiva da tatuagem singulariza a partir de diferentes acontecimentos históricos culturais os sujeitos tatuados. São símbolos que fazem do corpo um instrumento de inserção a um grupo e lugar de afirmação a uma cultura. O corpo é usado como lugar de inscrição de uma identidade.

2.2. Como a prática da tatuagem entra no mundo ocidental?

A tatuagem foi reapresentada na Europa na era dos descobrimentos, após quase seu banimento na Idade Média. Conforme Marques (1997), desde o século XIII, já existia um clima de “pele não europeia tatuada”. O europeu se deparou com a tatuagem em quase todos os continentes que desembarcava.

No Ocidente, a técnica só foi redescoberta em 1769, quando o navegador inglês James Cook, em sua primeira expedição destinada a explorar as terras do pacífico sul, aportou no Taiti com seu navio *endeavour* e registrou o costume em seu diário de bordo: “Homens e mulheres pintam seus corpos”. Na língua deles, chamam isso de *tattoow* (tatau) – palavra utilizada pelos nativos para a arte de pintar o corpo de modo que não saísse mais da pele.

Cook (1944, p.77) registra:

Picam a pele com um instrumento de dentes agudos, que mergulham em pó de sapato diluído na água; colocam o dente sobre a pele e batendo com um pau fazem nela um orifício em que depositam uma tinta preta e indelével com que desenham assim diversas figuras. É uma operação dolorosa que se faz a ambos os sexos na idade de doze a quatorze anos. E sobretudo, nas nádegas que se imprime maior número de figuras. No rosto não as põem nunca. Mostram as figuras com uma espécie de ostentação. (COOK, 1944)

A partir desse momento a história da tatuagem passou a ser registrada, não mais em livros sagrados, compêndios históricos ou obras literárias, mas nos diários de bordo dos navegadores que tentavam descobrir o novo mundo. “Mais do que escrita, ela foi ilustrada em carne e osso pelos selvagens e levados à Europa”. Antes das viagens de *Cook*, a tatuagem era virtuosamente desconhecida nesse continente. (MARQUES, 1997, p. 37).

A arte na pele também foi descrita e ilustrada por alguns naturalistas que, mais tarde, no final do século XVIII e início do XIX acompanharam os exploradores. Mas, no geral, a maioria dos europeus apresentou um pequeno interesse pela arte ou pela cultura da Polinésia.

Em muitas ilhas do Pacífico, os primeiros colonos europeus eram missionários que se opunham à tatuagem porque a arte estava relacionada com as práticas religiosas dos nativos que eram vistas por eles como superstição e bruxaria. “Na América Central, o espanhol Gonzalo Fernandez de Oviedo encontrou e condenou, em 1535, no Haiti, a função religiosa da tatuagem” (MARQUES, 197, p.38)

Ironicamente, ao mesmo tempo, em que a tatuagem estava desaparecendo no Pacífico, ela estava sendo adotada pelos ocidentais. Integrantes da tripulação de *Cook* foram os primeiros europeus a serem tatuados, o que levou a moda da tatuagem se espalhar rapidamente na Marinha. Os marinheiros retornavam para casa com exóticas marcas em seus braços, como lembranças de sua viagem às terras distantes. Eles aprenderam a técnica com os artistas polinésios, praticaram durante a viagem de navio e, depois, aposentaram-se para montar estúdios de tatuagens nas cidades portuárias da Europa. (ARAUJO, 2005).

Os opositores a essa prática viam como um ato monstruoso, intolerável e selvagem, ao ponto de solicitar junto às autoridades colonizadoras sua interdição.

(RAMOS, 2002). Os africanos e os asiáticos que adotavam a prática da tatuagem se viram interditados.

Entretanto, enquanto determinadas civilizações não se decidiam com o que fazer da tatuagem, o mundo primitivo continuava a resistir, repetindo desenhos à tinta em alto relevo na pele de suas tribos e nações, marcando para si e para sua nação seu papel social e seu estágio biológico. Fato que foi registrado em 1995, segundo Marques, (1997, p.47), quando os jornais do mundo todo mostravam “o renascer da tatuagem moari, como forma de resistência de mais um povo atordoado pelos invencíveis brancos”.

Conforme Marques (1997, p.40- 58), desde as primeiras grandes descobertas, índios tatuados - inclusive brasileiros – foram conduzidos ao Velho Mundo, mas que foi a entrada no Pacífico que causou impacto sobre essa arte, pois “ao abrir as águas da Polinésia, os exploradores fizeram a tatuagem invadir a Europa e a América”.

Durante todo século XIX, a tatuagem se transformou em atração de circo em toda a Europa e na América, primeiramente, fixando-se na pele das classes baixas, e em meados do século XIX, “virou comércio na costa leste, exibiu-se em circo e, no fim deste século, foi revolucionada pela eletricidade”.

Como espetáculo circense, o irlandês Fames F. O’Connell, depois de alguns anos na Macronésia, saiu na frente exibindo suas tatuagens em teatros e circos nos EUA entre 1835 a 1854. Em seguida, ainda no século XIX o grego Georg Constantin percorreu o mundo exibindo e contando as fantásticas histórias de suas tatuagens. Ele exibia 388 *tattoos* de animais, no estilo de Burma (Índia), ele dizia ter sido marcado a força por uma tribo chinesa.

Esse espaço de espetáculo, a arte da tatuagem discursivizada no século XIX, propõe o homem tatuado como o monstro humano. Para Foucault (200, p. 69 – 70)

A noção de monstro é essencialmente uma noção jurídica - jurídica, claro, no sentido lato do termo, pois o que define o monstro é o fato de que ele constitui, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma **violação das leis da natureza**. (grifo nosso). Ele é, num registro duplo, infração às leis em sua existência mesma. O campo de aparecimento do monstro é portanto, um domínio que podemos dizer "jurídico-biológico". Por outro lado, nesse espaço, o monstro aparece como um fenômeno ao mesmo tempo extrema e extremamente raro. Ele é o limite, o ponto de inflexão da lei e, ao mesmo tempo, a exceção que só se encontra em casos extremos, precisamente. Digamos que o monstro é o que combina o impossível com o proibido. [...] E, nesse sentido, podemos dizer que o monstro é o grande modelo de todas as pequenas discrepâncias. É o princípio de

inteligibilidade de todas as formas - que circulam na forma de moeda miúda - da anomalia.

Esse lugar de anormalidade, de monstruosidade construída para a prática da tatuagem durante o século XIX, ela foi transformada em atração de circo em toda a Europa e América.

Homens e mulheres com o corpo inteiramente coberto de desenhos, apresentados ao lado de esquimós, bezerros de cinco pernas, leopardos, gigantes, anões, homens invisíveis – todo tipo de criatura que na época fosse considerada fora do normal - se apresentavam em espetáculo circense. (ARAUJO, 2005, p.44).

Courtine (2009), a tratar do corpo anormal, apresentado ao público ainda no século XIX, salienta que um conjunto de dispositivos faz da exposição das diferenças, estranhezas, deformidades, enfermidades, mutilações, “monstruosidade do corpo humano” o suporte essencial de espetáculos em que se experimentam as primeiras formas da indústria moderna da diversão de massa.

É o monstro que se apresenta a partir da anomalia corporal. É o homem tatuado, a mulher-macaco, a criança sem braço, o negro-branco, que deixam de ser vistos segundo funções biológicas e sociais do ser humano. É a “monstruosidade” do corpo que entra em cena para que se exerça o poder da normalização. “No século XIX, o louco está no asilo, onde serve para ensinar a razão; e o monstro está na redoma do embriologista onde serve para ensinar a norma” (COURTINE, 2009, p.260).

Para Foucault (2001) o que há por trás dos monstros das figuras variadas e diversas do anormal é a normalização do poder. Apresentar o anormal é uma forma dos sujeitos entrarem nas regras normalizadoras que o poder propõe. Há uma política de silenciamento daquilo que transgride a norma. “Nem tudo pode ser dito, e o que ameaça a ordem deve ser proibido. ” (SILVA, 2004, p.169)

A tatuagem entra na ordem normalizadora do ocidente, a partir da contribuição da Monarquia Europeia, pois, em 1882, os netos da rainha Vitória, ao dar a volta ao mundo a bordo do navio *Inconstant*, entregaram suas peles reais às artes de um tatuador japonês. [...]. A moda chegou às casas reais escandinavos e ao império russo. Nicolau II, ainda na condição de herdeiro do império, também se tatuou no Japão. O imperador Guilherme II

da Alemanha também tinha tatuagem, e já no século XX se registra a tatuagem de Frederico IX da Dinamarca. (MARQUES, 1997, 51).

Segundo Marques (1997), a linhagem dos nobres dirigentes tatuados chega ao ápice na pele de Winston Churchill, reconhecido, principalmente por sua atuação como primeiro-ministro do Reino Unido, durante a Segunda Guerra Mundial. Fazem parte também do clube dos dirigentes que marcaram de forma indelével a pele quatro presidentes americanos: os dois Roosevelt, Theodore e Franklin, Harry Truman e John Kennedy. Na Europa dois chefões comunistas: Tito da antiga Iugoslávia, e o ditador Soviético Josef Stalin.

Pires (2005) salienta que, embora diferentes fatores contribuíssem para disseminação da tatuagem no mundo ocidental, acredita-se que um deles era o apreço de muitos dirigentes em torno dessa arte na pele, pois, em lugares e épocas distintas, a tatuagem entrava ou saía da ordem a depender do gosto do dirigente. Fato que remete a Foucault (1979) quando propõe que o saber é produzido tanto nas relações institucionalizados como nas relações de poder cotidianas que envolvem os sujeitos. Neste caso, o uso da tatuagem por um chefe de Estado coloca a prática da tatuagem em emergência no jogo de relações de força que leva a mudança de posição ou função dessa prática. Para ele, as práticas discursivas devem ser analisadas a partir do dispositivo de poder, isso porque ele possibilita afirmações, negações, teorias em todo um jogo de verdade. Para Foucault (1979, p. 244)

o dispositivo demarca em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições morais, filantrópicas; ou seja, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos.

Ainda em relação ao dispositivo, Foucault (*idem*) acrescenta que a função heterogênea dos discursos permite justificar uma prática que aparece muda, como também pode funcionar como reinterpretação dessa prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. “O dispositivo tem uma função estratégica dominante.”

Entende-se, assim, que o uso da prática da tatuagem, ao ser adotado por chefes de Estado entra em um jogo heterogêneo de discurso que abre caminho para uma função estratégica dominante, pois ao escorrer pelas mãos o controle sobre os sujeitos tatuados, criam-se estratégias de mudanças, de posições e sentidos, funcionando como dispositivo que pouco a pouco vai- se tornando um dispositivo de controle-dominação.

Entretanto, embora o uso da tatuagem por pessoas de *status* social tenha sido um fator relevante em direção à inserção da prática da tatuagem em diferentes comunidades do mundo, o fator fundamental na disseminação dessa prática foi, conforme Marques (1997), o avanço tecnológico, pois à medida que surgiam novas tecnologias, modernas técnicas ganhavam os estúdios, que até meados do século XIX eram precárias. “Em 1891 a máquina de tatuar foi patenteada em Nova York pelo Irlandês Samuel O’Reilly. Essa máquina moderna trabalhava com três mil perfurações contra as cento e vinte dos mestres japoneses. ” (LEUSA, 2005). No mesmo ano, a outra máquina de tatuar semelhante à primeira, mas ainda com maior número de agulhas foi patenteada em Londres (beço da tatuagem antes da febre nova-iorquina) por Tom Riley. Mais tarde, em 1909 o tatuador americano Burchett aperfeiçoou o aparelho, chamando de instrumento elétrico. (MARQUES, 1997).

Com os avanços tecnológicos em torno dessa prática, ela irrompeu nos centros, em especial nas cidades portuárias, onde ficava o maior número de estúdios de tatuagem. Nesses lugares, nasceram as *Tattoo parlours*- lojas de tatuagem, mas foi Nova York que se tornou a primeira capital mundial dessa prática, produzindo grandes nomes no final do século XIX e início do XX.

O gosto pela tatuagem começava a crescer, principalmente, na Marinha americana que, ao longo do século XIX, sempre carregava em seus navios um tatuador. Mas esse gosto estava tão disseminado pelos marinheiros que, no início de século XX, circulou uma liminar proibindo o ingresso na Marinha àqueles que tivessem tatuagens indecentes ou obscenas. (MARQUES, 1997). Proibição que prevalece até hoje e se estendeu, na década de 30, aos menores de idade, e, mais tarde, aos adultos também.

A tatuagem virou “fora da lei”, inclusive em nova York, quando na década de 70 o governo proibiu a prática da tatuagem, alegando caso de saúde pública, pois “era preciso conter a hepatite e a sífilis que se espalhava pela cidade”. Desse modo, preocupado com a saúde da população e com a doença que atingia o corpo produtivo, órgãos governamentais produziam campanhas e criavam leis que proibiam a arte na pele.

E, até o final do século XIX, a proibição continuava. Entretanto, na atualidade, os maiores eventos na área são sediados em Nova York. Sem contar que os melhores profissionais e cursos oferecidos também marcam território nesta cidade. É o corpo tatuado que precisa passar pelas regras de normalização do corpo obediente e produtivo, que se cultivava desde o século VIII.

Conforme Foucault (2008), o capitalismo socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção e que o controle da sociedade sobre os indivíduos não é efeito apenas da consciência e da ideologia, mas esse controle começava no corpo. Criam-se assim preocupações e normalizações que excluem aquelas que não passam pelas regras da produtividade. Inserida no sentido mais amplo, essas formas de normalizar a própria conduta da espécie, de regerar, incentivar e observar fenômenos direcionados ao corpo passa por biopolíticas governamentais.

Para Souza (2012), os saberes investidos nas práticas de biopoderes produzem as categorias de anormalidade (delinquente, doente, etc.) com base no par normal e anormal, e constroem formas de eliminá-las.

2.3. A tatuagem na (des)ordem do discurso religioso

Mencionado até aqui o hábito de tatuar o corpo em muitos e distintos espaços, tempos e com significações diferentes, cabe, ainda, salientar essa prática milenar como marca de castigo, crime, posse, punição, tortura e principalmente como marca de exclusão/inclusão identitária.

Demarcando as fronteiras das modificações da pele, a Bíblia sai na frente, separando pecadores e tementes a Deus – incisão funerária, cicatrizes feitas a ferro, número de besta⁴⁹, marca dos danados e eleitos. Anunciam-se na pele, marcas do bem e do mal.

Marcando a punição ao primeiro pecador, o velho testamento imprime na pele de Caim a eterna culpabilidade por matar seu irmão Abel. Isso é registrado no livro de Gênesis (4: 14). Registra o versículo 14: “e pôs o senhor um sinal em Caim, para ninguém que o encontrasse, o matar”. Ele levará na pele o sinal do pecado e por esse sinal será castigado, vagando pela terra sem perdão ou piedade.

⁴⁹Referência a besta de número 666, citado no livro de apocalipse.

O livro sagrado, condenando a tatuagem em rituais fúnebres, registra ainda que: “pelos mortos não dareis golpes na vossa carne, nem fareis marca alguma sobre vós”. “Não farão tonsura na cabeça, não cortarão a extremidade da barba nem farão incisões no corpo” (LEVÍTICO, 19 - 28).⁵⁰ Esses versículos citados tratam das leis de Deus proferidas por Moisés (por volta de 1.400 a.C.) durante a peregrinação no deserto para o povo escolhido –povo de Israel. (tribo de Levi). Isso porque Moisés, “porta-voz de Deus”, condenava as marcas ou incisões no corpo, feitas pelos pagãos. Essa mesma proibição do ritual pagão está também no livro de Jeremias (nascido por volta de 600 a.C.) “Tu que restas de seu vale, até quando farás incisões em ti? ”

Ainda na ordem bíblica, os profetas condenavam a marca corporal, imprimindo-as na pele como castigo para as mulheres impuras. Isaías, que nascera por volta de 765 a.C., lança sua ira de Deus sobre as impurezas femininas. [...] “queimadura em lugar de formosura” (ISAÍAS, 3.24). Em lugar de beleza, ficará a marca do ferro em brasa.

Entretanto, subvertendo à interdição de alguns livros bíblicos, por outro lado, grava-se na pele a dedicação a Deus. O livro de Ezequiel⁵¹ (9, 4) anuncia sua visão: Jerusalém seria castigada pelas abominações cometidas, mas serão marcados com sinal na testa todos aqueles que abominaram e sofreram com ações malignas. “Disse-lhe o Senhor: passa pelo meio da cidade de Jerusalém e marca com um sinal as testas dos homens que suspiram e que gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela”. Ainda no livro de Ezequiel (9, 6)” Matai velhos e mancebos, e virgens, e meninos, e mulheres, até exterminá-los; mas a todo o homem que tiver o sinal, não vós chegueis”.

Para os fins dos tempos, a Bíblia ainda prevê a marca da punição a todo aquele que tiver tatuado o número da besta. Esse é registrado no livro de Apocalipse (13, 16, 17) que prevê o surgimento de um dragão e uma besta que serão adorados e marcados na pele sua adoração. “Faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes sejam postos um sinal na sua mão direita ou nas suas testas. Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou nome da besta, ou o número do seu nome. ”

⁵⁰O livro de Levítico é um livro da Lei, mas não é um livro de lei simplesmente. Ele é um grande manual de liturgia para o povo Hebreu. Faz parte do chamado Pentateuco - os cinco primeiros livros da Bíblia. Formam o Pentateuco os livros de Genesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. São conhecidos também como os livros da Lei, ou a Torah hebraica. O Pentateuco compreende o período histórico da criação do mundo por Deus até a morte de Moisés no Monte Nebo, nas campinas de Moabe.

⁵¹ Ezequiel esteve cativo na Babilônia, no século VI a.C. (MARQUES, 1997)

Nesse trecho, a Bíblia apresenta a tatuagem com o número da besta (666) como inclusão e exclusão simultaneamente, pois tê-la marcada na pele insere o sujeito aos bens de consumo, mas ao mesmo tempo o exclui da salvação. Por outro lado, o sacrifício de não tê-las, o que significa rejeição as tentações mundanas, salvará o servo de Deus.

Como inclusão ou exclusão, a tatuagem entra e sai da ordem religiosa, rearticulando-se a partir de práticas específicas, momentos e lugares distintos em que as condutas ao uso de marcas na pele oscilam entre o verdadeiro e o falso.

Segundo Certeau (2009), não se poderia superestimar a relação fundamental do Ocidente com aquela que foi durante muitos séculos a escritura por primazia.

Pode-se dizer que é antes do período moderno, portanto até séculos XVI e XVII, essa escritura fala. O texto sagrado é uma voz que ensina (primeiro sentido de *documentum*, é chegada de *um querer dizer* do Deus que espera do leitor (de falta, o ouvinte) *um querer ouvir* do qual depende o acesso a verdade. (CERTEAU, 2009, p. 207) (grifos do autor)

Inserida nesse contexto religioso, a tatuagem na Idade Média (400 a 1500) passava pela ordem normalizadora, pois os primeiros cristãos se reconheciam por uma série de sinais tatuados, com destaque para a cruz. Nesses sinais, destacavam-se “as letras IHS, abreviatura do nome Jesus e o símbolo da igreja.” (MARQUES, 1997, p. 31).

Nesse momento, a tatuagem tinha caráter obrigatório na pele do verdadeiro cristão, isso porque eles eram perseguidos e precisavam de um código de segurança que os identificassem. Suas condições de aparição estavam diretamente ligadas a um grupo e aos seus valores religiosos. Essa prática simbolizava e eternizava um momento de aliança e fidelidade a um grupo. Segundo Le Breton (2004, p.182) marcar o corpo em conjunto, torna “a tatuagem, muitas vezes, de factura simples, a um selo que estabelece a unidade de seus membros numa espécie de refúgio simbólico”.

Entretanto, mais tarde, quando Roma reconhece o Cristianismo a tatuagem é interdita com a justificativa de que homens não podem danificar a criação de Deus. O imperador Constantino I baixou decreto contra a tatuagem que soldados romanos haviam trazido da campanha contra os *pictos*. Segundo Marques (1997, p. 31), isso ocorria porque diferentemente dos primitivos, os ocidentais, “máquinas de repetir tradição”, sempre foram instáveis diante do corpo. Ele diz que “o mesmo povo que condenava a marca a ser instrumento de prisão perpétua no rosto indisfarçável dos escravos, imitava

os inimigos celtas, bretões, *pictos* e escoceses.” E a igreja, que ocupava um lugar não apenas de ordem religiosa, mas também de ordem política, passa a proibir a tatuagem muito mais para afastar a identidade inimiga do que manter a ordem cristã.

Mas tarde, ainda na Idade Média, a igreja banuiu a tatuagem da Europa, e mesmo no Renascimento, ela continuou extinta. O fogo da Inquisição pegava facilmente aqueles que portavam “marca do diabo”, cicatrizes de nascença ou qualquer má formação à flor da pele. “O corpo alterado virava a moradia do Cão” (MARQUES, 1997, p. 34). Essa soberania exercida pela igreja na Idade Média acontecia devido à igreja ser a grande detentora do direito. Segundo Foucault (1979, p.181) a teoria do direito da idade média em diante, tem essencialmente o papel de fixar a legitimidade do poder; soberania que ele analisa como “o problema maior em torno do qual se organiza toda a teoria do direito”.

Sobre esse assunto Foucault (1979, p.182) salienta que:

ao questionar não o direito do poder soberano, mas o instrumento dessa dominação - entendendo dominação como múltiplas formas de dominação - vê o sistema do direito, o campo judiciário como canais permanentes de relações de dominação e técnicas de sujeição variadas.

Gilles Rabary registrou significativos períodos históricos da tatuagem para o Cristianismo. O primeiro foi o período das vigílias na terra santa contra os ataques dos mulçumanos, (século VIII a X). Uma cruz cristã era tatuada aos que partiam nessa missão, para garantir um sepultamento cristão aos que morressem em terras mulçumanas.

Segundo momento deve-se as Cruzadas⁵² - rotas cristãs que foram marcadas em forma de tatuagem. Os peregrinos assumiram o hábito de tatuar sua fé através das imagens religiosas. “Cavaleiros cruzados vinham da Terra Santa com crucifixos nos braços ou na testa” (MARQUES, 1997). As tatuagens são verdadeiros *souvenirs* de peregrinação e, ainda hoje, são frequentes em lugares de peregrinação cristã. As imagens da virgem Maria e a cabeça de Cristo são testemunhos da fé inalteráveis marcadas na pele dos peregrinos que visitam Jerusalém e Belém.

Essa retomada, embora faça parte de um acontecimento histórico da atualidade, reatualiza o passado a partir de um lugar presente ocupado pelo sujeito. Não se trata de

⁵² O período compreendido entre os séculos XI e XIII, caracterizado por importantes mudanças, fruto da crise do sistema feudal, promovendo um processo de grande marginalização.

qualquer sujeito, mas do peregrino, do sujeito religioso que busca para si ou grupo um lugar de pertença, uma identidade que marca sua inserção a valores religiosos que há muito tempo estão cristalizados na memória social. As imagens tatuadas nos corpos desses peregrinos retomam formas cristalizadas e, simultaneamente, atualizam esses valores em sua historicidade.

De acordo com Gregolin (2011, p.92 -96), uma materialidade discursiva está sempre à disposição de fatos passados e futuros aparecimentos. “Sempre haverá a possibilidade de que ela seja retomada, transformada, relida. ” A autora acrescenta que “há sempre a possibilidade de um acontecimento novo que vem perturbar a memória, e, portanto, ritualizá-la, transformá-la, fazê-la nova, deslocando e desregulando os implícitos associados aos sistemas de regularização anterior”.

A tatuagem continuaria a ser importante para as caminhadas religiosas dentro e fora da Europa e da Ásia, por exemplo, “o costume pegou na peregrinação do caminho de Santiago de Compostela” (Espanha), bem como na pele dos devotos peregrinos a virgem de *Luján*, na Argentina (meados do século XX), estes são marcados por um tatuador idoso que ali montou seu ateliê. (MARQUES, 1997, p.35)

No Brasil, essa marca de fé também é bastante perceptível desde os anos 80 até os dias atuais. “Na década de 80, a religião católica se fez representar pelas imagens de Nossa Senhora da Aparecida, padroeira do Brasil, e São Jorge, santo muito apreciado na tatuagem carcerária”. (MARQUES, 1997). A padroeira marca o lugar de fé do sujeito e representação de identidade nacional (Padroeira do Brasil), e São Jorge lugar de guerreiro, força e coragem, diante das adversidades.

Já na atualidade, essa representação religiosa é discursivizada incessantemente na internet pelas redes sociais e *blogs*. Basta fazer uma busca rápida que logo surgem milhares de imagens de jovens, adultos e idosos marcando na pele a fé cristã. É uma categoria que envolve um grande número de desenhos, que podem ser imagens de Jesus Cristo, Maria, outros santos, crucifixos, terços e frases com passagens bíblicas.

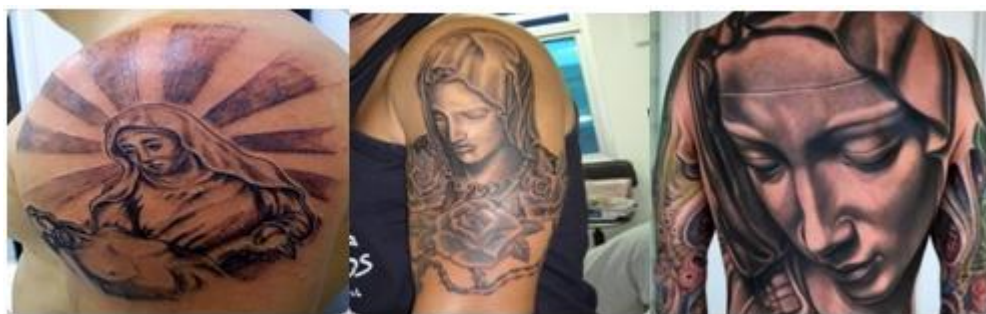
Gregolin (2011), ao discutir a repetição como elemento fundamental na produção de sentidos, acena para o fato de que as culturas cristalizam procedimentos tanto no campo da dizibilidade (certas formas maneiras de dizer) quanto nos das visibilidades. Tomando-se o discurso religioso como exemplo, vê-se que há uma maneira canônica de se promover a fé: a imagem clássica do homem religioso é aquela em torno do sacrifício,

e que, de alguma maneira, deixa ao olhar do outro uma marca de fé. A composição dessa imagem é constantemente retomada para materializar-se em diferentes lugares textuais e discursivos.

Na prática discursiva da tatuagem, o tema de cunho religioso não é diferente, pois o sacrifício e adoração são marcados na pele pelas imagens que simbolizam fé. No entanto, novas possibilidades de dizer vêm remarcando as tatuagens religiosas na atualidade, significando-as a partir das condições de emergência em que elas se constituem.

A ideia das imagens que frequentam o imaginário propõe que se pergunte: mas como se atribuir sentidos aos ícones de maneira que sejam partilhados por uma memória coletiva? Para Courtine (2011, p.10), esse processo vai-se dar “por meio da identificação, pela detecção dos indícios no material significante da imagem, dos traços que foram deixados por outras imagens, e pela reconstrução a partir desses traços da genealogia das imagens de nossa cultura”.

Para pensar sobre isso, tomam-se algumas imagens apresentadas no site: www.Facebook.com/MãesTatuadas e no site www.tatuagem.com/fotos em que a imagem canônica da arte cristã da Pietá, (Michelangelo) é trazida para o presente por meios de práticas contemporâneas, estabelecendo relações de vizinhanças e deslocamentos, afetando assim seus sentidos tradicionais, mas por outro lado impondo condições, rituais para seu funcionamento.



<http://tatuagem.com/fotos-tatuagens>

Figura 12 Série enunciativa – Pietá (lugar de filho)



<https://www.facebook.com/MaesTatuadas>

Figura 13 Série enunciativa (lugar de mãe/pai)

Para se tratar essas duas séries enunciativas de imagens, pensou-se conforme propõe Courtine (2008), ao tratar das imagens em sua relação de intericonicidade, ou seja, uma imagem é sempre inscrita no jogo de relações com outras imagens já elaboradas, já dadas ou cristalizadas em outros momentos históricos, sendo retomadas para ratificar um dizer dentro de um jogo de novas significações.

Em ambas as séries enunciativas, percebem-se as formulações inscritas em uma cultura visual, pressupondo uma memória cultural compartilhada em torno da Pietá, Escultura de Michelangelo, que retrata a dor e o amor de Maria por seu filho morto. Nessa obra, o escultor abandona o realismo cruel do gênero em favor de uma imagem idealizada de calma, de pureza, de beleza e jovialidade, exprimindo em forma de traços leves e harmoniosos o amor maternal. Essa representação é retomada pelas imagens das tatuagens expostas aqui e resignificadas em sua singularidade enunciativa.

Nas três primeiras imagens da figura 12, as tatuagens retomam a imagem da Pietá, cada uma em sua singularidade, possibilitando ao leitor no mínimo dois efeitos de sentido: um que gira em torno do amor filial, e outro em torno do lugar do sujeito que se tatua. O segundo é produzido na relação entre uma memória já constituída e um dado novo, operando uma nova reelaboração de sentidos que levam a novas perspectivas a respeito da subjetividade do sujeito que se tatua. Os sentidos canonizados de amor, sensibilidade, fé que são retomados a partir da imagem da Pietá, criam um novo olhar para a prática da tatuagem, diferentemente daquele que por tanto tempo e lugares

distintos foi/é alvo de discriminação devido à reverberação de estereótipos sociais marginalizados.

Já em relação ao amor de filho, os efeitos de sentidos são construídos no próprio ato de marcar a pele com a figura Sacra, lembrando amor de mãe pré-estabelecido pela sociedade, em especial pela igreja (dedicação, e amor incondicional). As tatuagens em homenagem às mães mostram na perspectiva do filho o amor existente que extrapola a ideia de amor incondicional apenas de mãe pelo filho, mas, nesse “caso de amor”, há uma via de mão dupla. Numa tensão dialética entre o dado e o sentido novo há uma harmonia da imagem clássica da Pietá, isto é, todo um conjunto de dizeres em torno do amor e da fé que estão relacionados à escultura e são retomados nas imagens para legitimar novos sentidos na relação mãe filho ou vice-versa.

Entretanto, esses efeitos só são possíveis porque há um conjunto de valores semânticos construídos em torno da Pietá que promovem um retorno a uma memória enraizada em nossa cultura, e ao mesmo tempo, fazendo aparecer um novo sentido em suas condições de funcionamento do discurso em sua atualidade. Para Courtine (2011, p. 161) nas análises discursivas das imagens, há necessariamente que se busquem traços, as representações que as constituem, porque fora desses indícios elas perdem seu sentido. O autor vê na intericonicidade a possibilidade desse tipo de análise na medida em que supõe que “não há imagem que não faça ressurgir em nós outras imagens”.

A segunda série de imagens, figura 13, e seus significados também são atualizados por uma memória visual externa e profundamente consolidada pela história da arte cristã. A primeira imagem conserva determinados traços significativos de amor materno através do posicionamento do corpo e do olhar que nos direciona para a imagem da Pietá, porém reatualiza-a a partir da emergência das tecnologias para o corpo na contemporaneidade, na medida em quase apropria do corpo e faz dele um lugar de exposição de amor ao tatuar o nome da filha na barriga.

Na segunda imagem da figura 13, os efeitos de sentidos são reconstruídos pela cristalização dos sentimentos de mãe consolidada socialmente, e retomados pela figura masculina, ao passo, que as práticas em torno da criação dos filhos na modernidade deixaram de ser obrigação apenas das mulheres. Inseridas em um contexto de atualidade, essas imagens retomam os valores semânticos cristalizados, mas os ressignificam em suas condições de emergência da modernidade, tempo em que o amor pelo filho é igual independente do sexo e do corpo que se “constrói”, desenha ou deseja.

De acordo com Gregolin (2008, p.33), os sentidos cristalizados que retornam ora para ratificar, ora para neutralizar determinados dizeres “se digladiam no interior dos discursos, produzindo representações sociais e efeitos de identidades”. Conforme Foucault (1979) há uma *microfísica do poder* que se desenvolve nas práticas sociais e toma corpo nos gestos, na postura, no olhar nos discursos, criando normalização e individuação no meio das lutas por imposição de sentidos.

Para tanto, é importante salientar que dentro do campo religioso, a arte na pele ainda é vista, por muitas entidades religiosas, como marca de subversão e desrespeito ao templo de Deus, com o argumento de que a tatuagem é “coisa do mundo” – mundo aqui denota modo de viver das pessoas ímpias, pecadoras -, ou seja, a tatuagem é própria dos que vivem em pecado. Outro argumento da igreja é que o corpo é o templo de Deus e não pode ser danificado ou marcado. A igreja fundamenta essa tese baseada na primeira carta São Paulo aos Coríntios: "Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus." (1Cor 6,19,20), em outras palavras, o corpo não lhe pertence, não tem liberdade para fazer dele o que quiser e quando quiser. Por conseguinte, o corpo, nessa perspectiva, deve passar por uma ordem centrada na verdade e na moral religiosa e o que estiver fora disso não é produzido como efeito de verdade.

Esse lugar de interdição da tatuagem pela igreja é muito comum ser testemunhado por algumas igrejas evangélicas atuais. Temos diferentes sites, blogs e comunidades na *net* que mostram a tatuagem como uma prática não aceita pelos costumes religiosos, por exemplo, o *blog* religioso (<http://pastorciroresponde.blogspot.com.br/2009/01/pecado-fazer-tatuagem.html>) tem um diálogo de um jovem com um pastor em que o jovem pergunta ao pastor: “quem segue a Cristo deve ou não abandonar efemeridades como tatuagem, *piercing*, etc.? O pastor, *Ciro*⁵³, responde com um sermão em que usa passagens bíblicas para ratificar e justificar sua resposta. Ele diz “não há dúvida, à luz dos princípios da Palavra de Deus, que o Senhor não se agrada de pecados como fazer tatuagem[...], ser cristão implica renúncia ao “eu”, à própria vontade. Vê-se isso em

⁵³Pastor da Assembleia de Deus (Niterói-RJ). Membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil e da Casa de Letras Emílio Conde. Colunista do CPAD News e do Christian Post desde 2010. Articulista do Mensageiro da Paz (CPAD) desde 1993. Autor dos livros "Erros que os Pregadores Devem Evitar", "Erros Escatológicos que os Pregadores Devem Evitar", "Evangelhos que Paulo Jamais Pregaria", "Erros que os Adoradores Devem Evitar", "Mais Erros que os Pregadores Devem Evitar", "Perguntas Intrigantes que os Jovens Costumam Fazer", "Adolescentes S/A", além de coautor de "Teologia Sistemática Pentecostal"

diferentes passagens bíblicas, veja 1 Cor. 6, 19, 20. A vida cristã implica não amar o mundo nem o que nele há, tampouco conformar-se com a sua filosofia. E “mundo” aqui denota “o modo de viver das pessoas ímpias” ou “o sistema dominado por Satanás”. A tatuagem é própria desse mundo que tem o Diabo como príncipe.

Esse jogo, essa luta discursiva no interior do discurso religioso em relação à tatuagem prova o caráter heterogêneo dos discursos no interior das formações discursivas, pois “um mesmo tema, ao ser colocado em evidência é objeto de conflitos, de tensão, em face de diferentes posições sujeitos que se opõem, se contestam” (FERNANDES, 2008, p.69), construindo efeitos de sentidos diversos a partir do lugar de quem enuncia.

2.4. Tatuagens como símbolos de cárcere

Os exemplos da tatuagem como prática de pecado e exclusão não cessam na ordem religiosa. Cabe ainda salientar que ela é e foi, em muitas sociedades, não apenas uma prática proibitiva, mas também um procedimento torturante e, principalmente, exclusivista. Desde a Grécia Antiga, escravos fugidos e recapturados traziam na testa a seguinte mensagem: “pare-me, sou fugitivo”.

Entre 509 e 27 a.C., os romanos acreditavam na pureza da forma humana, sendo que nem todos eram dignos dessa pureza – questão que não discutiremos nesse trabalho -, por isso os imperadores romanos determinavam que para não serem confundidos com súditos mais bem afortunados, prisioneiros e escravos fossem tatuados. Nessa época “os gladiadores prisioneiros entravam na arena exibindo a marca dos seus crimes” e, durante séculos seguintes, escravos e prisioneiros continuaram sendo marcados, estes conforme os crimes que haviam cometido e aqueles levavam na pele a marca do seu dono. (ARAÚJO, 2005, p.38).

Na idade Média (XIII-XV), segundo Marques (1997, p.35), na França e na Itália letras em brasa marcavam os fora-da-lei e a discriminação sexual “Na França F (de fur, preço), para os ladrões; para as prostitutas, uma flor-de-lis. Na Inglaterra, suas letras BC, para o mau caráter (*bad character*). ”

Já no Japão Feudal (Período Kamakura (1192-1333) ao período *Azuchi-Momoyama* (1573-1603)), de acordo com Costa (2011) e Araújo (2005), as tatuagens eram usadas como forma de punição, tornando-se símbolo de criminalidade. Para os japoneses, ser tatuado era uma sentença de morte, de prisão, de rejeição. Foi nessa época que surgiu a máfia japonesa *Yakuza*, cujos membros têm o corpo todo tatuado em sinal de lealdade e sacrifício como já exposto.

Marcar os escravos não foi uma exclusividade da Grécia, pois durante o período ocidental da escravidão negra (1690/1890), em que a presença europeia na costa da África, ganhou dimensão intercontinental, fazendo a principal região exportadora de mão-de-obra do mundo moderno, (**História da África e a escravidão da África**), tornou a tatuagem marca de posse, castigo na pele dos negros que estavam a serviço de um poder soberano centralizador.

Certeau (2009, p.143), ao analisar a o processo de desenvolvimento em torno da “economia escriturística” diz que a escritura inaugura diferentes modos de relações de poder e um deles é a relação da lei que se inscreve sobre o corpo (social e individual). Salienta o autor:

não há direito que não se escreva sobre os corpos. Seja como for, sempre é verdade que a lei se inscreve sobre os corpos. Ela se agrava nos pergaminhos feitos com pele dos seus súditos. Ela os articula em um corpo jurídico [...]. Há toda uma tradição para contá-lo: a pele do empregado é o pergaminho onde a mão do patrão escreve. Assim fala Dromio, o escravo, a seu senhor Antífolode Efésio em *The Comedy Of Errors*: “If Ter skin were parchment and the blows you gave were ink...” Shakespeare indicava deste modo o lugar primordial da escritura e a relação do domínio que a lei mantém com seu súdito pelo gesto de lhe “fazer a pele”. Todo poder, inclusive o do direito, se traça primeiramente em cima das costas de seus sujeitos.

Muitos países adotaram essa prática e marcaram seus escravos a ferro quente com as iniciais de seus proprietários, tendo em vista que isso os identificavam em casos de fuga. A rotina escravista de marcar a ferro em brasa o corpo foi um método adotado por diferentes países, entre eles a Alemanha, a Suécia, a Holanda, os Estados Unidos e Brasil. Nesse, especificamente, ela ocorreu do século XVI ao século XVIII e marcava posse, trabalho, castigo. As tatuagens eram feitas com ferro quente no ombro, no peito, na barriga ou nos braços.

Segundo Marques (1997), no Brasil, a prática de “ferrar os corpos” se tornou lei em 1519. Nos portos de embarque, surgiu a profissão de marcador de escravos. O testemunho desses procedimentos foi registrado na dissertação de mestrado “**Memória a**

respeito dos escravos e tráfico da escravidão entre a costa da África e o Brasil”, apresentado em 1793 na real academia de ciências de Lisboa, por Luiz Antônio de Oliveira Mendes e publicado em 1812.

Esses ditos lanhos não só têm por fim o enfeite que eles presumem; mas também são indicativos da família, do reino, do presídio, e do lugar onde nasceram, e são moradores (...). Suportam ainda mais; pois quando são permutados, sofrem o sinal privativo do sertanejo que os leva na escravidão, para serem conhecidos, e achados, no caso de fuga. Ainda de mais lhes acresce, que chegando ao porto marítimo, onde hão de ser embarcados, aí tornam a ser marcados no peito direito com as armas do rei, e da nação, de quem ficam sendo vassalos, e vão viver sujeitos na escravidão; cujo sinal a fogo lhes é posto com um instrumento de prata no ato de pagar os direitos: e a esta marca lhe chamam carimbo. Sofrem de mais outra marca, que a fogo também lhes manda pôr o privativo senhor deles, debaixo de cujo nome, e negociação eles são transportados para o Brasil; a qual lhes é posta ou no peito esquerdo ou no braço, para também serem conhecidos no caso de fuga: sem que nestes lances a natureza ceda a tais martírios. (MENDES, 1812, p.29).

De acordo com o exposto acima, a marca indelével no corpo do homem negro simbolizava a sujeição ao poder exercido pela força, o homem perde a condição de humano, passando à condição de propriedade. Certeau (2009, p. 211) diz que o ferro em brasa marca a lei, altera-o com dor ou prazer para fazer dele um símbolo de Outro, “um dito, um chamado, um nomeado”.

Anos mais tarde – segunda metade do séc. XVIII e início do séc. XIX – nos Estados Unidos e na Europa, repensava-se o castigo e tudo o que o envolvia por meio de inúmeros projetos de reformas que foram publicados: nova teoria da lei e do crime; nova justificação moral ou política do direito de punir; abolição das antigas ordenanças; supressão dos costumes; projeto ou redação de códigos modernos. Surgia uma nova era para a justiça penal: grandes transformações institucionais; códigos explícitos e gerais; regras unificadas de procedimento; existência de júris; penas com um caráter essencialmente corretivo. Consequentemente, esse novo tempo para justiça penal respinga no Brasil, dando início a abolição dos escravos brasileiros e, consequentemente, o ferro em brasa que marcava a pele negra. Com isso a marca sangrenta de símbolo de servidão deixa de ser introduzida a força na pele do homem negro do Brasil.

Essas técnicas de adestramentos em que se manifestam o poder e novos procedimentos de controle dos corpos nos remetem às técnicas disciplinares expostas por

Foucault a partir do século XVII, que têm como foco o corpo e sua regulação, adestramento e a ampliação de suas forças. Segundo Foucault (2009a), saberes, técnicas, discursos científicos formam-se e entrelaçam-se com a prática do poder de punir.

Baseando-se na história dos corpos e das penas feita até então, Michel Foucault introduz alguns conceitos novos: a economia política do corpo (o corpo está diretamente mergulhado num campo político, é investido como força de produção por relações de poder e de dominação e constitui-se como força de trabalho); a tecnologia política do corpo (saber e controle do corpo, que calcula e organiza tecnicamente a sua submissão de forma a torná-lo força útil e corpo produtivo); a microfísica do poder (disposições, manobras, táticas, técnicas, estratégias de dominação).

Entende-se, assim, que a prática da tatuagem direciona novas significações a partir de “um novo conjunto de saberes sobre a punição e técnicas para os corpos, criadas, principalmente, a partir da segunda metade do século XIX” (FOUCAULT, 2009a, p. 47). Entretanto, para que se entenda como e por que surgiram determinadas significações em relação à tatuagem é preciso entender que esses sentidos estão diretamente relacionados ao corpo, pois as significações que são produzidas a partir do corpo, “em qualquer sociedade está preso no interior de poderes muito apertados, que lhes impõem limitações, proibições ou obrigações”. (*op.cit*, p.132)

No século XX, o acontecimento que marca a prática da tatuagem nessa ordem de punição é a Primeira Guerra Mundial (1914 -18), época em que os ingleses que se recusavam a servir como soldados foram punidos com a marca D, de desertores. Nesse contexto histórico, a tatuagem marcava o poder centralizador da instituição, aplicando no corpo do indivíduo desobediente a sua pátria técnicas corretivas indelévels para que ele fosse apontado como aquele que foi lesado pela resistência a uma verdade imposta pela instituição, mas, principalmente, como aquele que lesou a sociedade.

Ainda, na segunda guerra mundial (1939 -1945), os prisioneiros de Auschwitz eram tatuados na parte interna do antebraço, isso o identificava não apenas como prisioneiro do campo de concentração, mas como sinal de exclusão social marcada para sempre na pele o pertencimento a raças inferiores pela doutrina que pregava a suposta superioridade da raça ariana (PIRES, 2005). Por outro lado, os soldados da SS, a guarda da elite nazista, tinham o tipo sanguíneo tatuado no braço para facilitar um eventual salvamento, isso, mas tarde, com a derrota de Hitler teve efeito contrário, pois a tatuagem foi usada para identificar e punir os soldados nazistas, passando do salvamento

à condenação. A polissemia semântica inscrita nas tatuagens liga-se aos acontecimentos a sua volta.

Nesse cenário sócio- histórico, a tatuagem era marca de identificação de uma posição sujeito, ela revelava o lugar social ocupado pelo sujeito, expressando um conjunto de dados de uma realidade social, ecoando vozes constitutivas desse lugar sócio- histórico. Nas tatuagens dos Judeus, por exemplo, ecoavam vozes de sujeitos prisioneiros marcados para morrer. A tatuagem marcava a identidade daqueles que Hitler tentava apagar, aniquilar nos campos de concentração.

No Brasil, as marcas corporais de cárcere começam a ser discursivizadas, primeiramente pela medicina brasileira, pois em 1902 o estudante Álvaro Ladislau, do curso de medicina da faculdade da Bahia, defendia sua tese sobre o tema. Em 1912, o, também, estudante de medicina, José Ignácio de Carvalho, obteve o grau de doutor em medicina com a tese **Tatuagem e Criminalidade**.

Na tese de José Inácio, no segundo capítulo, de acordo com Marques (1997), a população tatuada no Brasil era identificada da seguinte maneira: mineiros, vidraceiros, mascates, bateleiros, marinheiros, detidos, prostitutas e vagabundos. Ele acrescenta que, naquela época, os tatuadores é que procuravam os clientes nos quartéis e prisões.

E, embora no início do século XX, a tatuagem do “crime” ainda não aparecesse nas fichas criminais, ela passa a ser objeto de estudo do sistema judiciário em 1914, quando a criminalidade carioca aumentava significativamente. Na tentativa de identificar os criminosos, surgiu o interesse pela tatuagem. O chefe de polícia científica, baseado no modelo francês de 1888 (marca feita a ferro quente em prisioneiros), adota como uma das formas científica de identificar o indivíduo as marcas corporais. (MARQUES, 1997).

Anteriormente em 1895, na literatura, Machado de Assis já fazia menção à arte da tatuagem marginal. Em sua crônica “*A semana*”, segundo Marques (1997) se tem o mais antigo registro sobre a tatuagem moderna no Brasil. No texto, Machado comenta sobre a investigação do homicídio de João Ferreira cujo suspeito é cheio de tatuagens. O autor da crônica diz não ser chegado a notícias policiais, mas

[...] o que me atraiu nesse crime foi a força do amor, não por ser o motivo da discórdia e do ato – há muito quem mate e morra por mulheres -, mas por apresentar na pessoa de Manuel de Souza, o suposto assassino, um modelo particular de paixões contrárias e múltiplas. Foram as tatuagens do corpo do

homem que me deslumbraram. Depois as tatuagens são todas ou quase todas amorosas. Braços e peito estão marcados de nomes de mulheres e símbolos de amor (MACHADO, 1994).⁵⁴

Na crônica, o autor supõe que Manuel seja o autor do crime por causa das tatuagens, já que na época estas são sinais do criminoso nato. Marques (1997) salienta que, entre os primeiros anos do século XX e a década de 60, mais de uma dezena de trabalhos sobre tatuagem foram apresentados em congressos acadêmicos e afins. Com isso, delineando saberes, pelos quais a prática da tatuagem foi- se instituindo e, conseqüentemente, produzido modos de subjetivação para o sujeito tatuado.

Por muito tempo diferentes áreas como a Medicina, o Direito, a Sociologia, Antropologia, a literatura se interessaram pela tatuagem carcerária, já no começo do século, nos anos 20, o psiquiatra Moraes Mello, trabalhando na casa de detenção, no Carandiru, SP, registrou e classificou mais de três mil tatuagens entre os prisioneiros⁵⁵. Essas marcas, algumas vezes, voluntárias outras impostas, “registravam liderança ou estigmatizações e serviam como verdadeiro código social entre os detentos”(RAMOS, 2001, p.39).

E, ainda hoje, mesmo que muitos presos se tatuem livremente, fazendo do seu corpo seu único espaço de liberdade, muitos prisioneiros são forçados a marcarem na pele o delito, e grupo a que pertencem dentro da prisão. De acordo com Guilherme (2001), embora seja incomum, no Brasil, detidos são tatuados à força para marcar o crime, por exemplo, a imagem da cobra é feita a força por outros presos quando um detento dedura alguém do seu grupo. A tatuagem é feita para que todos saibam que o dono é dedo-duro e traíra. Para Certeau (2009), seja como for, a lei sempre se escreve sobre os corpos, nesse caso o sujeito é tatuado para fazer dele uma demonstração de regra, organizando o espaço social.

De acordo com Marques (1997, p. 158), hoje, a tatuagem carcerária é um alfabeto que resume o tipo de delito e as inclinações de seus portadores. Em 1994, a Folha de São Paulo publicou um mapa desse alfabeto. “Líderes da quadrilha usam signos de Salomão;

⁵⁴[p://www.machadodeassis.ufsc.br/obras/cronicas/CRONICA,%20A%20semana,%201892.htm](http://www.machadodeassis.ufsc.br/obras/cronicas/CRONICA,%20A%20semana,%201892.htm), visitado em setembro de 2013.

⁵⁵A artista plástica Rosângela Rennó foi a responsável por tirar do anonimato o acervo fotográfico de tatuagens do Carandiru. Através de um trabalho de higienização e acondicionamento dos negativos - grande maioria em vidros - a artista fez uso das imagens interferindo no resultado final. Esse trabalho foi exposto em galerias e museus como o Museu Arte Contemporânea, de Los Angeles. Mas o acervo faz parte do Museu Museu de Criminologia do Complexo Penitenciário Carandiru.

uma folha de espada-de-são-jorge é um escudo místico de origem umbandista; assaltantes ostentam pistola ou revólver; e por aí vai. ”

A revista **Super Interessante** (dezembro, 2008), também, registrou essas marcas corporais carcerárias. Na edição de dezembro de 2008, ela publica: *As marcas da infâmia*. De acordo com a revista (ver reportagem em anexo), as *tattoos* tanto sinalizam uma estética de si quanto marcam um grupo ou delito.

[...] muitos presos se tatuam por razões estéticas mesmo, evitando as ligadas ao crime. Mas malandro escolado não entra em modinha. A descrição que a polícia tem de quem é fichado entra as tatuagens. Fica fácil ser reconhecido se usar as marcas típicas da cadeia diz um detento que não tem tatuagem (SUPER, dezembro 2008, p.46, 47).

A revista se apropria e dissemina esse discurso de negação, apresentando-o como um problema social emocionalmente provocativo que faz surgir um sentimento que mistura repugnância e horror nos leitores. Para Ortega (2008), as descrições sensacionalistas de técnicas de modificações corporais, divulgadas midiaticamente, constituem um discurso moralista que compreende as práticas corporais como regressões humanas ou comportamento de desvio.

No entanto, esse discurso moralista que é disseminado, principalmente, no século XIX, não surge do nada, mas a partir de práticas fora da ordem discursiva dos valores, culturais, sociais e políticos de uma época. E, embora a tatuagem esteja inserida em técnicas corporais atuais, ela ainda é lugar de repressão quando se trata da tatuagem marginal. Por que isso acontece? Porque os valores culturais ligados ao corpo na contemporaneidade estão diretamente atrelados a padrões fixos que são, na maioria das vezes, estabelecidos por classes sociais privilegiadas que têm acesso as técnicas corporais mais sofisticadas.

Para entrar nessa ordem discursiva, é preciso fazer parte desses valores culturais valorizados socialmente, e o corpo tatuado marginal é considerado fora dos padrões fixos da “normalidade”, essa entendida como aquilo que é instituído dentro da norma, como culturalmente “correto” em uma determinada época. Nessa questão, a aproximação com as ideias de Foucault (1997), que coloca em questão que o anormal, desqualifica e desnaturaliza aquilo que é tomado como verdade de uma época.

A tatuagem marginal, ou melhor, a posição social do sujeito marginal fixa um lugar da anormalidade para a tatuagem desse sujeito desde o início do século XX. São discursos e práticas discursivas construídas ao longo do tempo em torno da tatuagem e seu uso disseminado, principalmente, pela classe marginalizada que coloca esse discurso em determinadas situações discursivas como anormalidade de técnicas corporais atuais. Por exemplo, no Brasil, final dos anos 1960, tinha-se estampado nas páginas dos jornais um dos mais “célebres” criminosos deste século - o bandido da luz vermelha – que inspirou o filme homônimo dirigido por Rogério Sganrezela, produzido em 1968 –, e adivinha? Ele tinha o corpo todo tatuado, com exceção do rosto.

As tatuagens, ao ocuparem a pele do sujeito marginal, logo passam a uma representação marginal. É a posição sujeito que é fixada, determinada, mantida, repetida incessantemente em filmes, novelas, seriados músicas que vão determinando as tatuagens como marca marginal. Na verdade, o que define o sujeito é o lugar de onde se fala. Para Foucault (2008, p.139) “não importa quem fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar”. Esse lugar é o espaço de representação social do sujeito (amigo, aluno, professor, pai, mãe, filho, etc.).

Além da posição sujeito marginal construída contemporaneamente no Brasil, outros lugares que naturalizam o sentido da tatuagem marginal é a produção de saber discursivizado em livros, cursos, dissertações, artigos que estabelecem as regras de formação do referido saber. Tem-se bem atual o exemplo da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia que apresentou a guarda municipal do mesmo Estado a Cartilha **“Tatuagens: desvendando segredos”** (novembro de 2013). A cartilha vem “oferecer aos agentes de segurança” elementos “encontrados no corpo das pessoas que cometem delitos”. A obra, que relaciona o uso de gravuras na pele com os crimes que um indivíduo cometeu – ou a suposta intenção de cometê-los –, é apresentada de forma “independente” aos guardas municipais que desejam ter conhecimento mais profundo do seu conteúdo. <http://www.bahianoticias.com.br/principal/noticia/147232-cartilha-da-pm-ba-que-ia-atuagens-a-crimes-e-apresentada-a-guarda-municipal-de-salvador.html>).

Isso prova que a posição sujeitos que se assumem durante a vida vão sendo instituídas automaticamente para os sujeitos, inseridos nas práticas sociais. Pereira (2013) diz que sem nos darmos conta, somos consequência da atuação de poderes institucionais múltiplos como a família, a igreja, a escola, a polícia, etc. que agem sobre

nossas vidas para forjar representações de subjetividade e impor formas de individualidade.

Assim, percebe-se, no fio discursivo, que há um conjunto de dizeres em torno da escrita na pele tatuada carcerária que retoma e, simultaneamente, o reinsere em outras cadeias enunciativas a fim de propor formas de subjetivação a partir das verdades discursivadas na época contemporânea. Segundo Gregolin, (2007) são os dizeres e saberes, acontecimentos que se desenvolvem e se transformam com a história que abrem novas possibilidades a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos. O discurso da tatuagem que circulam midiaticamente como forma de reconhecimento de uma identidade marginal é retomada na atualidade como subsídio de combate a própria marginalidade e desordem social, mas, simultaneamente, esses discursos vêm alertar e propor aos sujeitos práticas visíveis e aceitáveis socialmente.

De acordo com Marques (2007), se outrora – meados do século XIX e início do século XX - a tatuagem era fácil identificar, pois eram poucas as pessoas que faziam uso dessa prática, tendo em vista que ela estava muito mais ligada a um grupo marginalizado que pertencia à classe social “inferior”, hoje com a adesão da tatuagem por diferentes grupos sociais, a identificação marginal pela tatuagem é discursivizada, principalmente, entre a polícia como forma de manutenção da ordem social. Desse modo, os órgãos responsáveis ao publicarem cartilhas e manuais informando o que está dentro e fora da ordem social, deixam a par aqueles que querem se tatuar e não se inserirem em um grupo marginalizado. Ainda, conforme Marques (1997), as cartilhas e os manuais são vistos por muitos como atos discriminatórios, mas os órgãos governamentais de manutenção da ordem justificam que, desde a década de 1970, o uso da tatuagem é cada vez maior, por isso é preciso saber quem a faz por estética ou motivos pessoais, ou quem a faz por inserção a um grupo marginal que busca subverter a ordem social.

2.5 História da tatuagem no Brasil

Indiferentemente da Europa e Estados Unidos, a técnica de marcar o corpo também chegou ao Brasil por via marítima. Essa prática surgiu em meados dos anos 60 na cidade portuária de Santos. As tatuagens eram feitas onde, na época, era zona de boemia e prostituição. Fato que contribuiu bastante para a disseminação de preconceitos e discriminação ao ato de tatuar o corpo. Marques (1997, p.140) apresenta três percursos,

possíveis para a história da tatuagem no Brasil: da pele dos marinheiros para o povo; dos marinheiros amantes para as prostitutas e dos marinheiros presos para os colegas de cadeia. O primeiro diz ser romântico demais para ser verdade.

Imaginemos o furor causado por um marujo britânico querendo aparecer, tatuagem no braço ou no antebraço à mostra. Um nó na cabeça da autoridade portuária. Que diabo é isso? Crianças filhos de trabalhadores, moleques desgarrados, a meninada cercado fascinada. O sujeito mais branco que um galego ao mesmo tempo, mas colorido que todas as cores dos homens.

O segundo e o terceiro, ao que parece ser mais provável, feito, primeiramente, “em surdina” do corpo a corpo: “do marinheiro estrangeiro para a prostituta, e da prostituta para o freguês brasileiro” ou ainda, do marinheiro preso por confusão para a pele dos brasileiros colegas de cadeia. Essas possibilidades são as mais prováveis de acordo com o autor citado, porque na época (final do século XIX), os uniformes dos marinheiros tinham mangas cobrindo os braços, deixando apenas as mãos, cabeça e pescoço de fora. Além de que, em situações públicas, as tatuagens só apareciam em ocorrências jornalísticas, policiais ou médicas.

Marques (1997) fala ainda de outra possibilidade, “dos imigrantes europeus, não intermediados pela cama, de homem para homem”, mas retruca ao dizer “o povo a recebe intermediada pelo sexo, pelo trabalhador braçal, pela marinha, pelos imigrantes”, mas, primeiramente recepcionada na cama que em seguida, muda-se para as páginas policiais, o presídio e o hospital.

Mas, só no século XX, é que a Marinha registra algo relativo à tatuagem. No aviso nº 855 de fevereiro, instruíam-se que todos os indivíduos que se destinassem a serviço da Marinha de guerra, deviam constar em seu registro marcas e sinais particulares, cicatrizes e tatuagens que pudessem identificá-lo na captura. “Posteriormente, a marinha e demais instituições militares, na regulamentação da apresentação dos seus quadros, vetou as tatuagens” (MARQUES, 1997). Regras que em 2010 e 2012 foram rediscutidas na câmara e no congresso.

Em 2010, a presidente Dilma vetou a proibição à tatuagem no ingresso na Aeronáutica. O argumento da presidente foi que este não pode ser requisito, ou fator por

si só suficiente, para a exclusão de candidato de concurso público. (Globo.com)⁵⁶. Já em 2012, por outro lado, a Comissão de Relações Exteriores da Câmara aprovou dois projetos que impedem tatuados de ingressarem nas suas escolas de formação e seguirem carreira militar na Marinha e no Exército. A Marinha afirmou que “o dispositivo proposto não objetiva proibir a admissão de candidatos com tatuagem, tendo por escopo adequar o seu uso com os preceitos morais e de ética militar” (globo.com).

Nesse caso, o sujeito, que deseja ingressar ou já segue a carreira da Marinha do Brasil, não pode fazer ou ter a tatuagem que quiser e onde quiser, seu uso é regulado pela ordem do discurso militar, isso reitera a ideia de Foucault (2006) quando diz que há sempre que submeter à *ordem do discurso*, articulando aquilo que se pode e se deve dizer as verdades institucionais de determinado momento histórico.

Retomando o uso da tatuagem no Brasil no século XX, constata-se que essa prática inicialmente circulou por diferentes histórias que foram discursivizadas por diferentes autores brasileiros como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rubem Fonseca e outros, eles registraram o uso da tatuagem em suas crônicas, romances, reportagens e relatórios. No entanto, vale salientar, que na maioria do que se enunciava nos escritos desses autores sobre a prática da tatuagem se constata toda uma trama de sentidos relacionada a uma verdade estabilizada da época. No caso das obras citadas, a tatuagem era prática comum das classes mais baixas. Nas palavras de Jorge Amado em sua celebre obra **Mar Morto** constata-se várias passagens onde aparece a tatuagem como prática comum das classes menos favorecidas como, por exemplo, “velhos marinheiros que remendavam velas, os mestres de saveiros, os pretos tatuados, os malandros...”

Embora a tatuagem no Brasil tenha sido, no século XIX e XX, discursivizada por diferentes obras literárias, tema de matérias e reportagens, motivo de vários estudos acadêmicos ela está no campo de visibilidade negativa da época e só começa a sair desse campo discursivo e entrar no campo de visibilidade positiva (como arte, moda, marca de sensualidade) no final dos anos 50 com a chegada Dinamarquês Lucky. Fato que nos direcionam à fala de Deleuze (2005, p.58) ao enunciar que “A visibilidade varia em modo e os próprios enunciados mudam de regime”, conforme as mudanças sociais e culturais, por exemplo, a maneira de ver os tatuados no mundo ocidental é diferente antes e depois do século XX

⁵⁶<http://oglobo.globo.com/pais/tatuados-poderao-ser-barrados-na-marinha-exercito-4377191>, visitado em 25/03/2012

Os enunciados do século XIX e até meados do século XX inscrevem a tatuagem num regime discursivo de símbolo de marginalização: são, por exemplo, páginas policiais que estampam delinquentes com suas tatuagens, filmes que representam o lugar do vilão como adepto a prática de tatuar, dissertações que analisam e relacionam tatuagem à criminalidade.

É apenas no final dos anos 50 que a prática da tatuagem começa a construir novos jogos enunciativos e entrar em um novo regime de visibilidade. Para Foucault (2004), é o saber⁵⁷ de cada formação histórica que vai definir esses regimes de enunciabilidade e visibilidade.

As regiões de visibilidade em torno da prática da tatuagem começam a ser construídas com a chegada do tatuador Dinamarquês Luckey. Apresentando-se como pintor e desenhista, ao desembarcar no Porto de Santos em 1959, ele começa a ilustrar na pele dos brasileiros seus amores, natureza, emoções e momentos importantes. Seis meses depois, Luckey cai nas graças da cultura do espetáculo: primeiro se torna matéria do jornal *Folha de São Paulo* e fica “conhecido como desenhista e pintor aos olhos das autoridades, mas aos olhos do povo de Santos, Mr. *Tattoo*, ou como ficou conhecido no Brasil e no mundo, *Tattoo Lucky*”. (MARQUES, 1997, p. 176). Seu trabalho é tema de uma entrevista que dá ao jornal o globo. Disse ele ao jornal O Globo:

Os homens querem ser tatuados por dois motivos principais: a fé e o amor às mulheres, ao país, a profissão. Mas existe outro motivo: o exibicionismo ruim, dos violentos, que acham tatuagem marca de valentia. As mulheres têm um motivo próprio: a vaidade. Os jovens têm igualmente uma razão própria: eles são diferentes querem se mostrar, porque não se envergonham de seus corpos; ao contrário, gostam deles. (MARQUES, 1997, p.179)

Em Santos, Lucky teve duas lojas e permaneceu durante 18 anos, mas tarde mudou-se para o Rio de Janeiro, onde morreu em 1983, época em que a tatuagem já andava com as próprias pernas. E, até aquele momento, ele tatuou em torno de trinta mil brasileiros. Adotado pelo cais do porto de Santos, esse tatuador em plenos anos 60 coloria a vida do povo do porto do estado que não pode parar.

⁵⁷ O saber não é apenas a ciência, não é separável desse ou daquele limiar onde ele é tomado; nem da experiência perceptiva, nem dos valores do imaginário, nem das ideias da época ou dos dados da opinião corrente. O saber é a unidade da formação histórica que se distribui em diferentes limiares. (DELEUZE, 2005)

Luckey declara que os primeiros clientes eram prostitutas, marinheiros e marginais, mas com o tempo novos clientes chegaram. Surfistas, comerciantes, intelectuais, senhoras de família e artistas começam a dividir com marginais e prostitutas o decorador do seu próprio corpo. Interessante notar que os surfistas não foram os únicos anfitriões da introdução da *tattoo* na classe média urbana. A inserção da classe média à prática da tatuagem, também, é responsável pelo um novo cenário discursivo em torno dessa prática no Brasil.

No entanto, é válido ressaltar que “o surfe foi o fenômeno de massa, juntamente com a cultura praiana, na volga da contracultura, prepararam o terreno para que os meios de comunicação divulgassem a tatuagem e acendessem a faísca da moda. ” (RAMOS, 2001, P.)

Nos anos 70, entram em cena meninos do Rio – garotos ilhados na Zona Sul, mas dispostos a experimentarem todos os sabores do mundo – de repente, aparece um rapaz tatuado, era tatuagem de verdade não era de chiclete, que carimbava à a base de saliva, as crianças dos anos 60 e 70, o garotão surfista se interessa acha bonita e pergunta quem fez. Na primeira oportunidade, pega um ônibus para Santos e volta tatuado para o Rio. Lucky, em sua entrevista ao Globo em 1975, disse que os surfistas da Zona Sul do Rio começaram a aparecer há uns quatro anos. O primeiro foi um louro alto, “eu me lembro de todos”. “O louro alto era o futuro menino do Rio, o surfista Petit”. (MARQUES, 1997, P.185)

O garoto, surfista com dragão tatuado no braço, aparece no Píer de Ipanema ou no Arpoador – “*points* a época, de um novo tipo de juventude urbana brasileira, os filhos da cultura pop. Ali, entre jovens diferentes, ele era o mais diferente. ” (MARQUES, 1997, p.185).

Em 78, o jornal O Globo entrevista uma jovem, apresentando-a como a tatuada mais famosa de Ipanema, criada na contracultura nos anos 70⁵⁸ a jovem exibia na pele tatuagens de suas viagens e sua sexualidade, o assunto vai parar na televisão, vira reportagem do Fantástico, da Rede Globo, e não demorou muito para aparecer psicólogo interpretando a moda como revolta dos jovens contra os pais. “A tatuagem era, então,

⁵⁸A principal característica do movimento de Contracultura foi a profunda crítica ao sistema capitalista e aos padrões de consumo desenfreado. Os jovens que integraram esse movimento de contestação aos valores morais e estéticos da sociedade global promoviam revoluções em seus modos de vestir. Suas roupas e 38 Penteados tornavam-se símbolos desse universo paralelo que eles elaboraram para romper com os modismos capitalistas das elites.

sinal de rebeldia; arma empunhada o tempo todo”, para alguns e, simultaneamente, para outros um novo estilo uma atitude, sinal de personalidade, de governo de si⁵⁹. De acordo com Le Breton (2004), sendo a tatuagem repelida durante muitos séculos por um cristianismo rígido, nos anos 70 essa prática passa a ser uma maneira radical de mostrar sua liberdade de opinião, uma maneira crítica decisória de “não ser governado”⁶⁰. Nesse contexto, de “governo de si”, segundo Fonseca (2011, p.246) “passa pela decisão de aceitar como verdade aquilo a respeito do que se pode encontrar em si mesmo – e não por meio de uma autoridade qualquer”.

É assim que, meio a esse contexto de resistência a valores políticos disseminados sobre os corpos, que, no final dos anos 70, a prática da tatuagem tem uma nova guinada aqui no Brasil, pois em 79, embalada pelo movimento cultural dos anos 70, Baby Consuelo grava a música de Caetano Veloso “menino do Rio” e consegue fazer o que nenhum consórcio de agência de propaganda faria; “transformar a tatuagem em fato socialmente aceitável e desejável, até certo ponto, dentro de certos círculos”. (MARQUES, 1997, p.189).

“Menino do Rio virou tema de novela da rede globo – *Água Viva* -, e, diariamente, milhões de pessoas escutavam os versos de Caetano, no rádio e na TV, em homenagem ao rapaz que tinha “dragão tatuado no braço” - Petit tinha 16 anos quando Lucky o tatuou. Petit tornou-se modelo; desfilou, foi fotografado, foi gravado e entrevistado; virou embaixador da tatuagem graças às mãos de Lucky, à composição de Caetano, à voz de Baby Consuelo, mas, principalmente, aos meios de comunicação que transformou o menino do rio em meninos do Brasil. Começa aí a irrupção do discurso da tatuagem nas redes da mídia no Brasil.

⁵⁹Nos trabalhos de Foucault esse tema é abordado no âmbito do problema geral do governo que vai da abordagem sobre o “governo da vida” à aquelas sobre “o governo de si” . Ver especialmente FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro; Graal, 1988, 5ª edição. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro, Graal; 3ª edição; FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e verdade*. Cours College de France, 1981; FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo; Martins, 2004; FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros*. Cours College de France; 1983.

⁶⁰Essa questão fundamental do como não ser governado seria a contrapartida, a parceira e ao mesmo tempo a adversária das artes de governar (FOUCAULT, 1990). Esse não governo passaria ainda pelo conceito de crítica conforme propõe Foucault (1990), ou seja, atitude moral e política da maneira de pensar e que ela chamou simplesmente arte de não ser governado ou ainda arte de não ser governado assim e a esse preço. Nas palavras de Foucault: “E eu proporia então, como uma primeira definição da crítica, esta caracterização geral: a arte de não ser de tal forma governado”. (Foucault 1990, p.38)

Todo esse saber, que se desenvolve a partir dos anos 60, começa a evidenciar outras condições para a prática da tatuagem, são saberes que criam uma nova forma de ver e fazer a tatuagem. Esse conjunto de acontecimento da época cria para essa prática um novo campo enunciativo, agora positivo, são símbolos, significações que saem da pele marginalizada, excluída, para cair nas malhas da moda, e consequentemente na rede da mídia.

inked faves

EU NÃO SOU

Kat Von D

Ela tem um badado estúdio de tatuagens em Hollywood, um programa de televisão que é hit, um livro best-seller e uma beleza de arregalar os olhos. Mas a tatuadora mais famosa do mundo ainda tenta se encontrar no meio de toda essa loucura

POR REBECCA SWANNER | FOTOS JAMES DIMMOCK

CAPÍTULO III

TATUAGEM, CORPO E MÍDIA

Os textos da mídia apresentam-se como uma fonte privilegiada da percepção quente dos eventos do dia, com toda a agitação e dispersão características. (Pedro Navarro)

3.1 Condições de emergência do discurso da tatuagem na mídia

Perseguida, proibida, estampada, escondida, estandarte de bravura, insígnia da marginalidade, sentença de morte, hino da vida, marca de resistência, objeto de inclusão/exclusão, amuleto de proteção, rito de passagem, roupa de luto, na tribo, atestado de nascimento, documento de identidade, autobiografia, traço da cultura, desenho, escrita, *status*, moda, beleza, símbolo de sensualidade. Esse tópico pretende mostrar como a tatuagem em nossa cultura sai do anonimato - do discurso de exclusão, das marcas de marginalização -, deixando de ser um símbolo cultural de diferenciação para entrar nas redes da mídia e na ordem das práticas de si. No entanto, é importante salientar que as imagens das tatuagens contemporâneas são marcadores dos itinerários das migrações, que mesmo sem perceberem, deixam seus rastros culturais. Mas, por outro lado, não se pode esquecer de que a tatuagem é um texto da cultura e a “cultura está sempre em processo”. (HALL, 2003)

Entre as políticas do corpo que envolve o imaginário de muitos jovens, registram-se, desde os anos 1970, práticas ambiciosas de interferência definitiva, especialmente, a tatuagem. O retorno a essa prática sucedeu-se primeiramente nos segmentos da subcultura ou contracultura metropolitana como os *punks* e *cyberpunks* - mais contemporaneamente – os *choppers*, surfistas, *skatistas* e *rappers*, que sem acesso à mídia dominante (redes de televisão e rádios) e, muitas vezes, não a desejando, utilizam o próprio corpo como território de transmissão de informação e liberdade autogovernada.

Inspirados em culturas distantes do sistema capitalista, esses grupos provocaram a migração e a globalização de muitos rituais ancestrais, sendo a prática da tatuagem um deles. O corpo se torna um território. Gestos, atitudes, roupas e interferências como o “*body building*”, a tatuagens e o *piercing* são apropriações ideológicas do corpo. Essas manifestações comportamentais pertencem hoje à cultura ocidental. Sem perder o seu conteúdo universal, essas formas têm seu uso individualizado.

No Brasil, é a partir da década de 1970, que o discurso da tatuagem irrompe como prática discursiva de visibilidade. Naquela época, a pele, a camiseta e o muro formaram uma resistência cultural da juventude dita alienada. Uma turma marcava o corpo humano, outra marcava o corpo da cidade. Conforme Marques (1997), flores na carne, dizeres sem sentido no cimento, as mutilações do patrimônio urbano e a do genético, realizados pelo vândalo da coisa pública e de si mesmo respectivamente, marcavam o jovem da época.

Isso porque havia a turbulenta necessidade de se comunicar ou de comunicar preferências.

Era o desejo de se representar que ganhava o direito de construir certas identidades sobre quem eram e quem deveriam ser. A identidade passava a ser marcada pelas frases emblemáticas estampadas nas camisetas (“I Love” com o verbo em forma de coração), pelas imagens dos cantores de rock pintadas nas camisas, pelas frases pichadas nos muros, pelos desenhos tatuados na pele. “A vida virou um tiroteio de declarações móveis, um infinito diálogo de espelhos ambulantes.” (MARQUES, 1997, p.188).

A década anterior, marcada pelo grito do povo: “abaixo a ditadura, o povo no poder”, impulsionou, nas décadas de 1970 e 1980, os jovens brasileiros a aderirem aos movimentos que se iniciavam nos Estados Unidos, como os *hippies* e os *punks* já citados anteriormente. Era a jovem geração com o desejo de marcar sua existência, diz Le Breton (2004). Eles pichavam as paredes, assinavam os locais, exibiam suas revoltas, mas logo perceberam que os muros e as calçadas eram de todos e o que é de todos não é de ninguém. Passaram assim, “das paredes da cidade à pele da vida, o caminho era estreito e o corpo tornou-se nos anos 70 o suporte da assinatura pessoal” (LE BRETON, p 75).

Já Foucault (2007) concebe que o corpo vai além disso, pois o vê como um *locus* privilegiado do poder e do controle social. Ele defende que os corpos trariam impressos as marcas da cultura. Lugar de inscrição do sujeito.

Essa nova geração brasileira, que assina na pele sua marca, sua identidade, um lugar de representação, é respaldada pelos meios de comunicação que começam a lançar por terra os antigos valores negativos que estavam associados à tatuagem.

No Brasil, esse processo se inicia com a revista *Geração Pop*⁶¹, da Editora Abril, publicação oficial da juventude dourada dos anos 1970, que divulgou Lucky, Petit e suas tatuagens. Era a mídia que entrava em cena, inserindo o corpo tatuado nas práticas discursivas midiáticas.

Assim como Foucault (2007), considera-se que o corpo é um suporte de marcas culturais, mas se acredita, ainda, que, na Modernidade, parte dessas marcas culturais são discursivizadas midiaticamente. Segundo Gregolin (2003a, p.97), a mídia é construtora

⁶¹ A Editora Abril lançou a revista *Geração Pop*, publicação que durou 82 edições – de novembro de 1972 a agosto de 1979 –, e influenciou uma geração, não só de jovens, mas de artistas, jornalistas, editores, estilistas e outros setores envolvidos com a arte e cultura. (RAMOS, 2001)

de imagens simbólicas, participando ativamente, na sociedade atual, da construção do imaginário social.

É a partir da revista *Geração Pop* que valores socioculturais em efervescência na época começavam a ser divulgados, mas não necessariamente conforme aconteciam. A revista propunha aos jovens dos anos 1970 uma determinada maneira de ser. Sendo ela a revista oficial dessa juventude, construía, de certa forma, um discurso de verdade. A revista em pauta propunha um conjunto de ‘técnicas de si’, isto é, um conjunto de procedimentos que fixam, mantêm e transformam a identidade, em função de determinados fins (PEREIRA, 2013). Nesse caso, a percepção de uma identidade que objetivava juntar os jovens em aspirações e sonhos comuns, era associada a valores culturais simbólicos em emergência naquele momento histórico.

Nas capas da revista *Geração Pop*, era regular o uso de enunciados imperativos como “Use ouro e cetim: brilhe na moda rock!”, “Saibam enfrentar as crises com seus pais”, dizeres dessa natureza apareciam repetidamente. No entanto, o jovem dessa época, sem fidelidade política partidária, sem gestão de liderança ou hierarquia, sem compromisso com a imprensa, com a religião, com a arte institucionalizada e com a cultura dominante, tentava romper com as práticas culturais que não levassem à produção de sua própria identidade, de liberdade, de sua existência mais propícia a seus desejos e aspirações.

Mesmo assim, sutilmente, a mídia ressignificava a irreverência do jovem brasileiro. As imagens de liberdade, construídas por meio de automóveis, do esporte radical e viagens proposta pela revista em questão discursivizavam certo jeito de ser jovem, um modo ser e de se comportar controlado, um estilo próprio para um grupo que marcava na época audácia em comportamento e aparência.

Embora essa revista reproduzisse costumes de uma geração, mediante imagens, reportagens de astros do rock, seu estilo e as últimas tendências de galeras “da hora”, eram enquadrados e estabelecidos como formas disciplinadas de comportamento pré-estabelecidos socialmente pela classe dominante. A tatuagem, por exemplo, aparecia apenas na pele dos roqueiros sem qualquer referência, isso porque na época, essa prática fazia parte desse novo estilo da galera irreverente do rock, que até os anos 1990, adotaram a técnica “ao ponto de se tornarem emblemas” (MARQUES, 1997, p.208).

Sendo a revista mais comportamental, não se prendia apenas a um estilo, trazia ainda a tendência da moda, estilos populares da música jovem, a MPB com o pop romântico e, também, muitos outros assuntos eram encontrados nesse meio de comunicação. Temas como sexo, misticismo, moda, fotografia, cinema, aparelhos de som, sugestões de LPs, livros, automóveis, esporte radicais como o surf e o skate, eram incessantemente repetidos. As edições apresentavam, em suas capas, jovens sempre sorrindo e aparentemente satisfeitos e felizes, construindo representações simbólicas para uma geração jovem POP. Veja, logo abaixo, o exemplo disso nas capas das revistas POP.



Figura 14

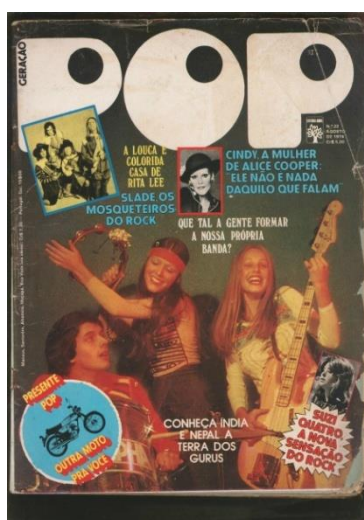


Figura 15



Figura 16

Milanez (2004, p. 27) entende que “algumas práticas, veiculadas nas revistas, são dispositivos pelos quais os indivíduos são levados a prestar atenção a eles próprios”, procurando desde sempre decifrar-se como *sujeito de desejo*. Assim como ele, acredita-se que a materialidade imagética e verbal proposta pela revista criava modos de subjetivação para o indivíduo, operando um jogo no qual se constituem identidades.

Articulados a outros enunciados, a revista propunha para uma geração, um gosto musical, a modelagem do corpo, um modo de se vestir e de se comportar, ou seja, “lugares a serem ocupados por homens e mulheres na sua relação com os outros” (GREGOLIN, 2007b, p. 06). E à medida que os jovens se identificavam com essas representações simbólicas que faziam certa ligação com a realidade histórica, cessavam as rachaduras e fendas que fomentavam as utopias sociais da época.

Entretanto, mesmo com esse amplo poder de persuasão, que a revista tinha na época, de acordo com Marques (1997), a principal responsável mesmo pela emergência do discurso da tatuagem na mídia no Brasil foi a já citada música de Caetano Veloso “Menino do Rio” (1979): “Todo mundo quis ser menino do Rio – no Rio e em todo Brasil” (MARQUES, 1997, p.198). Ouvia-se no rádio e na TV, a música de Caetano em louvor ao menino que tinha um “dragão tatuado no braço”, símbolo da juventude de sua época.

A mídia criava, com a música de Caetano, não apenas o garoto do Rio que tinha um “dragão tatuado”, mas também outros significados que não estavam necessariamente inerentes a ele. A música nomeava como alguém “descolado” que estava na moda, que fazia um esporte, com o seu corpo belo e saudável, pertencente à classe média brasileira, alguém feliz e de bem com a vida, uma vez que essa música estabelece uma relação íntima entre o corpo tatuado e a sensualidade presentes nos discursos que marcam a identidade corporal dos sujeitos cariocas. Era essa imagem jovem que era divulgada e incessantemente repetida pelos editoriais da época e pela moda, causando empatia na juventude.

Observa-se que, em um curto intervalo de tempo, a tatuagem ganhou visibilidade num movimento em que o corpo se tornou ícone de novos modelos estéticos, nas ondas do mar, nas pistas de dança, nas telas da TV, nas capas das revistas e nas passarelas da moda. A aparência doravante alimentaria uma indústria sem fim.

As técnicas corporais ganham visibilidade, a partir de novas tecnologias desenvolvidas para o corpo, principalmente a partir do século XX, quando as descobertas sobre o corpo ganharam uma importância inusitada. Conforme Sant’Anna (2000, p.115) , após os movimentos sociais da década de 1960, o corpo foi redescoberto na arte e na política, na ciência e na mídia, fazendo emergir determinadas práticas corporais:

O século XX apresentou um novo conceito de corpo e estabeleceu outro espaço de representação do corpo na sociedade. A valorização de um foco que associa estética à beleza, fez com que o corpo passasse a ser visto na perspectiva de um modelamento corporal, promovendo um culto ao corpo, que envolve as relações e intervenções na busca de um padrão idealizado cultural e socialmente.

No entender dessa autora, os valores corporais e padrões de comportamento e beleza sobre o corpo são construídos a partir de práticas socioculturais que mudam de uma época a outra. Sendo que, hoje, esses valores ganharam a visibilidade pelas lentes da mídia que, de um modo geral, tem como pretensão vender uma ideia ou produto, o que faz com que ela sempre enuncie algo positivo, desejável e ideal. Uma prática de poder que inclui sujeitos com base em padrões normalizadores específicos e, ao mesmo tempo, exclui aqueles que não estão dentro desses padrões modelares. Contudo, essas proposições não são elaboradas à base do que é proibido, *você não deve, você não pode*, ao contrário por outro modalizador, *você pode, você consegue*, “mais *tattoos*, menos inocência”; seu corpo é seu diário.

A mídia, no final da década de 1970 e início dos anos 1980, buscava construir um sujeito disciplinado que podia ser “radical”, dono do seu corpo, que faz suas escolhas, mas não rompe com ideais, enquanto cidadão (sujeito político que cumpre as leis) por meio de um conjunto de enunciados que colocava em voga a constituição de um sujeito tatuado descolado, “diferente”, submetido a manobras de exposição do corpo, sem fugir das verdades sociais vigentes.

Na ótica de Marques (1997), esse movimento midiático ocorre, sobretudo, porque as classes médias e médias alta passaram a usar a tatuagem como marca de ornamentação, símbolo de suas aspirações, suas conquistas e seus desejos, fazendo do corpo, um espaço de seu domínio. Tais classes, vistas como aquelas que seguem as normas, criam padrões jurídicos, éticos, não poderiam correr o risco de serem taxadas de marginais nem, principalmente, serem vítimas de preconceito. Com isso, era preciso vender e criar uma ideia diferente da que circulava na época: tatuagem, sinônimo de marginalização.

Sobre isso, é interessante refletir ainda que, se a tatuagem era incorporada às práticas corporais de visibilidade, de certa forma, esse poder também tirava da exclusão a classe marginalizada, pois se ela passava a ser usada indiferentemente de classe social, entrando nos discursos verdadeiros da época, como dizer quem era ou não marginal. Essa questão não foi, e não é, ainda hoje, tão simples assim. Esses acontecimentos nunca deixaram de marcar a tatuagem como um símbolo de exclusão social, de marginalização. Ao contrário, as instituições de poder, como a polícia e a mídia, logo pensaram em outros meios, criaram novas propostas que diferenciavam os sujeitos marginais daqueles não marginalizados.

A mídia criava mecanismos sutis para fazer essa divisão, por meio de propagandas e telenovelas, como se vê mais adiante. Já, a polícia usava a tatuagem como meio simbólico para detectar e punir o sujeito que rompia com a ordem social, fortalecendo ainda mais esse recurso com o uso de cartilhas sobre os sentidos possíveis para as tatuagens marginais e com a reverberação desses significados por toda a toda corporação por meio de treinamentos.

Nessa perspectiva, de representação sociocultural, as instituições de poder como a polícia e a mídia agem com eficácia. Para Gregolin (2003b, p.97), as instituições são construtoras de imagens simbólicas e como tal “participam ativamente da construção do imaginário social, no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e em relação aos outros. Dessa percepção, vem à visualização do sujeito como parte dessa coletividade”.

Baronas (2003, p.88) salienta que “por intermédio de complexo processo de criação de necessidade dos/nos sujeitos, a mídia, nos seus mais diversos suportes, intervém na sociedade, disseminando normas de conduta que seriam capazes de suprir essas necessidades nos/dos sujeitos” e, na medida em que atrai expectadores, vende mercadorias que são oferecidas aos sujeitos como necessidade.

No caso da tatuagem, cria-se o desejo de ser bonito, ter *status*, estar na moda, ser sexy. O que a mídia vende, na verdade, não é um produto, mas a possibilidade de uma forma de ser; ela cria subjetividades, propondo e impondo ao sujeito como se fossem mercadorias.

O discurso midiático nos anos 1970 e 1980, ao perceber o fascínio dos jovens pela tatuagem, tendo em vista que “ela representava o fim da centralização dominante”, representando o desejo de gerir seu próprio corpo, propõe por meio de revistas, da música, da moda, uma forma de ser e de estar na vida. Para Le Breton (2004, p. 08), um exemplo impactante desse processo de mudança é ainda a rede carioca de boutiques *Company*, que exibia, por intermédio do vestuário, certo jeito de ser jovem nos anos 1980. Como estratégia de sedução, essa marca apresentou Petit em desfile, fazendo da tatuagem, logo no início dos anos 1980, estampa de camiseta e assim propondo um sujeito disciplinarizado, dócil, bem comportado, controlando-o, afastando-o dos movimentos de rebeldia e transgressão e inserindo-o em padrões comportamentais oferecidos pela classe dominante.

É por intermédio do discurso da moda que a mídia propunha a saída da transgressão criada pelos grupos de contracultura (*punks*, *grafiteiros*, *hippies*, *skinheads*, *choppers*) que proliferaram em todo mundo a partir dos anos 1960. “As ‘novas tribos’⁶² pronunciavam uma nova individualização, priorizando a liberdade política, social e, principalmente, corporal”. (RAMOS 2001, p. 122).

Negando a massificação capitalista, criava um estilo de vida, de comer, de beber, de vestir, mas, principalmente, de habitar o corpo. Ramos afirma que “esses movimentos abalaram as fronteiras culturais e certas ideologias dominantes” (2001, p. 125). Desse modo, o estilo de vida adotado pelos grupos da contracultura entrava nas redes da mídia ressignificado, tendo em vista que ele rompia com a hegemonia do discurso midiático. Seus sentidos são discursivizados pelo discurso da moda, lançando representações esteticamente aceitáveis (corpo magro, tatuado, malhado, vestido pela roupa de marca) para serem decodificadas e adotadas conforme o sistema simbólico cultural vigente.

Para Courtine (2005), com o processo de industrialização e revolução tecnológica crescente a partir do século XIX, o corpo se torna um dos principais textos do Capitalismo ocidental e deve se modificar e se adequar às necessidades de produção, configurando suas formas a partir dos processos biotecnológicos, ou seja, as tecnologias direcionadas ao corpo transformam os hábitos das pessoas e, conseqüentemente, seus corpos.

Ao tratar da singularidade do corpo no século XX sob “as mutações do olhar”, o autor acima citado salienta, também, que:

jamaís o organismo foi tão penetrado antes como vai sê-lo pelas tecnologias de visualização médica, jamaís o corpo íntimo, sexuado, conheceu uma superexposição tão obsessiva, jamaís as imagens das brutalidades sofridas pelo corpo na guerra e nos campos de concentração tiveram equivalente em nossa cultura visual, jamaís os espetáculos de que foi objeto se aproximaram das reviravoltas que a pintura, a fotografia, o cinema contemporâneos vão trazer à sua imagem (COURTINE, 2009, p. 10 – 11) .

Na verdade, o século XX, com os avanços tecnológicos em torno da exploração visual, apresentou um novo conceito e se estabeleceu outro espaço de representação do

⁶²Esses grupos conforme Breton (2002) se iniciam a partir dos anos 1960 nos Estados Unidos e na Europa.

corpo na sociedade, ganhando a liberdade de ser apresentado aos olhos alheios com o afrouxamento das coerções e disciplinas herdadas do passado:

A valorização de um foco que associa estética à beleza fez com que o corpo passasse a ser visto na perspectiva de um modelamento corporal, promovendo um culto ao corpo, que envolve as relações e intervenções na busca de um padrão de beleza idealizado cultural e socialmente. (PERREIRA, 2013, p. 115).

No processo histórico, determinado padrão de beleza se torna idealizado e atrai a visibilidade mediante uma constante divulgação pelas lentes midiáticas. De acordo com Pereira (2013), a mídia atua com eficiência na supervalorização da aparência corporal e promove a busca constante do corpo ideal, estimulando o desejo a esse corpo e as formas de consumo que nos aproximam dele.

Em relação à tatuagem, a mídia busca reproduzi-la de uma maneira positiva, tendo em vista que, a partir da década de 1980, seu uso começava a se tornar quase inevitável. Diferentes tribos e classes sociais começaram a adquirir a prática. “A juventude dita alienada e os agentes da lei e da ordem não falavam a mesma língua, mas usaram a mesma linguagem” (RAMOS, 2001, p.123), ou seja, a tatuagem. Fascinado por essa liberdade e pela aparência estética de um corpo ornado, esses jovens de diferentes grupos passaram a se tatuar. Logo os segmentos da cultura dominante aderiram à prática. Nas palavras de Marques (1997), a mídia, ao perceber que o uso da tatuagem era inevitável, mostrava-a como algo a ser superado, a ser compensado pelo consumo.

Na sociedade contemporânea, a vontade de transformar seu próprio corpo tornou-se um lugar comum. “Já não se trata de se contentar com que se tem, mas de modificar os seus fundamentos para completá-lo ou torná-lo conforme a ideia de que se faz dele”. (LE BRETON, 2004, p. 30) E a tatuagem sendo uma técnica que pressupõe escolhas pessoais e desenhos, que podem ser criados com exclusividade para o indivíduo, é uma forma significativa desta mudança de relação com o corpo.

Embora não seja inegável que as tatuagens contemporâneas são marcadas por itinerários das migrações culturais de épocas e lugares distintos, não se pode esquecer de que a tatuagem é um texto de cultura e que cultura está sempre em processo. Os sentidos construídos pelos meios de comunicação contemporaneamente estão ligados a fatos socioculturais e históricos do presente.

“O ritual da tatuagem contemporânea surge nas vivências e experiências metropolitanas modernas marcadas pela diferença” (RAMOS, 2005, p.57). Já, Perez (2006) defende que hoje se investe na subversão dos valores, do *status*, da moda, da beleza e do lugar social e cultural que têm caracterizado o exercício dessa prática por meio dos seus três componentes básicos: o tipo de usuário (antes restrito a uma população marginal e agora abrangendo todas as classes sociais), o perfil do tatuador (de amador a profissional) e o caráter da tatuagem (de estigma à obra artística).

Levando em conta as considerações de Ramos (2005) e Perez (2006) e a circulação dessa prática nos meios de comunicação de massa, observam-se duas posições- sujeito que estão no centro dos discursos reproduzidos midiaticamente: ora propõe uma posição ideologicamente constituída, associada à classe média e à classe média alta, visando à produção de verdade sobre como e em que corpo e local deve estar a tatuagem, ou seja, produz uma verdade sobre o corpo e um controle dos indivíduos tatuados; ora se posiciona sobre um olhar negativo para essa prática, na medida em que cria efeitos de sentidos que reverberam não ser qualquer corpo tatuado de qualquer sujeito que sai do anonimato para atrair olhares nos mais variados espaços público, não é qualquer sujeito tatuado que obtém concessão para exibição positiva, mas um sujeito de corpo que não pertença a um lugar social marginalizado, um corpo esteticamente bonito e jovem: malhado, magro, “plastificado”.

Sobre isso, Baracruhy e Pereira (2012, p.33) salientam que

um corpo belo e jovem é um imperativo de uma cultura que impele os corpos à exibição e pressupõe um ideal de juventude, saúde e beleza. Aos corpos que não se enquadram nos modelos normativos, fabricados pela publicidade, moda e indústria de cosméticos, perpassam sentimentos de culpabilidade e inadequação. Na busca por um corpo perfeito, são intensificados os processos de controle e disciplinamento do corpo.

Assim, a tatuagem, situada em um espaço de positivities, entra na ordem do discurso publicitário, a partir do século XX, não como a tatuagem dos “infames”, dos sem classe, mas como a tatuagem das atrizes e atores, dos cantores e cantoras, dos modelos, dos jovens adeptos à prática esportiva, a procedimentos médicos estéticos, à indústria de cosméticos. E o que estiver fora desses padrões está fora dos regimes de verdade da época.

Aqui no Brasil, essas representações positivas e negativas em relação à tatuagem podem ser constatadas e entendidas a partir da década de 1980 em novelas e propagandas que exibiam e estimulavam a classe média urbana a se tatuar. Por exemplo, na novela “Guerra dos sexos” (1983), exibida pela Rede Globo, o ator Mário Gomes tinha tatuado no peito uma gaivota cruzando um sol. Ele representava o mocinho rico, bonito e descolado. Fato que obrigou “todas as lojas de tatuagem a produzirem uma quantidade incalculável de réplicas dessa tatuagem telenovellesca” (MARQUES, 1997), pois se faziam filas nos estúdios para marcar na pele a tatuagem proposta pela novela. Dessa forma, a mídia não apenas narra fatos, conta histórias ou expõe acontecimentos e sujeitos, mas os constituem.

Da novela, a prática ganhou as telas do cinema em “Garota Dourada” (1984). Neste filme, o personagem vivido por Alexandre Frota tinha tatuado no lado de fora do braço uma gaivota e um sol. Numa cena de praia, esse personagem se vangloria dos bíceps e da tatuagem. Aqui, o sujeito é proposto a partir de uma representação esteticamente bem aceita (corpo jovem e atlético) que frequenta academia e a praia, construindo mais uma vez uma representação positiva para a prática da *tattoo*.

Por outro lado, em 1986, outra vez a tatuagem entra na casa dos brasileiros, agora pela novela da rede Globo “Cambalacho”. Nessa novela, a herdeira de uma fortuna deveria ser identificada por um sinal de nascença. Depois de alguns capítulos, um personagem (vilão) teve a ideia mandar tatuar a marca de nascença a fim de dar um golpe. Essa tatuagem não virou moda, pois não está na ordem social do politicamente correto. Nesse caso, os sentidos em torno da tatuagem são estabelecidos pelos efeitos negativos proposto na função enunciativa. A tatuagem era objeto de manipulação, fingimento para obter lucro.

Esse fato também é perceptível em uma novela da Rede Manchete – *Olho por Olho* (1988 a 1989) - em que o personagem Alexandre Frota vivia da prostituição masculina. Essa posição-sujeito, ocupada pelo personagem, propõe a negação em torno da *tattoo* e, conseqüentemente, do sujeito tatuado que ocupa esse lugar.

Outro exemplo, bem recente, da tatuagem como símbolo de marginalização foi exibido na novela da Rede Globo *Flor do Caribe* (2013), em que o personagem marginal Arruda, vivido por Jonas Melo, contracenando com Juca de Oliveira fala: “Fim de linha, judeu! A casa caiu”. Ele faz esse aviso, mostrando uma tatuagem com a suástica no braço, a fim de intimidar o outro. Nesse mesmo capítulo, em outra cena, esse marginal é

identificado pelo personagem Juliano (Bruno Gissoni) como um ser estranho, cheio de tatuagens, que visitou Hélio, personagem vivido por Raphael Viana.

O certo contra o errado, o bem contra o mal, o bonito contra o feio, a verdade contra a transgressão, o *verdadeiro* contra o *falso*, assim a tatuagem vai circulando em torno dessas construções discursivas propostas midiaticamente. Isso porque de acordo com Gregolin (2003, p.108), a mídia, simultaneamente, incorpora discursos ideologicamente constituídos, bem como coloca em circulação contra discursos. “Por isso deve-se entender o papel da mídia não apenas como suporte ideológico de discursos dominantes, mas também como espaço de produção de estratégias de rebelião e resistência contra discursos oficiais.” Entretanto, vale salientar que os efeitos sentidos propostos por discursos de resistência de transgressão a normas, na maioria das vezes, são vendidos de forma a transmitir efeitos negativos.

Em 1995, a mídia impressa e televisiva circulava entre essas duas possibilidades antagônicas, deixando perceber em dois anúncios que apesar de a maioria repetir discursos dominantes sobre a tatuagem, os meios de comunicação cederam espaços e fomentaram debates, polêmicas e contradiscursos que se digladiam contra o discurso de verdade oficializado pela classe média.

A “guerra discursiva” é percebida, por exemplo, em anúncios de sapatos, propagandas de carro e seguradoras, em propagandas de protetor solar e bebidas alcoólicas. Vejam-se alguns: primeiro, o anúncio impresso de uma fábrica de sapatos masculinos. Nas duas fotos de página inteira, em uma das páginas, aparecia um rosto todo tatuado com o texto: “Jamais”. Em outra folha, um pé de um sapato, com a materialidade verbal que dizia: “Clássico”.

Em outro anúncio, agora televisivo, a filha entra em casa e apresenta ao pai o noivo, dizendo que vai- se casar. O noivo tem *tattoos* cobrindo os braços. O pai faz cara de surpresa desagradável e inevitável resignação.

Em ambos os anúncios, é proposto o discurso da tatuagem como algo negativo. A expressão do pai de desaprovação e o enunciado “jamais” em oposição ao “clássico” são exemplos de marcas discursivas de um lugar negativo para a prática da tatuagem que são construídos socialmente e reproduzidas pela mídia. Nesses casos, percebe-se que a tatuagem, que cobre a superfície da pele, sem que deixe nada de fora, não está dentro dos padrões culturais socialmente aceitáveis.

Por outro lado, tem-se um contradiscurso apresentado, por exemplo, nas propagandas de protetor solar e de bebida alcoólica. Na publicidade em torno do protetor solar, a tatuagem entra como elemento de caracterização de um tipo de sujeito, ou seja, frequentador de praia, podendo ser indicativo de um tipo de mercado a ser conquistado. No entanto, o que se vê é que, nesse caso, não são tatuagens que cobrem uma parte do corpo, mas um desenho que se movimenta pelo corpo.

Já, a indústria de bebida alcoólica produz seu discurso a partir do fetiche. A tatuagem é o elemento central da publicidade impressa da *Vodca Smirnoff* e *Campari*. Na campanha da *Smirnoff*, vê-se uma mulher que, quando bebe o conteúdo da bebida em questão, a garrafa se transforma em uma lente, por meio da qual ela vê, no braço de um homem bonito e sexy, um dragão mágico, que se move, mas é inexistente sem a intermediação da garrafa. Já na campanha da *Campary*, a bebida é comparada a uma mulher provocante, que tem uma pequena serpente vermelha tatuada nas costas.

Esses jogos enunciativos entre bom e ruim, positivo e negativo que são construídos midiaticamente em torno da tatuagem vão neutralizando seu potencial de subversão, forjando um consenso, que dialeticamente destrói a rede de contra-discursos, pois conforme Gregolin (2003, p.108) “na era da informação ininterrupta e em *tempo real* (grifo da autora) as técnicas de disciplina e vigilância⁶³ são sofisticadas ao ponto de exigirem reordenamentos discursivos”, criando novas formas de apelo e de constituição do imaginário social em que a própria resistência se transforma em mercadoria a ser insistentemente (re)produzida e transformada em discurso, neutralizando seu potencial de subversão.

Para Foucault (2006), a produção discursiva é alimentada por uma vontade de verdade que opõe o verdadeiro ao falso. Para ele, não há uma verdade, mas “vontades de verdades” que se transformam de acordo com as eventualidades históricas. De acordo com Revel (2005, p.86), Foucault salienta que:

trata-se de reconstituir uma verdade produzida pela história e isenta de relações de poder, identificando ao mesmo tempo as coerções múltiplas e os jogos, na medida em que cada sociedade possui seu próprio regime de verdade, isto é “os tipos de discursos que elas acolhem e fazem funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como uns e outros são sancionados; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para obtenção

⁶³Ver sobre disciplina e vigilância em **Ditos e Escritos IV**.

da verdade; o estatuto daqueles que têm o poder de dizer aquilo que funciona como verdadeiro”.

Nesse sentido, a linguagem midiática, fundamentada em um princípio de “verdade”, exercita um controle ao relacionar seus enunciados a uma determinada realidade, oferecendo uma construção a seu leitor que permite produzir formas simbólicas da sua relação com a realidade social. Na atualidade, novos procedimentos de poder entram em jogo de verdades, não pelo direito, mas pela técnica, não pela lei, mas pela normalização, não pelo castigo, mas pelo controle, que se exercem e se extravasam do Estado e de seus aparelhos, estando disseminados nas microrrelações mais cotidianas. Para Foucault (1988, p.104), vive-se em uma sociedade em que as verdades são construídas nas correlações de forças múltiplas que se formam e atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos e instituições que servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que atravessam o conjunto do corpo social.

É nesse campo de correlações de força que se passa, no próximo tópico, a analisar a mídia como instituição da qual emana jogos de verdades, efeitos de resistência, relações de poder mais imediatas que estão em jogo; em suma, trata-se de imergir na produção de discursos midiáticos que permitiram dizer sobre modos de subjetivação e identidades contemporâneas.

3.2 Mídia: produtora de subjetivação e identidade

É inegável que a mídia traz o mundo para dentro de nossas casas diariamente. A partir dela, vivenciam-se a guerra e a paz, sabem-se sobre as novas descobertas científicas, o meio ambiente, os acontecimentos diários nacionais e internacionais. Somos dependentes da mídia de massa para saber o que está acontecendo nos cenários físico, social, econômico e político. Além disso, depende-se, também, do entretenimento da mídia. A televisão e cinema se tornaram os contadores de história da nossa geração, dizendo como se é, em que ou quem acreditar e o que se quer ser, e assim de uma forma sutil, sofisticada, a mídia vai dirigindo a vida das pessoas.

Considera-se, na atualidade, a mídia como meio de produção vigente do espetáculo, visto ter uma dimensão capital e central nos diversos âmbitos da sociedade

moderna. A política, o esporte, a escola, a economia são atravessados e marcados pela influência dos meios de comunicação de massa. (FISCHER, 2012)

Devido aos avanços tecnológicos coligados à necessidade da troca de informação, criou-se um ambiente favorável para que os meios de comunicação se ampliassem e tomassem um lugar central e influente na sociedade. Com isso, acompanha-se o surgimento de uma nova produção da subjetividade, na qual as experiências e relações são arroladas pela mídia, pois numa sociedade pós-moderna em que se configuram identidades fluidas, relações líquidas e cultura narcisística, de exaltação gloriosa ao eu-corpo⁶⁴, a mídia se configura como o lugar para “o espetáculo e afirmação da aparência”, em que as pessoas apreciam a aparência em lugar do ser, “a ilusão à realidade”. “Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante na sociedade” (DEBORD, 1997, p.14).

A mídia considerada como o “quarto poder”, ou seja, o quarto maior segmento econômico do mundo, sendo a maior fonte de informação e entretenimento que a população possui (DEBORD, 1997), com todas as suas ferramentas, é inegável que ela seja uma forte fonte de poder na distribuição de saberes e representações sociais, gerando mudanças de atitudes e comportamentos, constituindo os arquétipos do imaginário, criando novos sentidos simbólicos como exemplos de valores e verdades.

Pode-se iniciar essa explanação pela constatação de que há um complexo conjunto de estratégias discursivas, visíveis em diferentes meios de comunicação – TV, rádio, revistas, etc. - que orientam, interpelam modos de existência na sociedade, ou seja, formas de comportamentos reproduzidos pela mídia. Segundo Fischer (2012, p.113), a mídia não apenas veicula, sobretudo produz significados e sujeitos, posicionando-se como *locus* de educação, de formação, de condução da vida na medida em que pessoas de diferentes faixas etárias e classes sociais aprendem modos de ser e estar no mundo sociocultural em que vivem. Essa autora salienta ainda que a mídia, na medida em que faz circular representações, constrói uma “história do presente”, simulando acontecimentos em curso que vem eivados de técnicas que circulam socialmente. Ao analisar o funcionamento discursivo da mídia, é possível entrever um conjunto de

⁶⁴ O sujeito se reconhece no/pelo corpo.

procedimentos e técnicas que ajudam os indivíduos a se subjetivarem ou a serem subjetivados.

A circulação de imagens, valores, referências simbólicas torna a mídia uma poderosa ferramenta formadora de opiniões, saberes, normas e subjetividade. Utilizando-se de manobras estratégicas, na maioria das vezes, ela não dialoga, mas sim unidireciona sua mensagem para os sujeitos, fazendo com que um grande contingente de pessoas veja o mundo por suas lentes, seus vieses.

Para Kellner (2001), há uma cultura difundida pela mídia que reproduz referências sociais, fornecendo instrumentos para as pessoas criarem suas identidades. Essa cultura é constituída por sistemas de rádio e reprodução de som (discos, fitas, CDs e seus instrumentos de disseminação, como aparelhos de rádio, gravadores, etc.); de filmes e seus modos de distribuição (cinema, DVD, home theater, etc.); pela imprensa que vai dos jornais a revistas e pelo sistema de televisão. Trata-se de uma cultura da imagem, que explora a visão e audição, jogando com uma vasta gama de emoções, sentimentos e ideias:

há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e outros produtos da indústria cultural fornecem modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem sucedido ou fracassado, poderoso ou importante. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de 'nós' e 'eles'. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mal, positivo ou negativo, moral ou imoral. (KELLNER, 2001, p. 09)

Para Thompson (2008), na cultura contemporânea, a mídia demonstra o poder das forças vigentes. Os meios dominantes de informação e entretenimento tornam-se uma força profunda e muitas vezes não percebida de pedagogia cultural: contribui para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em quem acreditar, o que desejar ou temer.

Mas sendo o humano Heidegger (2002), o único ser que sabe que existe, aguça em demasia a capacidade de questionar sua singularidade. Nesse meio, surge a subjetividade,

expressão que diz respeito ao modo de ser, aquilo que particulariza o sujeito, construído socialmente numa relação de encontro do eu com a exterioridade que o cerca, da relação do ser-com-os-outros-no-mundo. Nesse processo de constituição da subjetividade, a mídia emerge como um fenômeno que invade a todos, que arquiteta, numa sociedade mediada por olhar vigilante que busca integrar os indivíduos em normas e disciplinas.

Michel Foucault, abordando a partir de análises históricas, as tecnologias do poder e a produção dos saberes na sociedade ocidental⁶⁵, concebe que foram desenvolvidas *sociedades disciplinares*, nas quais o poder, exercido sobre os corpos, obedece a técnicas e que organizam o sistema de poder e de submissão. Nesses estudos, Foucault coloca em evidência o corpo em detrimento da alma, pois “na redução materialista da alma há uma teoria geral do adestramento”.

Contemporaneamente, esse poder disciplina, que organiza os corpos na sociedade, ampliou-se em tecnologias sofisticadas e sutis de controle e movimentos, exercendo ininterruptamente modos de viver (movimentos, gestos, silêncios que orientam nosso cotidiano), por isso, é internalizado pelo sujeito. “Essa anatomia política” – controle sobre os corpos – espalha-se numa “*microfísica do poder* que vem evoluindo em técnicas cada vez mais sutis, mas sofisticadas e, com aparente inocência vem tomando o corpo social” (GREGOLIN, 2003a, p.99), que vão, hoje, desde as câmeras colocadas em prédios, ruas até as estatísticas e os sistemas de segurança que são usados para fiscalizar e modelar o cotidiano. Foucault enxerga esses novos modos de controle em quase todas as instituições, a partir do século XIX, como mecanismos de poder cujo objetivo é produzir “o sujeito individual obediente aos hábitos, regras, ordens; uma autoridade que é exercida continuamente em volta e acima dele e que ele deve internalizar para funcionar automaticamente nele” (FOUCAULT, 1979, p.227).

Segundo Kellner (2001), o poder de manipulação da mídia pode atuar como uma espécie de controle social, que contribui para o processo de massificação da sociedade, resultando num contingente de pessoas que caminham “sem opinião própria”. Subliminarmente, por meio da televisão, dos jornais, das novelas, internet e revistas, é transmitido um discurso ideológico, criando modelos a serem seguidos, propondo estilos de vida homogeneizados.

⁶⁵ Essa relação aparece principalmente em Vigiar e Punir (2009), História da sexualidade I (a vontade de saber) (1988) e Microfísica do Poder (1994)

No entanto, apesar da “vigilância panóptica”⁶⁶ da cultura da mídia, cada vez mais presente na vida cotidiana dos indivíduos, ela não se constitui como intransponível, nem é inquestionável, visto que o poder é circular e transitório, o que permite a aparição de fissuras, nas quais o controle e submissão dos corpos pode ser substituído pela luta constante de liberdade dos corpos. Os indivíduos não aceitam passivamente todas as determinações do poder, pois e só houvesse a escravização e a submissão seria o fim da História (FOUCAULT, 1995).

Nesse contexto sócio-histórico, pós-moderno, disperso, em que a mídia não distribui uma identidade, mas identidades não será preciso manter uma singularidade? Está singularidade não depende de se preservarem as questões sobre nós mesmos? E de como se olha para os outros?

Para Kellner (2001), se o indivíduo nega, questiona, afronta ou resiste a esses ideários veiculados pela cultura da mídia, conseqüentemente, ele se fortalece diante dessas forças midiáticas que forjam uma individuação pelas regras de conduta ideal, podendo aumentar sua autonomia e adquirir mais poder e liberdade para produzir sua subjetividade.

Assim, “longe de ser autômato passivo, o sujeito vive numa constante tensão entre a aceitação e a recusa do poder, numa espécie de batalha entre relutância do querer e a intransitividade da liberdade”. (GREGOLIN, 2003b, 103). Conforme Milanez (2005, p.191), “temos a possibilidade de agir na brecha que nos é deixada, não sendo totalmente controlado, massacrados o tempo todo” o que significa que embora as prateleiras midiáticas estejam nos ofertando modos de ser, pensar e agir, é possível resistir, buscando nas brechas nossa singularidade.

Isso significa que, embora a mídia aja como produtora de sentidos por meio de um insistente retorno de figuras, de sínteses-narrativas, imagens, de representações que constituem o imaginário social é possível uma forma de se posicionar. Genealogicamente, Foucault deixa entrever que o que sustentam as formas de subjetivação é as relações de força, de verdade distribuídas socialmente, por meio de práticas discursivas e, técnicas de si, (leis normas de condutas, modos de viver) e pelas relações de forças de nossas experiências no mundo. “A prática legislativa constrói verdades acerca do sujeito e,

⁶⁶ Ver Foucault Vigiar e Punir

como isso, determina certos tipos de saberes aos quais nos rendemos” (MILANEZ, 2009, p. 235). Já, a experiência é sempre uma ficção, que nos leva a ocupar-se consigo próprio, livre de experimentação em que o sujeito desvenda sua maneira de olhar, compreendendo a cultura na qual se insere e olhando para história não como uma construção dos outros, mas dele mesmo.

Foucault em **História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si** integra uma nova fase em seus estudos, inaugurada pela obra **História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres**. Se em seus trabalhos anteriores ele havia se preocupado basicamente com as instâncias do saber e do poder, em *O Uso dos Prazeres* ele descobrirá uma “terceira dimensão”, nas palavras de Deleuze, a subjetividade. Foucault em **História da sexualidade; o uso dos prazeres** volta à Antiguidade para demarcar a diferença em relação à Modernidade nas formas de constituição do que denominamos o “sujeito”. Segundo ele, na cultura grega e greco-romana, o espaço de constituição do sujeito, de subjetivação, era uma esfera que enfatizava a liberdade e a produção de si mesmo, ao contrário do que havia ocorrido com o advento da Modernidade. Nesta, a produção do sujeito atrelou-se a fatos e conhecimentos específicos a um contexto sócio histórico predominante, aos códigos e às normas. As observações do filósofo francês abriam espaço para se pensar em novas maneiras de nos relacionarmos e de nos produzirmos. Nesse sentido, aponta Deleuze:

(...) o que interessa essencialmente a Foucault não é um retorno aos gregos, mas *nós hoje*: quais são nossos modos de existência, nossas possibilidades de vida ou nossos processos de subjetivação; será que temos maneiras de nos constituirmos como ‘si’, e, como diria Nietzsche, maneiras suficientemente ‘artistas’, para além do saber e do poder?

Dessa forma, mesmo distante dos modos de constituição do sujeito do greco-romano do século II, Foucault traça as trilhas de mudanças de constituição dos sujeitos modernos, deixando entrever que ao se portarem diante das relações diárias, cotidianas, práticas discursivas ou não, é possível estabelecer a história que, ao mesmo tempo, mostra quem somos, e que nós mesmos também a escrevemos. Nesse sentido, é preciso entender que “ser senhor de si”, não é fazer o que quiser, no memento que desejar, mas “é ter o conhecimento para encontrar e agir nas brechas que a história nos permite delinear a história de nós mesmos”. (MILANEZ, 2009)

Focalizam-se os acontecimentos discursivos contemporâneos a partir do pressuposto de que há um real da língua e um real da história, em que é preciso entender a relação entre essas duas ordens, já que os sentidos são criados pela relação sujeitos históricos. Desse modo, as relações entre sujeito e mídia podem ser observadas do interior do campo dos enunciados que dialogam em uma sociedade, um domínio de lutas de batalhas entre diferentes posições enunciativas.

O enunciado, ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece como *status*, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e modificações possíveis, se integra a operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, ele circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra em ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade. (FOUCAULT, 2004, p.122)

Nesse caso, considera-se como referência a cultura midiática contemporânea, que tem como ponto central a cultura midiática norte-americana visto que, atualmente ela está sendo exportada para todo mundo. A cultura da mídia americana está invadindo outras culturas do mundo, produzindo novas formas de *popular global*. (KELLNER, 2001, p.14, grifo do autor). Certos fenômenos nela encontrados, como por exemplo, programas de TV, noticiários, revistas, músicas, cinema são populares em todo o mundo, o que nos levam a crer que os estudos midiáticos desenvolvidos não devem ser dissociados dos estudos globais. A mídia nos envolve em asceses contemporâneas e preocupações como os direitos civis, fome na África, e a epidemia de AIDS, ela nos dá a sensação de proximidade com os problemas nacionais e preocupações globais, tornando-nos, assim, cidadãos de uma “Aldeia Global”.

No entanto, esse lugar, que a mídia ocupa na contemporaneidade na construção da identidade nacional, deve-se, principalmente, ao impacto sociocultural e econômico e se deu com a revolução industrial no século XX. O século XXI chegou sob o impacto da revolução dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação na complexa sociedade globalizada. Aliado a esse desenvolvimento tecnológico comunicacional chega, também, o desenvolvimento da prática médica e estética do corpo. Das radiografias, aos espartilhos, ao *body-biulding*, passando pela voga dos regimes e das cirurgias plásticas, os instrumentos e serviços criados para aumentar a saúde e embelezar

as aparências, (como tatuagens e *piracings*), desencadeiam o surgimento de preocupações em relação à aparência e ao funcionamento corporal outrora existente. (SANT'ANNA, 2005)

O desenvolvimento industrial que, também, afetava o desenvolvimento científico, a partir de meados do século XX, possibilitou redefinições e reconfigurações dos modos de reprodução, de nascimento, crescimento, envelhecimento e óbito da raça humana. Da mesma forma são modificados os modos de educação, saúde, segurança, trabalho, lazer e consumo da sociedade no final do século XX. É, neste contexto, que a comunicação começa a fazer revelações cotidianas da recepção, dos valores de troca e uso dos bens culturais circulantes no mundo globalizado.

Portanto, nunca época em que se fala massivamente do culto ao corpo, a mídia passou a ser um veículo de produção no campo das interações sociais. Segundo Kellner (2001), a partir dos anos 1960, as novas tecnologias de informação possibilitaram redefinições e reconfigurações de bens de consumo do mercado aliada à indústria do espetáculo e entretenimento que passava a direcionar modos de se comportar aos indivíduos e seus corpos. Comprometida com sua defesa de interesses, no intuito de fabricar a representação social mais convincente, munida de uma condição valorativa, posiciona-se de maneira ideológica, tomando partido daquilo que é mais interessante e lucrativo a seus olhos. A força midiática é notória naquilo que divulga e no que silencia. Sua eficácia também é vista no serviço de 'inculcar ideias', com o utilitário de fazer com que o mundo pareça ser o que se vê nas capas das revistas, telas da televisão ou do computador. Tal dominação se dá por meio de um sistema de linguagens verbais e não verbais compostas de símbolos e signos.

Pode-se afirmar que a comunicação midiática propicia novas formas de sociabilidade. A informação é transformada em mercadoria - as propagandas de bebidas e carros, exemplificando, unificam a juventude, beleza, sensualidade, aventura e riqueza, envolvidas em uma prática de bem-estar, apresentando sempre uma imagem da satisfação e felicidade. Esses enunciados em torno da felicidade, alegria e satisfação reforçam a proposta de uma ética "indolor", que celebra a gratificação imediata de desejos e pulsões. São Valores centrados no consumo e no espetáculo, tais como obsessão pelo corpo perfeito, fetichismo da juventude, materialização que excluem, ocultam os que estão fora

desses padrões. Debater mídia e subjetividade é discutir as novas “asceses” para o corpo e a vida. Diante dessa turbulência, acorda-se a necessidade de grandes transformações.

Segundo Gregolin (2003b), há pontos positivos e negativos no cenário midiático atual. Dadas tais condições, em meio às verdades e contraverdades dessas relações, em que o tempo mercadoria é cronometrado quantitativamente, está-se diante de uma relação viva de desafios em que é presente e necessária a liberdade para a criação e recriação de novos modos de ser e agir, que nos impulse para a mudança e implique o outro e o mundo.

Observando nosso *corpus* de estudo, a revista *Inked*, dir-se-ia que ela propõe, de um modo geral, inscrever o sujeito tatuado transgressor dentro dos padrões normativos de uma época. A revista objetiva produzir um novo lugar para o sujeito tatuado, excluído socialmente. A princípio, deparamo-nos com o corpo transformado pelas muitas tatuagens. O corpo, nesse caso, ampara-se em adequações para uma construção exata da imagem de si, lugar de sensações e desejos pessoais. O sujeito é apresentado, a partir da exposição de todos os medos e inseguranças, de todas as dúvidas, pecados e transgressões, mas, por outro lado, são reconfigurados a partir de tendências modernizantes idealizadas social e culturalmente.

É regular na revista, a exposição dos corpos e entrevistas com personagens famosos que têm sua privacidade debulhada, diante do público. São seus medos, seus corpos, suas tatuagens, seus sonhos, em suma, suas verdades que são acolhidas e oferecidas a todos. A exposição aqui enuncia modos de a revista objetivar sujeitos que são captados pelas imagens, pelas falas, pelas perguntas, às vezes irônicas, pela construção dos enunciados nas apresentações. Todo esse conjunto enunciativo expõe um sujeito determinado, a partir de determinadas valorações e julgamentos.

Veja-se, por exemplo, como a revista apresenta alguns entrevistados nesses enunciados: Leandra Leal tatuagens, perdas cigarros e gatos; Sabina Kelley tantas curvas que até as *tatoos* passam batidas; demônios e a arte vêm do mesmo lugar Paul Booth, o mestre das tatuagens macabras; Maria Dias Gomes declara: “meu corpo é meu diário”; Vinnie Jones, o *bad boy* mais *underground* de Hollywood, solta o verbo sobre futebol, cinema e tatuagem. E, claro, tenta justificar sua fama de mau; Malícia no país das maravilhas. A tatuadora mais famosa do mundo não se limita as tintas na pele ou nos programas de TV. Kat Von D abre as portas da Wonderland, sua loja-galeria, e mostra

um pouco mais de seu universo sombrio e sofisticado; Aremi, pra que tanta roupa quando se tem tanta tinta?; Pitty, sem limite, ela chuta os rótulos e enche os olhos, Fernanda Young vai além de fama de má e encara o papel de mocinha; Mel Lisboa, mais *tattos* e menos inocência; Penélope Nova, sem rodeios, com pouca roupa, muitas tatuagens, melhor que nunca.

Esses enunciados usados pela revista para apresentar os entrevistados são estratégias discursivas que, sincreticamente, unem-se as imagens dessas pessoas, e que, simultaneamente, singulariza os sujeitos em uma rede complexa, jogo de transgressões de hábitos, tabus e desejos que muitos espaços midiáticos, ainda, silenciam por estarem fora da ordem social normalizadora. A tatuagem é o fio regulador que une a todos, entretanto, processo singular de cada sujeito é construído quando a revista terce, particulariza cada sujeito com suas histórias pessoais, seus desejos, atos pensamentos, falas próprias dos entrevistados.

3.3 A inclusão/exclusão do sujeito tatuado nas redes da mídia

Esse tópico busca compreender o processo de inclusão/exclusão do sujeito tatuado nas redes da mídia. Inclusão, sendo tratada conforme Lopes (2013), como uma invenção da Modernidade, que está constantemente sendo modificada, atualizada, portanto, ressignificada a partir de diretrizes globais que operam através de práticas de governo do Estado e de subjetivação. A produtividade do cruzamento dessas formas de operação está na constante capacidade de atualização da “norma” termo empregado por Foucault.

Para esse teórico (2001), decorrentes da norma, estão os conceitos de normação e normalização; o primeiro é típico da modernidade e o segundo da contemporaneidade. Na modernidade, a norma é cada vez mais ligada a mecanismos de disciplinarização, correção e vigilância que direcionam a vida e o corpo do sujeito na sociedade, ou seja, os processos de nominação e separação entre o sujeito normal e sujeito anormal são definidas por mecanismos que são responsáveis por adequar o corpo a uma ordem sociocultural. Esse processo de divisão é fundamental em se tratando do sujeito moderno, sujeito normalizado. Segundo Foucault (2001), o conceito de anormal de nossos dias vem do final do século, sendo derivado das relações de reciprocidade que se estabeleceram

entre três figuras distintas inaceitáveis socialmente: o monstro moral, o indivíduo a corrigir e o onanista. Todos marcados por dois elementos: o jurídico e o biológico.

A primeira categoria, o monstro moral, “combina o interdito e o impossível”. As malformações passaram a ocupar lugar de destaque na medida em que subverteram a lei natural, as leis da sociedade e da justiça. A periculosidade de monstro moral conduz a inversão do crime monstruoso, ao monstro criminoso (Foucault 2001, p.128). A segunda categoria, o indivíduo a corrigir é uma personagem mais recente do eu monstro. “É o mais correlato das técnicas de adestramento, com suas exigências próprias, do que dos imperativos da lei e das formas canônicas da natureza. O aparecimento do incorrigível é contemporâneo ao estabelecimento das técnicas de disciplina, a que se assiste durante os séculos XVII e XVIII” (FOUCAULT, 2001, p. 63).

A partir dessa categoria, o indivíduo a corrigir, pensa-se o sujeito tatuado em exclusão nas lentes da mídia, tendo em vista que há um sujeito tatuado discursivizado pela mídia que rompe a ordem social. Esse sujeito é veiculado a partir de práticas negativas, sujeitas à correção e disciplinamento.

A última categoria, do onanista, a criança masturbadora é a mais nova, surgindo meados do século XIX, e foi contemporânea ao desenvolvimento das teorias da sexualidade infantil, ou às teorias da psicopatologia das perversões. Tais teorias transportaram-se das práticas de confissão da Reforma Protestante e o seu policiamento dos pecados, dentre os quais o desejo sexual. O contexto de referência estreita-se ainda mais sobre o indivíduo e seu corpo, aplicados à nova tecnologia de poder.

O saber-poder médico conquista definitivamente o seio das famílias, normatizando, controlando e regulando a relação entre pais e filhos. O médico herda o papel do padre: em lugar de interrogatórios, consultas, em lugar de penitências, tratamentos e conselhos. Como descreveu Foucault (2001, p. 74), “a pequena família incestuosa que caracteriza nossas sociedades, o minúsculo espaço familiar sexualmente saturado em que somos criados e em que vivemos formou-se aí”.

Em todas as categorias, o filósofo evidenciou histórias e trajetórias autônomas. Contudo, suas especificidades se modificaram e se misturaram em convergências e deslizamentos. Desse modo, a genealogia dos anormais se formou a partir do estabelecimento de uma rede regular de saber-poder, que sustenta o conceito de anormal.

Conforme Foucault (2001), existe uma norma cultural cuja exigência postula que o sujeito seja, ou não, de determinada forma, esteja, ou não, dentro de uma determinada ordem, e esse tipo de ordem é marcada pelo/no corpo. Para esse filósofo, o corpo é o lugar de constituição do indivíduo, onde atua as relações de saber-poder, lugar sobre o qual atuam os discursos e práticas sociais na escola, nas prisões, nos hospitais. Em *Vigiar e Punir*, o corpo aparece como um produto, um objeto infinitamente maleável do poder. A fabricação de corpos dóceis fabricados e governáveis é o alvo das disciplinas. Entretanto, é importante pensar que a forma de subjetividade almejada na contemporaneidade não pode ser apenas vinculada às singularidades somáticas das disciplinas, mas nas lógicas das relações de poder em que governar pressupõe a legitimação do outro, a aceitação dos governados e, sobretudo, a possibilidade de resistência.

Entretanto, embora as resistências sejam presentes nesse processo de constituição de si, segundo Ortega (2008), encontramos nas práticas de bioascetes pós-moderna uma vontade de uniformidade, de adaptação à norma e a constituição de modos de existência conformistas que visa à saúde e o corpo perfeito. Nessa mesma direção Pereira (2013, p.173) salienta que, na hodiernidade, pode-se visualizar um movimento incessante de procura de apagamento das marcas das diferenças em favor da construção de um mundo harmônico e que, por isso, “busca desativar o que difere, marcando com uma identidade anormal o que burla, desenquadra, rompe, destoa dos enclausurados parâmetros de normalidade que engessam os sujeitos e seus corpos”.

Retomando mais uma vez Ortega (2013) diz que os avanços tecnológicos e científicos direcionados ao corpo, a partir do século XX, tornaram as modificações corporais um fato especial na tentativa de personalização do sujeito, pois

não podendo mudar o mundo, tentamos mudar o corpo, o único espaço que restou à utopia, a criação”. *Body-building*, tatuagens, piercings, transplantes, próteses, clonagem, e até mesmo a última moda das amputações voluntárias

representam avanços na conquista do último continente, o corpo, e tentativas personalizá-lo. (ORTEGA, 2013, p.48)

Essas modificações, no limite da normalidade, são inscritas na norma do biopoder que são incessantemente acolhidos e divulgados pela mídia. Se o biopoder, diferentemente do poder disciplinar se preocupa com as populações é oportuno pensar que, além de diversos mecanismos reguladores, citados por Foucault (controle de natalidade, fecundidade, higiene, saúde pública, etc.), existe a partir do século XX o controle dos cuidados com a saúde da pele que se estende à população.

Como já se viu, em outras seções deste trabalho, a prática da tatuagem não é algo novo ou inovador, mas que passou por significações distintas com a evolução do homem, dos meios de comunicação e das tecnologias voltadas para o corpo, estando dentro e fora dos padrões normalizadores de inclusão/exclusão criados pelas relações de saber-poder circulantes na sociedade.

Mauss Marcel (1934), entendendo a tatuagem como uma técnica corporal pontua, em sua obra “Técnicas corporais”, que as marcas corporais são maneiras como os homens de cada sociedade sabem-se servir de seus corpos. Acrescenta ainda que toda sociedade tem hábitos, regimes, regras que são próprios de cada tempo, e exemplifica isso a partir da maneira distinta como o exército Britânico marcha diferentemente do nosso. Assim, indiferentemente de outras técnicas corporais, a tatuagem, também, tem suas particularidades influenciadas pelos valores sociais, culturais e temporais da sociedade a que está inserida. Fato que justifica mais uma vez, neste trabalho, que se analise o sujeito conforme propõe Foucault (2004): os sujeitos precisam ser compreendidos como sendo produzidos em locais históricos e institucionais específicos, porque eles são construídos dentro e não fora dos discursos.

Dessa forma, buscando compreender como a mídia produz discursos que justificam a exclusão/inclusão de determinado sujeito tatuado, acredita-se que ela surge em decorrência de uma regra sociopolítica que vai classificar os indivíduos em *normais* e *anormais*, inseridos em discursos verdadeiros que buscam governar e direcionar a vida e os corpos dos sujeitos.

Mas, para que não exista dúvida quanto à exclusão ou não exclusão, é necessário buscar as formas de emergência dessa dicotomia, partindo da premissa de que ele é elaborado como reprodução dos efeitos do poder de normalização que se espalha na sociedade. Para tanto, toma-se Foucault em sua obra *Os Anormais*, curso do Collège de France, (1974 -1975), especialmente aula de 15 de janeiro de 1975, em que ele define que a norma

não se define absolutamente como uma lei natural, mas pelo papel de exigência e de coerção que ela é capaz de exercer em relação aos domínios a que se aplica. Por conseguinte, a norma é portadora de uma pretensão ao poder. A norma não é simplesmente um princípio, não é nem mesmo um princípio de inteligibilidade. É um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado. [...] a norma traz consigo ao mesmo tempo um princípio de qualificação e um princípio de correção. A norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário ela está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação a uma espécie de poder normativo. (FOUCAULT, 2001, p.62)

Quando Foucault trata da normalização, dizendo que é um tipo de poder, relaciona necessariamente esse poder a um conhecimento, que, segundo ele, só pode funcionar graças à formação de um saber, que é um efeito como condição de um exercício de poder. Por isso, a positividade dessa normalização está diretamente ligada ao conhecimento.

Como já se viu anteriormente, do ponto de vista histórico, as anormalidades estavam ligadas ao crime, ao mal, às aberrações (FOUCAULT, 2001), sendo, discursivamente resultado de práticas discursivas e não discursivas, fruto de processos históricos e culturais. Na atualidade, os rótulos direcionados aos sujeitos tatuados que fogem do padrão ideal têm o mesmo valor estigmatizador e excludente. As tatuagens, marcadas na prisão, por exemplo, são associadas a acontecimentos discursivos, já instalados na memória cultural que são retomados constantemente nos meios midiáticos como aquelas que estão a favor da desordem social.

Na perspectiva foucaultiana, a relação de poder de corpos normais/corpos anormais remete um tempo histórico ainda bastante atual, encoberto apenas pelo discurso da oportunização e da acessibilidade. Assim, não se importa se o sujeito é tatuado, marginal, malhado, gordo ou deficiente, o que está em jogo são as relações de poder que tornam esses sujeitos aceitáveis ou não. O efeito de flexibilidade da norma funciona

como uma oportunidade para que esses sujeitos se encaixem nela. No livro, *Os Anormais*, Foucault (2001) afirma que essas relações podem desdobrar-se em locais de poder a favor da hegemonia da norma.

Assim, no domínio constituído pelo corpo tatuado, de um lado está a necessidade de um controle fundamentado nas disciplinas dos biopoderes, tal como vem acontecendo nas últimas décadas, especialmente com a divulgação de uma política do corpo jovem, bonito e sensual e, por outro lado, registra-se um governo do próprio corpo que, muitas vezes, foge às regras da biopolítica social. Esse, logo é reconhecido e silenciado nas práticas discursivas de cunho positivo.

Nesses pontos, as ideias de Foucault sobre o assunto são vitais para as nossas análises, visto que convergem com aquilo que a mídia discursiviza como verdade, ou não para o corpo na atualidade, ou seja, “princípios de correção e legitimação”. Ela faz circular mecanismos disciplinares em direção ao corpo, símbolos e representações sociais sustentados por um discurso científico e jurídico que espetaculariza o corpo na sociedade, e ao mesmo tempo silencia outros discursos que rompem com os padrões sociais “corretos” e “perfeitos”.

De acordo com Fischer (2012) e Le Breton (2010), o corpo cujas formas causam mal-estar social é o corpo transgressor, é o corpo desgovernado dos sujeitos. Conforme, Kahlil (2013), os corpos desgovernados são corpos que, por funcionarem pelo excesso (de obesidade, de magreza ou de multiplicidade de formas), fogem à sociedade da perfeição. Os corpos desgovernados fazem parte de elementos que estão do lado da transgressão na medida em que “subvertem uma ordem pré-estabelecida seja dada sócio culturalmente, seja fixada pelas leis da natureza, acusando lugares para o impossível e para o proibido”. (MILANEZ, 2013, P.14)

Le Breton (2010, p.64) salienta, em direção ao discurso estético, que a transgressão está na deformação, no estranho, em corpos como o do *Franskentein*, que é o corpo de vida e de morte ao mesmo tempo. Para o autor, esse corpo transgride os limites do simbólico e de todas as leis que permitem nomeá-lo, classificá-lo, identificá-lo. Nas palavras do autor: “a condição do homem é corporal. Subtrair-lhe alguma coisa ou lhe acrescentar, coloca esse homem em posição ambígua, intermediária. As fronteiras simbólicas são rompidas [...] toda modificação de sua forma engaja outra definição de sua humanidade”.

Na sociedade contemporânea, a prática da tatuagem é transmitida pela mídia como discurso anormal e transgressor quando rompem com as normas de boa conduta social, ou com as normas pré-estabelecidas físicas e estéticas vigentes e ratificadas pelos discursos médico, jurídico ou estético, ou seja, esse corpo tatuado marginalizado contém em si um caráter de exclusão e desconfiança que não está dentro dos padrões biopolíticos, estéticos e culturalmente corretos em uma determinada época. Para Pereira (2013), na sociedade contemporânea “os corpos anormais”, além de serem discriminados, terminam frustrados por não serem capazes de atingir o ideal socialmente imposto.

O “normal” tatuado, o incluído pelas lentes da mídia enquadra-se em significados simbólicos pré-construído da sociedade imaginária e de um real dito pela sociedade, ou seja, é preciso alinhar-se aos padrões da moda, da arte, do estilo e sensualidade que são discursivados midiaticamente como lugares ideais para a prática da tatuagem. Esse trabalho tenso no simbólico, segundo Honório (2008, p.80) “é lugar de luta: luta pela inclusão, luta pelos sentidos, luta por significar enquanto sujeito da/na sociedade que o exclui para incluir. Sentidos que instauram contemporaneamente aos processos de subjetivação. ” Assim, constroem-se pelo discurso da inclusão da tatuagem na mídia, que inclui atitudes e comportamentos, uma identidade de um grupo sob o prisma de uma normalidade que reduz tudo e todos ao mesmo.

Conforme, Gregolin (2003a, p. 54), na atualidade, a mídia é um espaço de circulação das normas sociais e culturais vigentes de representação do sujeito, este “na ausência de grandes referências nas quais se apóia, vincula à mídia sua possibilidade de acesso ao mundo e de construção de laços sociais”. Logo, a questão da representação que circula nos meios de comunicação emerge no processo de constituição do sujeito. Enquanto a prática de significação, a representação envolve relações de saber-poder direcionadas a governar a vida das pessoas, sobretudo o poder-saber que define quem é incluído e quem é excluído. Nas palavras de Woodward,

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio de significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os

indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (Woodward, 2003, p.17).

Considerando ainda que a identidade é formada socialmente por sistemas de diferença, ou seja, constitui-se a partir do lugar de onde não sou, as representações dão sentido as desigualdades sociais, justificando a exclusão, estigmatizando alguns grupos.

Assim, vê-se a mídia como dispositivo normalizador que inclui/exclui os sujeitos tatuados ao adotar uma positividade que se liga a práticas sociais verdadeiras de uma época. A prática da tatuagem discursivizada pela mídia como verdade passa pela positividade da normalização por meio dos discursos jurídicos, médico e estético, a exemplo das leis que regularizam a prática da tatuagem como propondo uma idade mínima; pelo discurso médico, ao normalizar o uso de produtos descartáveis para a perfuração da pele, e, ainda, pelo discurso estético que toma o corpo desenhado, tatuado, bonito como corpo ideal, sensual, na moda e “estiloso”.

A Mídia como reprodutora de práticas sociais, toma esses discursos e propõe aos sujeitos tatuados modos de expor o corpo que normatizam as construções identitárias dos tatuados e modificam os processos de subjetivação desses sujeitos. Entretanto, isso não significa que, em sua essência, as propostas da Mídia sejam todas negativas, pois “a norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação, uma espécie de poder normativo” (FOUCAULT, M, 2001, p. 43), que interfere na produção de identidades.

No caso da normalização da tatuagem, a positividade está em manter a ordem, a saúde física e o bem-estar do sujeito que se tatua. No entanto, as construções identitárias atuais dos tatuados e outros sujeitos que destoam do padrão do corpo ideal têm o mesmo efeito de marcar negativamente e excluir esses corpos alheios à norma. Nesse caso, considere-se, por exemplo, a tatuagem “marginalizada” como aquela que foge do padrão da anormalidade, “anormal”, no sentido de que fora entendida como instituído, fora da norma, do que é considerada culturalmente “correto”, em uma determinada época.

Veja-se, por exemplo, a reportagem da revista **Super Interessante**, exposta a seguir. A reportagem, embora de alguma forma inclua a tatuagem marginal nos meios midiáticos, apresenta-se cheia de significados negativos, divulgando, fazendo conhecer o sujeito marginal. Os enunciados verbais e imagéticos reatualizam e ratificam dizeres pré-

construídos socialmente na memória coletiva e cultural. Conforme Gregolin (2011, p.90), alguns acontecimentos discursivos retornam constantemente, pois estão instalados com muita força na memória cultural.

A reportagem, “Cadeia Ink” (tinta na cadeia) é um exemplo desse insistente retorno para a prática da tatuagem com valores negativos. A exposição de tatuagens, usadas por detentos e seus significados, insere essa prática dentro de um conjunto de valores marginalizados. A princípio, o enunciado verbal que introduz a reportagem: “Cadeia Ink”, juntamente com o enunciado imagético, já impõe determinados efeitos de sentidos que circulam no imaginário social.



Figura 14 Superinteressante, dezembro, 2008

Vejam que o sujeito tatuado exposto aqui não é o sujeito tatuado inscrito a partir do modelo de ornamentação corporal que todos devem aderir às similaridades, mas o sujeito tatuado que foge do padrão identitário midiaticado, aquele que está longe de uma “identidade de consumo pós-moderna, em que se tem um predomínio da mídia” (KELLNER, 2001, p.25). São tatuagens mal definidas, borradas, feitas com recursos precários, com mínima condição de higiene. Biossocialmente⁶⁷, essas tatuagens estão fora dos padrões normalizadores da pós-modernidade, tendo em vista que na atualidade o autoaperfeiçoamento físico, que passa pelo olhar vigilante do outro, tornou-se um

⁶⁷ Para Ortega (2008) na biossociabilidade criam-se novos critérios de mérito e reconhecimento, novos valores com base em regras higiênicas, regimes de ocupação de tempo, criação de modelos ideias baseados no desempenho físico e práticas de saúde.

significante por meio do qual os indivíduos demonstram sua competência para cuidar de si e construir sua identidade.

A mídia propõe, desde a década de 70, um corpo tatuado não marginalizado, mas belo saudável, magro, esteticamente inserido em regras de conduta e de princípios impostos como verdades e prescrições sociais. Ela busca reproduzir um corpo tatuado inserido em valores sociais de uma classe social elitizada, que se cuida e toma todos os cuidados necessários para a saúde do corpo e da pele, não transgredindo a ordem, mas obediente a uma biopolítica de segurança para população.

Numa época de “espetacularização” da prática da tatuagem, essa reportagem surge como uma espécie de alerta que faz emergir determinados sentidos em relação ao sujeito tatuado, ou seja, é preciso saber diferenciar quem é o tatuado marginal de quem não é, quem está na ordem discursiva dessa prática e quem transgride a ordem. Esses efeitos de sentidos de inclusão e exclusão materializam-se no conjunto enunciativo proposto na reportagem que busca mostrar por meio de signos verbais e não verbais como se dá o uso das tatuagens no interior da cadeia, e quais seus significados dentro daquele grupo. Isso de certa forma é uma espécie de alerta a outros grupos adeptos à prática da tatuagem de como não ser incluído dentro dessa (des)ordem.

Apresentar a tatuagem, a partir de uma desordem social, efeito de sentido produzido pelo próprio enunciado “Ink de cadeia”, (no senso comum “estar na cadeia” significa “fora da lei”, ou ao menos já foi fora da lei), antecipa dizeres pré-estabelecidos no imaginário social que estão fora dos padrões de orientação da prática cotidiana. Unidade consistente que se repete **nos meios midiáticos** - protagonista incansável que mantém sua visibilidade para além da reportagem da Super Interessante, pois é regular esse fio condutor em diferentes meios de comunicação (reportagens, livros, artigos, magazines, sites, blogs, propagandas, depoimentos em redes sociais etc.). Essa repetição e essa insistência sobre os corpos tatuados produzem certos conhecimentos a respeito do corpo e os sujeitos tatuados marginalizados, inserindo-os dentro de padrões reguladores excludentes.

Outro exemplo que se encontra na mídia que vai exemplificar esse lugar de inclusão e norma trata-se da matéria do site **Globo.com** ou do Jornal **Correio Brasiliense** que expõe enunciado como: “Tatuados poderão ser barrados na Marinha e Exército: os militares não querem, em seus quadros, oficiais que apresentem tatuagens que façam

alusão a ideologias terroristas ou extremistas contrárias às instituições democráticas. Tatuagem com tema de violência, criminalidade, ideia de ato libidinoso, discriminação ou preconceito de raça” (ver matérias na íntegra em anexo). Mais uma vez, constata-se que há uma (a) normalidade em torno da prática da tatuagem que inclui umas, ao mesmo tempo, que excluem outras.

Nesses e outros casos, os sujeitos tatuados, que são considerados anormais no sentido foucaultiano do termo, são justamente aqueles que fogem dos padrões discursivos que provocam uma ruptura na manutenção da ordem social. Vejam que não é toda ou qualquer a tatuagem que os Militares querem barrar na Marinha e no Exército, mas apenas aquelas que são consideradas extremistas e violentas, ou seja, que desestrutura a ordem imposta por um poder governamental. Essas imposições provam que, na base da formação das “técnicas disciplinares”, que regem a construção discursiva do corpo tatuado na atualidade há um discurso divergente, baseado em práticas as quais nem a mídia, nem as instituições governamentais valorizam.

Sendo assim, entende-se que as relações de resistência estão na base de formação dos poderes que regem a construção discursiva do corpo tatuado, tornando o corpo um lugar de circulação de poderes, pois se há a necessidade de constituir determinados padrões discursivos (jurídicos, estéticos, religiosos) é porque há um discurso divergente, baseado em práticas as quais a mídia e instituições governamentais não valorizam. Nessa relação, cria-se uma tensão entre a imagem que se propõe a desejar e o corpo que ainda não foi totalmente moldado pelos biopoderes.

O discurso midiático apresenta para a prática da tatuagem uma normalização disciplinar como um modelo de certa forma padrão que é constituído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tornar as pessoas que querem se tatuar, os gestos, os atos, conforme esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar com essa norma e o anormal quem não é capaz. Para Foucault (2008a, p. 75 - 76), o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não são o normal e o anormal, é a norma. Dito de outro modo, há um caráter primitivamente prescritivo da norma, e é em relação a essa norma estabelecida que a determinação e a identificação do normal e do anormal se tornam possíveis.

Essas considerações nos remetem ainda à reportagem da revista *Veja* que circulou no Brasil em agosto de 2003 que insere a tatuagem em uma normalidade discursiva. A edição aborda “a galera ilustrada”, “o retrato de uma geração” (*Veja*, 2003, p.12).



Figura 15

“Moda: podem ser flores discretas e até uma escancarada chama no estilo tibetano, de preferência em locais escondidos pela roupa.”

Foi-se o tempo em que a tatuagem era símbolo de rebeldia. De tão comum, virou um acessório do corpo. Depois da fase dos desenhos tradicionais de marinheiros, do abstracionismo dos símbolos tribais e dos motivos orientais, com dragões e ideogramas, a moda são os grafismos e a releitura de motivos clássicos, como corações partidos e personagens de história em quadrinhos, sobretudo com efeito de 3D. Discretas, as tatuagens conquistaram a pele de modelos, das patricinhas e dos adolescentes em geral.” (VEJA, 2003, p.53).

Nessa reportagem, a revista insere a prática da tatuagem no campo da moda, propondo que as tatuagens ao ganharem os corpos malhados de pessoas famosas, de jovens de classe média e alta, saem do gueto e produzem um conjunto de dizeres diferentes daqueles traçados no imaginário social em torno da marginalidade. Saindo, assim, das práticas anormais e entrando nas práticas da normalidade.

Entretanto, o jogo enunciativo proposto pela revista é suscetível de colocar em questão uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis. Por que será que a revista, simultaneamente, diz que a tatuagem é símbolo de moda, mas deve ser feita de preferência em locais em que a roupa esconde? Se a tatuagem, agora, é sinônimo de beleza e moda por que deve estar escondida?

Essa bipolarização discursiva é justificada na própria reportagem, pois mesmo na tentativa de construir uma visibilidade para prática da tatuagem os enunciados são atravessados por um contradiscurso que parece se sobrepor à positividade que a revista objetivava enunciar, isso é notório nos enunciados como “podem ser feitas...”, “de preferência escondido”, “Paulo escondeu um ideograma chinês em baixo do braço” não corre o risco de ser vítima de preconceito. ” (Veja, 2003, p.53), ou seja, a revista a insere em práticas de visibilidade, mas não nega que há um viés de resistência em torno da tatuagem construído pela ideia de ser uma prática marginalizada.

Portanto, A revista *Veja*, concomitantemente, propunha uma estética para a prática da *tatto*, baseada no discurso da exclusão que atravessa o discurso da inclusão, pois a todo o momento ela dá conselhos e dicas de como os indivíduos devem- se comportar diante dessa prática para que não sofra coerções sociais.

Vê-se aqui uma excessiva valorização de práticas de controle do corpo, isto é, novas práticas de bio-ascese⁶⁸ que expressam modos de existência a partir de práticas corporais que buscam o corpo perfeito, ideal, assujeitado às normas sociais. Conforme Ortega (2008), enquanto na Antiguidade a ascese - práticas de si -⁶⁹ representava práticas de liberdade que tinham por função frequentemente desafiar os modos de existência prescritos, uma forma de resistência cultural, uma vontade de demarcação, de singularização, de alteridade, sujeitos resistentes às representações exteriores, encontramos nas práticas de si uma vontade de uniformidade direcionada ao corpo, de adaptação à norma de constituição de modos de existência. “A ideia de uma *ascese*, exclusivamente, corporal, expressa uma preocupação com o olhar do outro sobre mim, sobre minha aparência.

A tatuagem, prática até certo ponto refletida de si, símbolo de valores, histórias pessoais, componente da vida política; uma política que não é só biopolítica, mas também liberdade de ação, torna-se, em muitos momentos, uma preocupação do governo como se exemplifica na reportagem do Jornal Correio Brasiliense. Entretanto, dirigindo a atenção para si mesmo a tatuagem, muitas vezes, rompe com as normas sociais, transgride a disciplina exigida para as necessidades vigentes do corpo ideal,

⁶⁸ Ortega (2008) salienta diferença as práticas de ascese clássicas das bio-ascese contemporâneas, essa entendidas como prática de “assujeitamento e disciplinamento”. Já práticas ascéticas da Antiguidade, vistas como práticas de liberdade, cuidado de si que transformam seu modo de ser.

⁶⁹ Foucault (1984) entende a ascese a partir das práticas de si.

formulado pelas tecnologias políticas de governo que busca conectar os sujeitos a valores mercadológicos. Estar fora dessas normas é estar sujeito a processos de exclusão ainda circulante na sociedade, como enuncia a reportagem de Veja. “Faça em lugares que a roupa pode esconder”, pois dessa forma é possível se constituir e não romper com os “códigos sociais adequados”.



*Tudo em mim quer me revelar.
(Zélia Duncan)*

Gestos de análises

A estética da existência, como é proposta por Foucault (1984), sugere um estudo produzido na estetização do sujeito, que é resultado de uma fabricação produzida mediante diferentes modos de produção das subjetividades que envolvem os eixos do ser-saber, do ser-poder e do ser-si (1995). Nessa perspectiva, somos levados a fazer não aquilo que queremos na hora em que queremos, mas aquilo que podemos a partir de uma determinada posição que ocupamos em uma sociedade.

O sujeito é nosso objeto de estudo, seja enquanto objeto do saber-poder, seja enquanto objeto de construção identitária. Portanto, a fim de compreender as técnicas ou procedimentos de subjetivação que constituem para os sujeitos, na revista *Inked*, a ideia de identidade, analisar-se-ão as capas da revista, engendrando as relações entre linguagem, história e sociedade. Isso porque, assim como Foucault, acredita-se que o sujeito é uma fabricação e que está em contínua construção histórica.

A fim de se buscar e compreender como a revista *Inked* coloca em circulação enunciados que indicam e regulamentam formas de ser e agir, bem como realizam um agenciamento coletivo da enunciação, entrecruzando determinações coletivas, sociais, sistemas de representação e de sensibilidades, começa-se o processo de análise de nosso *corpus* a partir de séries enunciativas propostas pela revista.

Relembrando: as séries enunciativas de materialidades discursivas foram organizadas a partir de nove revistas e divididas em três trajetos temáticos: a) tatuagem: arte e estilo; b) tatuagem: moda, símbolo *fashion* e status; c) tatuagem: símbolo de sensualidade.

Considerando-se as relações entre formações discursivas e práticas socioculturais, é importante salientar que tais caminhos temáticos não são homogêneos em seu funcionamento, logo “não podemos perder de vista que o discurso acontece sempre no interior de uma série de outros discursos, com os quais estabelecem correlações, deslocamentos e vizinhanças” (GREGOLIN, 2006, p.32). Assim sendo, dar-se-á início as análises.

4.1 A inserção do sujeito tatuado no campo da arte e do estilo

A questão que abre o tópico é elaborada no intuito de fazer emergir o percurso realizado pelo sujeito tatuado, a partir das práticas de verdade que o levam até ao campo da cultura e da arte. Evitando qualquer ontologia essencial do que necessariamente é ou pode adquirir caráter artístico, traz-se para esse trabalho a ideia de arte contemporânea, que privilegia a pluralidade e na qual experimentamos grande liberdade de linguagens e meios. (PIRES, 2005).

Nessa mesma direção, assume-se a perspectiva de que as atitudes e tendências artísticas, focalizadas no nesse trabalho, assumem a diversidade que se faz necessária na afirmação de identidades, que se constituem pela diferença. Segundo Otte (2005, p.22):

no passado (Renascimento) cada estilo novo, para ser novo, teve que se destacar do anterior, afirmar-se como diferente, criando ao mesmo tempo características que identificassem cada uma das manifestações como pertencente à mesma corrente estilística. O estilo, assim, é responsável pela criação de um diferencial para fora tanto quanto de uma identidade para dentro, o que explica por que ele pode ser tanto um desvio de norma quanto a própria norma.

O autor salienta, ainda, o caráter ambíguo de estilo, que oscila entre os extremos da necessidade e da liberdade, pois, se por um lado, o estilo, como qualquer sistema de representação, possui um aspecto coercitivo na medida em que obriga o indivíduo a seguir determinadas regras; permite, por outro lado, que o indivíduo tenha a liberdade de desenvolver seu próprio estilo, uma espécie de marca registrada que o distingue do sistema pré-estabelecido e coercitivo.

Não se deixou de pensar sobre essas considerações em nossas análises, pois pressupõe que a revista coloca em circulação a voz de sujeitos tatuados transgressores, anormais (no sentido foucaultiano do termo), reposicionados positivamente no cenário social do discurso da arte, porque ,concomitantemente com outros fatores, o estilo fixa uma identidade e propõe uma diferença, colocando em evidência, mecanismos de exclusão das identidades marginalizadas no jogo de relações de forças existentes na sociedade.

Nas três capas a seguir, analisar-se-ão como as marcas discursivas constituem o sujeito tatuado, inscrito a partir do discurso da arte e do estilo. Veja-se:

1ª capa: Inked. Cultura. Estilo. Arte “Zombie Boy: o morto vivo rompe o silêncio”. Nº10, fevereiro/março de 2012 (Figura 19);

2ª capa: Inked. Cultura. Estilo. Arte “Kat Vom D e sua incrível loja de horrores”. Nº 08, outubro/novembro de 2011. (Figura 20).

3ª capa: Inked. Cultura. Estilo. Arte “Isto não é uma revista de tatuagem”. Nº 13, setembro/outubro 2012. (Figura 21).

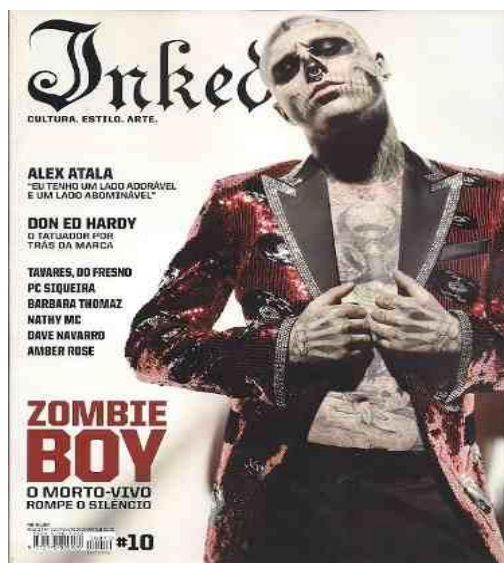


Figura 18 Revista Inked nº10 fevereiro/março 2012



Figura 16 Revista Inked nº08 outubro/novembro 2011



Figura 170 Revista Inked nº13 setembro/outubro 2012



A fim de entender porque esses enunciados e não outros em seu lugar, parafraseamos Foucault e perguntamos: o que permitiu a emergência desses enunciados (imagéticos e verbais)? Quais as condições (sociais, culturais, artísticas) que possibilitaram a revista estampar em certo momento essas imagens, esses sujeitos e não outros em seu lugar? Que sistema de representação a revista cria para os sujeitos tatuados a partir desses enunciados?

A fim de responder às questões expostas no quadro acima e compreender a produção de subjetividade nessa série enunciativa, analisar-se-á o enunciado em sua singularidade de acontecimento e em sua irrupção histórica, buscando a condição de sua existência, sua ligação com outros enunciados que vêm à tona em determinado contexto histórico. Segundo Gregolin (2006, p. 27), “a emergência de um enunciado em um momento histórico pressupõe uma análise que faça uma relação com um campo enunciativo ao qual está articulado, ” e estabeleça descrições, jogos de relações que os enunciados mantêm no interior do arquivo⁷⁰. Segundo Foucault (2005, p.32):

no enunciado, há, portanto, uma articulação dialética entre singularidade e repetição: “de um lado ele é um gesto; do outro, liga-se a uma memória, tem uma materialidade; é único, mas está aberto à repetição e si liga ao passado e ao futuro.

Compreende-se a aparição desses enunciados sobre tatuagem e sua circulação na mídia como parte de um conjunto de outros enunciados que produzem efeitos de sentidos sobre esse discurso, retomando e re-inserindo determinados valores e representações do passado na atualidade.

As capas da revista *Inked* constituem uma série enunciativa que faz circular um lugar a ser ocupado pelo sujeito tatuado. Ela se propõe a discutir em suas páginas “**cultura, estilo e arte**”, regularidade presente em todas as edições da revista, o que deixa entrever que essas são áreas em que o sujeito tatuado pode- se inserir. Entretanto, para considerar a tatuagem como sendo arte ou estilo, é preciso estar inscrito dentro dos valores simbólicos construídos discursivamente pelos dispositivos⁷¹ de verdade

⁷⁰ Ver mais sobre arquivo em Gregolin (2004)

⁷¹Conforme Castro (2009) Foucault usa o termo dispositivo quando passa da fase arqueológica (descrição das *episteme*) para a fase genealógica, (descrição de dispositivo). Essa mudança de perspectiva de objeto de análise responde às dificuldades descritivas da arqueologia e à conseguinte introdução da análise do poder. Com efeito, a arqueologia permitia descrever os discursos das diferentes *epistemes* (renascentistas , clássica, moderna), mas encerrada na ordem do discurso, não podia descrever as mudanças em si mesmas somente seus resultados. Como reconhecerá o próprio Foucault, faltava ao seu trabalho a análise do poder , da relação entre o discursivo e o não discursivo. A essa necessidade responde a introdução do conceito de dispositivo como objeto da descrição genealógica. O dispositivo é em definitivo, mais geral do que a *episteme*, que poderia ser definida como um dispositivo exclusivamente discursivo. Foucault falará de dispositivo disciplinares, dispositivo carcerário, dispositivo de poder, dispositivo de saber, dispositivo de sexualidade, dispositivo de subjetividade, dispositivo de verdade, etc. Para não sermos exaustivos, o dispositivo é a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos,

instituídos socialmente nesse campo. Em suma: não é qualquer sujeito tatuado que tem seu corpo como tela para arte ou ainda como um lugar de estilo.

A capa de 10 de fevereiro/março de 2012 apresenta como destaque o “Zombie Boy” (figura 19) para se referir ao dançarino, modelo e ator canadense Rick Genest. A revista destaca suas tatuagens, seu estilo e personalidade, tratando-o como morto vivo.

Não há como deter a invasão do Zombie Boy. Tudo que um zumbi precisa saber para realizar uma bem-sucedida invasão [...] Primeira regra: sua origem não pode ser completamente explicada – um toque de mistério ajuda a tornar a história mais interessante. Segunda: ele precisa ter gosto pelo bizarro. Terceiro seu visual deve inspirar doses iguais de horror e fascínio. ” (INKED, 2012, p.45).

Essas características, segundo a revista, é o que leva o sujeito a sair do espaço individual para o espaço artístico, consequentemente essas singularidades passam a estabelecer novas formas de subjetivação para o sujeito tatuado.

O lugar de arte e estilo, também, é marcado na edição nº 08 de outubro/novembro de 2011, que tem como destaque a tatuadora, escritora e apresentadora de um programa na TV americana, Kat Vom D, contando um pouco de sua vida, seu estilo e sua relação com o mundo da arte. Os enunciados em destaque na reportagem e na entrevista são: “Malícia no país das maravilhas”; “Encontrar beleza em qualquer coisa que emociona é o verdadeiro valor da arte”; “Aprendi a lidar com o fato de que minha vida não é normal”. O enunciado “Malícia nos país das Maravilhas” possibilita novos sentidos para o conto de fadas “Alice no País das Maravilhas, ao qual a revista alude.

A *Inked*, buscando credibilizar o lugar da arte, destaca a relação da apresentadora com a pintura e a música, evidenciando sua coleção particular em que aparece o quadro *Lacriminosa* do artista plástico norte americano Llewellyn, e a relação desse estilo com o de Caravaggio (um dos maiores pintores do Barroco italiano do século XVI), bem como a sua relação com a música clássica, em especial com Beethoven. Para aqueles que não têm esse gosto musical, porém admiram a tatuada em questão, a revista salienta: “mas o fato

instituições, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, filosóficos, morais, o dito e o não dito. Trata-se de uma formação que, em um momento dado, teve por função responder a uma urgência.

de ela adorar música clássica não significa que é só isso que toque em sua *playlist no High Voltage*. Kat tem um gosto bem incomum e passeia por vários estilos” (INKED, p.42).

Nesse conjunto enunciativo inscrito no interior da revista, a elaboração do sujeito é direcionada tanto por um viés de técnicas de si para si como pela inserção na ordem de práticas discursivas que inclui determinados enunciados em detrimento do silenciamento de outros, ou seja, os efeitos de sentido vão elaborando formas de serem por meio de dizeres legitimados como os da música (Beethoven), os da arte (Caravaggio) e os dos contos de fada. Embora retome o tom artístico, criativo, o mistério é ressignificado pelo fascínio e malícia singulares, construídos em torno da apresentadora. Segundo Silva (2008), “neste processo de individuação instauram-se novas práticas de relação do sujeito com o poder, configurando-se em resistência, por onde o sujeito desenvolve novas formas de existência”, em termos foucaultianos, “uma estética da existência”.

A partir dessas edições, entende-se que a revista discursiviza o sujeito tatuado artístico, tanto por meio de procedimentos de normalização como por meio de técnicas de individuação, desenvolvendo a partir daí um conjunto de técnicas de controle e fragmentação dos indivíduos, os quais se subjetivam, seja na produção de efeitos de verdades, seja mediante um conjunto de técnicas pré-elaboradas em outros discursos que visam a adotar e dar visibilidade à prática da tatuagem como arte e estilo.

Esse jogo enunciativo, nas edições em análise, ocorre no batimento entre os enunciados verbais e imagéticos veiculados na capa e na reportagem a que ela remete, quando, simultaneamente, são mobilizados elementos de acontecimentos históricos negativos, mas com a proposta de efeitos positivos no mundo da arte. O sincretismo verbo-visual, entre palavras como “invasão”, “morto-vivo”, “bizarro”, “fascínio” - disponíveis nas figuras 19 e 20 -, bem como as tatuagens do Zombie Boy vislumbram a ideia de cadáver em decomposição, sendo algo bizarro, que pode causar estranheza e desconforto em muitos, mas o interesse e o fascínio pela figura de um morto-vivo são ainda maiores.

Tem-se, assim, o excesso, a transgressão como fio discursivo na construção do sujeito no mundo artístico. Invasão, bizarro e horror, nesse caso, estão relacionados à visibilidade, à imersão em práticas discursivas midiáticas, visto que essas são regras para sua inserção no mundo cinematográfico, artístico.

Decerto, com o grande apelo visual em que se vive, abre-se caminho e se estimula o comportamento em que as diferenças precisam ser vistas, e não apenas sentidas e intuídas. Nesse caso, a revista constrói um lugar de visibilidade e positividade para o “corpo fechado”, um estilo próprio de um grupo, funcionando como sinal de inclusão. A negatividade dos vocábulos é também desconstruída pelo lugar ocupado por esses sujeitos, sendo eles, sujeitos diferenciados no mundo da arte da tatuagem, em que tanto Zombie Boy como Kat Von D estão inscritos. É sabido que a prática da *tattoo* conquistou significações diversas, fazendo entrever sua história a partir das fases que passam pela exclusão, segregação, aprisionamento, integração até chegar à inclusão. Cada fase é marcada por uma conexão puramente discursiva na qual, o modelo da inclusão assume uma dimensão maior, tendo em vista o caráter de positividade que o cerca.

É uma nova percepção da tatuagem, ser vista como estilo e arte, mas vale salientar que só ganha essa conotação se forem consideradas as imagens em sua relação com os acontecimentos que eclodiram na Europa a partir da década de 1960, em que ocorreram dois fatos de grande importância para a arte: “a queda dos limites entre as formas tradicionais de representação – pintura, escultura e desenho - e a valorização do corpo que passa a ser visto como um território, como um espaço de reterritorialização” (PIRES, 2005, p.69).

No século XX, o aumento populacional, o crescimento das cidades e as grandes descobertas científicas e tecnológicas alteraram de forma irreversível o comportamento humano. “O corpo, unidade central que pauta nossa relação com o externo, sofre interferências, interdições de diferentes segmentos sociais e adquire possibilidades até então inimagináveis”. (*Idem*, p. 70).

No campo da moda e da arte, o século XX é pontuado por grandes modificações direcionadas para o corpo, entre elas estão os desfiles de moda que, desde seu início, nos anos de 1908 e 1910, perpetuaram-se como verdadeiros espetáculos. Até a década de 1960, esses desfiles apresentavam certa estabilidade com relação às convenções sociais. No entanto, a partir das décadas seguintes, eles são marcados por modificações significativas, como por exemplo, os acessórios fetichistas e o *body art*, que se antes eram comercializados de modo clandestino, começam a ganhar visibilidade, devido ao fato de estarem relacionados à liberdade sexual, que começou a se consolidar a partir da década de 1960.

No campo da arte, especialmente nas artes plásticas, é que o corpo tatuado começa a ter visibilidade e passa a ser representado nas mais diversas formas. Conforme Pires (2005, p. 68 – 69), é a partir do trabalho artístico de Francis Bacon que as artes plásticas têm um corpo como jamais visto.

Sua obra, composta na grande maioria por imagens do corpo humano feitas a partir de fotografias, retrata sua preocupação em captar o sujeito como um todo, que deixa impresso na carne a turbulência de sua alma. A carne é vista como tradutora da realidade mais íntima, na qual desejos, anseios e angústia possuem a veracidade e a força de sentimentos anteriores à sociedade (PIRES, 2005, p. 68 – 69).

Dessa forma, o sujeito tatuado, proposto pela *Inked*, é construído para além de suas histórias pessoais e do seu anseio em romper com as convenções sociais, a partir de procedimentos que trazem para debate esse complexo jogo de transgressão de hábitos e *tabus* que há bem pouco tempo se considerava que, talvez deveriam ficar escondidos, longe das práticas positivas do imaginário social.

No entanto, esse tipo de discurso transgressor, que rompe com as normas sociais e que há muito tempo é integrante do discurso da arte, é discursivizado pela revista, tendo referência histórica, práticas sociais reais que ganham visibilidade a partir de meados do século XIX. Neste momento, tatuadores de diferentes partes do mundo passaram a produzir eventos a fim de fortalecer e produzir novos saberes em torno dessa prática. De lá para cá, inúmeros eventos realizados em nova York, Japão, Inglaterra e, sobretudo no Brasil (onde ocorre a maior convenção de tatuagem da América Latina – *Tattoo Week SP*), reúnem milhares de pessoas de toda parte do mundo. Neles são desenvolvidas atividades em diversas modalidades (concursos, apresentações de especialistas, cursos, stands de vendas de material para prática da tatuagem e *Studio*, etc.) em que o corpo é apenas a tela para suporte da arte de tatuar. O discurso transgressor, bizarro, anormal nesses eventos se torna regras no que ela tem de lei e norma. Pessoas como *Zombie Boy* e *Kat Von D* são símbolos vivos dessa arte.

O último evento, que aconteceu em São Paulo – *Tattoo Week* - em sua quarta edição (agosto de 2014), levou ao palco como atração principal o casal mais modificado do mundo. Aconteceram também diferentes concursos que elegeram a *miss tattoo week*, as maiores tatuagens e as melhores em diferentes modalidades e estilos (tradicional ou

old School (escola antiga), new school (escola nova), bold line (desenhos com traços fortes e cores vivas), realista, tribal, moari, etc.).

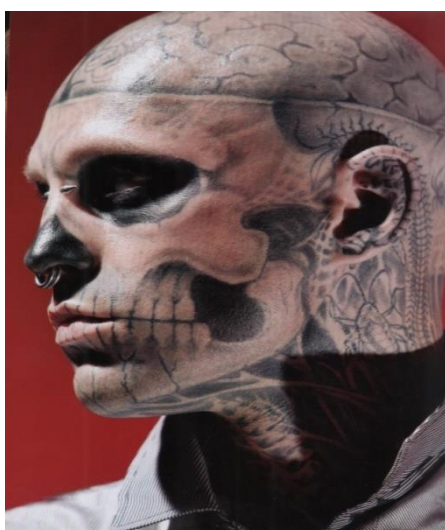
Nesses eventos, outro fato bem interessante que chama atenção é a preocupação com a saúde. No *Tattoo Week*, existiu parceria do evento com a Secretaria de Saúde do Estado que promoveu testes gratuitos de HIV, Sífilis e Hepatite B e C. Fato que mostra uma preocupação tanto do governo como dos adeptos da tatuagem em relação aos cuidados com a saúde. Essa relação de força está viva nos processos de constituição do sujeito tatuado, nesse simultâneo reforço de controle e igualmente de resistência, de acordo com determinadas estratégias de poder-saber.

Eventos como esses produzem conhecimentos a partir dos quais é possível pensar em um governo do corpo tatuado, pois neles há uma incitação ao discurso sobre como o sujeito deve-se comportar diante do seu corpo. Apresentaram-se, também, conhecimentos sobre como esses sujeitos estão-se constituindo na cultura em que vivem.

Segundo Ravel (2005, p.25), a produção de saberes e sua veiculação transformam-se em “uma função normativa e reguladora [que] coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias, de práticas”.

Retomando a reportagem sobre o Zombie Boy, a revista apresenta um lugar particular de identidade, bem como novos elementos estéticos de representação. Na entrevista, o sujeito, em pauta, declara que o seu visual e seu apelido são marcas de sua história de vida; diz ainda que, após as primeiras *tattoos*, passou a viver sem se incomodar com as convenções sociais, mas, simultaneamente a revista declara que para inserir-se no mundo cinematográfico, da dança ou da moda, é preciso inscrever-se em regras discursivas específicas dessa arte, ou seja, criam-se a partir do governo de si e do outro, regras para a tatuagem enquanto arte.

O lugar de horror, fascínio e resistência às convenções sociais articulam relações de poder e saber como possibilidades de subjetivação e liberdade, criando para esse sujeito, um estilo de vida e marcando um grupo a que ele pertence. A arte, nesse conjunto semiológico e estético, segundo Benjamin (1994), está contaminada na vida e estimulam-se mutuamente. Veja-se na imagem abaixo em que o excesso coloca em evidência a tatuagem no fio discursivo para a construção da arte de existir.



“Zombie Boy em carne viva”

Figura 18. Revista Inked, nº10, p.46

Para Pires (2005,) as indumentárias expostas no corpo como, por exemplo, a tatuagem, ao permitirem ou restringirem certos movimentos e/ou representarem certos valores estéticos, sociais, culturais ou individuais, são associadas a um determinado estilo de vida diferenciando e, ao mesmo tempo, agrupam seus usuários segundo determinados valores sociais e de grupo.

Dessa forma, as linguagens verbal e imagética que aparecem nesses enunciados são responsáveis pela produção de sentidos, mas não apenas em seu significante, pois a relação com a memória individual e práticas histórico-sociais são garantia de determinados efeitos que não estão “no que é dito, mas no acontecimento em sua volta”.

A revista busca desconstruir uma memória marginal, transgressora e anormal a respeito da arte na pele, por meio da própria transgressão e anormalidade para o corpo tatuado, entretanto ancora-se no discurso da arte como lugar de rompimento de regras que induzem ao fascínio e à admiração.

A arte, “independente do tipo da linguagem que utilize, possui um vocabulário que permite evocar e trazer à tona, mesmo que de forma não muito clara, imagens e sensações mantidas no inconsciente” (PIRES, 2005, p. 60). São percepções, desejos e acontecimentos registrados no que de fato pertence ao sujeito: o corpo.

Dentro dessa perspectiva artística, essa série enunciativa em análise anuncia os corpos de Zombie Boy e Kat, por exemplo, como instrumento de ligação com a arte, deixando marcado na pele a relação de poder do sujeito com seu corpo e com a sociedade, mostrando a prática da tatuagem em meio à dispersão dos corpos tatuados fechados, uma regularidade sobre o homem de nosso tempo, fazendo da pele a tela onde se revelam fatos, acontecimentos pessoais e sociais. Segundo Milanez (2011, p.200), “o corpo fala na medida em que enuncia a verdade que preconiza sobre o homem do nosso tempo”, revelando histórias pessoais, lembranças e retorno dos acontecimentos.

Nesse jogo entre acontecimentos sociais e pessoais, a revista *Inked* propõe ao indivíduo tatuado que ocupe um lugar de estilo e arte como uma estética contínua de si, pois segundo Foucault (2010) “Ninguém pode cuidar de si sem se conhecer [...] quando se cuida de si, só é possível fazê-lo de maneira contínua e permanente”. O que implica dizer que isso só é possível no interior das relações socioculturais nas quais se constroem símbolos e práticas consideradas verdadeiras.

No caso do Zombie Boy e da Kat, suas tatuagens entram no discurso de verdade de uma época via discurso da arte. É nessa relação entre desejo singular de personalização e de verdades construídas sócio-historicamente em torno da arte que a revista propõe o processo de subjetivação.

A revista enuncia que “não há como deter a invasão do Zombie Boy”, “ele entra no mundo artístico após ganhar os contornos de um morto-vivo”, marcando para o sujeito que veste todo corpo com tinta, um lugar, uma posição social de *status*. Cria-se, assim, discursivamente uma positividade em torno da *tattoo* que está dentro/fora dos padrões midiáticos televisivos.

Encontrou-se na dispersão enunciativa da revista *Inked*, regularidades que permitem ao sujeito tatuado escolher o *status* que dará aos seus vínculos pessoais e sociais. Tais regularidades nos reenviam ao pensamento de Michel Foucault (2009) sobre outros espaços possíveis para o sujeito: os de liberdade, em que é possível o próprio sujeito inventar a si mesmo. Isso não deixa de ser paradoxal, no caso da tatuagem de transgressão; afinal, a revista propõe que ela integre um espaço social de normalidade, mesmo que via outras formações discursivas. No entanto, pensando ainda com Foucault, se a subjetividade depende da liberdade para se constituir, é pertinente afirmar que a prática da tatuagem é um lugar real no qual o sujeito pode inscrever seu estilo, visto ser

uma prática que tem como suporte “o corpo, lugar de liberdade e interdições, e revelador de sociedades inteiras”. (LE BRETON, 2004, p.45)

Dentro dessa perspectiva, há um fio regular em todas as edições da *Inked* que enfatiza o direito à liberdade de manifestar a si mesmo, deixando transparecer na pele e nas confissões dos sujeitos, as condições de possibilidade para a emergência da prática da tatuagem como arte e estilo que se confirma na trama enunciativa por intermédio das materialidades verbal e imagética. A começar pela capa em que a revista repete incessantemente, em todas as edições, ser um lugar de **cultura, estilo e arte**. Assim, novas práticas são delineadas e o sujeito tatuado é construído por outro ângulo, pertencente a uma ordem que o enquadra por meio do olhar artístico, da inclusão e normatividade em diferentes campos sociais.

Nessa conjuntura de positividade em torno da tatuagem, ora transgressora, ora voltada para a estetização do corpo, caracterizado pela erotização do sexo⁷² com o objetivo de alcançar prazer, predomina uma estética da existência. Para estudá-la, Foucault (1984) centra seus estudos sobre a moral. Ele diz que da “Antiguidade ao Cristianismo passa-se de uma moral que era essencialmente a busca da ética pessoal para uma moral com a obediência a um sistema de regras”. Se nos discursos da Antiguidade, Foucault percebia o desaparecimento de uma moral como obediência a um sistema de regras; hoje, com a evolução e as transformações dos saberes nos diferentes campos como o jurídico, o filosófico, o médico, etc., trata-se de fazer aparecer como funcionam os mecanismos sociais, como as formas de repressão, disciplina, tecnologias atuam, permitindo às pessoas – sabendo de tudo isso - a possibilidade da escolha de sua existência.

Nessa direção, a produção discursiva da subjetividade produzida pela revista *Inked* não dissocia, de uma estética da existência, os conhecimentos entre as técnicas do governo dos outros, que passam por uma biopolítica do corpo belo a serviço da arte, e as do governo de si - desejos, anseios, histórias pessoais e cuidados de si para si -, ou seja, o processo de subjetivação que se delineia nas capas e páginas da revista atesta o que Foucault (2004) vai chamar de governamentalidade, definida como o encontro entre as técnicas de dominação exercidas pelos outros e as técnicas de si.

⁷²Analisaremos mais adiante essa temática do sexo e sensualidade.

Essa trama complexa que se forma a partir dos enunciados verbais e imagéticos são discursivizados, ainda, na capa 08 de nossa série:



Um primeiro ponto a se destacar é o jogo que acontece entre a imagem de Kat e os enunciados usados para apresentá-la: KAT VON D e sua incrível loja de horrores. “Malícia no país das maravilhas.”

Figura 19. Revista Inked, Nº08, 2012

Inscrito no mesmo referente histórico da capa 10 (a inserção da tatuagem no mundo da arte) e formulado no mesmo campo associativo que os enunciados da revista 10, essa capa dialoga com os demais enunciados, sobretudo pelo que ela propõe como singularidade e repetição.

Kat, assim como Zombie Boy, são personalidades artísticas que não se enquadram no mundo visual criado midiaticamente para o sujeito tatuado, é tanto que a positividade de suas identidades está no fato de serem bizarros, estranhos, anormais. Os jogos enunciativos entre os adjetivos de cunho positivo e negativo são justamente o que vão atrair o olhar externo e torná-los fascinantes. “Incrível e horrores”, “malícia e maravilha” são antônimos que acolhem, simultaneamente, a alteridade inerente à construção dos sentidos para instaurar outro tipo de relação que desqualifica a negatividade dos vocábulos horrores e malícia. Embora os vocábulos “horrores” e “malícia”, por exemplo, se inscrevam em campos semânticos negativos do assustador, do medo, do feio, e da dissimulação, maldade, astúcia, zombaria, esses sentidos negativos são suspensos, desqualificados pelos adjetivos “fascinante” e “incrível” (admirável, adorável,

apaixonante, arrebatador, atraente, irresistível, mágico, sedutor, fantástico, fora do comum, inacreditável) e por todo um conjunto de dizeres expostos no próprio corpo, pois conforme Courtine (2011), o corpo lança traços do surgimento de sentidos que se constituem em outros lugares externos e internos ao sujeito, inscritos na memória coletiva e armazenados pelo indivíduo.

Nas edições dessa série enunciativa, embora a revista proponha um lugar da *tatto* como lugar da arte por meio da transgressão, da desordem que ela provoca e dos limites que impõe, é visível nas imagens dos corpos que esse lugar é construído pela ordem discursiva do corpo nas técnicas de si, pois o corpo, que é apresentado, segue os mesmos padrões bioestéticos ideais. Essa significação ratifica-se também no enunciado: “Malícia no país das maravilhas” (Inked, 2011), uma vez que se enuncia tanto a singularidade por meio do vocábulo malícia quanto o lugar estético corporal em que a tatuadora Kat se insere; no país das maravilhas, ou seja, das personalidades dos corpos perfeitos.

Há uma repetição dos corpos sensuais, esteticamente magros, lisos e **tatuados**, unidade consistente que se repete, **intericonicamente** a cada imagem - protagonistas incansáveis que mantêm sua visibilidade para além das capas da revista *Inked*, fios regulares, condutores em diferentes meios midiáticos. Nesse encadeamento, o estudo da transgressão aqui proposto toca o espaço, o corpo, a norma e a desordem.

Constata-se ainda que a revista discursiviza o corpo tatuado pela normalização de práticas aceitáveis para esse corpo dentro de uma memória discursiva visual de nossa sociedade, criada por meio de saberes da arte e do discurso da bioestética. Assim, ela coloca em jogo mais um modo de existência do sujeito que se tatua. Entretanto, esse reconhecimento acontece tanto pelo efeito de normatização amparado pelo discurso do corpo perfeito proposto esteticamente pelos exercícios físicos, dietas e cirurgias plásticas, quanto pelo lugar do incrível do fascínio, da curiosidade, presentes no mundo artístico passando, inevitavelmente, por um processo de regulação das práticas, condutas e relações entre sujeitos tatuados e não tatuados.

Essa questão nos remete a Michel Foucault (2009) quando ele mostra a sanção normalizadora por intermédio da disciplina. Para ele, a norma agrega um conjunto de sinais de filiação a um corpo homogêneo que tem em si mesmo, um papel de classificação, de hierarquização e de distribuição de lugares, baseado em mecanismos

disciplinares minuciosos e cotidianos. “Em certo sentido o poder de regulamentação obriga à homogeneidade; mas individualiza, permitindo medir os desvios, determinar os níveis, fixar as especialidades e tornar úteis as diferenças, ajustando-as umas às outras” (FOUCAULT, 2009, p.177).

Ainda sobre o campo de regularidades que envolvem a série em análise, observa-se que a edição 13^o - “*Isto não é uma revista de tatuagem*” (setembro/outubro 2012), (figura 21) vem “bater o martelo” a respeito do lugar da tatuagem como arte.

Os sentidos reinscrevem o sujeito tatuado e suas relações no campo da arte e do estilo por meio desse lugar normalizador inscrito em outras práticas discursivas. Retornando à capa.



Figura 20 Revista Inked, nº13 setembro/outubro 2012

A terceira revista escolhida para fazer parte dessa série enunciativa é a edição nº 13 de setembro/outubro de 2012. A revista traz na capa a foto de parte do torso de uma mulher branca, tatuada, com venda nos olhos, de cabelos loiros presos no alto da cabeça, lembrando a estátua da justiça na entrada do Supremo Tribunal Federal, em Brasília. A mulher não é identificada, traço singularizador dessa edição em relação às demais, pois aqui não se coloca em evidência o lugar ocupado por nenhum sujeito, presumindo-se que não importa o sujeito empírico individual, mas os sentidos produzidos a partir deles. Como enunciado verbal, tem-se apenas o lema da revista em que aparece em negrito na parte superior esquerda - **Inked, cultura, estilo, arte** – e, o enunciado, em caixa alta e negrito “**ISTO NÃO É UMA REVISTA DE TATUAGEM**”. Tanto o negrito do lema

da revista como o enunciado acima são marcas linguísticas de que a revista se utiliza para realçar o lugar de arte para a *tattoo*.

A fim de compreender os sentidos postos nesse jogo enunciativo entre a materialidade verbal e imagética, enfoca-se Michel Foucault (2004) e Michel Pêcheux (2006). Este, porque afirma que o enunciado é intrinsecamente suscetível de deslocar discursivamente do seu sentido para derivar para outro, descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. Aquele, nessa mesma direção, salienta que o enunciado ao mesmo tempo em que surge em sua materialidade, entra em redes, coloca-se em campos de enunciação, oferece-se a transferências e modificações possíveis.

Seguindo as ideias desses filósofos, observa-se no enunciado verbal um jogo de transferência quase metonímico entre o enunciado, “Isto não é uma revista de tatuagem” e o enunciado *Ceci n’est pas une pipe* (Isto não é um cachimbo”), de 1929, uma das obras mais famosas do pintor surrealista belga René Magritte (1898 – 1967), e ainda retomada na capa do livro de Foucault (1988) **Isto não é um cachimbo**. Embora se insista que um discurso apareça no interior de série de outros discursos, com os quais estabelecem relações, deslocamentos, vizinhanças (FOUCAULT, 2004), não se pode negar que as fronteiras entre o linguístico e o discursivo são constantemente modificadas pela emergência enunciativa, processo discursivo que nos leva a reconhecer que os sentidos são produzidos sócio-historicamente.

A revista em questão retoma a pintura de Magritte e considerações semânticas em torno dela para construir novas significações. Nesse processo serão bastante relevantes as considerações feitas por Foucault (1988) sobre a obra desse pintor em **Isto não é um cachimbo**, quando ele questiona e responde: O que é o quadro de Magritte? Há um cachimbo e uma frase: “Ceci n’est pas une pipe.”. Uma frase que contradiz o que o olho enxerga. “Isto não é um cachimbo. ” – como não?! Uma das possíveis respostas vem do próprio título da obra, que, na verdade, não é *Ceci n’est pas une pipe*, nome pelo qual a obra ficou famosa, mas sim *La trahison des images*, isto é, “A traição das imagens”. O que se vê não é um cachimbo real, mas a representação de um cachimbo. A imagem é só um signo, um símbolo, e não “a coisa em si”. Contudo, “a fama da obra não decorre propriamente das particularidades da forma, e sim dos questionamentos gerados pelo conteúdo”. (FOUCAULT, 1988, p.13).

Embora seja inevitável desconectar o texto ao desenho (o sentido da palavra cachimbo à semelhança da imagem), cada elemento da figura por trás desse desenho evoca do exterior uma série de relações que são determinadas por meio da linguagem verbal. Segundo o autor acima citado (1988, p.25), o texto prolonga a escrita da imagem complementando-a no que lhe falta. “Acreditar-se-ia que ela está cheia de pequenas letras misturadas, de sinais gráficos reduzidos a fragmentos e dispersos sobre toda a superfície da imagem”. Desse modo, a frase de Magritte aponta para o que, a princípio, parece óbvio. Ninguém tentaria fumar em um cachimbo pintado. Então qual é a função da frase, na tela? Talvez ressaltar o que todos pensam ser o óbvio. Ao ver um cachimbo na tela ninguém pensa: isto não é um cachimbo. Se não houvesse a frase na pintura, ninguém pensaria, portanto, “Isto não é um cachimbo”. Aliás, pelo contrário. Todos pensariam: “Cachimbo! ”

Conforme Foucault (1988, p. 29), a negação contida no enunciado manifesta afirmativamente duas posições: uma representação do real pela imagem, e uma representação do texto que diz que “este desenho que vocês estão vendo, cuja forma sem dúvida reconhece e do qual acabo de desatar os liames caligráficos não [...] recobre a mesma matéria que um cachimbo”. Ele afirma, ainda que Magritte não contradiz o desenho com o título, mas o afirma de outra forma.

O deslocamento dos sentidos na *Inked*, em torno da obra artística, no enunciado “Isto não é uma revista de tatuagem”, busca retomar as mesmas inquietações a fim de fazer emergir novos efeitos de sentido por meio do pré-construído, visando a ratificar determinados dizeres inscritos no fio discursivo. É nessa rede enunciativa em que os sentidos apresentam-se num jogo de ausência e presença, que se constitui o tom afirmativo de verdade, insinuando que a revista não é sobre tatuagem, mas sobre o sujeito que se tatua sua vida, seus desejos e anseios, suas preocupações e reflexões a respeito da prática da *tatuagem*. Esse lugar de objetivação/subjetivação para o sujeito tatuado é construído, nessa edição especificamente, pelos sentidos expressos nos questionamentos sobre a tela de Magritte.

Com a finalidade de criar um efeito de dúvida e questionamento, a revista retoma o enunciado de Magritte “Isto não é um cachimbo”. Assim como o desenho do cachimbo, a revista cria um olhar de dúvida para o que, a princípio, seria inquestionável, pois ao ver regularmente em todas as edições anteriores a foto de uma pessoa sempre muito tatuada,

ninguém pensaria que “isto” (pronome demonstrativo que aponta para algo perto - se referindo à revista) não seria uma revista de tatuagem, se não houvesse a frase na capa que “isto não é uma revista de tatuagem”; ao contrário, todos pensariam: “É uma revista de tatuagem! ”. Entretanto, se não é uma revista de tatuagem, é uma revista de quê? Ou sobre o quê? No interior da edição, não é difícil perceber que o que está em jogo não são as tatuagens (desenhos, símbolos e tipos), mas os sujeitos tatuados, seus modos de vida e a relação com a prática da tatuagem e com o não tatuado, ou seja, a emergência dessa prática na atualidade e o meio pelo qual se materializa o sujeito que se tatua.

Outro ponto que também chama a atenção nessa edição é a materialidade imagética de rosto feminino com uma venda nos olhos. Por que essa imagem e não outra em seu lugar? Qual a relação dessa imagem com a materialidade verbal que direciona a tatuagem para o campo da arte, proposto pelo deslocamento para a tela de Magritte e ratificado no lema em negrito ***Inked cultura, estilo, arte.***

Será que a arte na pele, não precisa ser vista, mas sentida na tela/pele? De acordo com Pires (2005), a partir da *body arte* (1960 -1980) e da *body modification* (1980-1990), cria-se uma relação indissociável entre arte, artista e corpo. Relação em que o tempo de exposição é o tempo de vida do indivíduo. “A obra é determinada pelo inconsciente, pelo afeto; é designada como algo fundamental para a formação da identidade do sujeito. ” (PIRES, 2005 p. 91). Não importa o sujeito que se tatua, mas entra em jogo a partir de determinado momento histórico, a prática da tatuagem como arte. A revista, cuja última edição foi publicada no Brasil, lança a arte sobre uma face desconhecida com venda nos olhos, se distanciando das edições anteriores em que o lugar da tatuagem era firmado pela positividade do “rosto” do sujeito midiático, famoso.

A venda nos olhos da mulher poderia ainda nos direcionar para uma memória discursiva da representação simbólica da justiça, em que a falta da visão representa a imparcialidade da lei. Ou seja, no discurso jurídico não se deve levar em conta as características estéticas, físicas, econômicas ou de classe no momento da aplicação da lei. Uma justiça cega seria uma justiça equitativa, igualitária. O retorno a essa memória nos guia ao ponto de convergência, no qual se vê a inserção da tatuagem na prática da arte que nos direcionam a olhar apenas para arte e não os lugares de quem a usa, pois não é o sujeito artista, midiático, que faz da tatuagem uma obra arte, mas a própria *tattoo* em sua

singularidade artística que a insere no mundo da arte. São relações discursivas que guiam a produção de subjetividades para o sujeito tatuado.

Essa incidência incita-nos a olhar para os enunciados, imagéticos ou verbais, como um nó em uma rede, produzindo um encadeamento com outras imagens, outros enunciados, outras formações discursivas, não somente no interior da revista como também em sua exterioridade.

A imagem da mulher de olhos vendados coloca em rede outras imagens, ativando assim não somente a memória coletiva, mas o produto de nossas próprias imagens, tanto aquelas armazenadas como as que criamos, “considerando-se que a imagem se produz dentro do próprio sujeito a partir da observação de sua exterioridade, denominada por Jean-Jacques Courtine (2011) de intericonicidade” (MILANEZ, 2011, p.211). Esta tem suas raízes na ideia de memória discursiva.

Parece-me que a ideia de memória discursiva, aquela em que não há texto, não há discurso que não sejam interpretáveis, compreensíveis sem referências a uma tal memória, diria a mesma coisa de uma imagem. Toda imagem se inscreve em uma cultura visual e essa cultura visual supõe a existência para o indivíduo de uma memória visual, de uma memória de imagens. Toda imagem tem um eco (MILANEZ, 2006, 168).

Na capa 13, bem como nas demais, as condições de possibilidade para o estabelecimento interdiscursivo dos enunciados imagéticos e verbais reforçam e alavancam os sentidos das relações entre corpo, arte e tatuagem no processo de construção do sujeito em questão, proposto desde *a body art* passando pela *body modification* até a atualidade e reforçada pela revista nessa emergência enunciativa que propõe um conjunto prescritivo de atitudes e comportamentos corporais, ou seja, um *código moral*, entendido como:

Um conjunto de valores e regras de ação propostos ao indivíduo e aos grupos por intermédio de pares prescritivos diversos [...]. Mas acontece também deles serem transmitidos de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo assim, compromissos ou escapatórias (FOUCAULT, 1984, p.33).

Essa moral, que se constitui interdiscursivamente nas capas da *Inked*, compreende, ao mesmo tempo, um comportamento no seio das regras e valores que são propostos pela nossa sociedade e distribuídos por meio de índices, símbolos, enunciados verbais e imagéticos que apresentam elementos anteriores no que diz respeito ao incansável desejo de normatização, marcando uma força de submissão do sujeito à construção do verdadeiro, como também abrindo vias para o dever. Por exemplo: “*Eu tenho um lado adorável e um lado abominável*” (*Inked*, nº10, capa) “*Aprendi a lidar com o fato de que minha vida não é normal*”, (*INKED*, p.43). Nesses vocábulos, a construção do sujeito está posta como forma de resistência ou criação de novas simpatias que fogem ao controle pré-estabelecido. Conforme Milanez (2011), o sujeito procura a toda hora uma definição para os novos modos de vida:

[...] o imbricamento do sujeito com a história que o cerca leva-o, portanto, a uma conversão de si por meio de um exercício de si sobre si mesmo, fundamentado ao mesmo tempo na sujeição de uma lei gestual-corpóreo-discursiva e ao conhecimento que o sujeito produz a cerca de si mesmo. (MILANEZ, 2011, p.217)

Esse movimento discursivo é um exercício que leva o sujeito a percorrer práticas de verdades para a elaboração de si.

4.3 Tatuagem: do corpo para as práticas da moda e do *status*

“A moda não é algo presente apenas nas roupas. A moda está no céu, nas ruas, a moda tem a ver com ideias, a forma como vivemos, o que está acontecendo”. (Coco Chanel)

As palavras de Chanel direcionam as inquietações que se partilham na medida em que se vê a prática da tatuagem ganhar os contornos da moda. Disseminada em diversos segmentos da sociedade, a tatuagem adentra no campo do vestuário, da beleza e do *status*, indo além de propor ao sujeito um “lugar ao sol” e o desejo de ser visto no mundo esteticamente visual, posto que representa vivências de uma época, ideias, comportamentos, modos de ser, estilo de vida, ou seja, “a tatuagem, na sociedade ocidental, a partir de meados do século XIX, apodera-se do corpo, transformando-o em

espaço de conflitos de subjetividades, onde se desenham comportamentos e representações de como somos ou queremos parecer aos olhos do outro.” (LE BRETON, 2004, p. 69)

Segundo Pires (2005), é a partir desse olhar externo que a prática da tatuagem tece suas linhas no discurso da moda. Nele, a história da tatuagem ganha seus contornos com as mudanças ocorridas, lá atrás, com a revolução médica no século XVIII, em que se operava a troca de moralidade por saúde; nessa época, os hábitos e a moda começam a passar por novas percepções corporais. “A ciência médica influencia os costumes e a moda, fazendo voltar o hábito dos banhos, abandonado na Idade Média e determinando uma mudança no vestuário”. (PIRES, 2005, p. 48). A partir desse momento, começa-se a vivenciar uma biopolítica para o mundo da moda pela utilização tecidos mais leves e a diminuição do volume.

Essas mudanças de comportamento cultivaram novas práticas que propuseram corpos mais livres e a atenção voltada ao bem-estar físico. “Transformação que logo é captada pela arte que passa a estimular todos os sentidos, por meio de mistura de linguagens. ” (*idem*). Logo, arquitetura, escultura, pintura, música, poesia, teatro se fundem, e, ao fazê-lo, criam um ambiente que fascina, encanta o espectador. Dentro desse panorama, a representação do corpo humano é carregada de energia e de movimento. “O espectador, ao entrar nessa área, passa a ser o objeto complementar da obra. ” (*idem*)

Mais tarde, no século XIX, com os avanços médicos e tecnológicos, em ritmo cada vez mais acelerados, são realizadas constantes alterações, não nas formas estruturais do vestuário, mas nos acessórios, materiais, cores, padronagens e, conseqüentemente, modelagens dos comportamentos. Esse momento atinge diretamente a vida dos indivíduos, as mudanças nos processos de subjetivação, marcando alteração constante no gosto pessoal, na forma de se identificar e ser identificado como membro de uma comunidade. (PRADO, 2009).

Esta aceleração tecnológica justifica o ser não mais se fazer só por uma ética moral, mas por uma identidade visual em que o corpo entra em cena, o sujeito é produzido pelo aparecer. (GHIRARDELLI 2007, p. 18). Nessa dinâmica, os sujeitos estão muito mais ligados aos modos de se comportar corporalmente e de se vestir do que com um grande ideário de uma identidade moral em que a personalidade se cruza com a identidade visual, e esta, por sua vez, é organizada pelo império do corpo esteticamente

padronizado que ordena que “somos sujeitos morais, isto é, pessoas, mas segundo uma regra não da moral, e sim da estética”.

De acordo com Ortega (2008), a partir do século XX, a moral estética ganha força pelas tecnologias direcionadas ao bem-estar físico e estético para o corpo. Esteticamente, cada época registra modos de ser e aparecer. Esses traços são marcados pela roupa de vestir pela manhã, à noite, em uma festa, no trabalho na praia, por o que comer, o quanto se deve pesar, que tatuagem marcar e em que lugar do corpo, etc. Com esses gestos, desenha-se um lugar para o corpo na cultura, esse, consequentemente, anuncia marcadores simbólicos - escritos culturais -, que asseguram lugares e valores para os indivíduos. Por meio desses marcadores, os membros de uma comunidade, nação fomentam a propriedade de seu território, registram seus símbolos, estabelecem seus vínculos sociais comunicativos, confirmam sua identidade, seu espaço e tradição. Os chamados lugares sociais são sinalizados com imagens ou escritas que circulam socialmente, propondo uma identidade.

É neste período de consumo visual que se iniciam os procedimentos modernos da moda, nos quais o consumo de massa e a expansão dos territórios culturais, científicos, econômicos, políticos e sexuais são pontos fundamentais. (PIRES, 2005). Rompe-se, nessa época, a fronteira entre o sexo feminino e masculino – é chegada à moda unissex -, é, também nesse período, que surge o conceito de estilo para designar a moda usada pelos adolescentes, deixando evidentes as diferenças existentes entre as gerações e dividir com a alta-costura o privilégio de ditar a moda.

É ainda, nesse período, mas precisamente na década de 1970, graças a uma visão não conservadora que a revolução sexual lança-se sobre as práticas chamadas perversas (piercings, tatuagens, escarificações, visual agressivo), tirando-as da clandestinidade e imbuindo-as de um caráter sedutor que começa a ser incluído na prática da moda. Os elementos fetichistas como as roupas de couro, os *piercings*, as tatuagens ganham mais espaços em desfiles e campanhas publicitárias, “e muitos que eram anteriormente considerados bizarros passam a ser vistos como sensuais” (PIRES, 2005).

Nesse contexto de reterritorialização de práticas corporais no mundo de visibilidades, a prática da tatuagem encontra um ambiente propício para se desenvolver, pois nesse período – década de 70 - “a moda, mais do que nunca, exige não apenas o uso de roupas, adereços ou maquilagens que modelam e modificam extremamente o corpo.

Ela exige uma atitude, um comportamento que adapte e conserve a estrutura física do indivíduo ao estilo predominante. ” (PIRES, 2005, p.73).

Os estilistas da época, rompendo com a forma de apresentação tradicional da alta-costura, realizam desfiles em locais com *performances* cada vez mais inusitadas. Apresentam nas passarelas corpos magros, tatuados, eróticos com roupas preferencialmente pretas e de couro, fartamente adornadas por elementos metálicos. Nas peças íntimas femininas, surgiam peças com forte apelo sexual, como meia-arrastão, sutiãs aparentes e capas de borracha. Esses elementos irromperam nessa época (década de 70), a partir dos revolucionários dos anos 60 (*Punk, hippie, góticos, pervers*)⁷³, que lutavam contra os códigos existentes na busca de expressão de liberdade.

Esse estilo *punk*, adotado pela moda dos anos 1970, é retomado por meio da memória discursiva que traz à “tona” figuras emblemáticas que ainda hoje dão um ar de sofisticação e personalidade aos novos padrões esteticamente aceitáveis no mundo *fashion*. Veja-se, por exemplo, os enunciados produzidos por duas edições da revista ELLE.



(ELLE novembro 2013)

(ELLE, maio de 2012)

Figura 21

⁷³Os góticos deram sequência ao interesse dos punks pelo fetichismo e o traduziram para um estilo mais chique e exagerado. Então vieram os *pervers*, que tiveram influência pronunciada tanto nas tribos de estilo posteriores (como o *ciber punks*) quanto na moda em geral. Os *pervers* geralmente não eram fetichistas reais, apesar de se vestirem com materiais fetichistas como borracha e adotarem tatuagem e itens como espartilho e sapatos bizarros. Eles abrangiam um continente da música *pop*, estilistas de moda alternativa (como Pam Hogg e Krystina Kitsis), e *club Kids* lançadores de tendência. Valeria Steel, *Fetichismo: moda, sexo e poder*, 1997

Nessas edições da revista ELLE (figura 24), há um conjunto de enunciados verbais e imagéticos que retomam a moda *punk* sofisticada, (com ênfase nas tatuagens como artigo de luxo) que ganham visibilidade no mundo da moda a partir dos anos de 1970. Esses enunciados são apresentados sob uma positividade de uma memória do passado, mas atualizados dentro de valores estéticos do presente. Conforme Courtine (2009), a memória discursiva irrompe e é atualizada na emergência do acontecimento, rejeitando o que não deve ser posto à vista.

Nas revistas, esse fato é perceptível a partir dos elementos disponíveis na camada mais superficial das imagens com a ordem da história, elas nos convidam a situá-las no contexto social dos anos 70 em que a tatuagem, o preto e a sensualidade conquistavam um *status fashion*. A inscrição desse acontecimento evidencia o apagamento das conotações negativas da prática da tatuagem nos discursos marginalizados para colocar em emergência o sujeito tatuado que avança no mundo da moda.

Na reportagem da edição de novembro de 2013, aparece: “*Vende-se pele*”, seguido do enunciado: “*As tatuagens caíram nas graças das marcas famosas de luxo e se multiplicando por campanhas que foram parar até nas estampas de tecidos mais valorizados do momento. Já é parte do seu corpo e a pele agora é commodity*”⁷⁴- (Elle, 2013, p. 224/ figura 25). Como um nó em uma rede, o enunciado reatualiza a tatuagem como um bem de consumo de luxo por meio de uma interdiscursividade, registrado no mesmo periódico no ano anterior (ELLE, 2012) que também retomava moda *punk dos anos 70*.

A edição de maio de 2012 (segunda imagem da figura 25) expõe na capa a modelo Coco Rocha, vestindo uma “blusa tatuada” e anuncia em alto tom: LUXO!– reatualizando um conjunto de símbolos da moda *fashion* valorizados pelos estilistas da década de 1970.

Conforme Steele (1998), o estilo punk dos anos 70 nasce com o fortalecimento do movimento *punk por lifestyle* - estilo de vida - que fazia surgir um dos mais interessantes fenômenos da moda naquela época, pois contrariando o que costumava acontecer com a moda, esse estilo, que começava de forma marginal, tem suas roupas, penteados e acessórios adotados pela sofisticação das marcas famosas. “A tradicional joalheria H.

⁷⁴bens de consumo, mercadoria

Stern, por exemplo, lançou jóias para serem aplicadas nos dentes e criou uma coleção intitulada *New wave*, na qual os adornos *punks* eram reproduzidos de forma fiel, mas com *status* de uma marca famosa e produto de luxo” (STEELE, p.200).

Na edição Elle de maio de 2012 o lugar de visibilidade da prática da tatuagem na moda é retomada pela sofisticação e o luxo da “roupa com efeito de desenhos tatuados”, ratificado pelo deslocamento de acontecimentos anteriores que eclodiram nos anos 70 em torno da tatuagem como artigo da moda. O vocábulo luxo, conforme é materializado, ratifica o lugar de *status*, pois o ponto de exclamação no final da palavra (LUXO!) e as letras de forma em negrito e tamanho grande expressam ênfase, grito, lugar de destaque, um *status*. Sentidos que são retomados e ratificado na edição de novembro de 2013 quando diz: “*As tatoos grudam na pele dos fashionistas e conquistam as marcas de luxo*”. Esse, enunciado, por sua vez, direciona o leitor para a reportagem das páginas 224, 225, 226 em que a moda Punk sofisticada dos anos 70 sai da indiferença e abre possibilidade para novas significações.

Mas não só foi a inserção da *tattoo* e das roupas da moda *punk*, *Hippies*, *góticos* nos desfiles de marcas de luxo que abriram caminho para aceitação do uso da tatuagem como um lugar de moda e *status*, duas grandes exposições de tatuagens nos anos 70 realizadas no museu of Folk Artes em Nova York (1972) e outra no Centro George Pompidou em Paris (1977), reduto da moda no mundo, despertaram em muitos o desejo de possuir ao menos uma dessas marcas.

Foi nessa conjuntura de liberdade de expressão e inserção de novos valores estéticos e culturais que a prática da tatuagem chega à década de 1980 como técnica corporal da moda. Nesse período e no período seguinte (década de 1990), segundo Villaça e Góes (1998), todos os processos referentes à moda são acelerados, pois com uso da mídia e com o incremento tecnológico da televisão a cabo e da internet é permitido a divulgação em tempo real, possibilitando o fácil acesso à obra dos estilistas e as diferentes tendências que circulam no mundo *fashion*. Foi nesse percurso de mudança que a moda se estabeleceu como, conforme o dicionário Aurélio, “uso, hábito ou estilo geralmente aceito, variável no tempo, e resultado de determinado gosto, ideia, capricho, e das interinfluências do meio; uso passageiro que regula a forma, de vestir, calçar, pentear, etc.”. Villaça e Góes (1998, p.122) acrescentam:

a moda e a mídia associada buscam romper os tabus, denunciar os preconceitos, liberar as fantasias, modificar costumes deixar evidentes a existência de ambiguidades – inclusive a ambiguidade identidade/homogeneização implícita no próprio processo da moda. [...]. Assim sendo, a moda põe em pauta temas como drogas, racismos, homossexualismo, sadomasoquismo, AIDS e diferenças corporais.

Nesse momento, em que a mídia é forte aliada na circulação de estilos de vida e identidades, os adeptos da *body modification* passam a atuar em filmes, novelas e campanhas publicitárias. Além disso, matéria sobre o assunto, entrevista com profissionais da área e com indivíduos que possuem tatuagens e outras modificações corporais começam a aparecer com certa regularidade em revistas, jornais e programas de televisão. “A tatuagem e o *piercing* conquistam espaço e se tornam um acessório comum, principalmente entre os jovens”. (*idem*). Nesse percurso, em que práticas corporais ganham o mundo, logo surge no indivíduo o desejo ou não de enquadrar-se no consenso do corpo esteticamente ideal discursivizado pelos meios de comunicação.

Nesse percurso da moda, os sujeitos submetem-se as suas técnicas e valores porque, segundo Prado (2009), a moda se consolidou na sociedade, ao longo da história, como elemento integrante de representação, nutrida, principalmente, pelo desejo dos sujeitos de serem vistos, em virtude dos processos de identificação e diferenciação aos quais são submetidos pela ordem social.

Para Gregolin (2007, p.54), “o sujeito contemporâneo consome sistemas de representações e sensibilidades”, mas sendo a subjetivação um produto de relações sociais é possível pensar que os sujeitos tomam para si estas subjetividades de maneira tensa se (re) apropriando e de alguma forma (re) modelando outras, consequentemente, produzindo formas de individuação.

Assim, compreendendo que o sujeito, especificamente o sujeito que se tatua, está envolvido em relações de saber- poder locais, globais, pessoais que permeiam a vida contemporânea, busca-se compreender, neste tópico, de que modo o sujeito tatuado continua fazendo ainda hoje experiência de si mesmo em um jogo de verdade que o insere no campo da moda e do *status*. Segundo Castilho (2004), interpreta-se e julga-se a personalidade e *status* dos indivíduos por meio do que eles estão vestindo, ou marcando no corpo, mesmo que erroneamente.

Para tanto, toma-se para essa análise discursiva três edições da revista *Inked* (02,03, 06,) que circulou nos meses de outubro/novembro de 2010, dezembro /janeiro de 2010, junho/julho de 2011. A questão que permeia essa análise é: como a revista *Inked* insere a prática da tatuagem no espaço da moda e do *status* circulando assim modos de subjetivação para o sujeito que se tatua na contemporaneidade?

Vejamos as capas:



Figura 22 Revista Inked, 2011,2011,2010

Partindo dessas edições, mas não necessariamente se apegando a elas, pois a série enunciativa que se propõe analisar nesse tópico é construída na continuidade regular que se faz presente em todas as edições da *Inked*, bem como na dispersão enunciativa midiática que faz circular o sujeito inserido no campo da moda por meio da repetição do uso de roupas pretas, corpo sensualizado, esteticamente padronizado pelas normas sociais de visibilidade. Basta fazer uma busca em um arquivo de imagens na internet sobre tatuagem e moda que logo nos depararmos com inúmeras imagens que mobilizam e agenciam a prática da tatuagem dentro desse conjunto enunciativo. Entretanto, o que interessa é buscar entender como se dão as relações que fazem com que esses discursos circulem em um conjunto de textos de verdades, propondo modos de subjetivação para o sujeito que se tatua.

De modo geral, no interior de todas essas edições, a revista ressalta que esses sujeitos apresentados nas capas têm um estilo, um modo de ser e de se comportar que são individuais, são atitudes próprias que, em alguns casos, como o de Fernanda Young, por exemplo, causa, em muitos, estranheza. Assim, a fim de desconstruir a imagem inaceitável (o que provoca medo e rompimento com a ordem) e ratificar o visivelmente

aceitável a revista propõe um novo modo de ser, se vestir e se comportar. Para isso, ela nega o que está fora da “ordem” e faz circular novas maneiras de ser e aparecer socialmente aceitáveis e desejadas. Isso é feito tanto pela (re)atualização de discursos anteriores que voltam, sejam para credibilizar ou destituir determinados dizeres, bem como por meio de recursos linguísticos inscritos no interior da materialidade discursiva. (aspas, discurso direto, indireto, etc.)

Desse modo, entende-se que as edições acima inserem a prática da tatuagem no campo da moda e *status* via dois aspectos: um diz respeito a formulas prontas de “ser”, pré-estabelecidas socialmente, remetendo à existência de um poder normalizador ao qual o sujeito deve- se submeter no que tange diretamente ao corpo, à sua pele e ao envelope que o veste; outro, pelas fissuras que se constituem nesses discursos disciplinares, fazendo ventilar ares de liberdade face às práticas sociais.

Primeiramente, o lugar de busca de individuação, em que se encena o espetáculo de si, é construído pelas confissões dos sujeitos marcados na materialidade verbal pelas aspas que sujeitos singulares, também pelo discurso indireto, recurso usado, muitas vezes, pela revista quando apresenta o sujeito, mas não quer se comprometer com determinadas posições, ou ainda usa discurso direto para ratificar o olhar da revista. Vejam-se os exemplos:

Num roteiro inédito Pitty mostra suas mais de 10 e menos de 20 tatuagens, declara seu amor pela boemia e confessa: dentro de mim mora um anjo, um diabo e uma pombagira (INKED, 2010, p.38).

Aqui, a revista declara, sem problemas, que Pitty tem mais de 10 tatuagens e menos de 20, mas parece não querer se comprometer em dizer que a cantora tem dentro dela um anjo, um diabo e uma pombagira. Esse seria um lugar singular do sujeito em que a revista mostra ser um *locus* de liberdade, de constituição de si, ou seja, “a maneira segundo a qual os sujeitos se relacionam consigo mesmos, efetivando a relação com o outro” (REVEL, 2006).

Outro exemplo: “*Sempre fui muito doida! Vou fazendo as coisas... mas ... De verdade, sou só uma menina que tem ideias*”. (Fala de Leandra Leal na *Inked* de novembro de 2010). Esse enunciado aparece ao lado de uma foto de Leandra leal, vestida de roupa preta com meia- arrastão rasgada e botas de couro e adereços metálicos que lembra a moda *punk*.



Nessa imagem “a memória discursiva irrompe e é atualizado na emergência do acontecimento, rejeitando o que não deve ser posto à vista.” (PRADO, 2009)

Figura 23 Revista Inked, 2011

Aqui, o recurso linguístico - uso das aspas - remete a confissão da atriz em torno de si mesma, recurso que a revista usa para ratificar o modo como ela é apresentada no decorrer de toda a reportagem, ou seja, um sujeito resistente, doido (justificado pela própria fala do indivíduo), mas desconstruído por outro mais dócil, inscrito em uma conjuntura sócio- histórica ideológica cuja voz é constituída de um conjunto de vozes sociais positivas. (sou só uma menina que tem ideias). Ao utilizar a própria fala da atriz ao lado da imagem, que retoma um estilo da moda Punk, a revista nega o lugar de subjetivação singular e propõe a identidade do sujeito como processo construído em práticas sociais mais amplas.

Desse modo, simultaneamente, o sujeito vai sendo construído numa relação de força consigo mesmo e com o outro. Esse lugar de identidade confessada que emerge na fala da atriz é sutilmente ressignificado pelo retorno das características de um estilo da moda *punk*, que, na década de 70, perde seu caráter de libertinagem e passa a fazer parte da ordem da moda *sexy*. Desse modo, a partir do movimento discursivo em torno da moda *fashion punk* em que a atriz está inserida – em um tom de rebeldia, sofisticação e sensualidade - a revista discursiviza modos de ser em contexto de atualidade e espaço de memória que ela evoca.

Outro fato relevante na construção de sentido na figura 27 é a posição da atriz que, de antemão, já coloca os enunciados apresentados em uma posição de *status*. Ou seja, a tatuagem é apresentada por um sujeito de *status* social e sob uma positividade

discursiva de uma memória do passado, atualizando dentro de valores estéticos do presente.

Esse recurso de apagar o indesejável é recorrente ainda pela revista, especialmente nessa série, e, especificamente, na revista 06, (figura 28) quando tenta desconstruir a identidade agressiva e punk (nesse caso rebelde) da escritora Fernanda Young por uma identidade inserida em um sistema de representação socialmente aceitável, inserida em normas disciplinares para o corpo. Por exemplo:

Vai além do papel de má, encara o papel de mocinha. Ela é assim (também) punk, doce.,(INKED, 2010) “Eu queria que as pessoas tivessem medo de mim. As tatuagens, o linguajar, tudo era proteção. ”(Fernanda Young) . Entre um enunciado e outro a parecem as imagens.



Figura 24 Revista Inked, 2011

Aqui, a revista usa a fala da escritora para ratificar a posição em que o sujeito citado busca construir nas imagens e enunciados em que propõe uma nova identidade para a personagem da figura 27 que vai além do papel má, passando a encarar o papel de mocinha. Essa nova identidade é proposta pelo sincretismo verbo-visual que busca mostrar um lado sensível, doce e sensual da escritora, o qual é ratificado em sua fala quando diz que as tatuagens e o linguajar eram tudo proteção. Nesse jogo enunciativo, fica proposto uma identidade “doce”, sensível e inscrita na prática da moda *punk* pela negação, exclusão do sujeito rebelde, (esse no sentido de rompimento com a ordem social) em que há muito tempo circulou em torno da escritora Fernanda Young. Esses sentidos são construídos ainda pela oposição dos vocábulos “má” e “doce”, pois sendo

semanticamente antagônicos são representados por posições que não podem fazer parte do mesmo processo de subjetivação. Assim, representação de doce, consequentemente, silencia o lugar de um sujeito má e vive-versa .

Esse lugar de rebeldia é desconstruído também pelos enunciados na página 39, em que “Fernanda Yang está mais do que nunca acostumada a escrever histórias e, talvez, por isso não tenha medo de reinventar a própria. A escritora baixa a guarda e mostra um lado mais suave e real”. Na página 40 e 41 o destaque é: Eu queria que as pessoas tivessem medo de mim. “As tatuagens, o linguajar, tudo era *proteção*”. Aqui seu lado “punk” e “roqueiro”⁷⁵ que rompe com a ordem social é desconstruído pela emergência enunciativa em que se destaca um lugar para a constituição de um sujeito “real” em que se destaca, características como doce, sensível e anjo. Ou seja, um espaço de normatização pelos jogos de verdades legitimados nos discursos e tecnologias do bem-estar físico, social e mental. Os efeitos de sentido são construídos em torno da governamentalização do corpo e da vida. Isso visto pela não negação de determinados enunciados verbais e imagéticos que são acionados intericonicamente pelos vocábulos maus, punks, rebeldes. Nessa série enunciativa, em que se apreende a tatuagem como lugar de moda e *status*, o sujeito é direcionado a consumir uma identidade proposta pelas tecnologias para o corpo perfeito e pelas técnicas de ordem e bom comportamento social. Nessas edições da *Inked*, a começar pelas capas todas as personalidades, aparecem, em poses e olhares sedutores, vestida com peças íntimas de *grifs* famosas, ora preta, ora de outras estampas e cores que simbolicamente estão direcionadas para o discurso da sensualidade e inscritas em tendência da moda sexy.

Está-se diante, portanto, de uma prática discursiva, no qual o sujeito é ritualizado pelas regras de verdade da época: seja sexy, seja tatuado, esteja vestido dentro das tendências da moda, seja magro, “seja gostosa (o) ”, estabelecida por disciplinas de conveniência social aplicadas a instituições como a mídia e a clínica. Entretanto, não se pode perder de vista que há uma luta em torno do estatuto do indivíduo, referente às “técnicas de si”, permitindo aos sujeitos efetuarem sozinhos ou com ajuda dos outros certo número de operações sobre os seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser (FOUCAULT, 2010).

⁷⁵Os Punks e os roqueiros na década de 60 rompiam com as políticas de ordem social em busca de liberdade de expressão de si mesmo (BRETON, 2004).

Esses lugares de constituição de si são vistos na revista quando fazem questão de colocar suas próprias confissões, as singularidades marcadas com aspas. E, embora a revista não negue as singularidades identitárias do sujeito, tece modos de subjetivação pelos quais os sujeitos produzem e são produzidos, visto que se apropria de saberes pelos quais propõem cuidados com o corpo e a alma e os circulam a partir de uma ordem pré-estabelecida e disseminada socialmente como verdades, que, assim o sendo, precisam ser recebidas. Conforme Foucault (2004), o estabelecimento com a verdade, discursivamente produzido, leva o sujeito a render-se aos seus princípios aceitáveis.

Entretanto, se por um lado, têm-se as sujeições às técnicas corporais pré-estabelecidas pela sociedade como verdadeiras, por outro lado recria-se a utilização desses movimentos, adequando-os ao nosso corpo, as nossas necessidades, ao nosso modo de vida. Para Milanez (2009. p. 58) “Vivemos, portanto, um corpo que se adapta às moralidades de nosso tempo, necessidades que vêm por meio de técnicas impostas pela sociedade no quadro das resistências empenhadas pelos sujeitos.”

A revista *Inked*, nessa série em análise, circula maneira de ser e aparecer mediante lugares de *status* ocupados por Leandra Leal, Fernanda Young e Pitty, propondo a fixação de determinados comportamentos seja por meio de técnicas associadas à moda e estética corporal, seja mediante atitudes individuais, escolhas pessoais que instigam os sujeitos a serem livres, a escolherem, em pleno vôo, aquele modo de vida que melhor lhes convier.

Para tanto, ela propõe um jogo enunciativo, entrelaçando enunciados verbais e imagéticos que evidenciam novos modos de subjetivação que direcionam os sujeitos a assumirem outros posicionamentos, ela mergulha o sujeito em técnicas corporais do estar na moda, vestindo ou despindo, enuncia um exercício de poder, que “obriga” e dirige o sujeito por determinadas verdades. Surge, assim, uma nova identidade que não mais rompe com padrões esperados.

Segundo Villaça e Góes (1998), na obra “Em nome do corpo”, estar na moda na contemporaneidade é estar inserido em práticas que valorizam o corpo, visto que impulsionados pela cultura do consumo os indivíduos se sentem obrigados a moldarem seus corpos, seja mutilando, tatuando, “plastificando”, vestindo ou despindo. São corpos esteticamente lisos, sensuais, tatuados, quando vestidos apresentam-se dentro de uma regularidade das tendências da moda (griffes famosas, cores das tendências) e quando

rebelde inseridos em suas regularidades aceitáveis socialmente - no discurso da arte, do cinema, da música (a exemplo do ROCK). Tudo isso nos remete a Foucault quando salienta que o homem é uma figura do saber contemporâneo. É, antes de tudo, objeto de poderes, ciências e instituições. (FOUCAULT, 1995). Claro, sem perder de vista, as brechas pelas quais os sujeitos lutam no interior das relações de poder presentes na estrutura social.

Observem-se as estratégias usadas pela revista para inserir a tatuagem no campo da moda, do *status*.

Enunciados imagéticos e verbais:



Figura 25 revista Inked 2010/2011



Figura 26 Inked 2010



Figura 27 Inked 2011



Figura 28 Inked 2010/2011

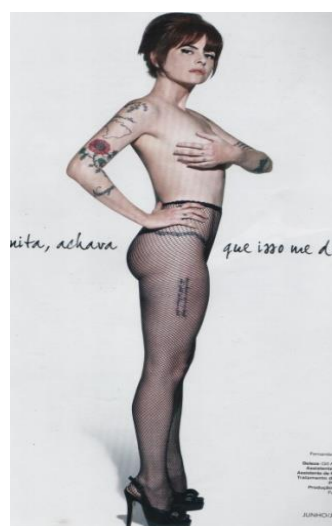


Figura 29 inked 2011



Figura 30 inked 2010

Em todas essas imagens, no primeiro momento, o que chama a atenção é: a repetibilidade da roupa preta, do corpo em posição erotizada em que parece estar a serviço das tatuagens, e o olhar sexy direcionado ao leitor. Todos esses elementos visíveis nas figuras se inscrevem em um campo de biotecnologias disciplinares para o corpo na atualidade, visto fazer parte de um conjunto maior de visibilidade presente nas práticas sociais e reproduzidas nos meios de comunicação. No batimento com esses elementos visuais, os enunciados verbais ratificam os sentidos propostos imagetivamente. *“Fernanda Yang vai além do papel de má encara o papel de mocinha. Ela é assim (também) punk, doce.”* (INKED, 2012, p.39). Logo após o enunciado, nas páginas seguintes, há uma sessão de fotos em que Young aparece, vestida com peças íntimas, no geral pretas, meia-arrastão, sandálias de salto, com cabelo preso, maquiada, usando batom vermelho, posicionada de forma a valorizar as curvas do corpo, as tatuagens como na foto abaixo. Essa imagem é atravessada pelo enunciado

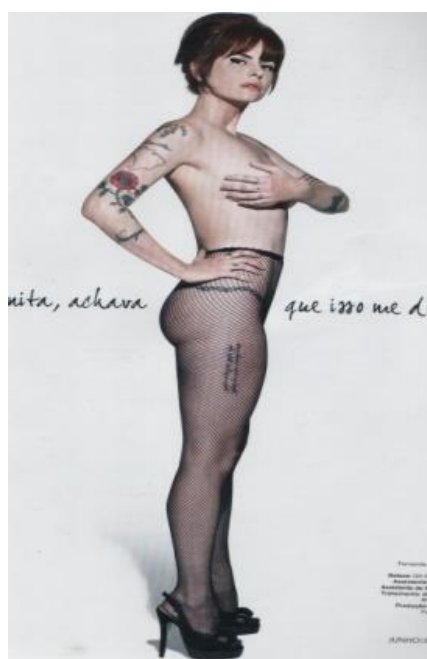


Figura 31 Inked 2011

“Eu não gostava de me mostrar bonita, achava que isso me diminuía”. “As tatuagens, o linguajar era tudo proteção”.

Nesses enunciados (verbais e imagéticos), a revista propõe novos modos de comportamentos a partir de “elementospunk”. O preto, por exemplo, é (re) atualizado a partir de uma memória discursiva positiva que girava no campo da moda na década de

70, e uma rede de outros enunciados recorrentes nas práticas discursivas contemporâneas para o comportamento físico e moral, como o esteticamente bonito, doce, sensível e sensual que são, hoje, marcas recorrentes no campo da moda e, conseqüentemente, na construção da identidade, principalmente da identidade feminina

A cor preta, fato regular na série enunciativa é repetível, também, nas roupas usadas pelas personagens no interior das reportagens, dando a sensação de que o preto é sinônimo de poder, sensualidade, altivez. Instaura-se, nessas imagens, a criação de um modelo para o corpo tatuado na moda na medida em que se considera que esses enunciados imagéticos se inscrevem, a partir de uma memória discursiva, pela qual o corpo passa ao longo de irrupções históricas no interior do discurso da moda.

Dessa maneira, acredita-se que a escolha pela cor preta se dá, porque sendo ela símbolo de irreverência e liberdade cultuada pelos *punks rock* na década de 1970, entra na prática da moda e ganha novas significações, rompe com padrões anteriores da alta-costura e cria outros modos de aparecer (representando liberdade de expressão política e sexual), provocando em muitos “o desejo de ser e ser desejado”.

Segundo Smith (2004, p.21), o preto dotado de simbolismo, é considerado “[...] um chique uniforme que transcende o modismo” e a mulher que o veste traduz sofisticação e sensualidade. O que torna essa cor atraente (em especial em roupas femininas) é a ambiguidade que ele proporciona: “ora sedutor ou sóbrio, ora ousado ou modesto, chique ou jovial, [...]”. Para Fischer – Mirkin (2001, p. 37) o preto é a cor símbolo de sedução e poder sedutor. É a cor do pecado, do sobrenatural e do ascetismo.

Segundo Fischer (2001), em quase todos os tempos históricos, nota-se afeição pelo preto. Como moda, essa cor surgiu a partir do século XIV quando as roupas evoluíram para além de simples túnicas. As maiores mudanças da moda iniciaram no século XVI, o preto era mais a cor da distinção social da nobreza. No final do século, a roupa preta ganhou a ostentação do branco em golas e punhos. Segundo Lurie (1997), o acréscimo do branco por baixo do traje preto sugeria pureza e nobreza. No século seguinte, o negro foi associado às impurezas, ao pecado, à transgressão e a morte. No século XIX, o preto tornou a representar o luto.

Segundo Harvey (2001), o preto do luto surgiu com os gregos e romanos, que usavam togas nos funerais enquanto os defuntos eram envoltos em branco. Durante a

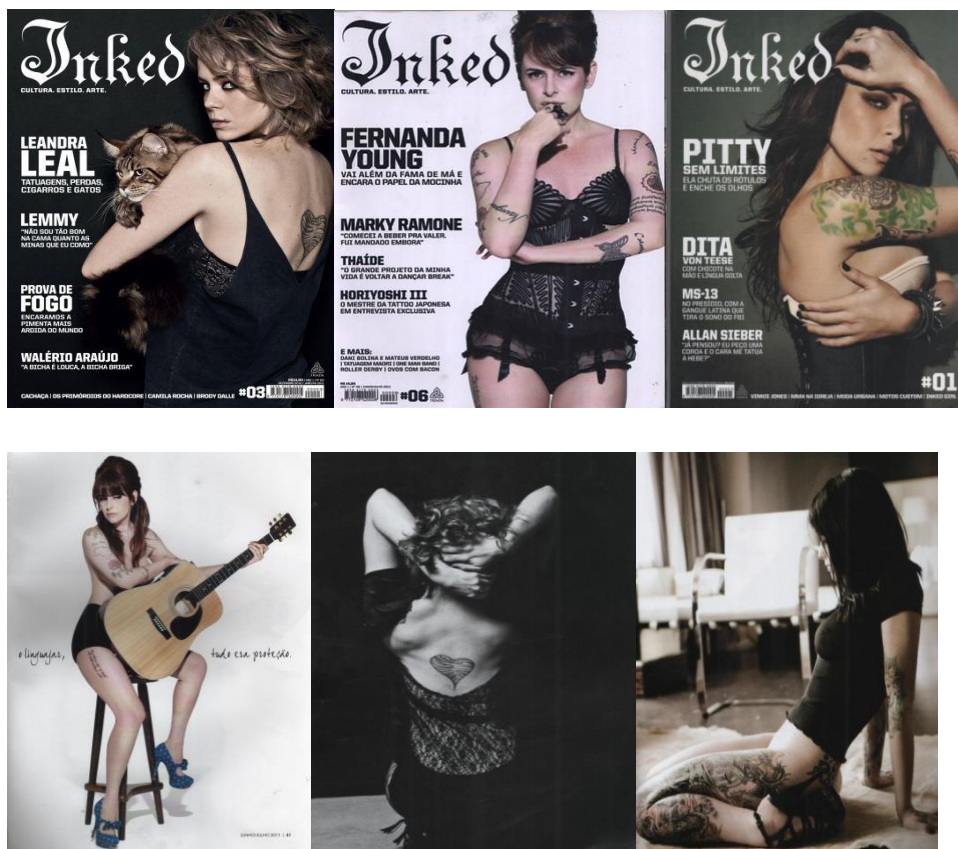
maior parte deste século, as mulheres utilizavam o preto apenas como sinal de luto já que suas roupas eram coloridas e seguiam a moda. Como já eram maduras e não mais virgens essas mulheres eram vistas como frutos proibidos, e formou-se então o conceito de sedução do preto. Algumas mulheres ousadas começaram a vestir preto mesmo não estando de luto, vislumbrando um estilo sedutor.

Nos anos de 1970, o preto reina com o *punk rock* e a moda desse movimento se concentrava na loja *Sex de Vivienne Westwood*, em Londres, onde se vendiam roupas fetiche de borracha, coladas ao corpo, uma versão repaginada do “pretinho”. Estilistas como Azzeide Alaïa e Claude Montana foram importantes na moda desse preto perigoso e sensual. Na ficção, o preto dramático vestia as Damas de Negro dos romances góticos, lindas e ameaçadoras.

De acordo com Turatti (1997, p.06), a cor é uma característica da moda e está ligada, portanto, aos estilos de vida das sociedades. Ela salienta ainda: “a cor está associada às experiências subjetivas, e, assim revelam muito mais que afinidade, mesmo que existam diversas associações universais a respeito de determinadas cores. ” A cor pode tanto levar o sujeito a voltar-se para si como também o expõe como objeto que recai sobre si elementos que lhes são exteriores na produção da subjetividade.

A partir dessas considerações, pode-se dizer que a revista não usa essa cor aleatoriamente, mas a toma para guiar a prática da tatuagem por uma ordem estabelecida no discurso da moda. As significações em relação à cor preta são requisitadas na construção de um sujeito inserido em práticas da moda.

Nessa relação simétrica entre enunciados verbais e não verbais outro fato nos chama a atenção: são as posições dos corpos nas capas e nas imagens no interior das edições. Vejam que todas as fotos procuram colocar os corpos em uma posição que evidencie as tatuagens. Colocando-as sob novas formas de subjetivação.



Nas fotos, as tatuagens aparecem no corpo como sendo essenciais na produção do efeito da sensualidade e para efeito de beleza. A regularidade, com que as imagens se repetem como símbolo de sensualidade, propõe que ter tatuagens, hoje, é de alguma forma estar inserido no mundo da moda, pois, conforme Pires (2005), na atualidade, estar na moda é muito mais que vestir o corpo com peças de uma tendência em voga, ela insere o sujeito ao consenso de um grupo social a que ele pertence ou quer pertencer.

A revista, ao destacar a prática da tatuagem a partir do corpo de pessoas famosas, vestidas com peças íntimas de grife, ou colocando à vista seu corpo perfeito, esteticamente desejável de imediato inscreve essa prática dentro de um *status* social. Acredita-se, assim, que a revista ao negar um discurso transgressor e usar a credibilidade dos discursos da sexualidade, da moda, da beleza, da estética quer submeter os sujeitos tatuados a determinados modos de subjetivação.

Cabe, portanto, ressaltar que *moda e status* aqui estão intrinsecamente ligados, pelo fato de que, na contemporaneidade “estar na moda coloca o indivíduo em uma

posição de *status*” (PIRES 2005). A moda segundo, Ronaldo Fraga⁷⁶, é muito mais que roupa, é um “lugar ao sol”, e continua: “a moda é, e vai continuar sendo o meio de comunicação mais envolvente e mais eficiente de nosso tempo”, em outras palavras, a moda insere o sujeito em práticas verdadeiras, aquelas socialmente reconhecidas e privilegiadas. Dessa forma, estabelecer um lugar para a tatuagem como moda é, conseqüentemente, produzir um lugar para o sujeito que se tatua no jogo de relações de força existentes na sociedade.

A moda, além de suprir a necessidade contemporânea das efemeridades discursivas direcionadas ao corpo, permite ao indivíduo solucionar duas grandes necessidades que atormentam a alma humana:

A primeira diz respeito à necessidade de que o sujeito tem de se diferenciar dos demais e ser reconhecido por alguma característica particular, pessoal, intransferível. A segunda se refere ao desejo de se sentir inserido em um grupo social, em contexto de semelhanças. (PIRES, 2005, p.51).

Nesse espaço, o sujeito da moda produz e é produzido por elementos exteriores que o levam a voltar-se sobre si e também para elementos exteriores na produção da sua subjetividade.

A tatuagem é uma prática da moda na medida em que ganha o estatuto de uma técnica de si. Esta, segundo Foucault (1993, p.06), permite ao indivíduo efetuar, por conta própria ou com ajuda dos outros, certo número de operações sobre seu corpo sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo, assim, uma transformação de si mesmo com o fim de alcançar certo estado de felicidade, sabedoria e poder.

4.4 O corpo tatuado como símbolo de sensualidade

O trabalho analítico que ora se conduz e se movimenta por entre uma extensa malha discursiva que nos permite pensar, por meio do trajeto temático, a ser discutido neste tópico, como o sujeito tatuado é produzido enquanto sujeito de uma sensualidade.

⁷⁶Estilista brasileiro, conselheiro do setor da moda junto ao Ministério da Cultura, faz a direção criativa dos mais variados projetos. “Pensador inquieto, Ronaldo avalia que as roupas só são mais um suporte para sua arte. Entre um desfile e outro, ele organiza exposições, escreve e ilustra livros, faz pesquisas em comunidades, dá aulas e palestras.” (INKED, 2012, p. 74)

Pensar o sujeito tatuado por esse viés temático nos fez ver como a mídia coloca em constante repetição as temáticas da sexualidade: a estimulação dos corpos esteticamente perfeitos, a intensificação dos prazeres, o reforço dos controles e das resistências. Essa temática nos inquieta a pensar como a mídia lança um discurso verdadeiro que incessantemente enuncia um corpo tatuado desejante.

São visíveis as técnicas e práticas direcionadas ao corpo sensualizado, que só vêm comprovar o que Foucault já anunciava em 1984, quando propunha os sujeitos a partir da história da sexualidade. Naquele momento, ele anunciava que vivemos numa sociedade que, ao contrário de camuflar ou mascarar os discursos sobre a sexualidade, precisa falar deles, divulgá-los, espalhá-los e incitá-los:

a sexualidade é uma criação cultural que entende o triângulo corpo-sexo-prazer como um conjunto de enunciados que administram domínios de conhecimento que fazem com que nos reconheçamos como sujeitos do desejo. (FOUCAULT, 2012, p. 338)

Fischer (2012, p.61), ao tratar do sujeito na trajetória foucaultiana, salienta que a partir do século XIX, os dois polos do biopoder – numa figura só, o controle do corpo dos indivíduos e do grande “corpo da população desembocam numa espetacular preocupação com o sexo: o discurso da sexualidade passa a ser sobre a vitalidade do corpo e sobre a maximização da vida”. Condenando a hipótese repressiva do poder, Foucault analisa o saber sobre o sexo que se aplica a toda camada da população, independente de ricos e pobres. “O biopoder atinge o cotidiano do indivíduo e o convida a confessar-se, a liberar-se, a desamarrar-se da opressão”. Por esse caminho, Foucault se dedica a fazer uma história da sexualidade, cujo primeiro passo é justamente descrever o funcionamento do poder. (FISCHER, 2012, p. 62).

Por essa via, conduzir-se-á nossa análise pelos deslocamentos contemporâneos em que a sexualidade entra em cena no discurso midiático, mas especificamente na revista *Inked*, a fim de fazer ver os jogos de verdade em que o sujeito tatuado se reconhece e se constitui pela sexualidade, que é, então, esmiuçada, detalhada para a afirmação de sua existência. Dize-se isso porque se considera, conforme Foucault (1988), que a sexualidade é uma forma de poder que vai aparecendo não só como verdade do indivíduo e de seus prazeres, mas principalmente, como um lugar de excelência do patológico e do oculto que se urge decifrar.

Tem-se, assim, no sexo, na história da sexualidade, nas técnicas de confissão um longo processo de constituição do sujeito, como sugere Foucault (1988 p.79-80):

foi nesse jogo que se constituiu, lentamente, desde há vários séculos, um saber do sujeito, saber não tanto sobre sua forma, porém daquilo que o cinde; daquilo que o determina, talvez e sobretudo o faz escapar a si mesmo. Talvez isso pareça inopinado, mas não é estranho quando se pensa na longa história da confissão cristã e judiciária, nos deslocamentos e transformações desta forma de saber-poder, tão básica no Ocidente, que é a confissão: através do círculo cada vez mais fechados, o projeto de uma ciência do sujeito começou a gravitar em torno da questão do sexo. A causalidade no sujeito, o inconsciente do sujeito, a verdade do sujeito no outro que sabe, o saber, nele, daquilo que ele próprio ignora, tudo isso foi possível desenrolar-se no discurso do sexo. Contudo, não devido a alguma propriedade natural inerente ao sexo, mas em função das táticas de poder que são imanentes a tal discurso.

Nessa relação de verdade do sujeito sexual pela confissão, entende-se que ela de algum modo nos garante uma identidade de valor, atribuído por outrem. Isso porque o outro nos constrói pelos vínculos que criamos com os valores sociais e culturais de uma época. Assim, pensando como Foucault, busca-se tocar a questão do governo de si e dos outros, procurando ver como somos levados a se reconhecer como sujeito, no duplo processo de produção: uma representação que circula nos meios de comunicação e uma singularidade que nos direciona a escolhas e desejos pessoais.

De acordo com Woodward (2003, p.17), a representação inclui um conjunto de discursos e símbolos que circularão socialmente em direção à significação dos sujeitos. Ela destaca: “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem- se posicionar e a partir dos quais podem falar”.

Nesse movimento, busca-se um conjunto de técnicas que têm por fim ligar os jogos de verdade que evidenciam um modo de comportamento do sujeito tatuado a partir do discurso da sensualidade. Não se trata de ligar a verdade ao sujeito, nem de descobrir uma verdade no sujeito, mas de pensar como em um jogo de relações de saber-poder que a revista vai constituindo um modo pelo qual o indivíduo tatuado pode- se subjetivar enquanto sujeito de uma sensualidade. Segundo Foucault (1997, p.159),

estamos ainda muito longe daquilo que seria uma hermenêutica do sujeito. Trata-se, ao contrário, de armar o sujeito de uma verdade que ele não conhece e que não reside nele; trata-se de fazer dessa verdade – apanhada, memorizada, progressivamente colocada em aplicação – um quase-sujeito, que reina soberanamente em nós.

Não longe disso, busca-se, no discurso da sensualidade, certa regularidade do sujeito tatuado, em meio a marcas que constroem as imagens e regulam nosso imaginário nesse campo enunciativo. Para tanto, observem-se as capas, cujas análises delas partirão, para subsequente encontrar em seu interior o corpo tatuado, território de movências e modificações pelo qual se materializa o sujeito. Segundo Marzano (2005, p.9), a tatuagem é “peça de uma identidade pessoal que se escolhe, transforma-se, constrói-se”



Figura 32. Revista Inked nº 05, 09,11

Esses periódicos que circularam em abril/ maio de 2011, dezembro 2011/janeiro 2012 e abril/ maio de 2012, destacam em suas capas três mulheres famosas, (atriz, modelo e tatuadora), lindas, sensuais, realçando, principalmente, o corpo nu ou seminu tatuado. Nesse processo, a questão que permeia a análise dessa série enunciativa é: como se dá a produção do sujeito tatuado sensual proposto pela revista Inked? Será, portanto, preciso olhar de perto o corpo e o sujeito que aparece, a data que ele marca, enfim, estabelecer os limites que fazem com que ele apareça ali naquele momento, naquele lugar.

Nessa produção de sentidos, entram em jogo experiências dos sujeitos que nascem do seu próprio corpo, juntamente com experiências históricas determinadas, que contam aquilo que somos ou aquilo que queremos ser ou ainda aquilo que não queremos ser, pois

a constituição da subjetividade não é somente uma experiência individual, mas é plena somente na medida em que escapa, que outros podem cruzá-la e atravessá-la (RAVEL, 2005, p.49).

Busca-se, então, inicialmente, ao agrupar essas capas, uma série de enunciados que pertencem ao mesmo campo e certamente, estão obedecendo a regras de funcionamento comum, isto é, segundo Revel (2005, p. 37), criando, “uma função normativa e reguladora [que] coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias, de práticas”, pois em todas as capas é perceptível uma regularidade em torno da sensualidade a serviço da tatuagem, bem como a tatuagem a serviço da sensualidade.

Vejam-se nas capas esses jogos enunciativos. A primeira capa em análise (nº 05, MEL LISBOA,) foi às bancas em abril de 2011 e insere a tatuagem no campo da sensualidade ao retomar um conjunto de procedimentos e símbolos específicos. Relação vista no jogo enunciativo indissociável entre imagens e enunciados verbais.



Figura 33

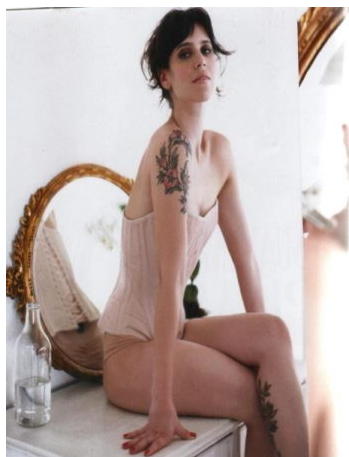


Figura 35



Figura 34

“Mel Lisboa mais
tatts e menos
inocência”

“SUAVEMENTE
PICANTE”

“Pele marcada”
(Inked, 2011, p.39)

Na estrutura enunciativa, a começar pela capa, em que aparece a modelo e atriz Mel Lisboa, o efeito sensual se dá por um conjunto de elementos regularizadores em torno da sensualidade e correlações, entre múltiplos domínios de saber. A correlação se refere ao domínio de memória que prescrevem regulações disciplinares e históricas em torno da sensualidade; é o olhar sinuoso, provocativo, o corpo esbelto seminu, demarcando posturas como nas figuras (3, 4 e 5) ou meio curvado para frente, de costa, incitando o desejo do sexo no outro, são as roupas íntimas pequenas e provocativas (estola de boá branca, cobrindo apenas os seios e uma calcinha branca com detalhes pretos).

No interior da reportagem, a memória em torno do discurso da sexualidade é ainda mais acentuada pela exposição das fotos em poses sensuais e pelos enunciados verbais que se inscrevem nesse campo semântico, por exemplo, suavemente picante. Esses elementos fazem parte de um conjunto de bens culturais e consumíveis para a prática da sensualidade. Essa rede corpóreo-discursiva se concretiza ainda na materialidade imagética pela relação desses elementos já constituídos socialmente e pelo elemento novo na rede de significações desse campo enunciativo, ou seja, a tatuagem. Verifica-se que, em todas as imagens, as posições corporais estão sempre direcionadas de forma a enfatizar esse novo elemento. Nas imagens 1, 2 e 5, o ombro esquerdo elevado a frente enfatiza a tatuagem; já nas figuras 4 e 6, a perna é posicionada propositadamente de forma que mostre as *tattoos*.

Este conjunto de dizeres verbais e imagéticos visa à eleição de uma historicidade que nos leva a perguntar que tipo de sujeito pode-se ler aí. A *Inked* propõe inserir um

elemento novo como símbolo de sensualidade a partir de um conjunto já prescrito socialmente.

Ainda nessa edição, a revista enuncia sensualidade pensando a partir da própria escolha do sujeito a representar, pois a presença da atriz Mel Lisboa em ensaio fotográfico sensual, retoma uma memória discursiva em torno da personagem Anita da minissérie da Rede Globo *A presença de Anita*. Nessa produção, a atriz fez o papel de uma “menina”, aparentemente ingênua, mas provocante e bastante sedutora. A estratégia de retomar Mel Lisboa faz emergir intericonicamente imagens anteriores que vêm ratificar o lugar da sensualidade, do desejo, e, que agora, agrega a prática da tatuagem como um novo símbolo desse conjunto de transformação da ingenuidade para a vida sexual. Isso se confirma, também, pelo superlativo de superioridade construído no enunciado “enquanto *mais tattos menos inocência*”, como também pelo superlativo absoluto sintético construído em “*suavemente*”, no enunciado “*suavemente picante*”, em que o superlativo produz efeito de positividade no picante, dando a entender que as tatuagens estabelecem para o sujeito a saída da ingenuidade para entrar no jogo de sedução.

Ainda em relação às imagens, vê-se que a tatuagem é tomada como uma marca que incita o desejo, especificamente nas imagens 3 e 4 em que a atriz se esquivava, deixando à mostra o desenho marcado na perna, parecendo oferecer seu corpo ao desejo do outro. Dispor a *tattoo* nesse conjunto visual de marcas sensuais nos remete a ecos de nossa cultura, resgatando imagens atreladas a um campo discursivo do desejo. “São imagens de lembranças, as imagens de memória, as imagens de impressão visual armazenadas pelo indivíduo” (COURTINE, apud MILANEZ, 2006, p.68), que são rearticuladas como estratégias para regular o sujeito tatuado a uma nova ordem discursiva.

Os sentidos produzidos pelas imagens são ratificados pelos enunciados verbais e por uma rede discursiva que se materializam nesse sincretismo verbo-visual para dar sustentabilidade à produção de sentidos propostos pela revista, visto que “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc, não existe em si mesmo, mas é determinada pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo social- histórico em que as palavras são produzidas.” (PECHÊUX, 1975, p.85).

Veja-se, por exemplo, o enunciado “suavemente picante”, esse enunciado só significa no campo da sensualidade na medida em que está relacionado a um conjunto de imagens proposta pela revista (imagens sensuais) e a um conjunto simbólico que foi retomado na produção de sentidos desse campo discursivo. O termo suavemente e picante só entra no campo da sensualidade à medida que se interrelaciona com o branco do lingerie de renda, (que aparece em várias fotos) com a estola de boá branca (lugar da suavidade) e as posições sensuais que produz o valor semântico denotativo e enfático de picante.

Analisando as fotos, parece obvio que elas sugerem a tatuagem como símbolo de uma sensualidade, no entanto, essa relação só é construída a partir dos sentidos já pré-estabelecidos no discurso da sensualidade e na prática da tatuagem que são retomados pelas imagens e enunciados verbais. Têm-se, por exemplo, posições corporais e roupas inscritas especificamente no discurso da sedução como, por exemplo, o espartilho branco que carrega a suavidade na cor branca e o picante na própria peça. Esses sentidos inscritos na exterioridade propõem a tatuagem no campo da sensualidade.

Desse modo, estrategicamente os enunciados verbais - “*Mel Lisboa mais **tattoos** e menos inocência*”, “*suavemente picante, “pele marcada”* -, juntam-se às imagens, fazendo emergir uma série de dizeres que coloca em evidencia símbolos e valores pelos quais são discursivizados dizeres próprios ao discurso da sensualidade. As tatuagens, ao juntarem-se a essas regras já pré-estabelecidas, produzem novos efeitos de sentidos, e, conseqüentemente, novas relações para o sujeito que se tatua. Nessas condições de produção, as *tattoos* começam a produzir certo conhecimento em relação ao discurso da sensualidade, pois assim como a roupa e a maneira de posicionar o corpo, a tatuagem passa a ser uma marca que constitui esse corpo sensual, desejado e atraente.

Ratificando as proposições sugeridas nas imagens, o enunciado, “*mais **tattoo** menos inocência*”, exposto na capa, explicita esse lugar da tatuagem, propondo a partir da confluência entre a materialidade verbal e imagética um novo saber em torno do discurso da sensualidade. Agora não é apenas o sujeito sensual, mais o sujeito sensual tatuado e que quanto mais escrito (tatuado) for seu corpo, menos ingenuidade, menos pureza, menos candura, e, mais malícia, mais astúcia, mais luxúria, **mais sensualidade**.

Essas formas de olhar o sujeito tatuado, proposto pela revista de nº 05, repetem-se nas capas de nº 09 e nº11, além de ser uma prática incessantemente repetida em diferentes meios de comunicação, pois basta fazer uma busca na internet para que se depare com discursos sobre tatuagem a serviço da sexualidade, isto é, em meio suas lacunas, ordens e desordens superposições, trocas substituições, há uma unidade discursiva e repetida que apresenta a prática da tatuagem a serviço de uma sensualidade. São corpos tatuados, nus, ou seminus que usam a tatuagem como marca para incitar o desejo no outro.

Vejamos os exemplos abaixo:



Figura 38



Figura 37



Figura 36



Figura 39



Figura 40

Mantendo ainda o olhar voltado para o discurso da tatuagem a serviço da sensualidade, a revista *Inked* publica em dezembro de 2011 a edição 09, exibindo na capa a modelo Luize Altenhofen e suas tatuagens. No interior da revista, é apresentado o ensaio fotográfico e uma breve biografia da modelo e jornalista.



Figura 435

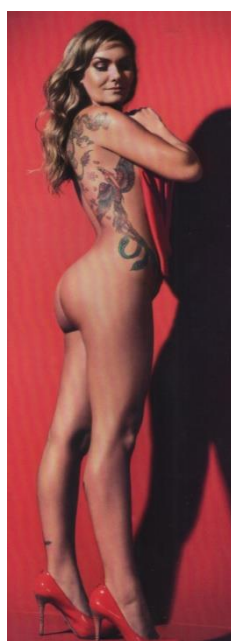


Figura 42



Figura 41

As imagens que se configuram na capa e no interior da revista obedecem a uma ordem discursiva da sensualidade. É o corpo feminino esbelto, tatuado e de curvas bem delineadas exposto para o leitor por meio de uma regularidade recorrente que trabalha o corpo sensual. Essas marcas de sensualidade apresentam-se no posicionamento do corpo seminú e tatuado, no olhar sedutor, nas roupas sensuais, na emergência enunciativa dos vocábulos e na escolha da cor vermelha tanto das roupas como das páginas da revista em que se enuncia o ensaio fotográfico.

O vermelho ratifica o lugar de sensualidade, presente tanto nas roupas usadas pela modelo e jornalista como na cor de fundo das nove (09) páginas em que se apresentam o ensaio fotográfico, pois a cor, nesse contexto de produção remete a um conjunto de índices exteriores a campo da sedução, visto significar, na perspectiva da sexualidade, paixão, desejo, erotismo. Sentidos que são ratificados ainda pela revista ao apresentar a modelo como: ROUGE Luíze Altenhofen, ou seja, quente, intensa, provocante. E continua,

ela carrega um desejo incontável por adrelalina (...), e nunca tatuaria fadinha, estrelinha ou coração, Luíze é intensa quente, *rouge comme l'enfer*(**vermelha como o inferno**. grifo meu), se ela fosse uma cor, Luíze seria vermelha. Seja por suas curvas. Seja por sua imagem solar seja pelo calor que ela desperta (INKED, Nº09, p.39).

O jogo enunciativo entre as imagens, a cor e os enunciados, como os que seguem: “*tattos e curvas de respeito*”, reafirmam a tatuagem numa semiologia anátomo-corporal contemporânea de biopolíticas para o corpo sensual, ou seja, as curvas de respeito, o corpo magro, escultural, sensual, tatuado e malhado se inscreve na ordem das novas bioasceses para o corpo erotizado. Segundo Ortega (2008) as práticas do bem-estar físico ocupam cada vez mais um lugar central na vida cotidiana das pessoas, já que as necessidades de dietas, malhações intermináveis colocaram novas coações ao prazer pós-moderno.

Nesse batimento enunciativo entre imagem e enunciado designa-se um modo pelo qual a tatuagem começa a se decifrar como símbolo de sensualidade a partir de sua relação com mecanismos específicos do discurso erótico que instaura técnicas em domínios de saber, produzindo um discurso de verdade. As técnicas de posicionamento corporal sensual com ênfase para as tatuagens, todo um jogo de sedução do olhar, a escolha das roupas e exposição da nudez introduz um fragmento na arte erótica que leva a uma discursividade estética de normalização do corpo tatuado sensualizado, pedagogizando um tipo de comportamento à medida que dá dicas de como ser tornar o corpo sedutor e desejante.

Nessas relações se produz um modo pelo qual, nós, sujeitos, submetemo-nos a certo princípio de verdade dada por um conhecimento que nos coagem a agir a partir de padrões, ditando um conjunto de técnicas corporais tomadas como estratégias e unidade na construção do corpo sedutor tatuado. Essa emergência discursiva erótica, que atravessa a prática da tatuagem, permite redefinir um campo de dizer, apontando para um lugar de visibilidade para a prática da tatuagem.

O campo de visibilidade implica, conforme Deleuze (2004, p.56), um regime sobre o visível e o enunciável, ou seja, “há a delimitação de um campo de visibilidade a ser investigado que faz enunciar posições na maneira de ver e fazer ver, construindo um arcabouço para a invenção de um regime de enunciados”.

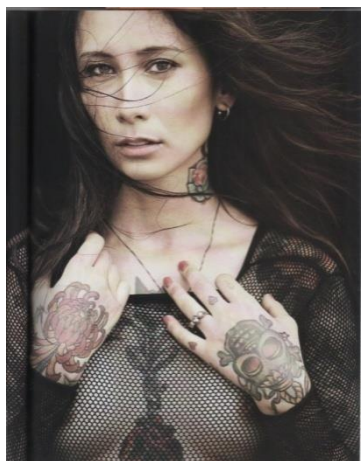
Repetindo esses índices corporais em torno da sensualidade a revista *Inked* publica em maio de 2012 a edição 11, exibindo na capa a modelo e tatuadora Akemi.



Pra que tanta roupa quando se tem tanta tinta?

Nessa edição, a revista insere a tatuagem no campo da sensualidade e da intimidade a partir do batimento enunciativo verbo - visual em que despe a tatuadora Akemi, e leva a tatuagem pelos caminhos da arte erótica. O enunciado “*pra que roupa quando se tem tanta tinta?*”, reforça a sedução que as imagens parecem provocar.

Nas cenas das imagens a seguir, tem-se gradativamente um jogo de sedução na ação de tirar a roupa e mostrar as *tattoos*. À medida que as roupas saem, as tatuagens e a sensualidade entram.



De carne, osso e tinta.

Despida de roupas e coberta por tatuagens, Akemi deixa de lado os dois papéis que protagonizam sua vida – o de mãe e tatuadora – pra empolgar marmanjos diante das lentes.



Essas imagens convocam os sujeitos tatuados a se mostrarem, apresentarem-se como sujeito de uma sensualidade. Juntamente com esses sentidos que emergem na capa da revista, surge também o reflexo de uma posição-sujeito que se evidencia na materialidade verbal: “Despida de roupas e coberta por tatuagens, Akemi deixa de lado os dois papéis que protagonizam sua vida – o de mãe e tatuadora - pra empolgar marmanjos diante das lentes”.

Ao enunciar que Akemi deixa os papéis de mãe e tatuadora, a revista propõe por meio do ensaio fotográfico o lugar do sujeito tatuado sensual, reforçado pelos enunciados verbais “*de carne, osso e tinta*”, ou seja, sinaliza que há um indivíduo real, tocável desejado e desejante. Nesse jogo verbo-visual, o sujeito em questão é chamado a fazer de si um objeto do conhecimento, um lugar de subjetivação em que a sensualidade entra em cena e produz modos pelos quais se pode ou não se reconhecer.

A revista sinaliza um novo olhar para a prática da tatuagem em direção ao desejo e ao sexo, que, simultaneamente, vão construindo jogos de verdades, para o sujeito que se tatua. A tatuagem entra na ordem da sensualidade.

Esse conjunto de imagens que direcionam o corpo e a prática da tatuagem para o discurso da sexualidade é recorrente porque se vive em uma época em que o corpo se adapta às moralidades de nosso tempo, necessidades que vêm por meio de técnicas impostas pela sociedade no quadro das resistências empenhadas pelos sujeitos. (FOUCAULT, 2004). Nesse quadro os enunciados, repassados midiaticamente, articulam sistema de regras que coagem nosso modo de vida.

Entretanto, entendendo que, de acordo com Foucault, (1979), a objetivação do sujeito não se dá de forma pacífica e coercitiva, mas nas batalhas e desafios que são travados no interior dos discursos, vêm-se, nas reportagens dessa série, posicionamentos singulares; a saber: a própria escolha das tatuagens que marcam momentos de sua vida, pois embora as tatuagens sejam resignificadas pela função enunciativa daquele momento, elas constroem um lugar para si mesmo criado pelo sujeito que se tatua e que antecede todas as imposições da revista. Para Fernandes (2008, p.80), a produção da subjetividade, no interior dos discursos, possibilita ao sujeito assumir posicionamentos, efeito de partido posicionamento a um grupo, colocando o sujeito em ação, fazendo-o mover-se e deslocar-se.

Nesse jogo verbal e imagético, cruzam-se sentidos em que as identidades propostas não podem se acomodar, travando lutas no interior dos discursos, pois se sabe que as tatuagens escolhidas e marcadas na pele das modelos foram uma escolha pessoal que representa, de certa forma, sentidos e motivos diferentes dos adotados pela revista, motivos que apenas as pertencem. Essas marcas de singularidade, ratificadas nas suas vozes, constroem certo modo de ser, um exercício de si sobre si mesmo, isso coloca em evidência a incompletude do sujeito, sempre em construção de si. A atriz Mel Lisboa, por exemplo, diz:

“[...]... Foi uma escolha minha... Escolhi ter tatuagem, tenho que arcar com isso. Minhas últimas *tattoos* são bem diferentes das primeiras. Sem dúvida, um sinal de que meus gostos mudaram. Com o tempo você entende melhor os diferentes estilos de tatuagem, descobre o que você curte. Essa tatuagem da panturrilha eu fiz pro Bernardo” (INKED, 2001, p.44).

A modelo e jornalista Luize Altenhofen confessa:

Nunca tatuaria fadinha, estrelinha ou coração. Sem medo de me arrepender depois apostei em desenhos grandes, fortes e impetuosos. São escolhas que têm a ver com minha personalidade. Também tatuei o nome de minha mãe filha, Greta. (INKED, nº 09, p.41)

As escolhas individuais são exemplos da relação *ser-si*, em que o ser humano é impelido a se reconhecer enquanto um sujeito, que se difere do outro na maneira de se expressar, na maneira de enxergar o seu corpo, na maneira de usá-lo, no modo de andar,

de gesticular, etc., a ponto de sentir a necessidade de modificar seu corpo, transformá-lo e tê-lo reconhecido socialmente como marca de sua singularidade.

É exercendo todo um cuidado consigo mesmo, é nessa preocupação com o próprio bem-estar, que o indivíduo é levado a se reconhecer enquanto sujeito de sua própria existência. Para Foucault (20012), o exercício do si sobre si mesmo é o modo pelo qual se procura elaborar, transforma-ser e atingir certo modo de ser.

Assim, se por um lado, a revista tenta repassar determinados valores relacionando sexualidade e *tattoo*, por outro lado, vale ressaltar que quando a revista escolhe a atriz e evidencia suas tatuagens, estas já estão lá prontas, sendo apenas inseridas as condições de produção daquele momento específico, ou seja, são estabelecidos os novos sentidos relacionados a um conjunto de técnicas criadas pelo discurso da sensualidade e repassadas pela revista, a fim de reproduzir um discurso sedutor e sensual.

Entretanto, os locais das tatuagens são marcas individuais, escolhas de si para si, que não foram impostas ou criadas pela revista, mas uma decisão da própria modelo que marca valores estéticos, simbólicos ou ideológicos de sua individualidade.

É nessa trama entre o que é determinado por um conjunto de discursos, regras e condutas, que fazem parte do verdadeiro da época e o que é construído pela singularidade do desejo de ser, que chegamos ao que se entende, contemporaneamente, por sujeito, tendo em vista que, para Foucault (1995), ele é reconhecido em um duplo processo: o indivíduo é transformado em sujeito pelas práticas de subjetivação, pré-construído por um saber poder que o determina. Por outro lado, esse processo se dá na relação consigo mesmo, por meio de técnicas de si, que lhe permite constituir-se sujeito da própria existência.

Segundo Foucault (2004, p.15-20), há um conjunto de práticas voltadas para si que fazem parte do processo de constituição do sujeito. São:

ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos [...], práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante não somente na história das representações, mas na própria história da subjetividade, ou, se quisermos, na história das práticas de subjetividade.

O que somos não é objetivado aleatoriamente, mas apresentado por um conjunto de práticas construídas ao longo do tempo. Portanto, as escolhas que fazemos, o que comemos, o que lemos, o que escrevemos, vestimos e marcamos na pele fazem parte de um conjunto de atenção para o *cuidado de si* e de quem somos.

A tatuagem é, portanto, um espaço de controle e lugar de possibilidade de criação de novos sentidos, uma prática que pode constituir um lugar para a subjetividade do sujeito, permitindo moldar, (re)modelar, possibilitando ainda, deslocamentos e relações de poder. São símbolos, leis, rituais, histórias, inscrevendo o sujeito a um determinado lugar, tempo e posição.

A revista *Inked* apresenta a tatuagem como prática de novas experiências para manutenção do discurso da sensualidade mediante experiências pessoais, mediado por novos sentidos de pertencimentos para a construção do saber sobre si. Assim, oferece a tatuagem como símbolo de uma sensualidade, disponibilizando ao sujeito sobre como ele deve ocupar uma posição de sujeito específica (WOODWARD, 2003).

A revista *Inked*, por meio da materialidade verbal e não verbal, disponibiliza um conjunto de enunciados que propõe a construção de sujeitos mediante técnicas de *si* para consigo, como também sujeitos objetivados por técnicas impostas por um conjunto de verdades que circulam em torno dessa prática, isto é, uma forma de controle sobre o uso do corpo, evocando sinais de uma identidade construída sobre biopoderes que se propaga por intermédio das leis, técnicas e coerção sofrida pelos sujeitos tatuados.

Na fala da atriz Mel Lisboa: “*escolhi ter tatuagens e tenho que arcar com isso*” e “*Se eu não fosse atriz teria mangas cobrindo os braços*” (p. 37), vêem-se aqui duas posições- sujeito: uma representada por um conjunto de dizeres sobre a tatuagem que sofre coerção, um sujeito que luta contra técnicas de objetivação, que resiste a um saber poder coercitivo, muitas vezes sutil, e outra posição-sujeito que é submissa a uma vontade de verdade adotada e repassada pela mídia em torno das práticas discursivas sobre profissão de atriz.

Isso fica perceptível, tanto no enunciado: “*Se eu não fosse atriz teria mangas cobrindo os braços*”, como nas imagens distribuídas nas revistas e submetidas a toda uma estética gestual, de maquiagem, de fotografia que as modelos acatam para poder aparecer, mostrando suas *tatoos*. Essas tatuagens não aparecem de qualquer forma e em qualquer

lugar ou posição escolhida pelas modelos, mas estão dispostas dentro de todo um jogo estético gestual repassado pelo discurso da mídia.

Por outro lado, tem-se o lugar de um sujeito que tem desejos e escolheu suas tatuagens, dando significado a sua vida, construindo de si para si uma singularidade que resiste no interior das relações de poder. Esse caráter relacional do poder, segundo Foucault, produz o indivíduo. (MACHADO, 1979, p. XIV).

Observe-se que a revista propõe modos de subjetivação por meio das próprias tecnologias mediadas por desejos e histórias individuais, e por símbolos sociais que atuam como possibilidade na construção dos sujeitos. Apresentar-se como sujeito nessa posição implica articular sistema de regras que coage nosso modo de vida, ao mesmo tempo, deslocar práticas de si que nos permitem criar discursos que falam de nossas necessidades sexuais, expondo nossos desejos e emoções. Segundo Milanez (2009), o controle, nesse caso, não será soberano, pois trará a possibilidade ao indivíduo de voltar-se para si e praticar-se como sujeito, dando margem a um pequeno exercício de liberdade, multiplicando o sexo como história, como significação e também como certo tipo de identidade clivado pelo social e pelo histórico.

5. EFEITO DE FIM



**Isto não é um trabalho
sobre tatuagem.**

Figura 44

Chegam-se aos retoques finais desse trabalho direcionando-o de volta para a capa acima. Isso porque, assim como a revista, em sua última edição impressa lançada no Brasil, buscou insistentemente justificar, marcar pela paráfrase seu lugar de cultura, arte e estilo. Pegando o mote da capa, vale (re)lembrar que este não é um trabalho sobre tatuagem, mas sobre o processo de constituição do sujeito tatuado, ou seja, o objetivo não foi olhar a tatuagem em si, mas olhar como ela significa, hoje, na constituição do sujeito que se tatua.

Se inicialmente, nesse trabalho, a capa se apresentava em meio à dúvida de como é produzido o sujeito que marca na pele desenhos que o seguirão por toda a vida, agora seu retorno se inscreve noutra ordem discursiva; na certeza de que o sujeito tatuado se constitui tanto na relação consigo mesmo, deixando na pele a evidência de seus desejos e histórias pessoais quanto nas relações de saber-poder inscritas nas práticas discursivas que circulam na sociedade, especialmente, nas relações interdiscursivas inscritas no interior da prática da tatuagem e reproduzidas por intermédio da mídia.

Chegou-se a essa compreensão a partir de alguns questionamentos iniciais, como: por que os sujeitos inseridos em uma sociedade de discursos efêmeros, que se dissolvem

mais rápidos que o tempo que leva para moldá-los, marcam seus corpos com tatuagens que o acompanharão por toda a vida? Para responder a essas questões, adentrou-se nas regularidades produzidas na dispersão midiática, em especial na revista *Inked*, o que foi tanto desafiador como motivador. Desafiador, porque diante das mudanças cada vez mais efêmeras, em que não há mais uma identidade fixa na qual o indivíduo possa se reconhecer, é preciso criar as brechas pelas quais a singularidade entra em ação; motivador, porque como afirma Le Breton (2004, p.188) “a prática da tatuagem constitui uma linguagem na qual cada sujeito codifica mensagens que lhe permite significar pelo menos uma parte do que ele é”.

Para tanto, consideraram-se três trajetos temáticos: a) tatuagem: arte e estilo; b) tatuagem: moda e status; c) tatuagem: símbolo de sensualidade. Eles permitiram que se compreender-se as relações de força e verdade construídas nos discursos que produziram modos de comportamento. Tratou-se, portanto, os trajetos temáticos na heterogeneidade de seu funcionamento sob a luz da AD, principalmente, por meio dos deslocamentos operados por Foucault ao analisar os modos pelos quais os sujeitos são objetivados.

Desse modo, visando à produtividade do *corpus*, com base nos objetivos propostos nessa pesquisa que, em síntese, interrogou estratégias discursivas ligadas à constituição do sujeito tatuado que circula na mídia, trouxeram, ao longo do trabalho, outros elementos do arquivo que dialogaram com o *corpus* e ampliaram nosso olhar sobre o objeto investigado. Assim, com fins de exemplificação, negação ou ratificação das materialidades discursivas que circularam por outros suportes midiáticos e cuja constituição envolvem aspectos semiológicos sincréticos e históricos.

A análise da materialidade sincrética nos permitiu compreender como são construídos os sentidos dos textos imagéticos que circulam em escala cada vez maior. Courtine (2011, p.155) nos ensina a dizer que é preciso considerar, no estudo da produção do sentido, a relação entre imagem, discurso e memória, pois é fundamental admitir que a memória tem uma estruturação complexa, discursiva, verbal, não verbal, com mecanismos de “regularização e repetição”. Tais mecanismos são retomados para dar legibilidade aos textos imagéticos.

Analisou-se o sujeito tatuado no interior da revista *Inked* no espaço de dispersão enunciativa em que se estabelecem jogos de relações referentes a um único e mesmo objeto. Para analisar os espaços, em que os acontecimentos discursivos aparecem, fez-se

necessário estabelecer relações a partir de diferentes domínios. Esses lugares de memórias, que se inscrevem no interior dos enunciados, são retomados no interior do arquivo, “lugar de formação e transformação dos enunciados” (FOUCAULT, 2005, p.150). Trata-se de enunciados produzidos graças a um conjunto de relações que caracterizam o nível discursivo.

Na prática da tatuagem, esse nível, embora apareça inscrito na dispersão histórica, sob diversas formas de desenhos, técnicas e modelos, manteve-se por meio de um fio regulador, um sistema de discursividade que está, na contemporaneidade, ligado às técnicas para o corpo, pois, de acordo com Courtine (2013), a partir do século XX, as descobertas científicas e tecnológicas alteraram de forma irreversível o comportamento humano, e o corpo como unidade central dessas descobertas sofreu interferências e adquiriu possibilidades inimagináveis.

Observou-se que com o uso crescente de novas tecnologias de visualização associadas ao desenvolvimento da prática médica, está-se em uma época de “visibilidade no corpo”, sendo uma de suas consequências, a disposição para modificá-lo, moldá-lo, mediante dietas, cirurgias plásticas, ginásticas, tatuagens, etc. Para Pereira (2013), vivemos um tempo em que se vê o corpo dentro de um modelamento corporal, que envolve as relações e intervenções na busca de um padrão de beleza idealizado cultural e socialmente. Essa valorização que associa a estética à beleza entra em cena e é reforçada pelas lentes da mídia, que promove, incessantemente, formas de consumo que nos aproximam de um corpo idealizado.

A aventura nos trilhos do discurso midiático aconteceu, pois se acredita que a mídia é uma prática discursiva que articula saberes e poderes por meio de jogos de verdade. Entende-se que a mídia é um dispositivo de poder que, ao mesmo tempo, propõe a regularização de determinadas padrões, também, abre brechas para a construção de uma estética da existência. Diz-se isso porque, assim como Foucault (1995, p.236), acredita-se que, “atualmente, a luta contra as formas de sujeição - contra a submissão da subjetividade – está- se tornando cada vez mais importante”, pois com o fornecimento de imagens, sons, espetáculos, modos de comportamentos divulgados pelos meios de comunicação que forjam uma identidade, as lutas contra a normatização do sujeito são ainda maiores.

De acordo com Kellner (2001, a ação de gerir a vida dos homens, de controlar suas ações e potencialidades é cada vez mais visíveis promessas de perfeição, prazer e satisfação pessoal discursivizadas pelos meios de comunicação que expõem regularmente a ação sobre o corpo, o comportamento dos indivíduos, o adestramento do gesto, a normalização do prazer. Tudo isso com o objetivo de comparar, separar, distribuir, avaliar e hierarquizar os indivíduos, submetendo-os a um conjunto de modelos muito específicos.

Nessa pesquisa, pensou-se, principalmente a partir dos estudos foucaultianos, como esse conjunto de procedimentos específicos normalizadores se junta a fatores singulares e instituem um saber pelo qual o sujeito se subjetiva. Em relação à subjetivação, Foucault (1983) é bastante contundente ao afirmar que esse processo ocorre historicamente. “O sujeito é produzido na/ pela história que o permeia por meio do que denominou de uma história da verdade”, isto é, ele se constitui pelos “jogos de verdade” aos quais se encontram assujeitados e também, ao mesmo tempo, tem uma certa margem de liberdade, podendo romper parcialmente com tal assujeitamento.

Desse modo, vê-se que o processo de subjetivação em torno da tatuagem passa por uma estética da existência; um exercício em que o indivíduo procura se elaborar, transformar-se e atingir um determinado modo de ser e de agir, um *ethos* que se constitui a partir da liberdade de escolha do seu próprio desenho. No entanto, essas escolhas não o libertam das regras de normalização jurídica, estéticas ou médicas a que a prática da tatuagem está submetida, assim como não o liberta da moral que governa os corpos modernos. O desejo de governo do corpo é atravessado por uma biopolítica, obrigando o indivíduo a se governar a partir de tecnologias direcionadas ao corpo.

Foi por esse caminho que nos arriscamos ao propor como se institui um processo de constituição do sujeito tatuado a partir da revista *Inked*. Um lugar em que há um conjunto de procedimentos prescritivos e também um jogo complexo de elementos que se compensam e, por vezes, se anulam, permitindo compromissos e escapatórias.

Isso significa dizer que se analisaram os discursos dentro de uma rede enunciativa onde as relações de poder-saber que emanaram no interior dos enunciados sobre a tatuagem não estavam unicamente no que estava dito ali, mas também no acontecimento a sua volta, nas relações com outras práticas discursivas, outros discursos. Desse modo,

nossa escavação, partiu da revista *Inked*, apenas como a ponta do *iceberg* de onde emergiram outros enunciados com os quais se interrelacionaram na produção dos efeitos de sentido.

Enveredou-se, assim, pelo atravessamento dos discursos da arte, da moda e da sensualidade, visto que a revista mostrou que estar tatuado é, em algum momento, estar na moda, é expor a arte e ser sensual. São técnicas de constituição do sujeito que estão relacionadas aos “jogos de verdade”, que dizem como o indivíduo se posiciona, num exercício de si sobre si mesmo, transformando-se, elaborando um modo de ser diante de valores instituídos do que é estar na moda e ser sensual.

Esses discursos assumiram nos periódicos da *Inked*, no período de 2010 a 2012, valores simbólicos que permitiram verificar como a revista (re)produziu e demarcou verdades sobre os sujeitos tatuados. Neste ponto, ganha importância o conceito de modos de sujeição, isto é, a maneira como o sujeito estabelece sua relação com tais regras, constituindo-se pela obrigação de colocá-las em prática. Para isto, embasa-se na elaboração do trabalho ético sobre si mesmo, não somente tornando seus atos adequados a uma regra dada, mas também se atualizando pelo exercício da prática moral.

Nesse processo, o sujeito foi produzido pelo envolvimento em “biopolíticas” para o corpo e em “tecnologias do eu”, sujeito que é governado, mas também governa a si. A escrita na pele, simultaneamente, exerce uma relação consigo mesmo, bem como com a cultura, possibilitando uma transformação e uma nova produção de “jogos de verdade”.

Salientou-se a importância do corpo na construção de quem somos hoje, ou do que queremos ser vistos que a partir do século XIX (época de intensa produção, modificação e complexidade que colocou o corpo em evidência), o corpo foi colocado em exposição, sob condições que potencializaram suas forças. Para Foucault, o corpo e, ao mesmo tempo, “superfície de inscrição e dissociação do eu”:

o corpo - e tudo aquilo que ele se liga, a alimentação, o clima, o solo, - é o lugar de herfunkt: sobre o corpo, encontra-se o estigma de acontecimentos passados, bem como deles nascem os desejos, as fraquezas e os erros; nele igualmente eles se entrelaçam e subitamente se exprimem, mas nele eles igualmente se desençam, entra em luta, se destroem uns aos outros e prosseguem seu insuperável conflito. (FOUCAULT, 1994, p. 147)

Nos dias atuais, o corpo modificado pelas tecnologias corporais pode ser concebido na relação intrínseca colocada por Foucault em termos das formas do “governo de si e de “governos dos outros”. Desse modo, os procedimentos corporais nas suas formas mais variadas de aplicação, podem ser entendidos como uma dupla dobra como define Deleuze (1996), pois, além de ser o produto de uma biopolítica, são simultaneamente, “linhas de fuga” ou pequenas transgressões do tempo presente, visto que talvez hoje não sejam mais possíveis as grandes transgressões. Segundo Pereira (2012, p.188), “nossos corpos são, ao mesmo tempo, técnicas ‘quase autônomas’ de individuação, assim, como também são resultado de técnicas totalizantes das estruturas de controle contemporâneo.”

Embora não seja inegável que as tatuagens contemporâneas são marcadas por itinerários das migrações culturais de épocas e lugares distintos, não se pode esquecer de que a tatuagem é um texto de cultura e que cultura está sempre em processo. Os sentidos construídos pelos meios de comunicação contemporaneamente estão ligados a fatos socioculturais e históricos do presente. No caso da tatuagem, cria-se o desejo de ser bonito, ter *status*, estar na moda, ser sexy. O que a mídia vende, na verdade, não é um produto, mas a possibilidade de uma forma de ser; ela cria subjetividades, propondo e impondo ao sujeito como se fossem mercadorias.

Assim, a tatuagem, situada em um espaço de positivities, entra na ordem do discurso publicitário, a partir do século XX, não como a tatuagem dos “infames”, dos sem classe, mas como a tatuagem das atrizes e atores, dos cantores e cantoras, dos modelos, dos jovens adeptos a prática esportiva, a procedimentos médicos estéticos, a indústria de cosméticos. E o que estiver fora desses padrões está fora dos regimes de verdade da época.

A emergência enunciativa da positividade de outras práticas discursivas que atravessa a prática da tatuagem tanto silencia dizeres negativos que circulam na sociedade como reconstrói novos modos de subjetivação para o sujeito que se tatua. A positividade desses discursos, no geral, são técnicas, símbolos, marcas desejáveis pelos os indivíduos, que os levam, cada vez mais, a identificação com tais percepções.

Segundo Hall (2006), identificamo-nos a partir dos sentidos que são construídos na sociedade, e são esses sentidos que constroem identidades. Para ele, existe uma

associação entre identidade e as coisas que um grupo, comunidade ou nação possuem, usa e usufruem. Daí é possível pensar a construção de traços identitários na medida em que se estabelece uma relação de identificação com o que está sendo enunciado.

Portanto, entende-se que a revista *Inked*, no período de 2010 a 2012, discursiviza modos de subjetivação e identidade para o sujeito que se tatua a partir das práticas contemporâneas que lhes são propostas, sugeridas e impostas socialmente por tecnologias de governo do corpo e da vida, mas que, esses procedimentos são atravessados por técnicas de si para consigo, exercícios pelos quais o próprio sujeito se dá como objeto a se constituir. Nesse processo, viram-se emergir as relações de resistência intrínsecas aos jogos de verdade, visando a objetivos contrapostos, isto é, a fim de promover processos de subjetivação divergentes daqueles considerados socialmente como melhores ou corretos. Esse processo gira em torno de uma identidade a ser recusada (sujeito transgressor da ordem) e outra a ser alcançada (sujeito artisticamente tatuado).

Por fim, acreditando ter alcançado nosso objetivo maior, que foi **analisar como o sujeito tatuado se constitui e é produzido na/pela revista *Inked* no período de 2010 a 2012**, finalizou-se este trabalho. Entretanto, isso não significa que o nosso objeto de estudo não esteja aberto para novas possibilidades, pois, apoiando-se na AD, pode-se dizer que nenhum discurso está finalizado, visto revelar, nas suas condições de sua produção, a presença de sentidos, olhares e sujeitos múltiplos.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Leusa. **Tatuagem, Piercings e outras mensagens do corpo**. São Paulo, Cosac Naify, 2005.

AROYAVE, Orlando. Genealogia e o “eu facismo”, In; **Cartografias de Foucault**. MUNIZ Durval de Albuquerque Júnior, VEIGA-NETO Alfredo, FILHO, Alípio de Souza, (orgs). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

ARAÚJO, Inês Lacerda. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. IN: MARTINS, Adilton L. e RAGO, Margareth. **Revista Aulas: Dossiê Foucault**. Nº 3, p. 1-24, 2007.

ANZIEU Didier. **O eu –pele**. Tradutoras: Zakie Yazigi Rizkallah/Rosaly Mahfuz. São Paulo. Casa do Psicólogo. 1989

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

BARONAS, R. L. A língua nas malhas do poder. In; GREGOLIN, M. R. (org). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003 p. 83 – 91

BRANCO, Guilherme Castelo, NETO, Alfredo. Agonística e palavra: as potências de liberdade In; **Foucault**: Filosofia e Política. Belo Horizonte, Ed. Autêntica. 2013.

CANDIOTTO César. Cuidado da vida e dispositivos de segurança: a atualidade da biopolítica. In; **Foucault**: Filosofia e Política. Belo Horizonte, Ed. Autêntica. 2013.

CARUCHET, William. **Le tatouage, ou, Le corps sans honte** (Documents Segurier) French Edition (French) Paperback– 1995

CASTRO, Edgar. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Muller Xavier. Revisão Técnica Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte – Autentica. 2009.

CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. 16 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 316 p.

CORACINI, M. J. R. F. Identidades múltiplas e sociedade do espetáculo: impacto das novas tecnologias de comunicação. In: MAGALHÃES, I.; CORACINI, M. J.; GRIGOLETTO, M. **Práticas identitárias: língua e discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. Juventude em risco e Governamentalidade: a questão do silenciamento e da identidade. In: NAVARRO, Pedro. (org.) **O discurso nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

COSTA, Alex. **Tatuagens de A-Z: tudo que você sempre quis saber sobre tatuagens e seus significados**. Curitiba, E. Santos. 2011.

COITO, R.F. O corpo tatuado: a imagem de uma identidade em 3D. In; TASSO, Ismara, NAVARRO, P. (orgs). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá. Eduem, 2012.

COOK, James. **Viagem ao redor da terra em 1769 – 1771**. Tradução abreviada do profº Albertino Pinheiro. Editora Brasiliense. São Paulo, 1944

COURTINE, J-J. **Análise do Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: Edufscar, 2009

COURTINE, J-J. O chapéu de Clémentis: Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C. L. (Org.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999, p.15-22.

COURTINE, J.-J. **Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública**. Organização de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2006.

COURTINE, J-J. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Org.). **Análise do Discurso; heranças, métodos e objetos**. São Carlos: Claraluz, 2008, p.21-35.

COURTINE, J-J. **Análise do Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: Edufscar, 2009.

COURTINE, J-J. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. In: SARGENTI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Org.). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos, Editora Claraluz, 2011, p.145-162.

COURTINE, J. J.; CORBIN, A.; VIGARELLO, G. **História do corpo**. As mutações do olhar. O século XX. V. 3. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. O corpo inumano. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **A História do corpo**: Da renascença às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2009b. v. 1, p. 487-503.

_____. **Decifrar o corpo**: Pensar com Foucault; tradução de Francisco Morás, _ Petrópolis, RJ: vozes, 2013.

DANNER, Fernando. Cuidado de si e estética da existência em Michel Foucault. In: **Filosofazer**. Passo Fundo, n. 32, jan./jun. 2008.

DEBORD, Guy. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. In: _____. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE Gilles. **Foucault**, tradução Claudia S'Anna. Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro – São Paulo. Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34.1992

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.) **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Do Ó, J. Ramos. Tecnologias de subjetivação no processo histórico de transformação da criança em aluno a partir de finais do século XIX. In: BRANCO, G.C. VEIGA-NETO.A.(orgs) **Foucault**: Filosofia e Política. Belo Horizonte, Ed.Autêntica. 2013

DUARTE, André, Foucault e governamentalidade: genealogia do liberalismo e do Estado Moderno; In: BRANCO, Castelo, NETO, Alfredo. **Foucault**: Filosofia e Política. Belo Horizonte, Ed. Autêntica. 2013.

FAÉ, Rogério. Genealogia em Foucault. In; **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 409-416, set./dez. 2004

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5ª Edição. São Paulo, SP: Edgard Blücher, 2006.

FERNANDES, C. Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo. Intermeios, 2012.

FERNANDES, C.Alves. De sujeito a subjetividade na Análise do discurso. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Org.). **Análise do Discurso; heranças, métodos e objetos**. São Carlos: Claraluz, 2008, p.69-82.

FERREIRA, M. C.L. Análise do discurso: heranças e filiações: uma questão mal resolvida. **Análise do Discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2008, p. 37-46.

FERREIRA, M. C.L. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil: Um breve preâmbulo. In; INDURSKY, Freda, FERREIRA, M.C.L. (orgs). **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos. Claraluz, 2005

FISCHER – MIRKIN, Toby. **O código do vestir**: os significados ocultos da roupa feminina. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault**: Arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983

FONSECA – SILVA, Maria da Conceição. Michel Foucault e a Constituição do Sujeito. In: **Poder-Saber-Ética nos discursos do cuidado de si e da sexualidade**. Vitória da conquista. UesB, 2007.

FONSECA, Márcio Alves. **Michel Foucault e Constituição do Sujeito**. São Paulo: EDUC, 1995.

_____. Discurso, sujeito e produção de subjetividade. In: Os **sentidos (des)velados pela linguagem**. SIMONE, Leão, LEANDRO, Maria, PEREIRA (orgs). João Pessoa. Ideia 2012.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 (Ditos e escritos; V).

_____. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, (1988),

_____. **História da sexualidade 2**; o uso dos prazeres. tradução Maria Theresa da Costa. Rio de Janeiro: Graal, (1984).

_____. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, (1985), 2011

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P, & DREYFUS, H. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **A ordem do discurso**. 20ed. São Paulo: Loyola, 2010.

- _____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 7ªed. 2005.
- _____. **Resumo dos cursos do collège de france** (1970 – 1982); trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. **Nascimento da biopolítica**, São Paulo, Martins Fontes. 2008a.
- _____. **Ditos e escritos, volume V**. Ética. Sexualidade. Política; Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução Elisa, Inês Autran dourado Barbosa. 3. Ed. - Rio de Janeiro – Forense, universitária, 2012.
- _____. Governamentalidade. **Ditos & Escritos: Estratégias, Poder-Saber** vol. IV. 2. ed.Organização e seleção de textos Manoel de Barros da Motta. Tradução Vera Lucia AvellarRibeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.
- _____. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 5. ed. Petropolis: Vozes, 2009a.
- _____. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980: aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980 / Michel Foucault; tradução, transcrição e notas Nildo Avelino**. – São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009b.
- _____. Michel, **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978); Tradução: Claudia Berliner - São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- _____. Michel. **Verdade e subjectividade** (Howison Lectures). Revista de Comunicação e linguagem. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. p. 203-223.
- _____. Michel. Aula de 22 de janeiro de 1975. In; FOUCAULT, M. **Os anormais**. Curso no College de France (1974-1975) Tradução: Eduardo Brandão - São Paulo: Martin, Fontes. 2001.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plinio Dentzien. Editora Zahar. Rio de Janeiro 2002
- GREGOLIN, M. R. (org). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003a.
- _____. No diagrama da AD brasileira: Heterotopias de Michel Foucault. In: NAVARRO, Pedro. (org.) **O discurso nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008a

_____. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos.** São Carlos: Claraluz, 2004

_____, Maria do Rosário. Identidade objeto ainda não identificado? **Estudos linguísticos.** Vitória da Conquista: UESB, 2008b

_____, Maria do Rosário. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In NAVARRO, P. (org). **Estudo do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos.** São Carlos: Clara Luz, 2006.

_____, Maria do Rosário. (org). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido.** 2ed. São Carlos: Clara Luz, 2003b.

_____, Discurso, História e a produção de identidades na mídia. In: FONSECA-SILVA, M.da C. e POSSENTI, S. (Org.) **Mídia e rede de memórias.** Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007a, p. 39-60.

GREGOLIN, M.R. Análise do Discurso e Midia: a (re)produção de identidades, In: **Comunicação, mídia e consumo.** São Paulo v o l . 4 n . 11 p. 11 - 25 nov. 2007b

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso e Semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (orgs.). **Discurso, Semiologia e História.** São Carlos: Claraluz, 2011, p.83-105.

GHIRALDELLI, Jr. Paulo. **O corpo: filosofia e educação.** São Paulo. Ática 2007

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2006.

_____, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 103-133.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Produção Biopolítica. In: HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império.** Tradução de Berilo Vargas. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2001. p. 41-60.

HEIDEGGER, Martin. **Que significa pensar?** Ijuí: Unijuí, 2002

Le LE BRETON D. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas.** Trad.Tereza Frazão, 1ª ed.março, 2004.

. Le Le Breton, D. **A sociologia do corpo.** 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010

LEITE, Maria R. B. **Entrevendo oásis e silêncios no discurso da propaganda turística oficial sobre o Nordeste**. Tese de Doutorado em Letras. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, SP, 2004, 267p.

KELLNER, Douglas. **A cultura da Mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno; tradução de Ivone Castilho Benedetti, Bauru, SP: EDUSC, 2001. Resenha: Marisa Viana Pereira.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução. Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MACHADO, R. Por uma Genealogia do Poder. In. FOUCAULT, m. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais**. 1943, 2003. Disponível em http://www.4shared.com/office/XOBrNpWW/livro_-_antropologia_ii_-_as_t.html> Acesso em: 27/09/2012

MARQUES, T. **O Brasil tatuado e outros mundos** – Rio de Janeiro, rocco, 1997.

MANSANO S. R. Vagas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, 8. 2009. 110

MENEZES, A.B. N.Thomaz de. Foucault e as novas tecnologias educacionais: espaço e dispositivo de normalização da sociedade de controle. In; MUNIZ_DURVAL,J, VEIGA-NETO, FILHO,A.S. (orgs) **Cartografias de Foucault**.2ed.- Belo Horizonte: Editora Autêntica., 2011

MILANEZ, Nilton. **As aventuras do corpo**: dos modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2006a.

_____. Corpo Cheiroso, corpo gostoso: Unidades corporais do sujeito no discurso. In; **Acta Scientiarum. Languageand Cultura**. Maringá, V.31, n.2 p.215-222, 2009

_____. Transgressão, autores e problematizações: notas breves em torno do discurso do sobrenaturalIN; MILANEZ Nilton, SANTOS, Jamille da Silva (org). **Modalidades da transgressão**: discursos na literatura e no cinema. Vitória da Conquista: LABEDISCO, 2013.

_____. A disciplinaridade dos corpos: o sentido em revista. In: SARGENTINI, V. & NAVARRO-BARBOSA, P. (Orgs.) **Michel Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos, SP: Claraluz, 2004, p. 183-200

_____. O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO,P. (Org.) **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos, SP: Claraluz, 2006b, p. 62-92.

_____. Materialidades de uma paixão: sentidos para uma semiologia do corpo. In: SARGENTI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Org.). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos, Editora Claraluz, 2011, p.197- 219.

NAVARRO, Pedro. (org.) **O discurso nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. 140 p.

ORLANDI, Eni P. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethânia (Org.). **A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise**. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 21 30.

_____, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo. pontes, 5ª Ed., 2003

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____, Francisco, **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea** - Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

OTTE, George. Estilo: uma arqueologia. In; PERES, A.M, Clark, PEIXOTO, S.A, OLIVEIRA, S.M Pessoa (orgs). **O estilo na contemporaneidade**. Belo Horizonte. Faculdade de Letras da UFMG, 2005

PRADO, Gesiel. **No mundo das aparências: uma análise do discurso publicitário da moda**. João Pessoa, UFPB, 2009. Dissertação de mestrado - UFPB - Orientador: Regina Barachuy.

PÊCHEUX, M. A análise do discurso: três épocas (1983). In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução Bethania S. Mariani *et al.* 4. Ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997.

_____, Michel. **Papel da memória**. [1983] In: ACHARD, Pierre [et al]. **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007, p. 49-57.

_____, [1983]. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 5 ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____, O estranho espelho da Análise do Discurso. In: COURTINE, J. J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos, SP: EDUSFCar, 2009, p. 21-26.

_____, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. In: ORLANDI, E. P. & GERALDI, J. W. (Orgs.) **Cadernos de Estudos Linguísticos**. (19) Campinas, SP: jul./dez. 1990, p. 7-24.

PEREIRA, T.M.A. BARACUHY, Regina. O insustentável peso do corpo gordo. In: **Os sentidos (des)velados pela linguagem**. SIMONE, Leão, LEANDRO, Maria, PEREIRA (orgs). João Pessoa. Ideia 2012

PEREIRA, T.M.A. **O espetáculo de imagens na ordem do discurso midiático**: o corpo em cena nas capas da revista Veja. 203 f. Tese (doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

PERES, A.Clark; PEIXOTO, S. Alves; OLIVEIRA, S.M. Pessoa (orgs). **O estilo na contemporaneidade** – Belo Horizonte, 2005

PIRES, B. F. **O corpo como suporte da arte: *piercing*, implante, escarificações, tatuagem** – São Paulo, 2005.

POIRIER Jean. **História dos costumes**: as técnicas do corpo. Tradução de Manuel Ruas, Filipe Guerra, Susana Dias Edição: 1ª ed. Estampa, 1998

RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

RAMIREZ C. E. N. A governamentalidade, neoliberalismo e educação. In: BRANCO, G., NETO, V. **Foucault filosofia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013

RAMOS, C. M. A. **Teorias da tatuagem**: corpo tatuado: uma análise da loja Stoppa Tatoo da Pedra – Florianópolis: UDESC, 2002.

SARGENTINI, V. GREGOLIN, Maria do Rosário. (Org.). **Análise do Discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2008, p. 11-19.

SARGENTINI, V. Arquivo e acontecimento: a construção do corpus discursivo em Análise do Discurso. In; NAVARRO, P. (org). **Estudo do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Clara Luz, 2006.

SANTA'ANA. D. Berzunnuzi. **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. Tradução: Mariluce Moura, 2º ed. São Paulo, Estação liberdade 2015.

SHERER, A. Eloina. Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. In; SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Org.). **Análise do Discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2008, p.69-82.

SILVA, Francisco Paulo. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (org.). **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

_____. “Quem és tu para querer manchar meu nome?” A produção identitária das mulheres profissionais do sexo como trabalhadoras. In: SAMPAIO. M.L.P;

RODRIGUES, L. de O; FREITAS, A.C. **Linguagem, discurso e cultura**: múltiplos objetos e abordagens. Pau dos Ferros; Queima-bucha, 2008.

SILVA, José Carlos, S. **Foucault e as relações de Poder**: o cotidiano da sociedade disciplinar tomado como categoria histórica. Revista aulas. Dossiê Foucault, nº3 2007.

SILVA, M.P. Modos de subjetivação de professores afrodescendentes: técnicas de si ante práticas de inclusão/exclusão; In: MUNIZ-DURVAL, J, VEIGA-NETO, FILHO, A.S. (orgs.) **Cartografias de Foucault**. 2ªed.- Belo Horizonte: Editora Autêntica., 2011

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Saudades do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. P.228

STEELE, Valerie, ABRANCHES, Alexandre. **Fetice, moda, sexo & poder**. Rocco, São Paulo, 1997.

SOUSA, Kátia Menezes de. Discurso e biopolítica na sociedade de controle. In: TASSO, Ismara; NAVARRO, Pedro (orgs.). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá: Eduem, 2012. P. 42–55.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Clara Luz, 2005.

THOMPSON. J.B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 9.ed. Petrópolis. Vozes, 2008

TURATTI, Janaina; Bacharel. **Cor e comunicação**: o preto e o branco na moda. Artigo PPF.www.coloquiomoda.com.br/...Moda.../Comunicacao.../CO_89528

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VEIGA-NETO, **A Foucault pensa a educação**. 2ed. 1 reimp.- Belo horizonte: autentica, 2005.

_____ algumas palavras de abertura ao IV colóquio internacional Michel Foucault; In: BRANCO, Guilherme Castelo, VEIGA- NETO, Alfredo (orgs). **Foucault**: Filosofia e Política. Belo Horizonte, Ed. Autêntica. 2013.

VILLAÇA, Nizia, GÓES, Fred. **Em nome do corpo**. Ed. Rocco, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Centauro: 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 7-72.

Anexos

Figura de abertura do capítulo de Análise

Figura 18

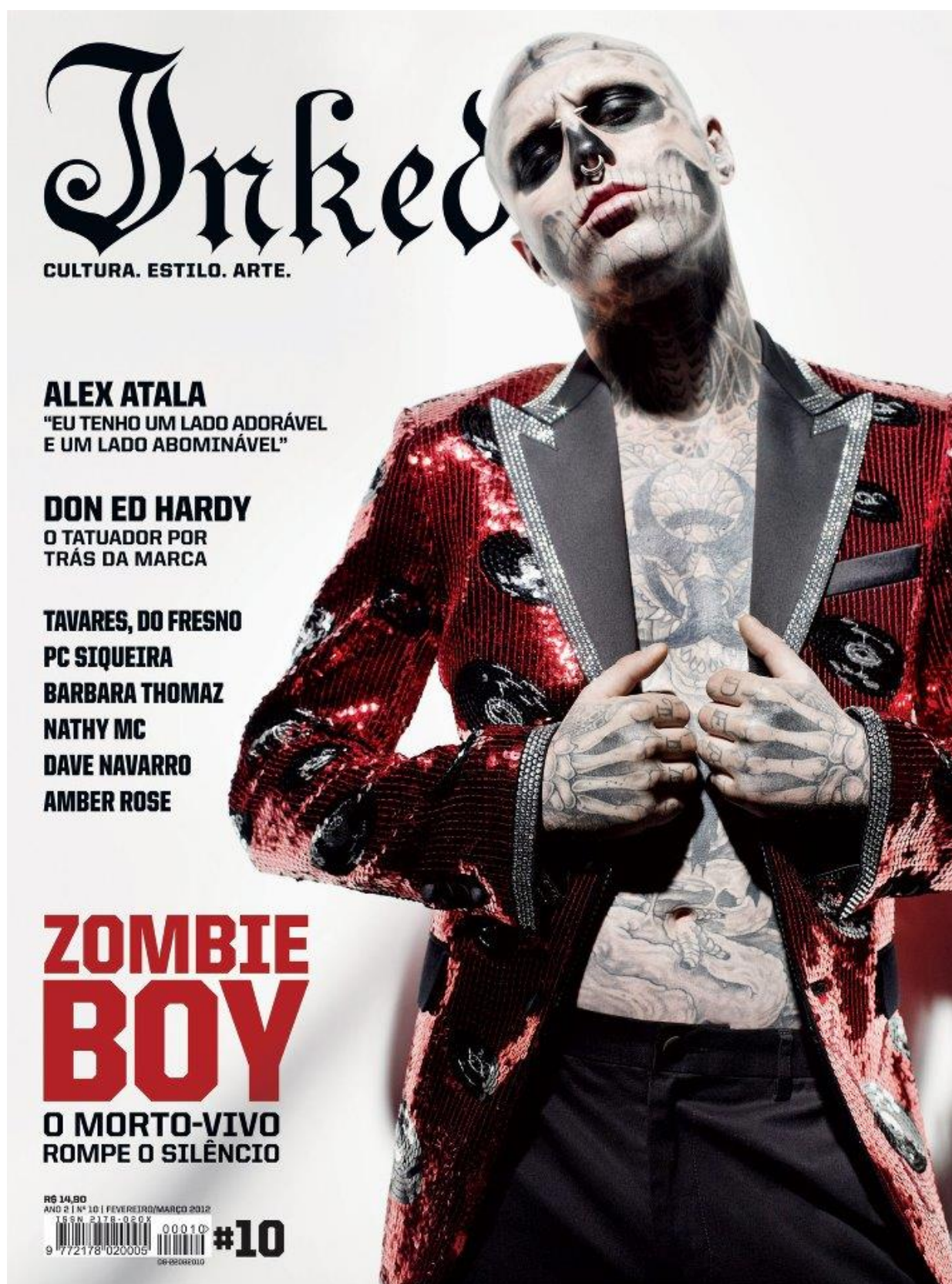


Figura 19



Figura 20



Figura 24



1º capa da Figura 25



2ª capa da Figura 25



3ª capa da figura 25

The cover of Inked magazine features a woman with long dark hair, a nose ring, and multiple tattoos. She is wearing a black corset-style top and has her hands on her head and chest. The magazine title 'Inked' is in a large, stylized font at the top left. Below it, the tagline 'CULTURA. ESTILO. ARTE.' is printed. The main headline 'PITTY SEM LIMITES' is in large, bold letters, followed by the sub-headline 'ELA CHUTA OS RÓTULOS E ENCHE OS OLHOS'. Below this, the name 'DITA VON TEESE' is featured with the text 'COM CHICOTE NA MÃO E LÍNGUA SOLTA'. Further down, 'MS-13' is listed with the text 'NO PRESÍDIO, COM A GANGUE LATINA QUE TIRA O SONO DO FBI'. At the bottom left, 'ALLAN SIEBER' is featured with the quote '“JÁ PENSOU? EU PEÇO UMA COROA E O CARA MÊ TATUA A HEBE?”'. The issue number '#01' is in the bottom right corner. At the bottom left, there is a barcode and ISSN information: 'ANO 11 Nº 01 | AGOSTO/SETEMBRO 2010 | R\$ 14,90', 'ISSN 2178-020X', and '00001'. The Triada logo is also present. At the bottom, a list of topics is shown: 'VINNIE JONES | MMA NA IGREJA | MODA URBANA | MOTOS CUSTOM | INKED GIRL'.

Figura 26



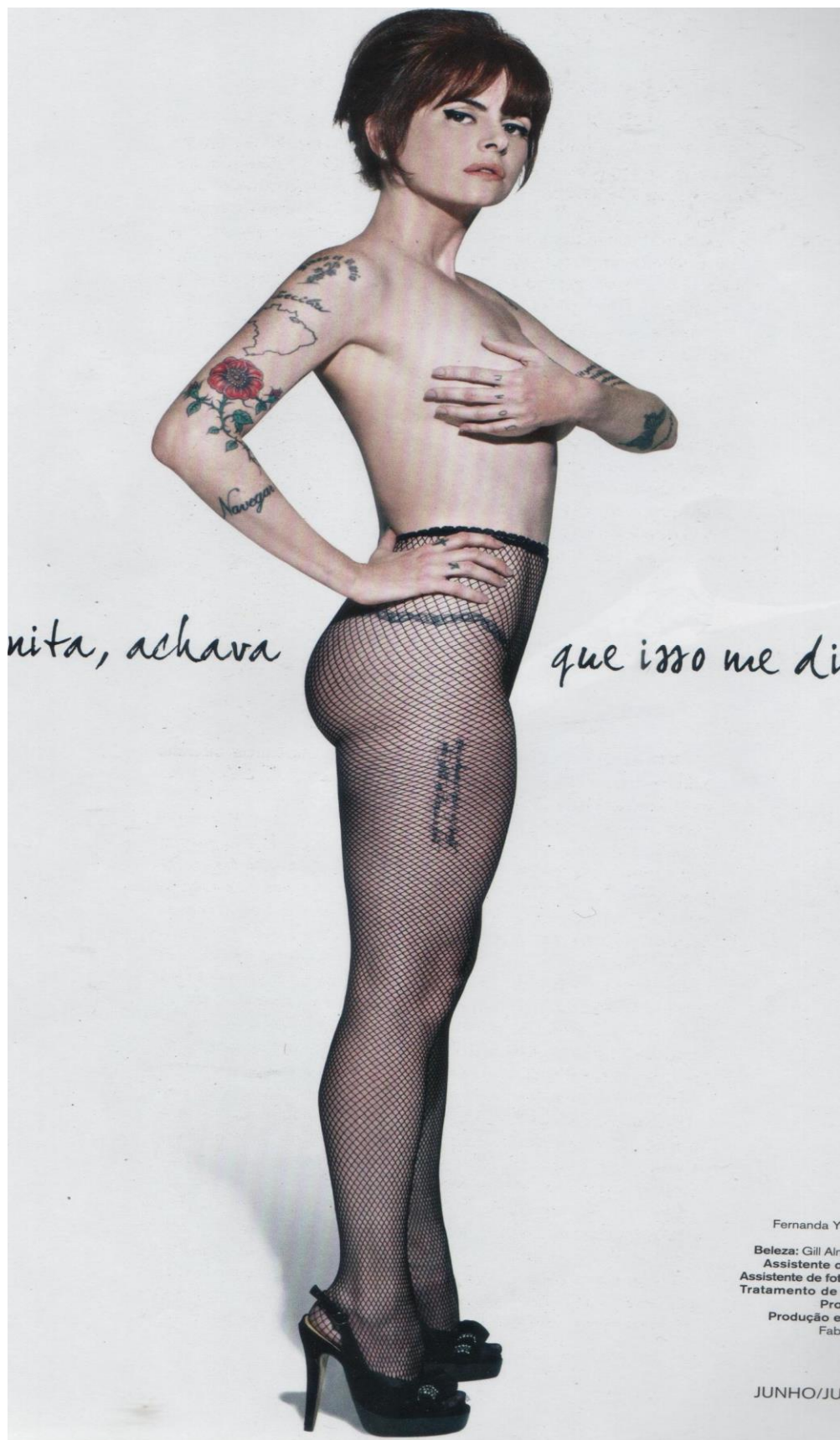
Figura 27



Última foto da Figura 27



Figura 32/34



1ª capa da figura 35



2ª capa da figura 35



3ª capa da figura 35

A woman with long dark hair and numerous colorful tattoos is the central figure. She is sitting, leaning back with her right hand on her head. Her tattoos include large floral designs on her upper arms, a skull on her right forearm, and various other patterns on her legs and neck. The magazine title 'Inked' is in a large, stylized white font at the top left. Below it, the tagline 'CULTURA. ESTILO. ARTE.' is written in a smaller, sans-serif font. The main headline 'AKEMI' is in a large, bold, white font. Below it, the sub-headline 'PRA QUE ROUPA QUANDO SE TEM TANTA TINTA?' is in a smaller, bold, white font. Further down, a quote '“OS DEMÔNIOS E A ARTE VÊM DO MESMO LUGAR”' is followed by the text 'PAUL BOOTH, O MESTRE DAS TATTOOS MACABRAS'. Below that, the name 'RONALDO FRAGA' is followed by 'O ESTILISTA QUE TEM BALA NA AGULHA'. At the bottom, there is a section titled 'E MAIS:' followed by a list of names: 'CHUCK HIPÓLITO | MARIMOON | FIELDY, DO KORN | CRIS GUERRA | JOANNA ANGEL'. On the right side, there is a price tag 'R\$ 14,90', the issue information 'ANO 2 | Nº 11 | ABRIL/MAIO 2012', and a barcode with the number '9 772178 020005' and the issue number '#11'.